

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO
COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA – CEPA/SC

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina

- **Infra-estrutura**
- **Potencialidades**
- **Desempenho**
- **Perspectivas**

1981

SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO
COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA – CEPA/SC

**Síntese Anual
da
Agricultura
de
Santa Catarina**

Comissão Estadual de Planejamento Agrícola,
Florianópolis, SC.

Síntese anual da agricultura de Santa
Catarina - 1981. Florianópolis, 1981.

220 p.

1.Agricultura - Santa Catarina. I.Títu-
lo.

CDU 631(816.4)

SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA 1981

ELABORAÇÃO

Econ. Luiz Marcelino Vieira - Coordenador
Eng. Agr. Guido Boeing
Eng. Agr. José Carlos Madruga da Silva
Méd. Vet. José Eláudio Della Giustina
Eng. Agr. José Maria Paul
Eng. Agr. Júlio Alberto Rodigheri
Méd. Vet. Jurandi Soares Machado
Eng. Agr. Luiz Toresan
Eng. Agr. Osmar Alcides da Conceição
Eng. Agr. Simão Brugnago Neto

PARTICIPAÇÃO (Bolsistas - convênio CEPA-SC/UFSC)

Antônio dos Santos Amaral
Fernando Humberto Faccio
Luiz Carlos de Carvalho Jr.
Nereida Rocha de Souza

**Ministro da Agricultura
ÂNGELO AMAURY STABILE**

**Governador do Estado de Santa Catarina
JORGE KONDER BORNHAUSEN**

**Secretário da Agricultura e do Abastecimento do Estado de Santa Catarina
HÉLIO ANTONIO ANDREAZZA**

COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA – CEPA/SC

**COORDENADOR GERAL
Walter Antônio Casagrande**

**COORDENADOR TÉCNICO
Hugo Gustavo Hädrich**

EQUIPE TÉCNICA

**Eng. Agr. César Augusto Freyesleben Silva
Eng. Agr. Guido Boeing
Econ. Jesiel de Marco Gomes
Eng. Agr. José Carlos Madruga da Silva
Méd. Vet. José Eláudio Della Giustina
Eng. Agr. José Maria Paul
Eng. Agr. Júlio Alberto Rodigheri
Méd. Vet. Jurandi Soares Machado
Econ. Luiz Marcelino Vieira
Eng. Agr. Luiz Toresan
Eng. Agr. Osmar Alcides da Conceição
Eng. Agr. Simão Brugnago Neto**

EQUIPE DE APOIO

**Econ. Custódio Horário da Silveira - Responsável
Bibl. Telmelita Maria Senna
Bibl. Edina Nami Regis
Albertina Celina de Mattos
João Manoel Anderson
Jocenir Miriam Cardoso de Sousa
Manoel de Aguiar Pereira
Maria de Fátima Ludwig Schramm
Paulo Cesar da Silva
Ricardo Jesus de Souza
Terezinha Maria Pamplona
Vanildo Antônio Furtado**

APRESENTAÇÃO

É com grata satisfação que apresento a 5a. edição, atualizada e ampliada, da Síntese Informativa, que, a partir deste ano – procurando adequar o título ao conteúdo do documento – passará a denominar-se SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA. Elaborada anualmente pela Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, através da Comissão Estadual de Planejamento Agrícola – CEPA/SC, a Síntese tem por finalidade reunir, num único documento, todas as informações disponíveis sobre o setor agropecuário do Estado.

É importante ressaltar, ainda, que além de contemplar, de forma condensada, as informações conjunturais levantadas mensalmente pelo Acompanhamento Conjuntural, a Síntese enfoca, também, informações relativas aos aspectos infra-estruturais, bem como àqueles referentes às potencialidades, do setor agrícola de Santa Catarina.

Cumprido destacar, aqui, a valiosa colaboração prestada por diversos órgãos e entidades públicas e privadas do Estado que, fornecendo as informações necessárias, em muito contribuíram para o aprimoramento deste trabalho.

Esperando, dessa forma, que o presente documento venha contribuir para o enriquecimento do acervo de informações do setor agrícola estadual, a Pasta da Agricultura e a CEPA/SC colocam-se à disposição para proposições e críticas que permitam melhorar a Síntese em futuras edições.

Florianópolis, fevereiro de 1981

HÉLIO ANTONIO ANDREAZZA
Secretário da Agricultura e do Abastecimento
de Santa Catarina

LISTA DE GRÁFICOS

	p.
- Valor dos contratos concedidos a produtores e cooperativas de Santa Catarina, 1973-79 (lavoura, pecuária e total)	49
- Valor dos contratos concedidos a produtores e cooperativas de Santa Catarina, 1973-79 (lavoura e pecuária-custeio, investimento e comercialização)	50
- Valor médio dos contratos concedidos a produtores e cooperativas de Santa Catarina, 1973-80 (lavoura e pecuária - custeio, investimento e comercialização) ...	51
- Valor médio dos contratos concedidos a produtores e cooperativas de Santa Catarina, 1973-80 (lavoura, pecuária e total)	52
- Número de contratos concedidos a produtores e cooperativas de Santa Catarina, 1973-79 (lavoura e pecuária-custeio, investimento e comercialização)	53
- Número de contratos concedidos a produtores e cooperativas de Santa Catarina, 1973-79 (lavoura, pecuária e total)	54
- Evolução da capacidade estática de armazenagem em Santa Catarina, 1975-80	65
- Evolução dos preços de grãos em Santa Catarina, 1974-80	88
- Evolução dos preços de algumas matérias-primas de origem vegetal em Santa Catarina, 1974-80	89
- Evolução dos preços da pecuária em Santa Catarina, 1974-80	90
- Evolução da produção de grãos em Santa Catarina, 1973/74-1979/80	91
- Evolução da produção de algumas matérias-primas de origem vegetal em Santa Catarina 1973/74-1979/80	92
- Evolução da produção pecuária de Santa Catarina, 1974-80	93
- Participação relativa dos setores na economia catarinense, 1970-80	101

LISTA DE MAPAS

	p.
- Microrregiões homogêneas e mesorregiões do estado de Santa Catarina	19
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de alho	106
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de arroz irrigado	113
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de arroz sequeiro	114
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de batata inglesa	118
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de cana-de-açúcar	120
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de cebola	124
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de feijão	133
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de fumo	136
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de mandioca	143
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de milho	150
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de soja	154
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de tomate	161
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de trigo	164
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de banana	167
- Participação das microrregiões homogêneas na produção de maçã	172
- Participação das mesorregiões no abate de aves inspecionadas	184
- Participação das microrregiões homogêneas na composição do rebanho bovino	195
- Participação das microrregiões homogêneas na composição do rebanho suíno	204

LISTA DE TABELAS

	P.
1. Participação de diversos produtos agrícolas por mesorregião na área total cultivada em Santa Catarina	20
2. Participação das mesorregiões na área e/ou produção das explorações agropecuárias de Santa Catarina ...	21
3. Área colhida, produção e rendimento dos principais produtos agrícolas de Santa Catarina, 1978/79	22
4. Área colhida, produção e rendimento dos principais produtos agrícolas de Santa Catarina, 1979/80	23
5. Características geográficas e climáticas do estado de Santa Catarina	25
6. Aptidão agrícola dos solos de Santa Catarina	26
7. Utilização das terras segundo as classes de área , Santa Catarina, 1972	28
8. Consumo "per capita" de energia em Santa Catarina , 1974-78	30
9. Consumo de energia no estado de Santa Catarina, 1974-78	31
10. Consumo de energia no estado de Santa Catarina em t_{EP} , 1974-78	31
11. Consumo de lenha, áreas desmatadas e a serem reflorestadas, 1980-85	32
12. Demanda dos combustíveis a serem substituídos por álcool e lenha, 1980-85	33
13. Capacidade prevista de destilação e produção de álcool, 1981-85	34
14. Consumo de energia elétrica no meio rural de Santa Catarina, 1975-80	35
15. Taxa anual de crescimento da população total, urbana e rural de Santa Catarina, período de 1970 a 1980 .	37
16. Estrutura da população catarinense por sexo e idade, 1970	38
17. Pessoal ocupado segundo as classes de área, Santa Catarina, 1970	38
18. Crédito concedido à agropecuária catarinense por atividade, 1973-80 (a preços correntes)	41

19. Crédito concedido à agropecuária catarinense por atividade, 1973-80 (a preços de 1979)	42
20. Valor médio dos contratos de crédito rural, Santa Catarina, 1973-80 (a preços de 1979)	43
21. Crédito rural orientado aplicado em Santa Catarina, 1974-79	44
22. Crédito concedido ao setor agropecuário catarinense em 1978	45
23. Crédito concedido ao setor agropecuário catarinense em 1979	46
24. Crédito concedido ao setor agropecuário catarinense em 1980	47
25. Participação percentual do crédito concedido à agropecuária catarinense, 1973-80	48
26. Capacidade estática de cereais por tipo de armazéns em Santa Catarina, 1979	58
27. Participação relativa da mesorregião por tipo de armazenagem em Santa Catarina, 1979	59
28. Participação percentual por tipo de armazenagem nas mesorregiões de Santa Catarina, 1979	60
29. Evolução da capacidade estática de armazenagem em Santa Catarina, 1975-80	61
30. Capacidade estática de armazenagem a nível de produtor por microrregião, Santa Catarina, 1975	62
31. Capacidade dinâmica de estocagem de cereais, segundo as mesorregiões de Santa Catarina, 1979	63
32. Capacidade de armazenagem a frio em Santa Catarina, 1980	64
33. Balanço de oferta e demanda de produtos agrícolas, Santa Catarina, 1981	67
34. Exportação internacional de produtos de origem agrícola "in natura" e/ou elaborados, SC, 1977-80	70
35. Participação relativa dos produtos de origem vegetal e animal no total exportado pelo setor agropecuário de Santa Catarina, 1977-80	71
36. Evolução das exportações a nível de produto, Santa Catarina, 1977-80	72
37. Valor bruto da produção agropecuária de Santa Catarina, 1974-80 (a preços correntes)	77

38. Valor bruto da produção agrícola catarinense, 1974-80 (a preços de 1979)	78
39. Participação relativa dos principais produtos na formação do VBP agropecuária de Santa Catarina, 1974-80	79
40. Produção dos principais produtos agropecuários de Santa Catarina, 1973/74-1979/80	80
41. Área plantada dos principais produtos agrícolas de Santa Catarina, 1973/74-1979/80	81
42. Rendimento dos principais produtos agrícolas de Santa Catarina, 1973/74-1979/80	82
43. Evolução da produção dos principais produtos agropecuários de Santa Catarina, 1973/74-1979/80	83
44. Preços recebidos pelos agricultores de Santa Catarina, 1974-80 (a preços correntes)	84
45. Preços recebidos pelos agricultores de Santa Catarina, 1974-80 (a preços de 1979)	85
46. Evolução dos preços recebidos pelos agricultores de Santa Catarina, 1974-80	86
47. Preços pagos pelos agricultores de Santa Catarina, 1974-79	87
48. Participação relativa dos setores na economia catarinense, 1970-80	96
49. Renda interna, por setor, Brasil, Região Sul e Santa Catarina, 1970-79 (a preços correntes)	97
50. Renda interna, por setor, Brasil, Região Sul e Santa Catarina, 1970-79 (a preços de 1975)	98
51. Participação relativa dos setores da economia da Região Sul no Brasil, Santa Catarina na Região Sul e Santa Catarina no Brasil, 1970-79	99
52. Taxa anual de crescimento da renda interna, por setor, Brasil, Região Sul e Santa Catarina, 1970-79.	100
53. Volume do alho comercializado e preços médios de comercialização, 1980	105
54. Evolução dos preços do arroz em casca a nível de produtor catarinense e descascado a nível de mercado interestadual, 1980	110

55. Preço mensal do arroz, a nível de produtor, atacado e varejo, segundo várias fontes, Santa Catarina, 1980	111
56. Custo de produção de arroz	112
57. Volume de batata inglesa comercializado e preços médios, Santa Catarina, 1980	117
58. Volume comercializado e preços médios da cebola, 1980	124
59. Preço mensal do feijão a nível de produtor, atacado e varejo, segundo várias fontes, Santa Catarina, 1980	130
60. Evolução do preço médio da cultura do feijão, Santa Catarina, 1980	131
61. Custo de produção de feijão	132
62. Preço mensal da mandioca a nível de produtor e da farinha de mandioca no atacado e varejo, segundo várias fontes, Santa Catarina, 1980	141
63. Custo de produção da mandioca	142
64. Preço mensal do milho a nível de produtor, atacado e importado, segundo várias fontes, Santa Catarina, 1980	148
65. Preço mensal do milho a nível de produtor, de atacado e importado, Santa Catarina, 1980	148
66. Custo de produção do milho	149
67. Preço mensal da soja a nível de produtor, atacado e mercado externo, 1980	155
68. Preço mensal da soja a nível de produtor, atacado e mercado externo, segundo várias fontes, Santa Catarina, 1980	156
69. Custo de produção da soja	157
70. Volume de tomate comercializado e preços mensais, Santa Catarina, 1980	160
71. Preço pago aos produtores e pelos moinhos de trigo, de agosto a dezembro de 1980	164
72. Preço mensal da banana a nível de produtor, atacado e varejo, segundo várias fontes, Santa Catarina, 1980	166
73. Evolução da área de plantio da maçã, 1970/71-1980/81.	170

74. Investimentos diretos na cultura da macieira, Santa Catarina, 1968-80	170
75. Áreas concentradoras do cultivo da macieira, por município, Santa Catarina, 1980	171
76. Capacidade de armazenagem a frio para a maçã, por município, SC, 1980	171
77. Abate de aves em Santa Catarina, 1979-80	178
78. Abate de aves sob Inspeção Federal em Santa Catarina, 1975-80	179
79. Volume e valor das exportações de aves para o mercado internacional, Santa Catarina, 1975-80	179
80. Comercialização de carne de aves em Santa Catarina, 1977-80	180
81. Preços recebidos pelos produtores de frango de Santa Catarina, 1979-80	180
82. Preços praticados no atacado para carne de frangos em Santa Catarina, 1979-80	181
83. Estimativa do balanço de oferta e demanda de carne de aves em Santa Catarina, 1980	182
84. Estimativa do balanço de oferta e demanda de ovos de granja, 1980	183
85. Composição do rebanho bovino catarinense por classe animal, 1971-79	190
86. Abate mensal de bovinos, Santa Catarina, 1979-80..	191
87. Produção de carne bovina, Santa Catarina, 1974-80..	192
88. Rebanho, produção total e leite industrializado, Santa Catarina, 1974-80	192
89. Estimativa do balanço da oferta e demanda de carne bovina em Santa Catarina, 1980	193
90. Leite recebido e processado pelas indústrias catarinenses, 1980	194
91. Estimativa do balanço da oferta e demanda de leite em Santa Catarina, 1980	195
92. Abate mensal de suínos, Santa Catarina, 1979-80 ..	200
93. Abate suíno, produção, taxa de abate e desfrute, Santa Catarina, 1977-81	200
94. Suínos abatidos e comercializados para outros estados da federação, Santa Catarina, 1975-80	201

95. Preços médios recebidos pelos suinocultores de Santa Catarina, 1979-80	202
96. Estimativa do balanço de oferta e demanda de carne suína e seus derivados, Santa Catarina, 1980	203
97. Produção catarinense de mel, 1974-81	206
98. Quantidade e valor da produção pesqueira "in natura" de Santa Catarina, 1974-80	211
99. Evolução da quantidade e valor da produção pesqueira "in natura" de Santa Catarina, 1974-79	211
100. Participação relativa da captura e valor das atividades da pesca industrial e artesanal, Santa Catarina, 1977-80	212
101. Produção, transformação e comercialização, segundo as indústrias de pescado inspecionadas no estado de Santa Catarina, 1979	212
102. Produção, transformação e comercialização, segundo as indústrias de pescado inspecionadas no estado de Santa Catarina, 1980	213
103. Exportação catarinense de pescado para o mercado interestadual, 1974-80	213
104. Exportação catarinense de produtos pesqueiros para o mercado internacional, 1978-80	214
105. Preços mínimos, preços no atacado e preços no varejo dos principais produtos pesqueiros de Santa Catarina, 1980	215

SUMÁRIO

I - ANÁLISE SUCINTA DO SETOR AGROPECUÁRIO CATARINENSE ...	15
1. INTRODUÇÃO	15
2. RECURSOS NATURAIS	24
3. CARACTERÍSTICAS DE CLIMA E SOLO	25
4. ESTRUTURA FUNDIÁRIA	27
5. ENERGIA	29
5.1. Situação energética em Santa Catarina	29
5.2. Eletrificação rural	35
6. POPULAÇÃO E MÃO-DE-OBRA	36
7. CRÉDITO AGRÍCOLA	39
8. ARMAZENAMENTO	55
9. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS.	66
10. EXPORTAÇÃO INTERNACIONAL DE PRODUTOS AGRÍCOLAS	68
11. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA	73
12. RENDA	94
II - PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO AGROPECUÁRIA	102
1. LAVOURAS	102
1.1. Alho	102
1.2. Arroz	107
1.3. Batata inglesa	115
1.4. Cana-de-açúcar	119
1.5. Cebola	121
1.6. Feijão	125
1.7. Fumo em folha	134
1.8. Mandioca	137
1.9. Milho	144
1.10. Soja	151
1.11. Tomate	158
1.12. Trigo	162

2. FRUTAS	165
2.1. Banana	165
2.2. Maçã	168
2.3. Frutas de caroço (pêssego, ameixa e nectarina)	173
2.4. Uva vinífera	174
3. PECUÁRIA	175
3.1. Aves	175
3.2. Bovinos de corte e leite	185
3.3. Suínos	196
3.4. Mel de abelha	205
4. PESCADO	207
III. ANEXOS	216
IV. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	219

I - ANÁLISE SUCINTA DO SETOR AGROPECUÁRIO CATARINENSE

1. INTRODUÇÃO

Localizado na Região Sul do Brasil, entre os estados do Rio Grande do Sul e Paraná, Santa Catarina possui uma área total de 95.985 km², sendo 95.483 km² de área terrestre e 502 km² de águas internas. Representa 1,13% do território nacional.

A participação da economia catarinense na geração da renda interna do Brasil e da Região Sul é de 3,78% e 20,58%, respectivamente. No entanto, se for isolado o setor primário a contribuição catarinense aumenta para 6,17% em relação ao País e 23,31% em relação ao Sul, o que prova que o setor primário é mais importante para Santa Catarina do que para o Brasil e para a Região Sul.

O Estado destaca-se no cenário nacional como 5º produtor de alimentos, sendo o primeiro produtor nacional de maçã; segundo produtor de carne de aves; segundo produtor de carne suína; terceiro produtor de milho; quinto produtor de soja; quarto produtor de feijão; sétimo produtor de mandioca e oitavo produtor de arroz.

Cabe salientar que o Estado possui uma relativa adequação da oferta e demanda interna de grande número de produtos agropecuários.

O setor agropecuário catarinense exportou para o mercado internacional sob a forma de produtos agrícolas "in natura" e/ou elaborados, em 1979, um volume de 760.420,3 mil toneladas, gerando divisas de 345 milhões de dólares.

O Estado dispõe de uma capacidade estática de armazenagem da ordem de 8.021.516 toneladas, considerados inclusive os armazéns existentes a nível de propriedade.

O Setor agrícola em 1960 participava com 41,88% no total da renda gerada pela economia do Estado. Esta mesma participação em 1970 foi de 26,19%, baixando para 16,70% em 1980.

A diminuição relativa, comparada com os demais setores, é considerada perfeitamente normal num processo de desenvolvimento

to, que tem seu centro mais dinâmico na industrialização. Entretanto, se for adicionada a contribuição das indústrias, que transformam produtos de origem agrícola, ver-se-á que este conjunto (agricultura-agroindústrias) representa uma parcela de participação de aproximadamente 26% na formação do PIB catarinense.

Além disso, a agricultura absorve em torno de 51% das pessoas economicamente ativas e as indústrias de transformação que utilizam matérias-primas oriundas do setor primário absorvem cerca de 26% destas pessoas no setor secundário.

O Estado apresenta uma topografia muito acidentada que faz com que apenas cerca de 30% da área agrícola mostre-se apta para culturas anuais sem restrições para mecanização.

A pequena propriedade de exploração familiar é característica do Estado, pois 89% dos imóveis possuíam, em 1972, menos de 50 hectares.

Santa Catarina conta com uma área ocupada com lavouras de aproximadamente 2,5 milhões de hectares. Enquanto as pastagens ocupam 3,0 milhões de hectares.

O Valor Bruto da Produção Agrícola "in natura" das atividades de lavoura, pecuária, silvicultura, hortigranjeiros e pescado é de cerca de 42 bilhões de cruzeiros.

A exploração agropecuária, no entanto, não tem distribuição homogênea em todo o Estado. As diferenciações climáticas e edafo-topográficas, por um lado, e as condicionantes históricas e a origem dos recursos humanos, por outro, produziram significativas disparidades a nível mesorregional.

Considerando apenas os aspectos de área plantada e produção obtida e não todos aqueles elementos que direta ou indiretamente contribuíram para que o evento se concretizasse (crédito agrícola, preços recebidos, assistência técnica, transportes, etc), tem-se uma distribuição bastante heterogênea:

A mesorregião 1, constituída pelas microrregiões homogêneas Colonial do Rio do Peixe e Colonial do Oeste Catarinense, congregando 64 municípios, representando 30,41% da área agrícola do Estado, é responsável por 64,70% da área total cultivada com lavouras no Estado, participando com 88% da área de soja, 80% da área de trigo, 71% da área de milho e 60% da área de feijão. Es-

ta mesorregião destaca-se ainda pela produção de 95% da uva vi-
nífera, 94% da produção de carne de aves, 92% da produção de ame-
xas, 87% da produção de soja, 85% da produção de nectarinas, 81%
da produção de carne suína, 81% da produção de pêssego, 80% da
produção de milho, 79% da produção de trigo, 77% da produção de
maçã e 61% da produção de feijão.

A mesorregião 7, formada pelas microrregiões homogêneas
Colonial de Joinville, Litoral de Itajaí, Colonial de Blumenau,
Colonial de Itajaí Norte e Colonial do Alto Itajaí, perfazendo um
total de 53 municípios, abrangendo 13,92% da área agrícola cata-
rinense, aparece em segunda posição e é responsável por 9% da á-
rea total plantada, participando com 58% da área ocupada com ce-
bola, 43% com cana-de-açúcar, 37% com fumo, 30% com arroz, 27%
com mandioca e 26% com batata-inglesa. Esta mesorregião quando
comparada com a produção estadual, participa com 64% da produção
da cebola, 60% do pescado, 59% do leite, 50% da cana-de-açúcar,
39% do arroz, 38% da mandioca, 33% do fumo e 27% da batata-ingle-
sa.

A mesorregião 2, constituída pelas microrregiões homogê-
neas de Campos de Lages e Curitibanos, com 8,59% da área total
plantada, composta por 13 municípios, ocupa 30,20% da área agrí-
cola estadual, aparece em terceira posição. Destaca-se pela ex-
ploração da cultura de tomate com 29% da área ocupada, batata-in-
glesa com 18%, trigo com 14% e feijão com 13%. A mesorregião con-
tribui ainda na produção de tomate com 32%, carne bovina com 29%,
batata-inglesa com 25%, maçã com 23% e pêssego com 13%.

A mesorregião 8, constituída pela microrregião homogê-
nea Planalto de Canoinhas, composta por 13 municípios, ocupa
10,96% da área agrícola total, desponta na quarta posição com
7,69% da área total plantada no Estado, destacando-se as áreas
plantadas com feijão 15%, ficando o arroz e a batata-inglesa com
12% cada. Na produção, ainda relacionada com o Estado, as cultu-
ras de feijão e batata-inglesa participaram com 12% cada, segui-
do pela do fumo, com 10%.

A quinta posição em área total plantada em Santa Catari-
na, fica com a mesorregião 3, atingindo 6,36% da área agrícola to-
tal, composta pelas microrregiões Carbonífera e Colonial Sul Ca-
tarinense, com participação relativa de 5,57%, destacando-se a

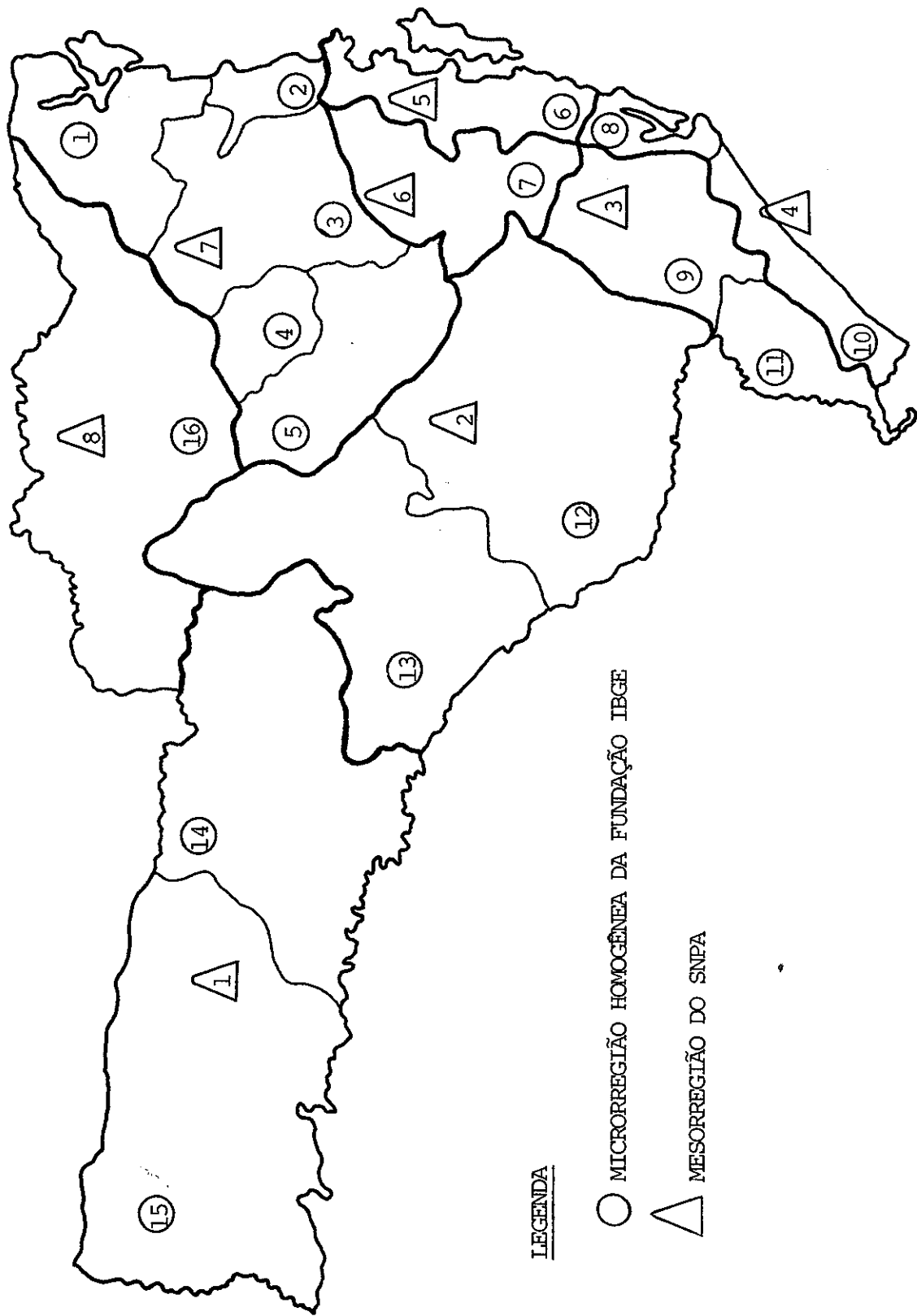
área ocupada com fumo, 28%; tomate, 21%; mandioca, 18%; arroz, 17% e batata-inglesa, 15%. Quanto a produção, quando comparada com o total estadual, esta mesorregião sobressai-se com as culturas de fumo, 29%; tomate, 25%; arroz, 15%; mandioca, 14 e batata-inglesa, 13%.

A mesorregião 4, constituída pelas microrregiões Litoral de Laguna e Litoral Sul Catarinense, ocupa 2,44% da área agrícola existente no Estado, aparece na sexta posição, com 2,66% da área total plantada com lavouras no Estado, sendo responsável por 27% da área ocupada com mandioca, 8% com fumo, 8% com arroz e 5% com cebola. Esta mesorregião é responsável pela produção de 19% de pescado, 16% de mandioca, 9% de fumo, 8% de arroz e 6% de cebola.

Na sétima posição situa-se a mesorregião 6, formada pela microrregião homogênea Colonial Serrana Catarinense, que ocupa 4,24% da área agrícola no Estado, participando com 1,25% da área plantada com lavoura em Santa Catarina. Destaca-se nesta mesorregião, as áreas ocupadas com cebola, cana-de-açúcar, tomate e batata-inglesa, com 20%, 15%, 12% e 8%, respectivamente. Com relação à produção, a mesorregião participa com 18% da cana-de-açúcar, 16% da produção de cebola, 12% da produção de tomate e 8% da produção da batata-inglesa.

A mesorregião 5, formada pela microrregião de Florianópolis ocupa apenas 1,46% da área agrícola estadual, participa com 0,55% da área total plantada, destacando-se a cana-de-açúcar, 11%; tomate, 10% e mandioca com 4%, com relativos de produções de 13%, 11% e 3%, respectivamente.

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS E MESORREGIÕES DO ESTADO DE SANTA CATARINA.



LEGENDA

○ MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA DA FUNDAÇÃO IBGE

△ MESORREGIÃO DO SNPA

Tabela 1

PARTICIPAÇÃO DE DIVERSOS PRODUTOS AGRÍCOLAS POR MESORREGIÃO NA ÁREA TOTAL
CULTIVADA EM SANTA CATARINA

CULTURA MESOR- REGIÃO	(8)											TOTAL
	ARROZ	BATATA INGLESA	CANA-DE- AÇÚCAR	CEBOLA	FUMO	FEIJÃO	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	
1	2,11	0,15	0,18	0,01	0,58	5,55	0,55	38,60	15,46	-	1,50	64,69
2	0,23	0,14	-	-	0,18	1,25	0,03	5,10	1,39	0,01	0,26	8,59
3	1,29	0,12	0,10	0,02	1,15	0,57	0,75	1,51	0,02	0,01	0,03	5,57
4	0,58	-	0,03	0,02	0,34	0,21	1,11	0,35	0,01	-	0,01	2,66
5	0,10	0,02	0,11	-	0,03	0,05	0,17	0,06	-	0,01	-	0,55
6	0,04	0,06	0,15	0,07	0,10	0,08	0,11	0,63	-	0,01	-	1,25
7	2,19	0,21	0,42	0,20	1,44	0,36	1,15	2,96	0,06	0,01	-	9,00
8	0,88	0,10	-	0,02	0,22	1,39	0,29	4,08	0,63	-	0,08	7,69
SC	7,42	0,80	0,99	0,34	4,04	9,46	4,16	53,29	17,57	0,05	1,88	100,00

Fonte: dados brutos: FIBGE

dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 2

PARTICIPAÇÃO DAS MESORREGIÕES NA ÁREA E/OU PRODUÇÃO DAS EXPLORAÇÕES AGRPECUÁRIAS DE SANTA CATARINA

MESORRE- GIÃO CULTURA	1		2		3		4		5		6		7		8		SC	
	Área	Produção	Área	Produção	Área	Produção	Área	Produção	Área	Produção	Área	Produção	Área	Produção	Área	Produção	Área	Produção
Arroz	28	25	3	3	17	15	8	8	1	2	-	-	30	39	12	8	100	100
Batata Inglesa	18	13	18	25	15	13	1	-	2	2	8	8	26	27	12	12	100	100
Cana-de-açúcar	18	11	-	-	10	6	3	2	11	13	15	18	43	50	-	-	100	100
Cebola	4	3	1	1	7	5	5	6	-	-	20	16	58	64	5	5	100	100
Fumo	14	11	4	4	28	29	8	9	1	1	2	3	37	36	6	10	100	100
Feijão	60	61	13	12	6	6	2	2	1	1	1	1	4	5	15	12	100	100
Mandioca	13	19	1	1	18	14	27	16	4	3	3	3	27	38	7	6	100	100
Milho	71	80	10	7	3	2	1	-	-	-	1	1	6	5	8	5	100	100
Soja	88	87	8	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	4	100	100
Tomate	6	3	29	32	21	25	1	-	10	11	12	12	15	15	6	2	100	100
Trigo	80	79	14	13	1	2	-	1	-	-	-	-	-	-	5	5	100	100
Ameixa	-	92	-	6	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	100
Maçã	-	77	-	23	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Nectarina	-	85	-	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Pêssego	-	81	-	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Uva	-	95	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Carne de Aves	1	94	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	100
Carne Bovina	-	33	-	29	-	8	-	4	-	2	-	3	-	15	-	6	-	100
Carne Suína	-	81	-	2	-	4	-	1	-	1	-	1	-	7	-	3	-	100
Leite	-	17	-	8	-	5	-	3	-	4	-	1	-	59	-	3	-	100
Pescado	-	-	-	-	-	-	-	19	-	21	-	-	-	60	-	-	-	100

Fonte: dados brutos: FIRGE, SUDEFE/PDP, ACCS, ALCB, ASLAV e SAA/EMATER- AGRASC

dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 3

ÁREA COLHIDA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS - SANTA CATARINA, 1978/79
(a nível de mesorregião)

CULTURA MESOR- REGIÃO	ALHO			ARROZ			BATATA - INGLESA			CANA-DE-AÇÚCAR			CEBOLA			FUMO		
	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1	17	53	3.118	17.584	8.996	512	4.127	24.139	5.849	3.180	74.810	23.525	170	923	5.429	17.217	23.473	1.363
2	312	1.017	3.260	1.267	1.047	826	3.660	42.205	11.531	10	300	30.000	491	3.091	6.295	4.044	5.103	1.262
3	34	178	5.235	26.537	56.923	2.145	2.534	19.493	7.693	2.029	69.862	34.432	286	1.898	6.636	24.316	45.889	1.887
4	13	51	3.923	11.780	27.713	2.352	79	542	6.861	675	23.720	35.141	273	2.300	8.425	8.310	16.214	1.951
5	5	34	6.800	1.885	5.182	2.749	460	4.729	10.280	2.911	214.346	73.633	64	597	9.328	779	1.554	1.995
6	28	98	3.500	926	1.148	1.240	2.076	19.807	9.541	2.445	148.760	60.843	3.440	29.725	8.641	6.155	9.930	1.613
7	43	131	3.047	45.492	152.260	3.347	4.864	36.574	7.519	8.874	553.411	62.363	5.620	53.253	9.476	42.852	63.150	1.474
8	69	140	2.029	12.257	6.450	526	2.149	15.128	7.040	-	-	-	322	2.230	6.925	7.260	12.862	1.772
Total	521	1.702	3.267	117.728	259.719	2.206	19.949	162.617	8.152	20.124	1.085.209	53.926	10.666	94.017	8.815	110.933	178.175	1.606

CULTURA MESOR- REGIÃO	FEIJÃO			MANDIOCA			MILHO			SOJA			TOMATE			TRIGO		
	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1	139.930	118.396	846	8.630	159.715	18.507	728.355	1.392.484	1.912	393.260	356.722	907	50	1.212	24.240	2.956	2.301	778
2	23.820	19.641	825	745	11.975	16.074	58.280	60.035	1.030	54.120	45.122	834	257	8.733	33.981	258	337	1.306
3	13.226	8.959	677	14.262	185.327	12.994	29.537	49.180	1.565	140	217	1.550	292	8.492	29.082	65	69	1.062
4	5.490	3.447	628	12.990	147.780	11.376	5.160	8.057	1.561	340	564	1.658	18	490	27.222	70	53	757
5	1.119	852	761	2.050	27.390	13.361	1.480	2.615	1.768	-	-	-	37	893	22.259	-	-	-
6	2.097	1.724	822	2.018	36.100	17.889	12.635	20.723	1.640	-	-	-	131	3.691	24.135	-	-	-
7	9.284	8.750	942	22.534	474.210	21.044	62.515	117.794	1.884	995	1.519	1.527	235	5.424	23.081	9	11	1.222
8	36.550	27.634	756	4.190	78.470	18.728	71.510	57.760	808	26.130	29.763	1.139	80	1.146	14.325	1.229	1.020	830
Total	231.516	189.403	818	67.419	1.120.967	16.627	969.472	1.708.649	1.762	474.985	433.907	914	1.100	30.081	27.346	4.587	3.791	826

Fonte: FIBCE

Elaboração: SMA/CEFA-SC

Tabela 4

ÁREA COLHIDA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS - SANTA CATARINA, 1979/80
(A nível de Mesorregião)

CULTURA	ALHO			ARROZ			BATATA INGLESA			CANA-DE-ÁÇÚCAR			CEBOLA			FEIJÃO		
	Área (ha)	Produção (t)	Rendimen. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimen. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimen. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimen. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimen. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimen. (kg/ha)
1	25	97	3.880	38.199	71.142	1.862	5.801	34.158	5.888	4.328	190.400	43.993	436	2.186	5.014	129.133	44.561	345
2	919	3.338	3.632	4.871	7.778	1.597	2.482	23.438	9.443	15	600	40	628	4.401	7.008	37.175	23.131	622
3	42	219	5.214	27.658	79.133	2.861	2.288	19.223	8.402	2.335	69.586	29.801	213	1.399	6.568	14.214	9.949	699
4	18	70	3.888	14.475	42.564	2.940	167	1.762	10.551	500	14.085	28.170	216	1.525	7.060	5.265	3.621	688
5	10	68	6.800	2.294	6.642	2.895	513	5.463	10.649	2.943	209.635	71.232	93	777	8.355	855	608	711
6	40	118	2.950	1.090	2.175	1.995	2.417	21.118	8.737	2.610	163.080	62.483	3.922	30.277	7.720	2.669	2.057	771
7	142	569	4.007	52.345	196.366	3.751	4.323	29.385	6.797	9.878	617.505	62.513	6.393	55.130	8.623	13.703	12.580	918
8	93	195	2.097	12.590	23.067	1.832	1.832	12.321	6.725	-	-	-	347	1.467	4.228	36.295	23.465	647
Totais	1.289	4.724	3.665	153.522	428.868	2.794	19.823	146.868	7.409	22.609	1.264.891	55.946	12.248	97.162	7.933	239.309	119.972	501
(conclusão)																		
CULTURA	FUMO			MANDIOCA			MILHO			SOJA			TOMATE			TRIGO		
	Área (ha)	Produção (t)	Rendimen. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimen. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimen. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimen. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimen. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimen. (kg/ha)
1	4.707	5.979	1.270	8.695	159.715	18.369	818.240	2.325.113	2.842	430.260	575.187	1.337	126	2.561	20.325	24.126	12.390	513
2	2.265	3.516	1.549	745	11.975	16.074	94.930	167.149	1.761	54.200	78.352	1.446	225	8.075	35.889	3.670	3.891	1.060
3	19.855	36.744	1.851	15.518	185.326	11.943	37.546	99.336	2.646	53	79	1.491	173	4.749	27.451	-	-	-
4	6.581	12.679	1.927	13.990	210.028	15.013	6.710	15.586	2.323	333	637	1.913	46	955	20.761	50	45	900
5	552	808	1.464	2.050	27.390	13.361	1.870	5.079	2.716	-	-	-	241	8.350	34.647	-	-	-
6	4.997	8.057	1.612	2.018	36.100	17.889	13.070	28.626	2.190	3	4	1.333	130	3.450	26.538	-	-	-
7	29.506	47.010	1.593	25.534	540.996	21.187	76.494	200.786	2.625	1.717	2.801	1.631	254	6.172	24.299	36	23	639
8	8.179	12.608	1.541	4.190	78.470	18.728	79.582	174.608	2.194	33.830	61.704	1.824	65	885	13.619	2.767	2.515	909
Totais	76.642	127.401	1.662	72.740	1.250.000	17.184	1.128.442	3.016.283	2.673	520.396	718.764	1.381	1.260	35.197	27.934	30.649	18.864	615

Fonte: FIBGE

Elaboração: SAA/CEPA-SC

2. RECURSOS NATURAIS

O aproveitamento dos recursos naturais varia com a distribuição da área explorada e o tamanho da propriedade. Nas classes de área inferior a 50 ha, a superfície utilizada com lavouras é superior à superfície utilizada com pastagens. Já nas classes superiores a 50 ha ocorre um predomínio da área de pastagem sobre a área de lavoura, sendo esse predomínio tão marcante quanto maior for o estrato de área.

Com a má distribuição da área explorada se observa uma diminuição da área de matas naturais. Em 1960, haviam 1.744.853 ha de matas naturais, representando 29,3% da área total dos estabelecimentos. No censo de 1970, esta área diminuiu para 1.623.219 ha, ou seja, 21,1% da área total das propriedades. No censo agropecuário de 1975, não consta nos seus dados preliminares estimativa sobre a área ocupada pelas matas naturais, porém, estima-se que naquele ano representavam 20% da área total dos estabelecimentos (1.393.870 ha). Estimativas feitas pela Coordenação das Atividades Econômicas de Recursos Naturais, da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, avaliam a área de matas nativas em 1977, em cerca de 10 a 12% da área territorial do Estado (954.830 a 1.145.796 ha).

As terras em descanso e as terras produtivas não utilizadas, representavam em 1960, 871.593 ha. Em 1975 aumentaram para 1.109.971 ha, ou seja, 15,8% da área total dos estabelecimentos.

As estimativas do uso atual dos solos agrícolas do Estado, segundo os dados do Recadastramento do INCRA - 1976, e do Zoneamento Agrícola, concluído pela EMPASC-CEPA/SC, informam que as fronteiras agrícolas podem crescer 25,71%, ou seja, 1.929.052 ha de solos exploráveis e que não são utilizados, este crescimento de área para lavouras não afetaria as áreas ocupadas por pastagens. A taxa de expansão da fronteira agrícola para lavouras poderá ser de até 57,28%, ou seja, 3.348.806 ha, porém, para ocorrer tal incremento nas áreas cultivadas, torna-se necessário um decréscimo de 85,62% (1.419.754 ha) nas áreas ocupadas por pastagens, que por sua vez, poderiam ocupar outras áreas inaptas para lavouras temporárias.

3. CARACTERÍSTICAS DE CLIMA E SOLO

O clima, fator limitante na agricultura, tem grandes variações dentro do território estadual mesmo a nível mesorregional, mas elas se acentuam quando são comparadas às três grandes regiões, conforme pode-se verificar na tabela 5.

Tabela 5

CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS E CLIMÁTICAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA

FATOR OU ELEMENTO	REGIÃO LITORAL	PLANALTO	OESTE
Latitude	26° a 29°30'S	26° a 28°30'S	26°30' a 27°30'S
Longitude	48°30' a 49°30'W	49°30' a 51°00'W	51°00' a 53°30'W
Altitude	0 a 400 m	700 a 1500 m	200 a 700 m
Temp. Média Anual	17 a 21°C	13 a 17°C	15 a 19°C
Temp. Mín. Méd. Anual	12 a 18°C	9 a 12°C	10 a 14°C
Temp. Máx. Méd. Anual	23 a 26°C	19 a 24°C	23 a 26°C
Variação de Temp. Mensal	21°C	23°C	34°C
Precip. Total Anual	1200 a 1900mm	1300 a 1900mm	1500 a 2200mm
Evap. Pot. Total Anual	1000 a 1300mm	900 a 1100mm	1100 a 1300mm
Excesso Hídrico Total Anual	100 a 500mm	300 a 600mm	400 a 1200mm
Umidade Relat. Méd. Mensal	82 a 87%	78 a 83%	72 a 80%

Fonte: SAA/EMPASC

Os diferentes fatores climáticos interagindo com diferentes materiais de origem e em relevos diversos provocaram a formação de tipos diversificados de solos. A combinação desses fatores origina a aptidão agrícola dos solos que, no caso de Santa Catarina, pode ser quantificada da seguinte forma:

Tabela 6

APTIDÃO AGRÍCOLA DOS SOLOS DE SANTA CATARINA

APTIDÃO	ÁREA (km ²)	PARTICIPAÇÃO NA ÁREA DO ESTADO (%)
Solos aptos para a produção de culturas anuais	28.740	30,0
Solos aptos para a produção de culturas anuais mas com sérias restrições pela fertilidade natural e muito baixa capacidade de retenção de umidade	2.192	2,3
Solos aptos para a produção de culturas anuais mas com riscos de inundação	2.015	2,0
Solos com restrições para a produção de culturas anuais e aptos para pastagens	2.109	2,1
Solos aptos para culturas permanentes com condições para a utilização com culturas anuais em lavouras de extensão limitada	37.914	39,7
Solos aptos para culturas permanentes, pastagens ou reflorestamento	22.713	23,6
Reflorestamento para fixação das dunas	258	0,3

Fonte: Levantamento de Reconhecimento dos Solos do Estado de Santa Catarina - 1972 - SAA/SC-SUDESUL-UFSM.

4. ESTRUTURA FUNDIÁRIA

A área média dos estabelecimentos teve acentuado ritmo de declínio até 1960 (1920-105,7 ha; 1940-55,0 ha; 1950-50,9 ha e 1960-33,9 ha). A partir de 1970, estabiliza-se em torno de 33 ha (1970-33,9 ha e 1975-33,7 ha).

O ano de 1975, caracteriza-se por uma visível reversão na tendência: os estratos de 500 a mais de 1.000 ha são os únicos que incorporaram área, no período de 1970/75.

Uma comparação intercensitária do período 1970/75, permite constatar uma diminuição do número de estabelecimentos de 207.199 em 1970 para 206.860 em 1975.

Ainda com referência à posse da terra (condição de propriedade), pode-se afirmar, com base nas informações censitárias de 1970 e 1975, que relativamente, o número de produtores proprietários diminuiu, de 82,6% para 80,8%, ainda que, a área por eles apropriada, continuasse relativamente a mesma. A alteração mais significativa foi quanto ao número de produtores ocupantes (de 6,89% para 8,65%) seguido do aumento da área (3,9% para 4,05%). Um aspecto relevante é que, à medida que aumentou o estrato de área, diminuiu o uso da terra para lavoura, com maior predomínio da pecuária. O estrato de mais de 50 ha e menos de 100 ha possuía o mais elevado percentual de ociosidade da terra, representado pelos itens "terras em descanso" e "produtivas não utilizadas" (24,8%).

Por outro lado, as áreas aproveitáveis não exploradas representavam 25% da área total aproveitável dos imóveis em 1972 e 23% em 1976. Evidenciando, com isto, uma diminuição da ociosidade do uso do solo.

O Meio e Extremo Oeste, o Vale do Itajaí e o Sul do Estado eram as regiões que apresentavam uma maior pressão sobre a terra. Nas regiões mencionadas, os minifúndios ocupavam mais de 49% da área agrícola das respectivas mesorregiões, localizando-se aí quase que 80% da demanda de terras.

Embora 88,7% dos produtores detivessem 40,9% da área, o número de arrendatários, posseiros e ocupantes representava apenas 19% do total de estabelecimentos. Esse fenômeno era mais ex -

pressivo nos imóveis com menos de 20 ha, onde se observava existirem 9.021 arrendatários, 9.413 posseiros e 14.948 ocupantes, representando 16% do total dos estabelecimentos em 1975, ficando 3% para os estratos de área superior.

No regime de posse, segundo as microrregiões, nota-se que na microrregião Colonial do Oeste Catarinense e Colonial do Sul Catarinense, as terras próprias representam respectivamente 77% e 68% do total de estabelecimentos. Nos Campos de Curitiba-nos, no Litoral Sul Catarinense e na Colonial Serrana Catarinense, representam 78,78% e 79%, respectivamente. Nas demais microrregiões este percentual se situa entre 84% e 91%.

O Estado, portanto, embora tenha um grande percentual de pequenas propriedades (89% dos estabelecimento tinham menos de 50 ha em 1972), tem, com relação ao Brasil, a vantagem de ter um maior percentual de proprietários (apenas 19,0% não eram proprietários em 1975).

Tabela 7

UTILIZAÇÃO DAS TERRAS SEGUNDO AS CLASSES DE ÁREA - SANTA CATARINA, 1972

CLASSES DE ÁREA TOTAL - ha	TOTAL DE IMÓVEIS	ÁREA TOTAL	APROVEITÁVEL TOTAL		EXPLORADA		APROVEITÁVEL NÃO EXPLORADA		INAPROVEITÁVEL	
			Área-ha	%	Área-ha	%	Área-ha	%	Área-ha	%
Menos de 5	44.676	114.744,3	103.199,2	89,9	78.633,4	68,5	24.565,8	21,4	10.746,2	9,4
5 a menos de 10	37.392	273.223,6	241.608,6	88,4	181.344,9	66,4	60.263,7	22,1	28.585,0	10,5
10 a menos de 25	93.790	1.548.400,5	1.336.431,0	86,3	926.718,7	59,9	409.712,3	26,5	184.767,2	11,9
25 a menos de 50	47.520	1.602.752,7	1.363.874,1	85,1	902.867,3	56,3	461.006,8	28,8	199.990,1	12,5
50 a menos de 100	16.265	1.086.542,9	935.129,0	86,1	652.892,6	60,1	282.236,4	26,0	119.292,7	11,0
100 a menos de 200	5.807	784.036,0	695.089,7	88,7	544.094,6	69,4	150.995,1	19,3	66.606,4	8,5
200 a menos de 500	3.111	941.514,2	840.493,2	89,3	703.849,6	74,8	136.643,6	14,5	71.984,5	7,6
500 a menos de 1.000	896	610.968,0	549.495,6	89,9	474.071,9	77,6	75.423,7	12,3	39.500,3	6,5
Mais de 1.000	520	1.021.372,5	907.839,1	88,9	754.061,2	73,8	153.777,9	15,1	75.415,10	7,4
Total	249.977	7.983.554,7	6.973.159,5	87,3	5.216.534,2	65,4	1.754.625,3	22,0	796.887,5	10,0

Fonte: dados brutos: INCRA/MA (Recadastramento, 1972)

dados elaborados: SAA/CEPA-SC ("Estudos Básicos", Sistemas de Produção, vol. 3, tab. 8, Florianópolis 1978/79)

5. ENERGIA

5.1- Situação Energética em Santa Catarina

Segundo o PROENERGIA⁽¹⁾, o consumo de energia do Estado representa cerca de 5% do consumo total de energia do Brasil. A dependência em relação aos derivados de petróleo, em termos energéticos, está em torno de 38% do volume total consumido em Santa Catarina, atualmente representando cerca de 28 mil barris de petróleo/dia.

A energia elétrica representa uma parcela de 22%, a lenha e o carvão vegetal, 40%.

No período 1974-78, o balanço energético do Estado apresentou uma redução na participação da lenha e do carvão vegetal de 45% para 40%, e um aumento de 37% para 38% nos derivados do petróleo e de 18 para 22% na participação da energia elétrica, enquanto o consumo energético global do Estado, no mesmo período, cresceu aproximadamente 46%.

O programa prevê a substituição de um equivalente de 10.600 barris/dia de petróleo com exploração distinta dos seguintes segmentos:

- . carvão mineral, com produção e utilização do gás de carvão para substituição do óleo combustível;
- . álcool, com produção de álcool etílico a partir da mandioca, cana-de-açúcar, etc, para a substituição da gasolina;
- . lenha e carvão vegetal, reflorestamento de áreas de mineração de carvão a céu aberto com eucaliptos, bem como, reflorestamento com essências nativas e exóticas para futura utilização industrial e residencial, em substituição ao gás liquefeito de petróleo e óleo combustível;
- . biogás, produção de biogás para utilização em frigoríficos de aves, suínos e curtumes em substituição ao

(1) COMISSÃO ESTADUAL DE ENERGIA. PROENERGIA - Programa catarinense de energia; fundamentos - metas. Florianópolis, 1979.

óleo combustível; produção de biogás para utilização em propriedades rurais, em substituição à energia elétrica e óleo diesel; produção de gás de lixo em substituição ao óleo combustível, através da distribuição direta do gás e/ou engarrafamento;

hidreletricidade, instalação de microunidades geradoras de energia elétrica com aproveitamento de recursos hídricos do Estado, em complementação à energia elétrica e substituição do óleo diesel.

Tabela 8

CONSUMO "PER CAPITA" DE ENERGIA EM SANTA CATARINA, 1974-78

(kgEP/hab)

FORMA DE ENERGIA	A N O				
	1974	1975	1976	1977	1978
Gasolina	109,5	108,5	107,2	96,7	102,4
Óleo Combustível	64,2	75,7	96,0	107,1	111,8
Óleo Diesel	87,0	96,2	109,2	117,3	128,3
Querosene	3,7	3,1	2,3	2,4	2,5
GLP	11,2	13,1	14,0	15,8	17,4
Eletricidade	132,7	138,5	161,8	199,0	218,1
Lenha	341,4	352,7	365,2	377,7	390,6
Carvão Vegetal	1,6	2,3	2,6	3,1	3,6

Fonte: CNP, ELETROSUL, FIBGE e CELESC.

Tabela 9

CONSUMO DE ENERGIA NO ESTADO DE SANTA CATARINA, 1974-78

FORMA DE ENERGIA	UNIDADE	A N O				
		1974	1975	1976	1977	1978
Gasolina	m ³	472.368	482.029	490.330	455.471	496.545
Óleo Combustível	t	212.481	258.097	337.238	387.372	416.150
Óleo Diesel	m ³	339.117	385.822	451.156	498.798	561.791
Querosene	m ³	14.934	12.848	10.102	10.530	11.386
GLP	t	32.940	39.799	43.953	51.003	57.759
Eletricidade	Gwh	1.489	1.600	1.926	2.438	2.752
Lenha	10 ³ m ³	11.871	12.629	13.464	14.339 (1)	15.271 (1)
Carvão Vegetal	t	8.274	12.080	14.442	17.330 (1)	20.796 (1)

(1) Valores estimados

Fonte: CNP, ELETROSUL, IBGE, CELESC

Tabela 10

CONSUMO DE ENERGIA NO ESTADO DE SANTA CATARINA EM tEP, 1974-78

(t)

FORMA DE ENERGIA	A N O				
	1974	1975	1976	1977	1978
Gasolina	356.426	363.716	369.980	343.677	374.669
Óleo Combustível	208.816	253.645	331.421	380.690	408.971
Óleo Diesel	283.316	322.336	376.919	416.722	469.349
Querosene	11.934	10.267	8.073	8.415	9.100
GLP	36.300	43.858	48.436	56.205	63.650
Eletricidade	431.785	464.129	558.447	707.020	798.080
Lenha	1.111.126	1.182.074	1.260.230	1.342.130 (1)	1.429.366 (1)
Carvão Vegetal	5.204	7.598	9.084	10.899 (1)	13.079 (1)

(1) Valores estimados

Fonte: Dados Primários CNP, ELETROSUL, IBGE, CELESC

Tabela 11

CONSUMO DE LENHA, ÁREAS DESMATADAS E A SEREM REFLORESTADAS, 1980-85

REGIÕES: Alto Vale do Itajaí, Litoral de Florianópolis, Planalto Norte, Vale do Rio do Peixe e Oeste.

ANOS	PROJEÇÃO DO CONSUMO DE ÓLEO COMBUSTÍVEL E ÓLEO DIESEL INDUSTRIAL (10 ³ t)	EQUIVALÊNCIA EM LENHA (10 ³ m ³)	ÁREA DE CORTE DE FLORESTAS NECESSÁRIAS (10 ³ ha)	REFLORESTAMENTO (10 ³ ha)	
				EUCALIPTO (1) (*)	ESSÊNCIAS NATIVAS (2) (*)
1980	106,4	1.382,7	13,8	12,3	1,5
1981	118,2	1.536,0	15,3	13,0	2,3
1982	129,9	1.689,2	16,9	13,8	3,1
1983	141,7	1.842,5	18,4	14,6	3,8
1984	153,5	1.995,6	20,0	15,4	4,6
1985	165,3	2.148,9	21,5	6,9	14,6

(*) Nota: (1) Reflorestamento com eucaliptos calculado de acordo com as necessidades de lenha à época dos cortes.

(2) Reflorestamento com essências nativas, calculado pela diferença entre a área desmatada e o plantio de eucalipto.

Fonte: Dados Brutos: CNP

Dados Trabalhados: PROENERGIA (Grupo de Coordenação).

Tabela 12

DEMANDA DOS COMBUSTÍVEIS A SEREM SUBSTITUÍDOS POR ÁLCOOL E LENHA, 1980-85

COMBUSTÍVEIS	UNIDADE	A N O					
		1980	1981	1982	1983	1984	1985
Gasolina	10 ⁶ litros	515,05	521,62	528,20	534,17	541,35	547,93
Óleo combustível + óleo diesel industrial e agrícola (1)	10 ⁶ kg	106,36	118,15	129,94	141,73	153,51	165,30

(1) Regiões do Alto Vale do Itajaí, Litoral de Florianópolis, Planalto Norte, Vale do Rio do Peixe e Oeste Catarinense.

Fonte: Dados Brutos: CNP

Dados Trabalhados: PROENERGIA (Grupo de Coordenação).

Tabela 13

CAPACIDADE PREVISTA DE DESTILAÇÃO E PRODUÇÃO
DE ALCOOL, 1981-85

DISCRIMINAÇÃO	UNIDADE	A N O				
		1981	1982	1983	1984	1985
Capacidade prevista de destilação:						
- a partir da cana-de-açúcar	10 ³ l/dia	210	630	1050	1110	1110
- a partir da mandioca	10 ³ l/dia	60	120	300	420	480
Produção de álcool:						
- a partir da cana-de-açúcar	10 ⁶ l/ano	11	40	86	126	153
- a partir da mandioca	10 ⁶ l/ano	18	36	90	126	144
Total	10 ⁶ l/ano	29	76	176	252	297

Fonte: PROENERGIA (Grupo de Coordenação).

5.2- Eletrificação Rural

Os serviços de eletrificação rural no Estado são executados pela Eletrificação Rural de Santa Catarina S/A-ERUSC, com o objetivo de promover e explorar a distribuição da energia elétrica no meio rural, contando com o apoio do sistema cooperativista e da concessionária estadual (CELESC).

Quanto aos recursos de investimentos utilizados para instalação de redes e distribuição de energia são subsidiados em cerca de 80% pelos governos federal e estadual, cabendo aos associados do sistema cooperativista participar com os 20% restantes do montante.

A construção de linhas de distribuição de energia através da ERUSC no período de 1975-80 somaram 11.650 km de linhas energizadas. As previsões para 1981 é de instalar mais 2.500 km de linhas.

O número de consumidores cooperativados nos últimos seis anos cresceu em 181%, enquanto o consumo "per capita" rural médio aumentou de 23,37 kw/hab/ano, em 1975, para 44,12, em 1979. Esse crescimento não significa que o consumo "per capita" real aumentou, mas sim que a população rural, no período, cresceu menos, proporcionalmente, do que o número de pessoas beneficiadas com as novas ligações feitas a nível de propriedade.

Tabela 14

CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA NO MEIO RURAL DE SANTA CATARINA, 1975-80

ANO	NÚMERO DE CONSUMIDORES COOPERATIVADOS (A)	CONSUMO TOTAL (kw/h) (B)	CONSUMO PROPRIEDADE/ANO (kw/h) (C= B/A)	POPULAÇÃO RURAL BENEFICIADA (D=Ax5*)	CONSUMO "PER CAPITA" REAL (habitante/ano kw/h) (E=B/D)	POPULAÇÃO RURAL TOTAL (F)	CONSUMO "PER CAPITA" RURAL MÉDIO (habitante/ano kw/h) (G=B/F)
1975	28.463	41.546	1.460	142.315	291,93	1.777.700	23,37
1976	36.221	49.818	1.375	181.105	275,08	1.805.500	27,60
1977	43.013	52.925	1.230	215.065	246,09	1.833.700	28,87
1978	60.849	75.059	1.234	304.245	218,06	1.862.400	35,63
1979	75.742	83.440	1.102	378.710	220,33	1.891.500	44,12
1980(**)	79.898	92.585	1.159	399.490	231,76	-	-

(*) Considerado 5 pessoas por família

(**) Situação até julho

Fonte: ERUSC e FIBGE

Elaboração: SAA/CEPA-SC

6. POPULAÇÃO E MÃO-DE-OBRA

Ao analisar-se o comportamento da evolução da população de Santa Catarina na década de 1960-70, observou-se uma diminuição relativa do contingente de população rural, verificando-se taxa de crescimento de 1,3%; enquanto a população urbana se expandiu em 5,5%. Considerando que no período considerado, ocorreu taxa de crescimento de 2,9%, pode-se supor que o êxodo rural esteve oscilando entre 25 e 28 mil pessoas por ano.

Quanto ao comportamento da população total, urbana e rural de Santa Catarina, a nível mesorregional, através dos dados Censitários da Fundação IBGE, período 1970 a 1980 (tabela 15), observa-se que a mesorregião 5, composta pela microrregião da Grande Florianópolis, apresentou a maior taxa de crescimento da população total, 4,15%, com a população urbana crescendo em 6,34% enquanto na rural detectou-se taxa negativa de 2,50%.

A menor taxa de crescimento apresentada na população total foi a mesorregião 6, constituída pela microrregião Serrana Catarinense com -0,30%, enquanto a população urbana cresceu em 4,34% a rural decresceu em -1,91%.

Cabe ressaltar que, com exceção da mesorregião 1, formada pelas microrregiões Colonial do Oeste Catarinense e Colômbial do Rio do Peixe, com taxa de crescimento da população rural de 0,50%, as demais mesorregiões (2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8) apresentaram taxas negativas de crescimento.

No que concerne ao contingente populacional estadual por faixa etária (tabela 16), em 1970, o maior número de pessoas tinha entre 15 e 59 anos de idade, concentrando 50,38% da população total; a faixa de zero a 14 anos, agrupa cerca de 45,09%, enquanto a faixa acima de 59 anos reúne apenas 4,53%.

Resultados preliminares do Censo Demográfico de 1980, da Fundação IBGE, indicam para o Estado uma população recenseada de 3.687.659 habitantes, dos quais 1.516.338 pessoas estão no meio rural, representando 41,12%, demonstrando que Santa Catarina, ainda é um Estado com profundas raízes na agricultura, apesar do crescimento da participação relativa dos outros setores (secundário e terciário) e da população urbana.

Quanto ao comportamento do pessoal por estrato de área no Estado (tabela 17), constata-se que nos estratos de 1.000 a mais hectares, encontram-se 4,8 pessoas ocupadas para cada 1.000 hectares, enquanto no estrato de área inferior a 5 hectares, há 929,5 pessoas ocupadas para cada 1.000 hectares, evidenciando-se que os estratos de áreas menores são mais absorvedores de mão-de-obra. Entretanto, uma menor absorção de mão-de-obra nos estratos de área maior, não implica necessariamente a utilização mais intensiva de capital.

Associando-se a ocupação de mão-de-obra e a utilização de tratores e insumos, segundo as classes de áreas, verifica-se porque, no caso de Santa Catarina, as pequenas propriedades são as que apresentam os maiores rendimentos por hectare e o maior volume de produção (80% da produção provém dos imóveis com menos de 50 hectares).

Tabela 15

TAXA ANUAL DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO TOTAL,
URBANA E RURAL DE SANTA CATARINA, PERÍODO DE
1970 A 1980

MESORREGIÃO	POPULAÇÃO		
	Total	Urbana	Rural
1	2,45	7,10	0,50
2	0,88	3,77	- 2,19
3	1,38	3,21	- 0,32
4	1,32	4,81	- 1,13
5	4,15	6,34	- 2,50
6	- 0,30	4,34	- 1,91
7	3,10	5,86	- 1,68
8	2,57	6,36	- 0,97
SC	2,40	5,54	- 0,75

Fonte: FIBGE - Censos Demográficos de 1970 e 1980

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 16

ESTRUTURA DA POPULAÇÃO CATARINENSE POR SEXO E IDADE, 1970

MESOR- REGIÃO	I D A D E (*)					
	0 a 14		15 a 59		60 e mais	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
1	175.830	170.664	182.958	176.549	12.465	11.610
2	78.996	137.299	82.843	82.069	6.353	5.665
3	77.807	76.118	81.390	82.532	6.456	7.121
4	37.670	36.817	40.782	41.782	4.133	4.346
5	57.495	55.627	68.674	71.087	6.707	8.177
6	17.606	17.015	18.684	17.671	1.873	1.924
7	171.988	165.838	206.549	206.270	21.798	22.203
8	44.818	44.208	52.118	50.639	5.525	4.905

(*) Excluída a população de idade ignorada (2.854 pessoas)

Fonte: Censo Demográfico de Santa Catarina - 1970

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 17

PESSOAL OCUPADO SEGUNDO AS CLASSES DE ÁREA - SANTA CATARINA, 1970

GRUPOS DE ÁREA TOTAL (ha)	PESSOAL OCUPADO POR SEXO			PESSOAL OCUPADO POR HECTARE		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Menos de 5	88.917	52.031	36.886	0,9299	0,5409	0,3890
5 a 10	108.839	63.582	45.257	0,4456	0,2603	0,1852
10 a 20	201.921	117.482	84.439	0,20561	0,1490	0,1071
20 a 50	251.853	149.197	102.656	0,1373	0,0813	0,0560
50 a 100	67.811	42.460	25.351	0,0687	0,0430	0,0257
100 a 200	21.741	14.716	7.025	0,0327	0,0221	0,0106
200 a 500	12.581	9.505	3.076	0,0156	0,0118	0,0038
500 a 1000	4.836	3.867	969	0,0082	0,0065	0,0017
1000 a mais	4.854	4.213	641	0,0048	0,0042	0,0006
Total	763.353	457.053	306.300	1,1085	0,0650	0,0435

Fonte: dados brutos: FIBGE (Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1970)

dados trabalhados: SAA/CEPA-SC (Estudos Básicos, v. 3, 1978)

Elaboração: SAA/CEPA-SC

7. CRÉDITO AGRÍCOLA

Para a análise do crédito agrícola calculou-se o montante a preços de 1979, procurando-se eliminar os efeitos inflacionários, utilizando os deflatores da Fundação Getúlio Vargas (coluna 2, Índice Geral de Preços, (da Conjuntura Econômica)).

O montante de crédito rural aplicado em Santa Catarina no período 1973-79 teve um crescimento médio anual de 23,51% (tabela 19). Esse crescimento deveu-se, principalmente, a uma maior aplicação de recursos em custeio e comercialização, atingindo esses dois itens taxa anual de crescimento de 30,35%. Quanto aos recursos destinados para investimento, que em 1975 representavam 48,78% do total do crédito, tiveram participação decrescente nos anos subsequentes, passando a corresponder em 1979, a 25,88% do montante de crédito agrícola.

No valor aplicado, os maiores crescimentos verificaram-se nos contratos para comercialização da pecuária e custeio agrícola, com 2.558,40% e 401,08%, respectivamente, no período 1973-79.

Do total de crédito rural aplicado nos últimos anos (1973-79), cerca de 30% destinaram-se ao custeio de lavouras, e deste, as culturas de soja, milho e fumo receberam juntos acima de 60% do total.

Os dados da tabela 20, evidenciam um crescimento anual de 6,46% no valor médio dos contratos no período 1973-79. Crescimento maior ainda tem-se observado no valor médio dos contratos de pecuária que cresceram 10,45% ao ano.

Dentre as modalidades de crédito, o maior crescimento do valor médio dos contratos ocorreu nos financiamentos para comercialização da pecuária, custeio agrícola e comercialização agrícola, crescendo 338%, 82% e 67%, respectivamente, no período considerado, e possivelmente estariam puxando para cima o valor médio dos contratos.

Em relação ao número de contratos de crédito rural observa-se um crescimento de 16,02% ao ano (1973-79), passando de 72.273 em 1973 para 176.289 em 1979, (tabela 19). Esse crescimento não implica necessariamente um aumento do número de agri-

cultores "beneficiados" em igual proporção, haja vista que ao longo do processo produtivo um único produtor pode contrair vários financiamentos.

Ainda com relação ao número total de contratos efetivados, nota-se um crescimento maior nos contratos de lavouras, passando de 69% para 76%, respectivamente nos anos de 1973 e 1978, embora a participação do sub-setor lavoura no total do crédito tenha permanecido estável.

Quanto ao total de crédito orientado movimentado pelo serviço estadual de extensão rural (tabela 21) no período de 1974 a 1979, nota-se uma relativa estabilidade no montante aplicado, embora o número de contratos tenha aumentado significativamente (49% no período 1975-79), o que evidencia uma diminuição do valor médio dos contratos. O número de contratos de crédito orientado em 1975 representava 6% do total de contratos de crédito rural, passando a equivaler em 1979 a 9%.

No que concerne ao montante aplicado, observa-se um sensível decréscimo da participação do valor do crédito orientado, pois, em 1975 correspondia a 14% do total, baixando em 1979 para 7%, o que torna evidente a redução do valor médio dos contratos de crédito orientado, possivelmente por ter sido orientado um número maior de pequenos e médios agricultores.

Do cotejo dos dados da tabela 38 referentes ao Valor Bruto da Produção Agrícola (VBP) e da tabela 19 relativos ao Crédito Rural, observa-se:

No período 1974-79, o crédito rural aplicado teve um crescimento de 17,05% ao ano, enquanto o VBP apresentou taxa de crescimento real inferior a 2% ao ano. Esta "lenta resposta" da agricultura ao crédito agrícola estaria sendo causada, principalmente, pelos preços que se apresentaram desvantajosos em termos reais, na maioria dos produtos agrícolas no período considerado.

A relação Crédito Rural Aplicado/Valor Bruto da Produção Agrícola apresentou-se crescente no período. Enquanto em 1974 gastavam-se 21 centavos para obter 1 cruzeiro de VBP (0,21:1,00), em 1979 passou-se a dispendir 43 centavos para se obter o mesmo valor (0,43:1,00). Esta relação, ainda que apresente maior eficiência na utilização do crédito, quando comparada com o Brasil e região Sul, tende a ser cada vez menos favorável,

Tabela 18

CRÉDITO CONCEDIDO À AGROPECUÁRIA CATARINENSE POR ATIVIDADE, 1973-80

ANO	ATIVIDADE	CUSTEIO			INVESTIMENTO			COMERCIALIZAÇÃO			TOTAL	
		Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	
1973	Lavoura	32.671	161.073	15.393	176.735	1.716	114.768	49.780	452.576			
	Pecuária	6.172	77.543	14.526	132.673	1.795	11.015	22.493	221.231			
	Total	38.843	238.616	29.919	309.408	3.511	125.783	72.273	673.807			
1974	Lavoura	34.004	380.179	24.462	381.332	1.381	144.983	59.847	906.494			
	Pecuária	9.038	148.794	16.161	289.450	2.771	30.324	27.970	468.568			
	Total	43.042	528.973	40.623	670.782	4.152	175.307	87.817	1.375.062			
1975	Lavoura	99.821	695.691	30.961	714.617	3.541	522.701	134.323	1.933.009			
	Pecuária	18.607	406.717	19.106	456.107	6.784	193.953	44.497	1.056.777			
	Total	118.428	1.102.408	50.067	1.170.724	10.325	716.654	178.820	2.989.786			
1976	Lavoura	105.206	1.050.058	22.621	873.849	3.886	745.882	131.713	2.669.789			
	Pecuária	18.118	652.078	11.442	626.135	11.354	593.562	40.914	1.871.775			
	Total	123.324	1.702.136	34.063	1.499.984	15.240	1.339.444	172.627	4.541.564			
1977	Lavoura	86.038	1.557.987	20.858	985.102	3.558	1.134.001	110.454	3.667.090			
	Pecuária	13.437	808.447	10.962	554.267	8.238	715.021	32.637	2.077.735			
	Total	99.475	2.366.434	31.820	1.539.369	11.796	1.849.022	143.091	5.754.825			
1978	Lavoura	91.099	2.797.153	30.432	1.658.391	3.610	1.584.476	125.141	6.040.020			
	Pecuária	17.079	1.159.580	13.278	760.743	8.966	1.053.367	39.323	2.973.690			
	Total	108.178	3.956.733	43.710	2.419.134	12.576	2.637.843	164.464	9.013.710			
1979	Lavoura	89.837	5.711.954	33.837	2.564.492	3.236	2.563.106	126.910	10.839.552			
	Pecuária	20.474	2.202.906	18.013	1.816.093	10.892	2.072.357	49.379	6.091.356			
	Total	110.311	7.914.860	51.850	4.380.585	14.128	4.635.463	176.289	16.930.908			
1980 (*)	Lavoura	30.212	3.045.214	12.463	1.525.422	707	2.344.750	43.382	6.915.386			
	Pecuária	10.521	2.293.275	9.843	1.490.874	11.674	1.723.345	32.038	5.507.494			
	Total	40.733	5.338.489	22.306	3.016.296	12.381	4.068.095	75.420	12.422.880			

(*) Primeiro Semestre

Fonte: BACEN/DERUR (1973-79); B.B.; BESC; BASDESCS BRDE - (1980)
Dados Trabalhados MA/CEPA-SC

Tabela 19

CRÉDITO CONCEDIDO À AGROPECUÁRIA CATARINENSE POR ATIVIDADE, 1973-80

(Em Cr\$ 1.000,00 - A preços de 1979)

ANO	ATIVIDADE	CUSTEIO		INVESTIMENTO		COMERCIALIZAÇÃO		TOTAL	
		Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000
1973	Lavoura	32.671	1.139.936	15.393	1.250.778	1.716	812.229	49.780	3.202.944
	Pecuária	6.172	548.786	14.526	938.946	1.795	77.955	22.493	1.565.683
	Total	38.843	1.688.722	29.919	2.189.724	3.511	890.184	72.273	4.768.627
1974	Lavoura	34.004	2.090.044	24.462	2.096.383	1.381	797.048	59.847	4.983.474
	Pecuária	9.038	817.999	16.161	1.591.259	2.771	166.707	27.970	2.575.965
	Total	43-042	2.908.043	40.623	3.687.642	4.152	963.755	87.817	7.559.439
1975	Lavoura	99.821	2.994.795	30.961	3.076.268	3.541	2.250.112	134.323	8.321.175
	Pecuária	18.607	1.750.827	19.106	1.963.440	6.784	834.925	44.497	4.549.191
	Total	118.428	4.745.622	50.067	5.039.708	10.325	3.085.037	178.820	12.870.366
1976	Lavoura	105.206	3.199.445	22.621	2.662.550	3.886	2.272.645	131.713	8.134.640
	Pecuária	18.118	1.986.831	11.442	1.907.785	11.354	1.808.537	40.914	5.703.154
	Total	123.324	5.186.276	34.063	4.570.335	15.240	4.081.182	172.627	13.837.794
1977	Lavoura	86.038	3.326.189	20.858	2.103.121	3.558	2.421.010	110.454	7.850.320
	Pecuária	13.437	1.725.976	10.962	1.183.320	8.238	1.526.518	32.637	4.435.814
	Total	99.475	5.052.165	31.820	3.286.441	11.796	3.947.528	143.091	12.286.134
1978	Lavoura	91.099	4.306.625	30.432	2.553.335	3.610	2.439.532	125.141	9.299.492
	Pecuária	17.079	1.785.343	13.278	1.171.275	8.966	1.621.812	39.323	4.578.430
	Total	108.178	6.091.968	43.710	3.724.610	12.576	4.061.344	164.464	13.877.922
1979	Lavoura	89.837	5.711.954	33.837	2.564.492	3.236	2.563.106	126.910	10.839.552
	Pecuária	20.474	2.202.906	18.013	1.816.093	10.892	2.072.357	49.379	6.091.356
	Total	110.311	7.914.860	51.850	4.380.585	14.128	4.635.463	176.289	16.930.908
1980 (*)	Lavoura	30.212	1.899.341	12.463	951.426	707	1.462.452	43.382	4.313.220
	Pecuária	10.521	1.430.347	9.843	929.878	11.674	1.074.874	32.038	3.435.099
	Total	40.733	3.329.688	22.306	1.881.304	12.381	2.537.326	75.420	7.748.319

(*) Somente o primeiro semestre

Fonte: Dados Brutos: BACEN/DERUR (1973-79); BB, BESC, BRDE e BADESC (1980)
Dados Trabalhados: SAA/CEPA-SC

Tabela 20

VALOR MÉDIO DOS CONTRATOS DE CRÉDITO RURAL, SANTA CATARINA,
1973 - 80

(Em Cr\$ 1.000,00 a preços de 1979)

ANO	Atividade	Custeio	Investimento	Comerciali- zação	TOTAL
1973	Lavoura	34,89	81,26	473,33	64,34
	Pecuária	88,92	64,64	43,43	69,61
	Total	43,48	73,19	253,54	65,98
1974	Lavoura	61,46	85,70	577,15	83,27
	Pecuária	90,51	98,46	60,16	92,10
	Total	67,56	90,71	224,89	86,08
1975	Lavoura	30,00	99,36	635,45	61,95
	Pecuária	94,10	102,77	123,07	102,24
	Total	40,07	100,66	298,79	71,97
1976	Lavoura	30,41	117,70	584,83	61,76
	Pecuária	109,66	166,74	159,29	139,39
	Total	42,05	134,17	267,79	80,16
1977	Lavoura	38,66	100,83	680,44	71,07
	Pecuária	128,45	107,95	185,30	135,91
	Total	50,79	103,28	334,65	85,62
1978	Lavoura	47,27	83,90	675,77	74,31
	Pecuária	104,53	88,21	180,88	116,43
	Total	56,31	85,21	322,94	84,38
1979	Lavoura	63,58	75,79	792,06	85,41
	Pecuária	107,60	100,82	190,26	126,36
	Total	71,75	84,49	328,25	96,04
1980 (*)	Lavoura	62,87	76,34	2.068,53	99,42
	Pecuária	135,95	94,47	92,07	107,22
	Total	81,74	184,34	204,94	102,74

(*) Primeiro Semestre

Fonte: Dados Brutos: BACEN/DERUR (1973-79); BB, BRDE, BESC e BADESC
(1980).

Dados Elaborados: SAA/CEPA-SC

(Contratos e Valores)

ANO	Nº CONTRATOS	VALOR (Cr\$ 1.000,00) correntes	VALOR (Cr\$ 1.000,00) a preços de 1979	VALOR MÉDIO (Cr\$ 1.000,00) a preços de 1979
1974		217.585	1.196.245	
1975	10.502	422.036	1.816.928	173
1976	13.503	426.383	1.299.354	96
1977	16.233	555.174	1.185.357	73
1978	14.241	676.844	1.042.116	73
1979	15.626	1.134.221	1.134.221	73

Fonte: EMATER-SC/ACARESC - Relatórios de Crédito Rural

Elaboração: CEPA/SC.

Tabela 22

CRÉDITO CONCEDIDO AO SETOR AGROPECUÁRIO CATARINENSE EM 1978

ATIVIDADE	CUSTEIO		INVESTIMENTO		COMERCIALIZAÇÃO		TOTAL	
	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000
1. Lavoura								
Culturas Anuais	86.549	2.350.688	-	-	1.717	1.143.301	88.266	3.493.989
Culturas Perenes	842	61.622	704	83.793	-	-	1.546	145.415
Outras Culturas	2.363	146.265	-	-	-	-	2.363	146.265
Beneficiamento	-	-	-	-	-	-	-	-
Melhoramento das Explor.	-	-	15.494	549.893	-	-	13.494	549.893
Máq., Equip. e Veículos	-	-	8.157	735.735	-	-	8.157	735.735
Outros	1.311	220.553	6.037	277.661	1.805	424.526	9.153	922.740
Sementes e Mudas	33	18.028	-	-	-	-	33	18.028
Fundiários	-	-	40	11.306	-	-	40	11.306
Repasses à Cooperadas	-	-	-	-	88	16.649	88	16.649
Sub-Total	91.099	2.797.153	30.432	1.658.291	3.610	1.584.476	125.141	6.040.020
2. Pecuária								
Aves	477	439.104	4	1.535	1.391	265.250	1.872	705.889
Bovinos	1.055	66.215	1.031	59.775	414	73.143	2.500	199.133
Suínos	14.845	606.146	592	41.620	6.027	630.742	21.464	1.278.508
Outros	702	48.115	281	6.902	1.134	84.232	2.117	139.249
Melhoramentos e Explor.	-	-	7.781	496.802	-	-	7.781	496.802
Máq., Equip. e Veículos	-	-	3.589	154.109	-	-	3.589	154.109
Sub-Total	17.079	1.159.580	13.278	760.743	8.966	1.053.365	39.323	2.973.688
TOTAL	108.178	3.956.733	43.710	2.419.134	12.576	2.637.841	164.464	9.013.708

Fonte: Dados Brutos: BACEN/DERUR
 Dados Trabalhados: SAA/CEPA-SC

CRÉDITO CONCEDIDO AO SETOR AGROPECUÁRIO CATARINENSE EM 1979

ATIVIDADE	CUSTEIO		INVESTIMENTO		COMERCIALIZAÇÃO		TOTAL	
	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000
1 - Lavoura								
Culturas Anuais	83.346	4.902.759	-	-	1.457	1.846.878	84.803	6.749.637
Culturas Perenes	1.094	157.755	706	81.089	-	-	1.800	238.844
Outras Culturas	3.257	384.726	-	-	-	-	3.257	384.726
Beneficiamento	-	-	-	-	-	-	-	-
Melhoramento das Explor.	-	-	15.189	816.254	-	-	15.189	816.254
Máq., Equip. e Veículos	-	-	12.298	1.331.944	-	-	12.298	1.332.944
Outros	2.089	234.764	5.644	335.205	1.779	716.228	9.512	1.286.197
Sementes e Mudas	51	31.950	-	-	-	-	51	31.950
- Sub-Total	89.837	5.711.954	33.837	2.564.492	3.236	2.563.106	126.910	10.839.552
2 - Pecuária								
Áves	675	725.348	34	10.226	1.832	411.003	2.541	1.146.577
Bovinos	1.026	183.355	1.476	151.264	506	166.116	3.008	500.735
Suínos	18.195	1.209.425	1.093	106.519	7.433	1.105.155	26.721	2.421.099
Outros	578	84.788	837	26.343	1.121	390.083	2.536	501.204
Melhoramentos das Explor.			10.211	1.193.926			10.211	1.193.926
Máq., Equip. e Veículos			4.362	327.815			4.362	327.815
- Sub-Total	20.474	2.202.906	18.013	1.816.093	10.892	2.072.357	49.379	6.091.356
Total (1+2)	110.311	7.914.860	51.850	4.380.585	14.128	4.635.463	176.289	16.930.908

Fonte: Dados Brutos: BACEN/DERUR
 Dados Elaborados: SAA/CEPA-SC

Tabela 24

CRÉDITO CONCEDIDO AO SETOR AGROPECUÁRIO CATARINENSE EM 1980 (*)

ATIVIDADE	CUSTEIO		INVESTIMENTO		COMERCIALIZAÇÃO		TOTAL	
	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000
1. Lavoura								
Culturas Anuais	26.005	2.313.683	3	44.655	631	2.153.750	26.639	4.512.088
Culturas Perenes	418	73.066	1	268	-	-	419	73.334
Outras Culturas	2.829	435.712	-	-	-	-	2.829	435.712
Beneficiamento	-	-	-	-	6	6.248	6.059	593.342
Melhoramento das Explor.	-	-	6.059	593.342	-	-	-	-
Mãq., Equip. e Veículos	-	-	3.852	615.870	-	-	3.852	615.870
Outros	958	217.353	2.546	98.681	70	184.752	3.574	500.786
Sementes e Mudás	2	5.400	-	-	-	-	2	5.400
Sub-Total	30.212	3.045.214	12.463	1.525.422	707	2.344.750	43.382	6.915.386
2. Pecuária.								
Aves	721	996.350	67	133.019	559	190.143	1.347	1.319.512
Bovinos	419	69.976	670	101.837	48	29.235	1.137	201.048
Suínos	-	-	541	110.723	1.657	426.265	2.198	536.988
Outros	9.381	1.226.949	715	55.269	9.410	1.077.702	19.506	2.359.920
Melhoramento das Explor.	-	-	6.870	960.512	-	-	6.870	960.512
Mãq., Equip. e Veículos	-	-	980	129.514	-	-	980	129.514
Sub-Total	10.521	2.293.275	9.843	1.490.874	11.674	1.723.345	32.038	5.507.494
TOTAL	40.733	5.338.489	22.306	3.016.296	12.381	4.068.095	75.420	12.422.880

(*) Somente o primeiro semestre

Fonte: Dados Brutos: BB, BESC, BRDE, BADESC

Dados Trabalhados: SAA/CEPA-SC

Tabela 25

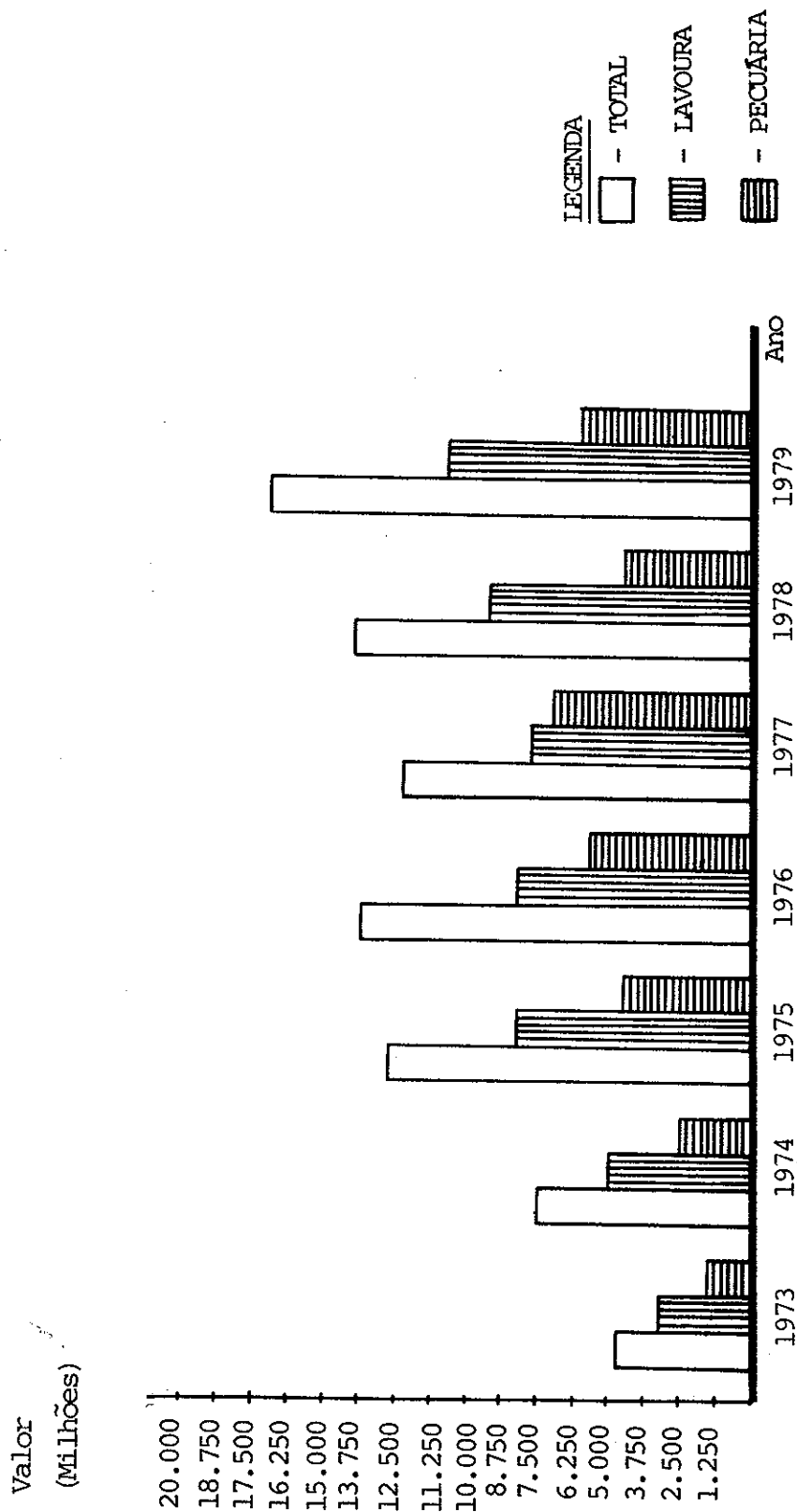
PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DO CRÉDITO CONCEDIDO À AGROPECUÁRIA CATARINENSE, 1973-80
(Contrato e Valor por Atividade)

ANO	ATIVIDADE	CONTRATO			VALOR				
		Custeio	Investimento	Comercializ.	Total	Custeio	Investimento	Comercializ.	Total
1973	Lavoura	45,20	21,30	2,38	68,88	23,90	26,23	17,04	67,17
	Pecuária	8,54	20,10	2,48	31,12	11,51	19,69	1,63	32,83
	Total	53,74	41,40	4,86	100,00	35,41	45,92	18,67	100,00
1974	Lavoura	38,72	27,86	1,57	68,15	27,65	27,73	10,54	65,92
	Pecuária	10,29	18,40	3,16	31,85	10,82	21,05	2,21	34,08
	Total	49,01	46,26	4,73	100,00	38,47	48,78	12,75	100,00
1975	Lavoura	55,82	17,32	1,98	75,12	23,27	23,90	17,48	64,65
	Pecuária	10,41	10,68	3,79	24,88	13,60	15,26	6,49	35,35
	Total	66,23	28,00	5,77	100,00	36,87	39,16	23,97	100,00
1976	Lavoura	60,94	13,10	2,25	76,30	23,12	19,24	16,42	58,79
	Pecuária	10,50	6,63	6,58	23,70	14,36	13,79	13,07	41,21
	Total	71,44	19,73	8,83	100,00	37,48	33,03	29,49	100,00
1977	Lavoura	60,13	14,58	2,49	77,19	27,07	17,12	19,71	63,90
	Pecuária	9,39	7,66	5,76	22,81	14,05	9,63	12,42	36,10
	Total	69,52	22,24	8,24	100,00	41,12	26,75	32,13	100,00
1978	Lavoura	55,39	18,50	2,20	76,09	31,03	18,40	17,58	67,01
	Pecuária	10,39	8,07	5,45	23,91	12,86	8,44	11,69	32,99
	Total	65,78	26,57	7,65	100,00	43,90	26,84	29,26	100,00
1979	Lavoura	50,96	19,19	1,84	71,99	33,74	15,15	15,14	64,02
	Pecuária	11,61	10,22	6,18	28,01	13,01	10,73	12,24	35,98
	Total	62,57	29,14	8,01	100,00	46,75	25,87	27,38	100,00
1980 (*)	Lavoura	40,06	16,52	0,94	57,52	24,51	12,28	18,87	55,67
	Pecuária	13,95	13,05	15,48	42,48	18,46	12,00	13,87	44,33
	Total	54,01	29,58	16,42	100,00	42,97	24,28	32,75	100,00

(*) Primeiro Semestre

Fonte: Dados Brutos: BACEN/DERUR (1973-79); BB, BESC, BADESC e BRDE (1980)
Dados Trabalhados: SAA/CEPA-SC

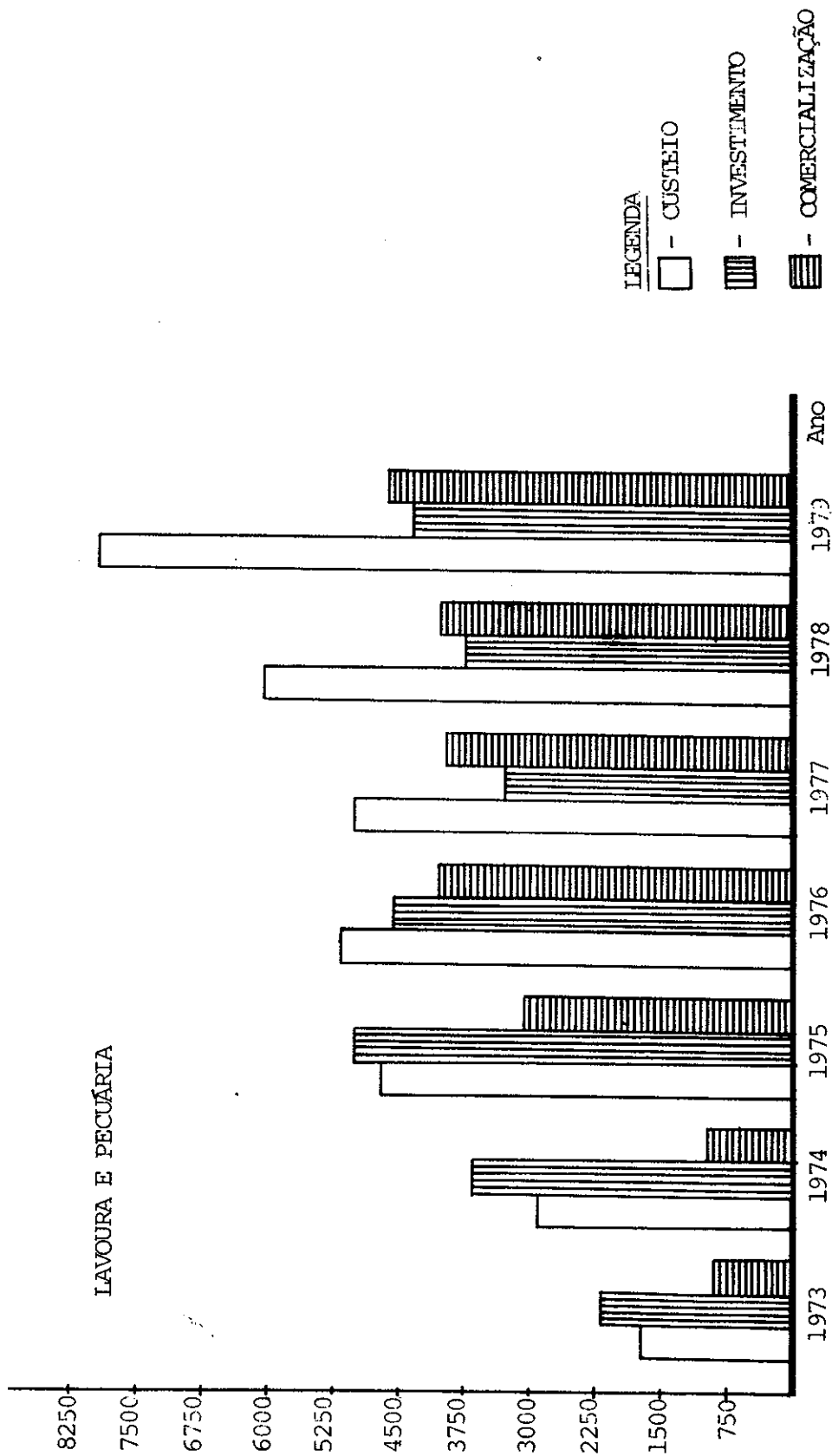
VALOR DOS CONTRATOS CONCEDIDOS A PRODUTORES E
COOPERATIVAS DE SANTA CATARINA, 1973-79



Fonte: dados brutos: BACEN/DERUR
Elaboração: SAA/CEPA-SC

VALOR DOS CONTRATOS CONCEDIDOS A PRODUTORES E
COOPERATIVAS DE SANTA CATARINA, 1973-79

Valor
(Milhões)

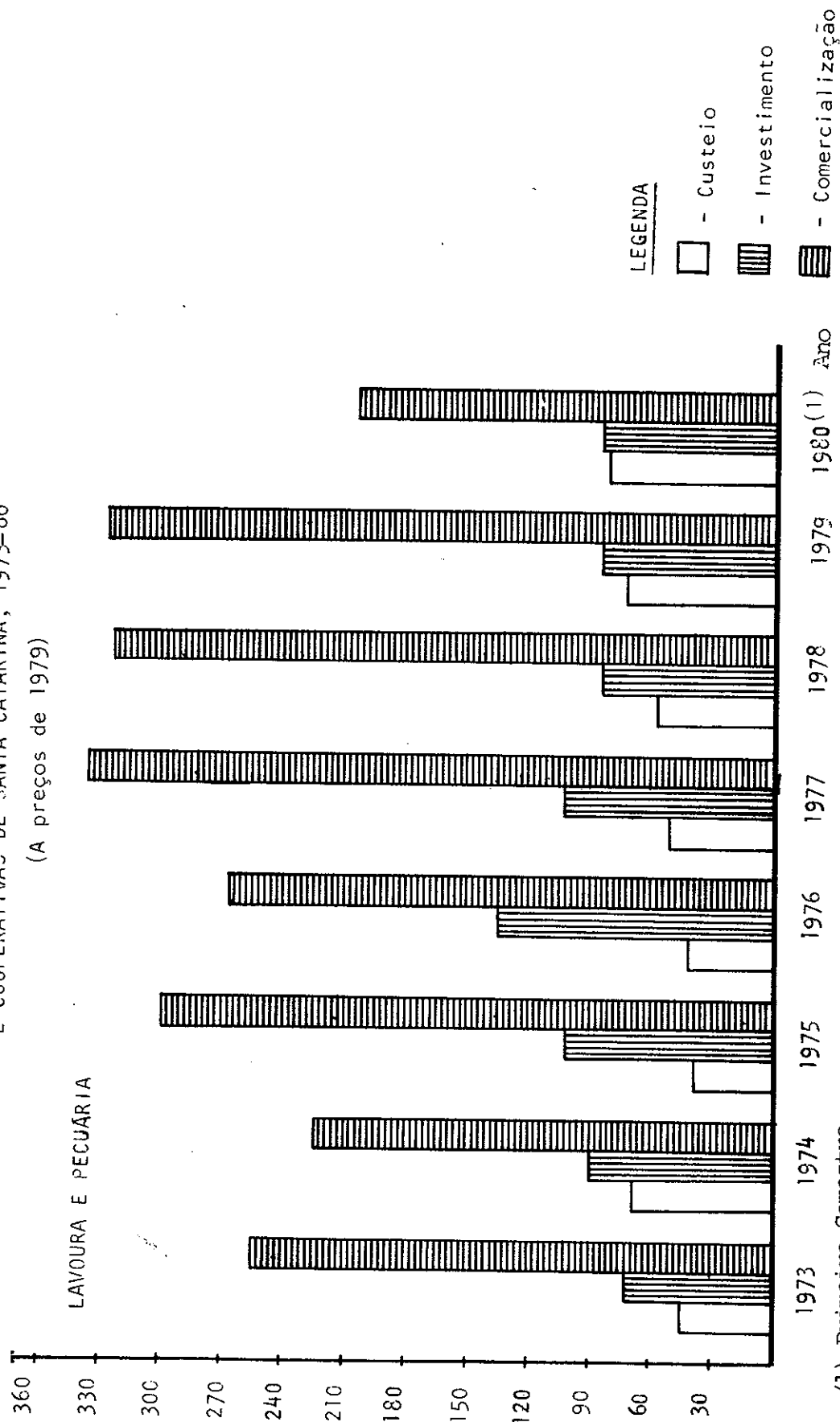


Fonte: dados brutos: BACEN/DERUR
Elaboração: SAA/CEPA-SC

VALOR MÉDIO DOS CONTRATOS CONCEDIDOS A PRODUTORES
E COOPERATIVAS DE SANTA CATARINA, 1973-80
(A preços de 1979)

LAVOURA E PECUÁRIA

Valor Médio
(Cr\$ 1.000,00)



LEGENDA

□ - Custeio

▨ - Investimento

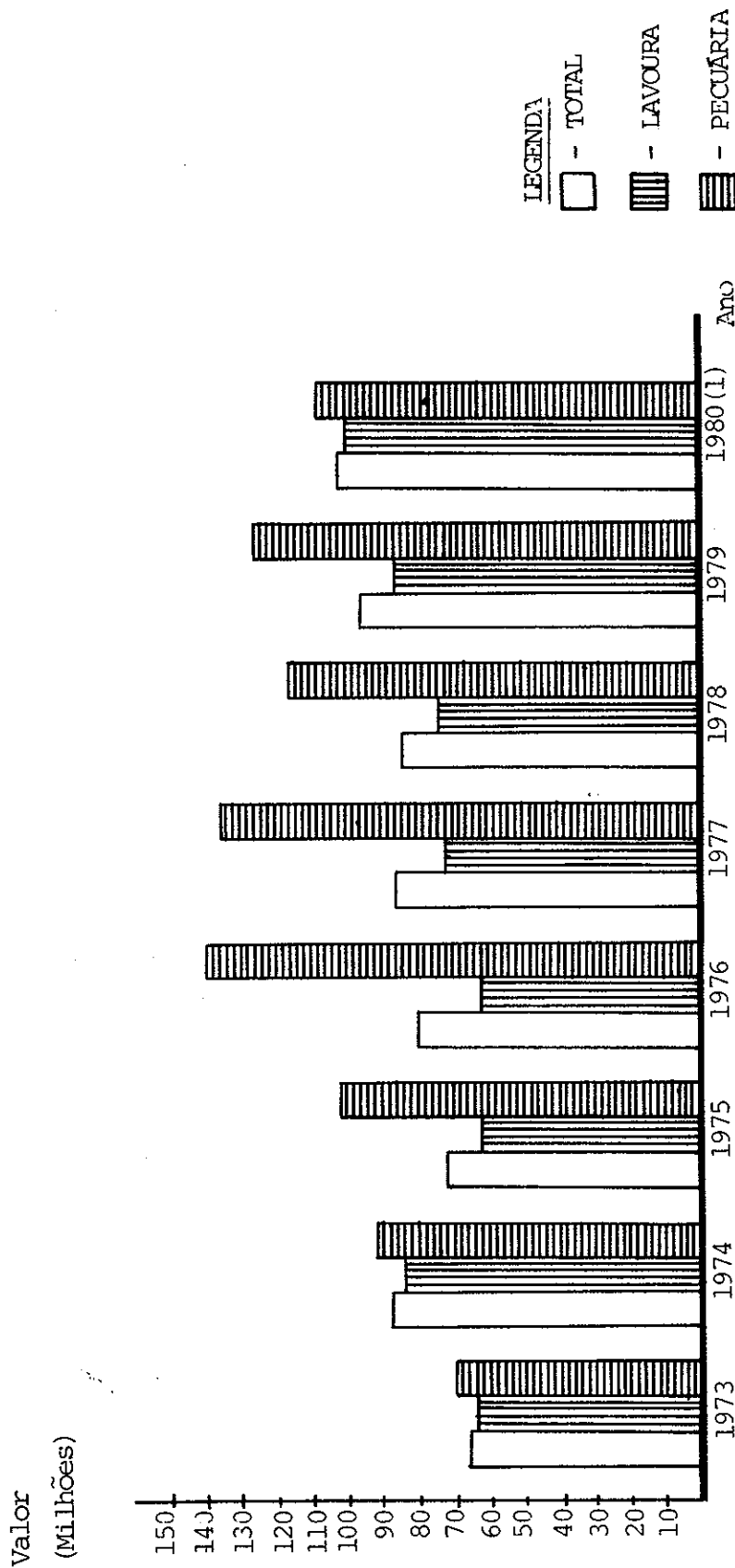
▤ - Comercialização

(1) Primeiro Semestre

Fonte: dados brutos: BACEN/DERUR (1973-79); BB, BESC, BRDE, BADESC (1980)

Elaboração: SAA/CEPA-SC

VALOR MÉDIO DOS CONTRATOS CONCEDIDOS À PRODUTORES
E COOPERATIVAS SANTA CATARINA, 1973-80
(A PREÇOS DE 1979)



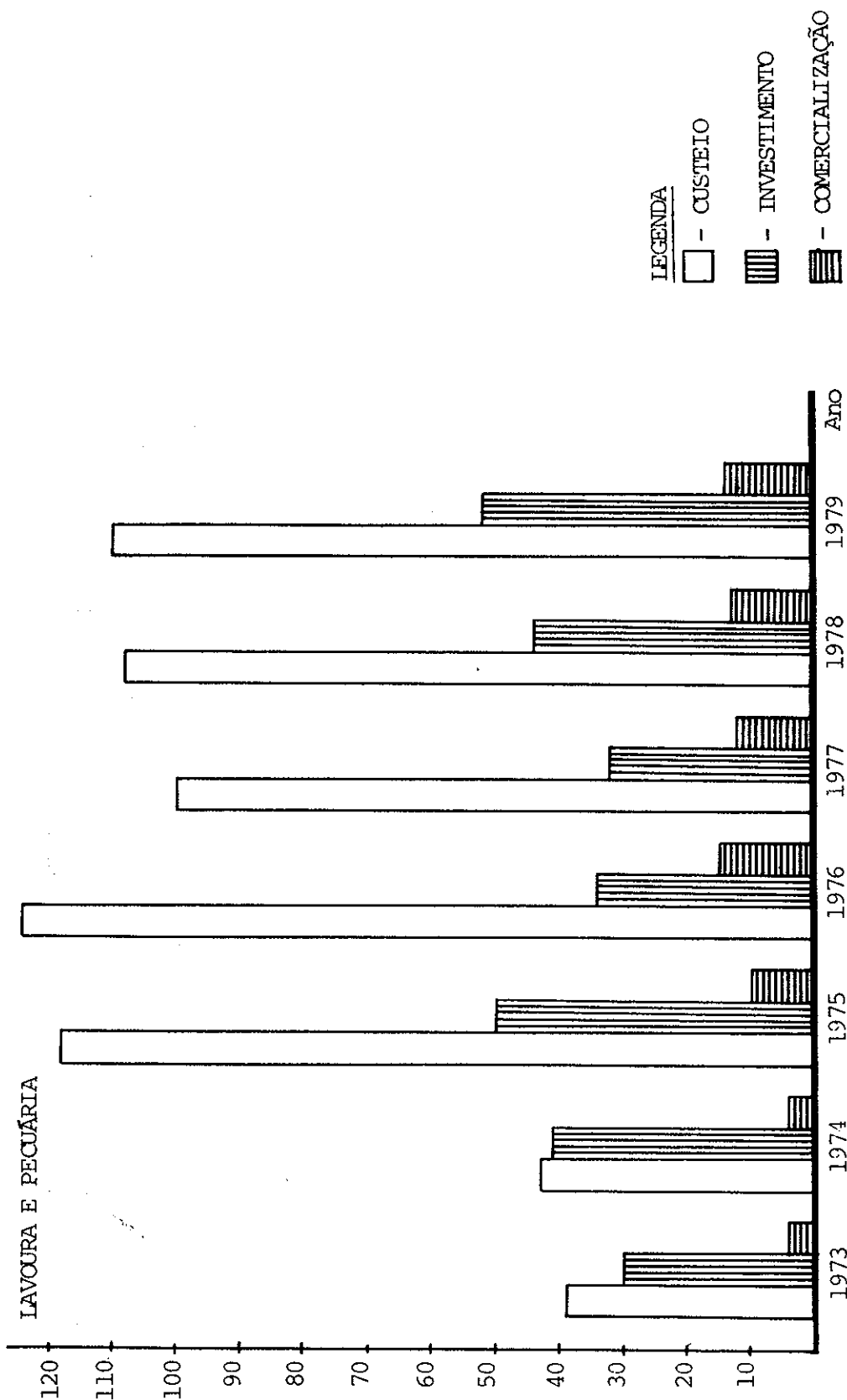
(1) Primeiro Semestre
Fonte: dados brutos: BACEN/DERUR (1973-79); BB, BESC, BRDE, BADESC (1980)
Elaboração: SAA/CEPA-SC

Nº DE CONTRATOS CONCEDIDOS A PRODUTORES E
COOPERATIVAS DE SANTA CATARINA, 1973-79

Nº de Contratos

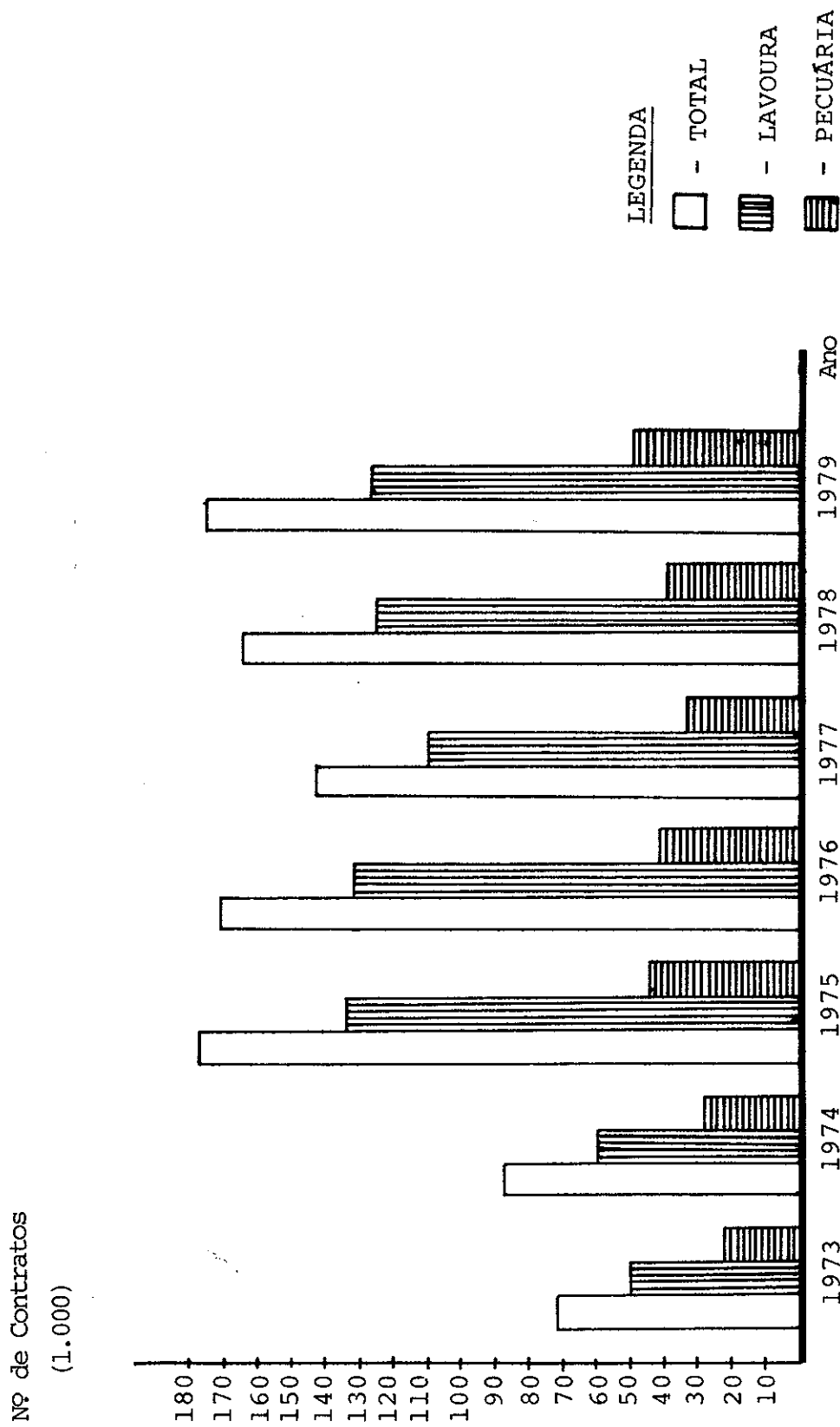
(1.000)

LAVOURA E PECUÁRIA



Fonte: dados brutos: BACEN/DERUR
Elaboração: SAA/CEPA-SC

Nº DE CONTRATOS CONCEDIDOS A PRODUTORES E
COOPERATIVAS DE SANTA CATARINA, 1973-79



Fonte: dados brutos: BACEN/DERUR
Elaboração: SAA/CEPA-SC

8. ARMAZENAMENTO

Segundo a CIBRAZEM, Santa Catarina possuía em 1975 uma capacidade de estocagem a meio ambiente de 1.024.973 toneladas, da qual 60,79% eram constituídas de armazéns do tipo sacaria e os restantes 39,21% do tipo granel.

Em 1979, o Estado teve sua capacidade de estocagem ampliada para 1.592.029 toneladas, destacando-se os armazéns do tipo granel, participando em 51,78%, apresentando uma taxa anual de crescimento no período 1975-79 de 19,67%.

Para 1980, situação até agosto, as previsões indicavam a existência de 1.640.454 toneladas para estocagem a meio ambiente (tabela 29).

A nível mesorregional (tabela 27), em 1979, a mesorregião 1, constituída pelas microrregiões Colonial do Rio do Peixe e Colonial do Oeste Catarinense, deteve 51,81% do total da capacidade de armazenagem a meio ambiente no Estado, com 824.872 toneladas, seguida pela mesorregião 7, constituída pelas microrregiões homogêneas Colonial de Joinville, Litoral de Itajaí, Colonial de Blumenau, Colonial de Itajaí Norte e Colonial do Alto Itajaí, com 357.336 toneladas, ou seja, 22,45%.

Cabe salientar, que esta participação deveu-se ao fato de a primeira ser a maior região produtora de cereais do Estado e a segunda por apresentar um expressivo parque de beneficiamento de cereais, bem como, dois importantes portos marítimos.

Quanto às unidades armazenadoras das cooperativas, cabe ressaltar que, via de regra, elas se constituem de armazéns convencionais, permitindo somente operações com produtos ensacados. Fazem exceção algumas cooperativas localizadas no Planalto de Curitiba, Vale do Itajaí e Oeste Catarinense.

Cabe frisar a existência no Estado de armazéns de pequeno porte, que deixam de ser cadastrado pela CIBRAZEM. São os chamados depósitos a nível de unidade produtora. Esses depósitos na sua totalidade apresentam uma capacidade estática total de 17.859.685 m³, cerca de 6.430 mil toneladas (tabela 30).

Uma considerável parcela de unidades armazenadoras do Estado não apresentam condições ideais à estocagem, principal -

mente as convencionais e os depósitos.

Entretanto, a situação tende a modificar-se, quando se analisa a capacidade estática a nível de região, constatando-se ter ocorrido alguma modernização no Oeste Catarinense, adequando-se à manipulação especialmente do produto a granel. No Litoral Catarinense ocorreram melhoramentos menos expressivos, haja vista já existir implantada, a mais tempo, rede de armazéns convencionais e depósitos que satisfazem razoavelmente as necessidades do momento.

Quanto ao número de armazéns existentes no Estado pode-se considerar suficiente para atender às necessidades. Entretanto ocorre ainda uma má distribuição, provocando capacidade ociosa em algumas unidades, enquanto outras não tem condições de atender a procura .

Quanto a capacidade dinâmica de armazenagem para cereais no Estado, em 1980, a nível de mesorregião (tabela 31), considerando somente os armazéns cadastrados pela CIBRAZEM (acima de 180 toneladas), constata-se haver déficit de armazenagem na mesorregião 8 (microrregião homogênea do Planalto de Canoinhas). As demais mesorregiões apresentam superávit de armazenagem.

Entretanto cabe fazer algumas ressalvas sobre as informações contidas na tabela citada:

Apesar de não ter sido detectado déficit de armazenagem na mesorregião 7 (microrregiões homogêneas Colonial de Joinville, Litoral de Itajaí, Colonial de Blumenau, Colonial de Itajaí Norte e Colonial do Alto Itajaí), sabe-se que parte substancial da capacidade de armazenagem é usada para o grão de soja, produção essa provinda de outras regiões do Estado e mesmo de outros estados. Nessa mesorregião deve haver déficit de armazenagem para o arroz, (considerado cultura de importância econômica para o sub-setor da região), haja vista que na colheita 1978/79, ocorreram problemas com a recepção do cereal, principalmente nos municípios de Massaranduba e Joinville em função da inexistência de armazéns apropriados.

Conforme levantamento a nível de campo, feito pela EMATER-SC/ACARESC, CIDASC e CEPA/SC em julho de 1980, ficou constatado que cerca de 76% da produção de milho ficam retidos na propriedade para consumo na forma de ração animal e alimentação

humana, evidenciando-se desta forma, o uso pelo agricultor daqueles armazéns existentes a nível de fazenda (não cadastrados pela CIBRAZEM).

No que tange a capacidade de armazenagem a frio, segundo o Serviço de Inspeção do Produto Animal - SERPA, órgão vinculado a Delegacia Federal da Agricultura-DFA, a capacidade do Estado é de 50.667 toneladas (tabela 32), sendo 40.526 toneladas (80%) destinadas à armazenagem de carne (de aves, suína e bovina), 8.957 toneladas (17,7%) para pescado; 1.171,3 toneladas (2,31%) para leite e seus derivados (queijo e manteiga) e 12 toneladas para frutas.

Segundo a CIBRAZEM, considerando somente as unidades armazenadoras com capacidade acima de 10 toneladas (abril de 1980), havia no Estado uma capacidade de 39.219 toneladas para armazenagem a frio.

Cabe destacar que o Estado ressen-te-se da falta de grandes armazéns estrategicamente localizados para a formação de estoques reguladores, por parte do Governo Federal, através da Comissão de Financiamento da Produção - CFP.

Tabela 27

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA MESORREGIÃO POR TIPO DE ARMAZENAGEM EM SANTA CATARINA - 1979

(8)

MESORREGIÃO	ENTIDADE	GRANEL				SACARIAS			TOTALS (GRANEL+SACARIA) (tonelada)
		Silo (tonelada)	Bateria (tonelada)	Graneleiro (tonelada)	total (tonelada)	Convencional (tonelada)	Depósito (tonelada)	total (tonelada)	
1	Oficial	100	100	-	20,34	40,62	7,95	37,73	28,61
	Cooperativa	67,88	-	66,31	66,94	65,34	34,80	58,07	62,18
	Particular	69,62	64,39	81,44	76,48	33,12	12,56	23,88	51,86
	Totais	70,46	67,65	69,49	69,66	42,70	15,62	32,65	51,81
	Uso Público	78,45	100	45,5	58,95	55,08	36,17	51,03	54,82
	Uso Privado	66,1	57,31	84,64	74,71	31,79	9,94	21,63	50,22
	Totais	70,46	67,65	69,49	69,66	42,70	15,62	32,65	51,81
	Oficial	-	-	-	-	11,07	39,74	13,60	6,47
	Cooperativa	22,39	-	11,83	16,08	6,31	12,88	7,87	11,68
	Particular	1,87	-	8,19	5,62	1,63	0,65	1,19	3,55
Totais	6,65	-	7,86	6,97	4,1	3,22	3,77	5,43	
2	Uso Público	15,02	-	6,36	8,92	6,65	12,33	7,86	8,37
	Uso Privado	2,08	-	8,54	6,04	1,86	0,7	1,32	3,86
	Totais	6,63	-	7,86	6,97	4,1	3,22	3,77	5,43
	Oficial	-	-	-	-	4,33	-	3,95	1,88
	Cooperativa	-	-	-	-	10	21,53	12,75	6,83
	Particular	6,34	-	-	1,89	23,95	13,29	19,16	9,97
	Totais	4,58	-	-	1,38	17,69	14,17	16,39	8,62
	Uso Público	-	-	-	-	10,08	14,09	10,94	5,70
	Uso Privado	7,07	-	-	2,04	24,40	14,20	19,66	10,17
	Totais	4,58	-	-	1,38	17,69	14,17	16,39	8,62
3	Oficial	-	-	-	-	-	26,48	2,34	1,11
	Cooperativa	-	-	-	-	1,63	-	1,24	0,66
	Particular	1,32	-	-	0,39	9,01	25,76	16,54	7,95
	Totais	0,95	-	-	0,29	5,87	22,12	11,90	5,89
	Uso Público	-	-	-	-	2,12	9,85	3,78	1,97
	Uso Privado	1,47	-	-	0,42	9,18	25,51	16,77	7,97
	Totais	0,95	-	-	0,29	5,87	22,12	11,90	5,89
	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-
	Cooperativa	-	-	-	-	0,67	8,67	2,58	1,38
	Particular	-	0,87	-	0,07	-	5,00	2,25	1,09
Totais	-	0,79	-	0,05	0,18	5,41	2,12	1,05	
4	Uso Público	-	-	-	-	0,38	5,68	1,52	0,79
	Uso Privado	-	1,05	-	0,38	-	5,34	2,48	1,19
	Totais	-	0,79	-	0,05	0,18	5,41	2,12	1,05
	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-
	Cooperativa	-	-	-	-	-	-	-	-
	Particular	-	3,95	-	0,33	6,38	3,98	5,30	2,66
	Totais	-	3,59	-	0,24	3,85	3,33	3,66	1,89
	Uso Público	-	-	-	-	-	-	-	-
	Uso Privado	-	4,73	-	0,35	7,24	4,25	5,85	2,89
	Totais	-	3,59	-	0,24	3,85	3,33	3,66	1,89
5	Oficial	-	-	100	79,66	43,98	25,83	42,38	61,92
	Cooperativa	9,73	-	-	3,91	7,95	10,48	8,55	6,40
	Particular	19,29	29,50	9,89	14,33	25,80	36,32	30,53	21,91
	Totais	16,23	26,80	18,62	18,45	23,38	32,44	26,74	22,45
	Uso Público	6,53	-	36,83	24,88	21,07	14,26	19,61	22,13
	Uso Privado	21,52	35,36	10,31	15,41	25,41	37,46	31,01	22,61
	Totais	16,23	26,80	18,62	18,45	23,38	32,44	26,74	22,45
	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-
	Cooperativa	-	-	21,85	13,06	8,11	11,64	8,95	10,86
	Particular	1,57	1,29	0,49	0,88	0,1	2,44	1,15	1,01
Totais	1,14	21,17	4,03	2,96	2,23	3,69	2,77	2,87	
6	Uso Público	-	-	11,75	7,25	4,62	7,62	5,27	6,21
	Uso Privado	1,75	1,54	0,51	0,94	0,12	2,61	1,28	1,10
	Totais	1,14	1,17	4,03	2,96	2,23	3,69	2,77	2,87
	Oficial	100	100	100	100	100	100	100	100
	Cooperativa	100	100	100	100	100	100	100	100
	Particular	100	100	100	100	100	100	100	100
	Totais	100	100	100	100	100	100	100	100
	Uso Público	100	100	100	100	100	100	100	100
	Uso Privado	100	100	100	100	100	100	100	100
	Totais	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: dados brutos: CIBRAZEM
dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

Tabela 28

PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL POR TIPO DE ARMAZENAGEM NAS MESORREGIÕES DE SANTA CATARINA - 1979

(%)

MESORREGIÃO	ENTIDADE	GRANEL				SACARIAS			TOTAIS (GRANEL+SACARIA) (tonelada)
		Silo (tonelada)	Bateria (tonelada)	Graneleiro (tonelada)	total (tonelada)	Convencional (tonelada)	Depósito (tonelada)	total (tonelada)	
1	Oficial	24,95	12,30	-	37,25	61,58	1,17	62,75	100
	Cooperativa	20,36	-	29,57	49,93	42,92	7,15	50,07	100
	Particular	21,33	5,52	51,61	78,46	16,45	5,1	21,54	100
	Totais	21,28	4,54	43,79	69,61	25,00	5,39	30,39	100
	Uso Público	22,78	4,43	24,25	51,46	41,18	7,37	48,54	100
	Uso Privado	20,41	4,61	55,11	80,13	15,63	4,24	19,87	100
	Totais	21,28	4,54	43,79	69,61	25,00	5,39	30,39	100
	Oficial	-	-	-	-	74,19	25,81	100	100
	Cooperativa	35,77	-	28,09	63,86	22,06	14,09	36,14	100
	Particular	8,37	-	75,89	84,26	11,86	3,88	15,74	100
Totais	19,17	-	47,30	66,47	22,92	10,60	33,53	100	
2	Oficial	-	-	-	-	100	-	100	100
	Cooperativa	-	-	-	-	59,77	40,23	100	100
	Particular	10,10	-	-	10,10	61,86	28,04	89,90	100
	Totais	8,31	-	-	8,31	62,28	29,41	91,69	100
	Uso Público	-	-	-	-	72,42	27,58	100	100
	Uso Privado	10,78	-	-	10,78	59,26	29,95	89,22	100
	Totais	8,31	-	-	8,31	62,28	29,41	91,69	100
	Oficial	-	-	-	-	-	100	100	100
	Cooperativa	-	-	-	-	100	-	100	100
	Particular	2,63	-	-	2,63	29,18	68,19	97,37	100
Totais	2,53	-	-	2,53	30,27	67,2	97,47	100	
3	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-
	Cooperativa	-	-	-	-	19,80	80,20	100	100
	Particular	-	3,56	-	3,56	-	96,44	96,44	100
	Totais	-	2,63	-	2,63	5,17	92,20	97,37	100
	Uso Público	-	-	-	-	19,80	80,20	100	100
	Uso Privado	-	3,56	-	3,56	-	96,44	96,44	100
	Totais	-	2,63	-	2,63	5,17	92,20	97,37	100
	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-
	Cooperativa	-	-	-	-	-	-	-	-
	Particular	-	6,61	-	6,61	61,88	31,53	93,39	100
Totais	-	6,61	-	6,61	61,68	31,53	93,39	100	
4	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-
	Cooperativa	-	-	-	-	-	-	-	-
	Particular	-	6,61	-	6,61	61,88	31,53	93,39	100
	Totais	-	6,61	-	6,61	61,68	31,53	93,39	100
	Uso Público	-	-	-	-	-	-	-	-
	Uso Privado	-	6,61	-	6,61	61,68	31,53	93,39	100
	Totais	-	6,61	-	6,61	61,68	31,53	93,39	100
	Oficial	-	-	67,43	67,43	30,82	1,75	32,57	100
	Cooperativa	28,37	-	-	28,37	50,72	20,92	71,63	100
	Particular	13,98	5,98	14,83	34,79	30,32	34,88	65,21	100
Totais	11,32	4,15	27,09	42,56	31,60	25,84	57,44	100	
5	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-
	Cooperativa	-	-	-	-	-	-	-	-
	Particular	-	6,61	-	6,61	61,88	31,53	93,39	100
	Totais	-	6,61	-	6,61	61,68	31,53	93,39	100
	Uso Público	-	-	-	-	-	-	-	-
	Uso Privado	-	6,61	-	6,61	61,68	31,53	93,39	100
	Totais	-	6,61	-	6,61	61,68	31,53	93,39	100
	Oficial	-	-	67,43	67,43	30,82	1,75	32,57	100
	Cooperativa	28,37	-	-	28,37	50,72	20,92	71,63	100
	Particular	13,98	5,98	14,83	34,79	30,32	34,88	65,21	100
Totais	11,32	4,15	27,09	42,56	31,60	25,84	57,44	100	
6	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-
	Cooperativa	-	-	55,81	55,81	30,50	13,69	44,19	100
	Particular	24,80	5,68	15,85	46,33	2,63	51,04	53,67	100
	Totais	6,19	1,42	45,84	53,44	23,55	23,01	46,56	100
	Uso Público	-	-	55,82	55,82	30,50	13,69	44,19	100
	Uso Privado	24,80	5,68	15,85	46,33	2,63	51,04	53,67	100
	Totais	6,19	1,42	45,84	53,44	23,55	23,01	46,56	100
	Oficial	7,14	3,52	41,75	52,41	43,38	4,2	47,59	100
	Cooperativa	18,66	-	27,73	46,38	42,18	13,19	53,62	100
	Particular	15,89	4,44	32,87	53,20	27,75	21,05	46,80	100
Totais	15,65	3,48	32,65	51,78	30,34	17,88	48,22	100	
7	Uso Público	15,92	2,43	29,51	47,85	40,98	11,16	52,15	100
	Uso Privado	15,51	4,04	34,32	53,86	24,69	21,46	46,14	100
	Totais	15,65	3,48	32,65	51,78	30,34	17,26	48,22	100
	Totais	15,65	3,48	32,65	51,78	30,34	17,26	48,22	100

Fonte: dados brutos: CIBRAZEM
dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

Tabela 29 /
EVOLUÇÃO DA CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM EM SANTA CATARINA, 1975-80

(em toneladas)

ANO	TIPO DE ARMAZENAGEM		ADMINISTRAÇÃO				TIPO DE USO									
	Granel	%	Sacaria	%	Total	%	Oficial	%	Cooperativa	%	Particular	%	Público	%	Privado	%
1975	401.884	39,21	623.089	60,79	1.024.973	100	41.775	4,07	250.569	24,45	732.649	71,48	364.649	35,57	660.752	64,43
1976	409.246	38,50	653.724	61,50	1.062.974	100	48.773	4,59	253.010	23,80	761.191	71,61	347.431	32,68	715.543	67,32
1977	645.214	45,53	771.923	54,47	1.417.137	100	99.635	7,03	351.430	25,80	966.072	68,17	460.623	32,50	956.514	67,50
1978	755.291	50,84	730.392	49,16	1.485.683	100	123.385	8,30	361.068	24,30	1.001.230	67,40	602.970	40,58	882.713	59,42
1979	824.294	51,78	767.735	48,22	1.592.029	100	143.697	9,03	315.973	19,85	1.132.359	71,12	552.095	34,68	1.039.934	65,32
1980*	912.702	55,64	727.752	44,36	1.640.454	100	150.667	9,19	336.538	20,51	1.153.249	70,30	-	-	-	-

* Estimativa da CIBRAZEM até agosto

Fonte: dados brutos: CIBRAZEM

dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

Tabela 30

CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM A NÍVEL DE PRODUTOR POR
MICRORREGIÃO, SANTA CATARINA - 1975

MICRORREGIÃO	SILOS		OUTROS DEPÓSITOS	
	Número	Capacidade em m ³	Número	Capacidade em m ³
Colonial de Joinville	93	10.647	4.214	358.989
Litoral de Itajaí	3	675	17	2.084
Colonial de Blumenau	530	34.176	13.527	1.063.013
Colonial do Itajaí Norte	3	430	4.126	570.182
Colonial do Alto Itajaí	172	16.828	14.378	2.135.469
Florianópolis	86	32.697	1.028	100.241
Colonial Serrana Catarinense	195	14.687	6.729	477.019
Litoral de Laguna	38	1.274	741	34.674
Carbonífera	45	8.505	12.093	1.089.635
Litoral Sul Catarinense	10	3.436	4.391	360.611
Colonial do Sul Catarinense	4	415	5.611	588.671
Campos de Lages	34	2.426	3.064	394.302
Campos de Curitibanos	80	20.974	8.588	868.878
Colonial do Rio do Peixe	64	7.632	25.746	2.666.149
Colonial do Oeste Catarinense	262	33.028	51.915	5.230.558
Planalto de Canoinhas	105	10.386	15.942	1.964.210
Total em m ³	1.724	198.216	172.110	17.859.685
Total em tonelada	-	138.751	-	6.429.487

Observação: Estes armazéns por serem de pequena capacidade estática, não estão sujeitos ao cadastramento da CIBRAZEM.

Fonte: Fundação IBGE (Censos Econômicos - 1975)

Tabela 31

CAPACIDADE DINÂMICA DE ESTOCAGEM DE CEREAIS, SEGUNDO AS MESORREGIÕES DE SANTA CATARINA - 1979

MESOR- REGIÃO	PRODUÇÃO DE CEREIS EM TONELADAS-SAFRA 1979/80		PRODUÇÃO TOTAL DE CEREIS À COMERCIÁ- LIZAR	CAPACIDADE DE ESTOCAGEM (em t)				DÉFICIT OU SUPERÁVIT DE ESTOCA- GEM DE CE- REALS						
	Arroz	Feijão		Milho P/uso- sumo	Soja	Trigo	Dinâmica (*)							
						A granel	Estática Conven- cional	Total	A granel	Convencio- nal	Total			
1	71.621	44.561	1.813.588	511.525	575.187	12.390	1.215.284	574.175	250.697	824.872	1.435.438	426.185	1.861.623	646.339
2	5.061	23.131	90.595	76.554	78.352	3.891	186.989	57.422	28.962	86.384	143.555	49.235	192.790	5.801
3	79.641	9.949	73.906	25.430	79	-	115.099	11.400	125.819	137.219	28.500	213.392	242.392	127.293
4	42.844	3.621	11.596	3.990	637	45	51.137	2.370	91.359	93.729	5.925	155.310	161.235	110.098
5	6.690	608	3.779	1.300	-	-	8.598	440	16.273	16.713	1.100	27.664	28.764	20.165
6	2.190	2.057	21.298	7.328	4	-	11.579	1.986	28.080	30.066	4.965	47.736	52.701	41.122
7	197.623	12.580	149.385	51.401	2.801	23	264.428	152.072	205.264	357.336	380.180	348.948	729.128	-464.700
8	23.201	23.465	128.511	46.097	61.704	2.515	156.982	24.429	21.281	45.710	61.073	36.178	97.251	- 59.731
Total	428.871	119.972	2.292.658	723.625	718.764	18.864	2.010.096	824.294	767.735	1.592.029	2.060.736	1.305.148	3.365.884	1.355.788

(*) Considerou-se para determinar a capacidade dinâmica um índice de rotatividade para estocagem a granel de 2,5 e para estocagem convencional de 1,7.

Fonte: dados primários: CIBRAZEM e FIBGE
dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM A FRIO EM SANTA CATARINA - 1980

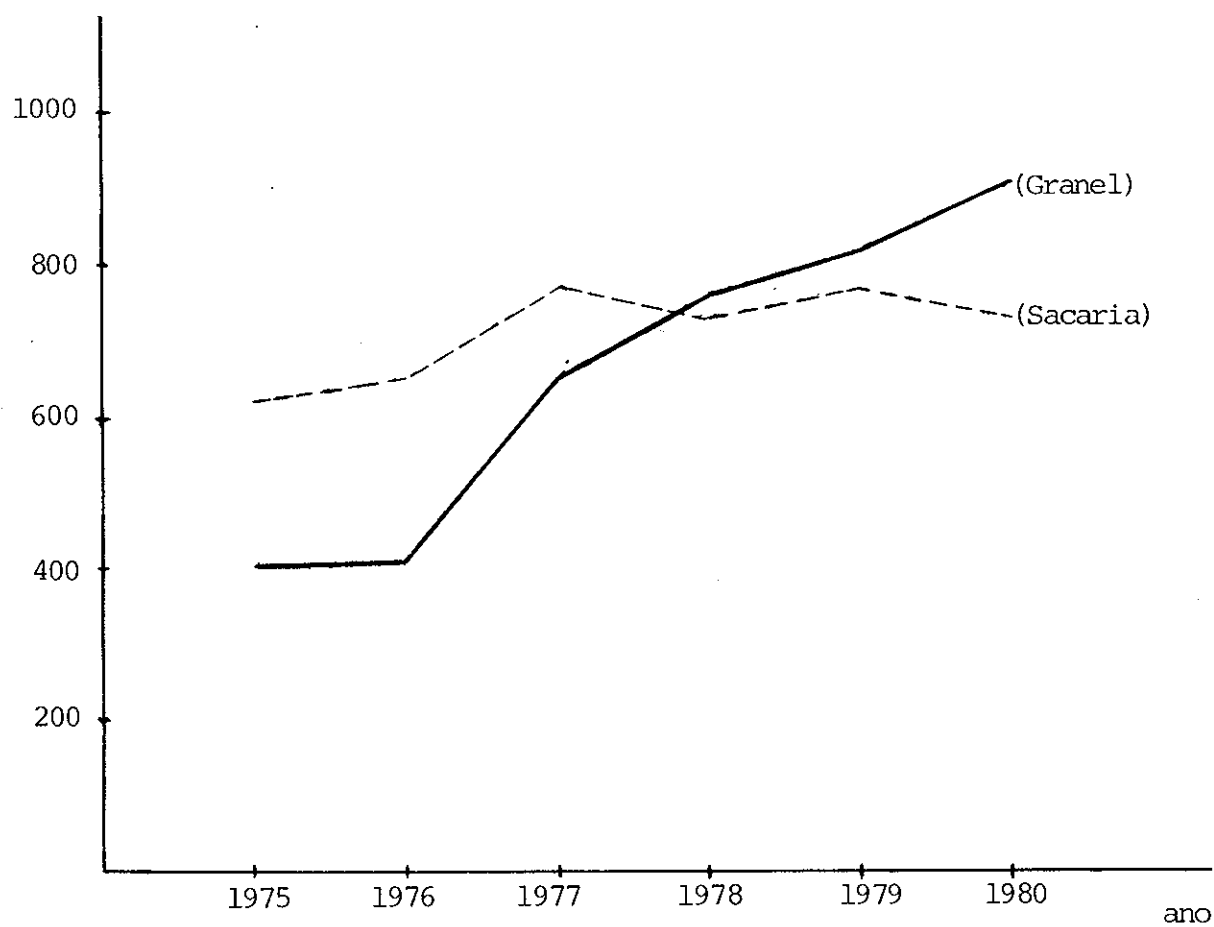
PRODUTO	(em toneladas)					
	TÚNEL DE CON- GELAMENTO (t/24 h)	CÂMARA DE RES - FRILAMENTO (t/24 h)	CÂMARA DE ESTIO- CAGEM	ARMÁRIO DE PLA- CA (t/24 h)	SALMOURADOR-CON- GELADOR (t/24 h)	TOTAL
Leite	-	490,50	-	-	-	490,50
Queijo	-	-	492,00	-	-	492,00
Manteiga	-	-	188,80	-	-	188,80
Maçã	-	-	12,58	-	-	12,58
Pescado	501,50	1.523,50	6.671,00	96,30	165,00	8.957,30
Outras Carnes	410,00	3.505,00	36.611,00	-	-	40.526,00
Total	911,50	5.518,50	43.975,38	96,30	165,00	50.667,18

Fonte: dados brutos: DFA/SERPA-SC

dados trabalhados: SAA/CEPA/SC

EVOLUÇÃO DA CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM
EM SANTA CATARINA, 1975 - 80*

(em 1.000 toneladas)



*Estimativa da CIBRAZEM até agosto

Fonte: dados brutos: CIBRAZEM

dados elaborados: SAA/CEPA-SC

9. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

Ao se estimar o Balanço de Oferta e Demanda de produtos agropecuários de Santa Catarina para 1981 (tabela 33) procurou-se retratar uma situação normal do setor, sem levar-se em consideração as possíveis variações que poderão ocorrer durante o transcorrer do ano, tais como estiagem, geadas, granizo, etc, influenciando direta ou indiretamente na produção final.

Procurou-se portanto, identificar o comportamento da oferta de produtos agrícolas em relação a demanda total dos mesmos, compreendendo esta as possíveis perdas normais que poderão ocorrer após o processo produtivo, além do consumo animal "in natura", o consumo humano "in natura" e o industrial, bem como, as necessidades de reservas para sementes. Detectou-se o saldo positivo ou negativo para cada produto, seja "in natura", elaborado e/ou semi-elaborado.

Ainda com relação a tabela citada, cabe destacar alguns aspectos no que tange a colocação de cada produto na composição do Balanço de Oferta e Demanda:

Fumo: toda a produção é industrializada fora de Santa Catarina, sendo que a nível de Estado a matéria-prima é apenas pré-beneficiada. Parte do produto é transformada em cigarros, principalmente no RS, enquanto que a outra parcela é destinada ao comércio exterior sob a forma de fumo em folha.

Milho: nas estimativas do consumo animal está incluído todo o produto destinado para a transformação em ração.

Soja: foi considerada demanda industrial a capacidade de esmagamento instalada no Estado, 1.350.000 toneladas. A produção obtida desta leguminosa não atende as necessidades existentes, fazendo-se necessária a importação do produto de outros estados brasileiros. Entretanto, cabe frisar, que apesar destas circunstâncias, Santa Catarina exportará para o mercado internacional em 1981 cerca de 40.000 toneladas. Além disso, tradicionalmente ocorrem vendas de grãos para os estados do Rio Grande do Sul e Paraná.

Suínos: no superávit apresentado estão incluídas as exportações do produto na forma industrializada, ou em carcaças, além das vendas de suínos vivos (no cálculo transformados em carne) para outras unidades da federação.

Leite: no consumo humano "in natura" foi considerado o produto consumido sem pasteurização, enquanto na demanda industrial, enquadraram-se o leite normalmente enviado para as usinas de beneficiamento, nas quais será pasteurizado e transformado em derivados.

Tabela 33

BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS, SANTA CATARINA, 1981

PRODUTO	OFERTA	DEMANDA						SALDO
		Perdas	Consumo			Reserva p/ Sementes	Total	
			Animal "in natura"	Humano "in natura"	Industrial			
Alho	14.232	2.850	-	1.000	1.400	3.400	8.650	5.581
Arroz	432.300	43.000	-	241.000	-	15.000	299.000	133.300
Batata Inglesa	135.400	27.800	-	100.000	-	30.000	157.800	- 22.400
Cebola	152.280	46.000	-	16.000	-	200	62.200	90.080
Feijão	213.450	21.345	-	83.000	-	11.000	115.345	98.105
Fumo em folha	119.200	6.000	-	-	-	-	6.000	113.200
Mandioca	1.272.000	12.700	513.300	76.000	670.000	-	1.272.000	0
Milho	3.180.000	382.000	2.403.000	10.000	200.000	7.000	3.002.000	178.000
Soja	703.800	56.300	10.000	1.100	1.350.000	32.500	1.449.900	- 746.100
Tomate	35.840	10.750	-	24.000	-	-	34.750	1.090
Trigo	8.800	600	-	-	170.000	1.100	171.700	- 162.900
Banana	255.928	26.000	-	19.000	21.000	-	66.000	189.928
Maçã	41.000	820	-	7.000	6.000	-	13.820	27.180
Uva	74.000	7.400	-	3.000	44.000	-	54.400	19.600
Carne de Aves	211.596	-	-	69.873	6.000	-	75.873	135.723
Carne Bovina	41.716	-	-	51.918	4.000	-	55.918	- 14.202
Carne Suína	259.256	-	-	45.675	107.261	-	152.936	106.320
Leite (1.000 litros)	484.573	-	120.000	260.573	104.000	-	484.573	0

Fonte: dados brutos: FIBGE/GCEA, ACCS, ACCB
SAA/EMATER-ACARESC, ASCAV, COOPERATIVAS, INDÚSTRIAS e
SAA/CEPA-SC
dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

10. EXPORTAÇÃO INTERNACIONAL DE PRODUTOS AGRÍCOLAS

A formação de excedentes exportáveis na forma de produtos agrícola "in natura" e/ou elaborados, está na dependência do melhoramento das condições existentes em portos, estradas, assistência técnica, crédito fácil, infraestrutura de armazenagem adequada as condições de mercado, etc, conciliados a incorporação de novas áreas de plantio e pelo aumento de produtividade em áreas já cultivadas.

O comércio de produtos agrícolas "in natura" e/ou transformados de Santa Catarina para o mercado internacional apresenta-se com uma linha bem diversificada, demonstrando, inclusive, boas perspectivas para colocação de novos produtos e intensificação dos tradicionais.

Entretanto, talvez esteja ainda faltando ao empresário catarinense e brasileiro um pouco mais de agressividade, utilizando-se dos conhecimentos de "marketing" para maior divulgação da qualidade dos produtos catarinenses.

Segundo a Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil (tabela 34), em 1977, Santa Catarina exportou para o mercado internacional 686,4 milhões de toneladas, representando um montante de 236,6 milhões de dólares (valor FOB).

Em 1978, foram enviados cerca de 660,5 milhões de toneladas de produtos agrícolas, gerando divisas para o Estado de 240 milhões de dólares. Verificou-se um decréscimo no volume vendido com relação ao ano anterior de 3,78%, devido a frustração da safra 1977/78, na qual deixaram de ser vendidos o milho em grão e soja em grão, além de baixar em 24%, comparado com o ano anterior, a venda de fumo, ocasionada pela má qualidade do produto ofertado no mercado internacional em decorrência do excesso de umidade verificado em meados de novembro de 1978.

No caso específico do fumo, outra variável responsável pelo decréscimo de venda é a ocorrência de exportação do produto através dos portos de Paranaguá (PR), Porto Alegre (RS) e Rio Grande (RS), o que registra a exportação como sendo desses estados, quando a produção, na verdade, é catarinense.

Em 1979, embora tenha ocorrido frustração da safra 1978/

79, o volume total de produtos vendidos para o exterior subiu em relação a 1977, atingindo 760,4 milhões de toneladas, para um montante de 344,8 milhões de dólares.

Entretanto, alguns produtos baixaram em volume exportado. É o caso do açúcar refinado, com taxas de crescimento negativo de 24%, tendo como fatores responsáveis: a) mercado externo desfavorável para o produto, pagando baixos preços; b) possível decisão do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) de reter o produto, no segundo semestre do ano passado, a espera da reação dos preços.

Outro produto que apresentou taxa de venda negativa foi o óleo de soja (-4%), devido, possivelmente, a sua colocação no mercado nacional, pois as indústrias catarinenses processaram a soja normalmente, através da aquisição do produto de outros estados brasileiros, razão pela qual houve, inclusive, um incremento nas exportações de farelo de soja.

Em 1980, situação até julho, as perspectivas de mercado mostraram-se satisfatórias, tendo em vista a tendência de normalização da produção catarinense, identificando um volume exportado de 691,3 milhões de toneladas.

Dentro so produtos exportados, os que mais se destacaram na pauta de exportação para o mercado internacional foram: farelo de soja, açúcar refinado, madeiras, fumo e seus resíduos, óleo de soja, carne de aves e seus derivados e pescado.

Entre os países importadores destacam-se: Estados Unidos, Argentina, Paraguai, Uruguai, Venezuela, Bolívia, Alemanha Ocidental, França, Países Baixos, Reino Unido, Espanha, Nigéria, Índia, Iraque e Irã.

EXPORTAÇÃO INTERNACIONAL DE PRODUTOS DE ORIGEM AGRÍCOLA "IN NATURA" E/OU ELABORADOS - SANTA CATARINA, 1977-80

DISCRIMINAÇÃO	1977			1978			1979			1980 (*)		
	Quantidade (kg)	Valor Fob (US\$)	Quantidade (kg)	Valor Fob (US\$)	Quantidade (kg)	Valor Fob (US\$)	Quantidade (kg)	Valor Fob (US\$)	Quantidade (kg)	Valor Fob (US\$)		
<u>Origem Vegetal</u>												
Sementes e mudas	214.789	456.828	125.384	290.763	6.660.106	2.968.792	13.718.329	3.893.311				
Arroz sem casca	637.550	310.506	686.855	116.765	-	-	-	-				
Farinhas, féculas e amidos em geral	719.931	415.783	1.892.401	477.133	5.818.072	1.591.845	1.294.481	567.455				
Fumo, rosíbulos e outros	25.744.800	50.541.900	19.635.000	47.438.000	34.191.377	78.462.260	20.580.834	50.958.264				
Açúcar refinado e outros	170.832.700	34.898.314	188.834.650	35.661.970	130.040.924	28.482.612	132.818.975	75.758.054				
Óleo de soja	41.450.000	23.931.500	46.500.000	27.978.000	39.675.060	24.396.070	48.054.488	30.005.091				
Farelo de soja	276.950.000	53.883.600	287.599.000	53.816.000	399.493.515	86.572.827	388.355.985	80.911.488				
Pickles	167.085	265.584	58.456	188.378	255.789	391.122	152.240	80.407				
Doces	203.525	73.811	314.835	109.163	292.911	122.316	159.146	75.854				
Suco de uva	100.000	68.000	636	280	-	-	-	-				
Óleos essenciais	1.955.700	6.836.500	158.211	335.769	1.305.467	4.661.104	565.840	1.960.503				
Madeiras	69.353.984	25.786.959	79.888.095	31.383.655	80.771.534	43.556.313	39.701.839	26.453.883				
Ferva Nete	6.130.756	3.551.409	225.000	142.025	4.191.320	2.678.418	1.211.000	1.605.700				
Especiarias	-	-	-	-	3.398	7.664	328	2.476				
Papel e Papelão	521.099	207.190	-	-	477.327	264.351	194.937	329.683				
Vinhos e aguardentes	104.573	51.454	-	-	254.316	130.661	54.987	30.353				
Outros produtos vegetais	19.660	11.600	12.160	20.160	-	-	-	-				
Milho em grão com casca	41.624.000	4.055.400	-	-	-	-	-	-				
Soja em grão	26.900.000	7.635.600	-	-	-	-	-	-				
Sub-total	663.630.152	212.981.928	625.930.692	197.958.061	703.431.116	274.586.355	646.863.409	272.632.522				
<u>Origem Animal</u>												
Carne bovina congelada	149.307	136.719	6.715	16.573	-	-	-	-				
Miúdos	212.166	177.529	180.557	128.672	3.968	9.111	8.068	14.522				
Carne de aves e derivados	20.189.200	19.301.500	32.313.000	29.778.000	53.551.418	53.801.733	40.977.032	49.161.087				
Pescado	64.098	91.065	1.991.226	5.973.678	2.576.370	12.071.059	2.880.032	4.881.157				
Couro e peles em geral	74.010	308.185	2.554	28.388	375.932	3.616.881	169.578	1.385.954				
Mel natural e cera	-	-	31.700	48.865	134.510	103.653	176.967	141.308				
Pinto de um dia	-	-	-	-	2.000	11.200	240	5.030				
Carne suína e derivados	2.099.000	3.641.700	-	-	126.633	276.336	47.729	109.811				
Conservas em geral	-	-	-	-	218.364	341.435	214.394	354.703				
Sub-total	22.787.781	23.656.698	34.525.752	35.974.176	56.989.195	70.231.408	44.474.040	56.053.572				
Total Geral	686.417.933	236.638.626	660.456.444	233.932.237	760.420.311	344.817.763	691.337.449	328.686.094				

* Situação até julho

Fonte: Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil.

Elaboração: SAA/CEPR-SC

Tabela 35

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL E ANIMAL NO TOTAL EXPORTADO
PELO SETOR AGROPECUÁRIO DE SANTA CATARINA, 1977-80

PRODUTO	1977		1978		1979		1980 (*)	
	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor
<u>Origem Vegetal</u>	96,68	90,00	94,77	84,62	92,50	79,63	93,57	82,95
Fumo, resíduos e outros	3,75	21,36	2,97	20,28	4,49	22,75	2,98	15,50
Açúcar refinado e outros	24,89	14,75	28,59	15,24	17,10	8,26	19,21	23,05
Farelo de Soja	40,35	22,77	43,55	23,00	52,53	25,11	56,17	24,62
Madeiras	10,10	10,90	12,10	13,41	10,62	12,63	5,74	8,04
Óleo de Soja	6,04	10,11	7,04	11,96	5,22	9,97	6,95	9,13
<u>Origem Animal</u>	3,32	10,00	5,23	15,37	7,49	20,37	6,43	17,05
Carne de aves e derivados	2,94	8,16	4,89	12,73	7,04	15,60	5,93	14,96
Pescado			0,30	2,55	0,33	3,50	0,41	1,48

(*) Somente primeiro semestre

Fonte: dados brutos: Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil
dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES A NÍVEL DE PRODUTO - SANTA CATARINA, 1977-80

PRODUTO	ANO		1977		1978		1979		1980 (*)	
	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor
<u>Origem Vegetal</u>	100	100	94	93	106	129	97	128		
Fumo, resíduos e outros	100	100	76	94	133	155	80	101		
Açúcar refinado e outros	100	100	111	102	76	82	78	217		
Farelo de Soja	100	100	104	100	144	161	140	150		
Madeiras	100	100	115	122	116	169	57	103		
Óleo de Soja	100	100	112	117	96	102	116	125		
<u>Origem Animal</u>	100	100	152	115	250	297	195	237		
Carne de aves e derivados	100	100	160	154	265	279	203	255		
Pescado	100	100	3.107	6.560	4.019	13.255	4.493	5.360		
Total	100	100	96	99	111	146	101	239		

(*) Somente o primeiro semestre

Fonte: dados brutos: Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil
dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

11. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

Para o cálculo do Valor Bruto da Produção Agropecuária Catarinense (VBP), tomaram-se os preços médios recebidos pelos agricultores no ano (média aritmética), publicados pela Fundação Getúlio Vargas (tabela 44), multiplicados pela produção obtida no respectivo ano.

Visando eliminar os efeitos inflacionários ocorridos em cada ano, possibilitando dessa forma uma visão mais aproximada da realidade do setor agrícola estadual, utilizaram-se deflatores a partir do Índice Geral de Preços (Disponibilidade Interna), coluna 2 da Conjuntura Econômica, transformando-se as informações a preços de 1979 (tabela 38).

Ao analisar-se o comportamento do VBP estadual no período de 1974 a 1980 (tabela 38), observa-se que o setor agrícola catarinense gerou o equivalente, em 1974, a 35,9 bilhões de cruzeiros, baixando sensivelmente, em 1977, para 35,7 bilhões de cruzeiros, atingindo, em 1980, 42,0 bilhões de cruzeiros, apresentando uma taxa anual de crescimento (1974-80) de 2,67%.

Na participação relativa dos subsetores agropecuários na formação do Valor Bruto da Produção, em 1980, destacam-se as lavouras, com 53,36%; seguida pela pecuária, 37,65%; extrativa vegetal, 5,11%; frutas 2,08% e pescado, 1,80%.

A nível de produto, pela ordem de importância econômica no setor agrícola (safra 1979/80) aparece o milho na primeira colocação com 22,43%; seguem os suínos terminados com 16,38%; aves abatidas com 11,72%; soja com 7,09%; arroz com 5,06%; fumo em folha com 4,82%; leite com 4,38%; mandioca com 4,04%; bovinos de corte com 3,95%; feijão com 3,91% e madeira em tora com 3,68% (tabela 39).

Quanto ao comportamento do VBP da agropecuária a nível de atividade, no período de 1974 a 1980, observa-se na lavoura taxa de crescimento anual de 4,42%. Dentre os produtos que mais cresceram, destacam-se o arroz com 7,39%; batata inglesa com 5,99%; fumo em folha com 5,45%; milho com 4%; feijão com 3,40%; soja com 2,82% e mandioca com 1,84%.

As frutas apresentaram crescimento de 18,23%, ressaltan

do-se a maçã e pêssego com taxa de 51,11% e 31,84%, respectivamente.

A pecuária mostrou taxa de crescimento de 9,37%, com a avicultura evoluindo em 27,08%; bovino de corte em 6,67%; suínos em 6,11% e leite com taxa de crescimento negativo de 1,98%.

O pescado cresceu em 5,3%, enquanto a extrativa vegetal mostrou taxa negativa de crescimento no período de 25,03%, sendo a madeira em tora a principal responsável pelo declínio.

Tenta-se, a seguir, verificar o comportamento das variáveis "quantidades produzidas" e "preços" no período 1974-80, por serem elas combinadas que originam o VBP. O comentário limitar-se-á aos produtos que foram mais relevantes, isto é, os que participaram, no ano de 1980, com mais de 3% no VBP, obedecendo a ordem de importância.

19) Milho: Teve de 1974 a 1980 uma participação que variou de 14,4 a 22%, sendo o mínimo em 1979 e o máximo em 1980^(*). No período 1975-79, quando a produção cresceu com relação à 1974 (safra normal) o preço caiu abaixo de Cr\$ 3,00/kg e só quando diminuiu, o preço elevou-se acima de Cr\$ 3,00/kg. O ano de 1980 foi exceção pois a produção cresceu e o preço manteve-se acima de Cr\$ 3,00/kg. Isto aconteceu porque, apesar da safra 1979/80 ter sido a maior, as anteriores tinham sido abaixo do normal (tabela 40), não permitindo a formação de estoques; provocando o consumo prematuro do milho da safra 1979/80.

29) Suínos: Participaram com 12,5 a 19% do VBP, no período 1974-80, sendo o mínimo em 1976 e o máximo em 1979. A menor quantidade produzida foi a de 1974, que foi vendida pelo melhor preço. A partir daí, ano a ano, o preço caiu quando a quantidade aumentou em relação ao ano anterior e vice-versa. Isto só não ocorreu no ano de 1979, quando a produção e o preço aumentaram em relação a 1978. Os preços elevaram-se, provavelmente porque a grande produção foi absorvida em substituição a carne bovina, que naquele ano teve o maior preço do período (tabela 45).

(*) Serão utilizados dados arredondados. Dados mais precisos nas Tabelas 38 e 39.

39) Aves: O VBP dos frangos de corte cresceu em participação de 3 para 12% no período 1974-80. Só a maça obteve crescimento maior no mesmo intervalo de tempo. Com o aumento da produção os preços decresceram de 1974 a 1980, com exceção do ano de 1979, quando, mesmo aumentando a produção, o preço cresceu expressivamente (tabela 45), por ter a carne de frango ocupado uma parte da faixa de mercado deixada, a nível nacional, pela carne bovina, de preço muito elevado. Contribuíram para o grande crescimento da avicultura, além do citado para o mercado interno (estadual e nacional), as exportações internacionais de frango congelado.

49) Soja: Tem participado com 5 a 7% do VBP agrícola do Estado, sendo o máximo em 1980 e o mínimo em 1978, revelando uma certa estabilidade. Ao contrário dos outros produtos, que quando não há um motivo particular, seguem a grosso modo a lei da oferta e procura, a soja, quando analisados os dados catarinenses, foge totalmente ao raciocínio. Os preços da soja são estabelecidos no mercado internacional e nele a produção catarinense é insignificante, não causando nenhuma influência.

59) Arroz: Sua participação no VBP variou de 3,5 a 6%, com máximo em 1975 e mínimo em 1977. Mantem-se a tendência dos outros produtos: quando aumenta a produção o preço a nível de produtor cai. Exclui-se da norma o ano de 1975, quando cresceu a quantidade produzida e também o preço, possivelmente porque a produção nacional do ano não foi muito superior a de 73, enquanto a de 1974 esteve a nível da de 1968, não permitindo formação de estoques, provocando o consumo prematuro da safra 1974/75.

69) Fumo: Participou normalmente com 4 a 8% no VBP, mas nos anos de frustração de safras de outros produtos importantes (78 e 79) sua participação chegou a 10%, tendo sido o mínimo em 1974. Com exceção do ano de 1980, as produções foram crescentes, porém os preços oscilaram todo o período, caracterizando um mercado que não se define no Estado, pois sofre influência dos mercados nacional e internacional. Além disso, e principalmente, há uma situação oligopsônica para o produto, que é agravada pela presença de contratos de compra antecipada, efetuadas pelas indústrias de cigarro com os produtores.

79) Leite: Sua participação oscilou no período de 4,5 a

7%, sendo o máximo em 1977 e o mínimo em 1980. Os dados de quantidade e preço não revelam nenhuma tendência pois há oscilações as mais diversas. Isto aconteceu pela intervenção governamental, tabelando o produto e modificando a política do setor seguidamente. Há ainda a transformação do leite em pó, que é feita quando o leite é produzido em maior quantidade e é consumido na época que o pasteurizado escasseia. Há, também, o problema dos preços diferenciados que são pagos ao produtor pelos chamados leite-cota e leite-excesso.

89) Mandioca: Teve participação no intervalo 1974-80 variando de 6,5%, em 1976, a 2%, em 1979. O mercado da mandioca é complexo pois há muitas variáveis interferindo: influência do mercado nacional, repercussão no preço da raiz da combinação do que ocorre no mercado de diversos produtos derivados dela (farinha, fécula, etc). Há, portanto, explicações via demanda, que são de difícil apreensão, e, por isso as quantidades e preços não tem maior poder explicativo.

99) Bovinos: A participação do boi gordo no VBP variou de 2,5, em 77, a 4,5%, em 1979. Como o Estado não é auto-suficiente em carne bovina há influência dos preços de outros estados na formação do preço local, fugindo a qualquer raciocínio ligado a oferta e demanda estaduais, ligando-se talvez, mais ao mercado nacional.

109) Feijão: Tem participado com 3%, em 1976, a 4%, em 1977, do VBP agrícola estadual. Apesar do Estado ser exportador de feijão para outras unidades da federação e, portanto, estar condicionado pelo mercado nacional do produto, o que tem acontecido, em linhas gerais, é que quando a quantidade aumenta o preço cai.

119) Madeira: Sua participação tem decrescido ano a ano desde 1974 (20%) até 1980 (3,5%). A produção cresceu de 1974 a 1976 e depois caiu, o que deve continuar a acontecer, pois a madeira está cada vez mais escassa e localizada em áreas de mais difícil acesso. Seus preços se elevam devido a diminuição da oferta.

Pela combinação das quantidades produzidas e preços recebidos pelos produtores, pode-se verificar que nem todos os produtos cresceram ano a ano na formação do VBP.

O ano de 1980 apresentou o maior VBP para as culturas de feijão, milho, soja e aves; 1979, fumo, bovinos de corte, bovinos de leite e suínos; 1976, mandioca e 1975, batata inglesa e madeira em tora.

Tabela 37

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA DE SANTA CATARINA, 1974-80

(Cr\$ 1.000 - a preços correntes)

PRODUTO	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980 ⁽¹⁾
Lavouras	3.142.251	4.182.165	5.922.754	8.011.176	9.490.215	17.467.100	46.715.664
Alho	-	-	-	-	-	-	316.040
Arroz	252.226	522.725	525.167	599.310	892.838	1.460.042	4.434.526
Batata inglesa	133.461	165.350	277.898	279.683	422.156	559.402	2.169.438
Cana-de-açúcar	43.185	75.158	102.435	142.503	166.900	282.042	746.286
Cebola	-	-	-	-	-	606.409	1.295.063
Feijão	244.289	277.583	364.191	680.454	667.847	1.498.178	3.424.001
Fumo em folha	267.574	424.597	640.041	1.317.108	2.164.266	3.940.907	4.218.247
Mandioca	276.666	314.433	795.424	892.575	688.822	836.052	3.537.500
Milho	1.353.041	1.765.513	2.404.015	2.807.884	3.223.449	5.672.715	19.635.677
Soja	457.761	546.577	656.827	1.167.094	1.134.979	2.373.231	6.202.933
Tomate	26.762	44.503	94.312	75.168	115.479	220.494	576.175
Trigo	87.286	45.726	62.444	49.397	13.479	17.628	159.778
Frutas	58.138	101.506	176.257	253.545	371.881	715.283	1.820.487
Ameixa	431	267	1.386	3.603	3.636	5.957	2.650
Banana	51.794	85.384	132.830	172.523	285.108	518.156	1.392.488
Maçã	2.750	10.500	29.400	56.462	60.782	162.930	375.393
Nectarina	2.179	2.210	4.030	9.498	4.704	7.159	8.119
Pêssego	360	2.145	4.446	7.344	12.980	12.803	21.675
Uva vinífera	624	1.000	4.165	4.115	4.671	8.278	20.162
Pecuária	1.679.917	2.439.565	3.298.851	5.349.162	7.893.556	16.366.724	32.959.267
Aves abatidas	212.568	463.476	714.240	1.239.674	2.150.730	4.497.347	10.261.932
Bovinos abatidos	204.703	256.381	305.338	382.239	732.654	1.730.500	3.455.770
Leite	375.869	560.755	736.830	1.143.065	1.441.987	2.584.560	3.831.067
Suínos terminados	876.375	1.143.026	1.529.045	2.563.339	3.541.288	7.504.522	14.341.257
Mel de abelha	10.402	15.927	13.398	20.845	26.897	49.795	302.895
Ovos	766.346
Pescado	149.871	181.635	229.738	370.506	605.253	1.066.374	1.577.237⁽³⁾
Peixes	92.570	101.243	113.808	209.687	334.023	692.765	1.050.665
Crustáceos	55.483	77.693	114.043	158.768	269.520	319.153	484.448
Moluscos e Outros	1.818	2.699	1.887	2.051	1.710	54.456	42.124
Extrativa Vegetal⁽²⁾	1.489.239	2.036.352	2.642.054	2.735.989	3.291.913⁽⁴⁾	3.761.250⁽⁴⁾	4.469.210⁽⁴⁾
Madeira em tora	1.284.749	1.748.871	2.255.686	2.233.163	2.685.046	2.851.563	3.222.288
Curvão vegetal	3.486	6.992	9.859	25.592	49.750	93.671	179.208
Lenha	201.004	273.980	369.572	470.669	550.121	808.560	1.059.767
Nô de pinho	...	6.509	6.937	6.565	6.996	7.456	7.947
Total	6.519.416	8.941.224	12.269.654	16.720.378	21.652.818	39.376.731	87.541.865

(1) Estimativa

(2) Considerado somente o VBP das matas nativas

(3) Situação até outubro

(4) Estimativa: SAA/CEPA-SC

Fonte: dados brutos: FIBGE, FGV, SUDPE/PDP, SAA/EMATER-ACARESC, ACCS, ACCB e ASCAV

dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 38

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA CATARINENSE, 1974-80

(CR\$ 1.000,00- a preços de 1979)

PRODUTO	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980(1)
LAVOURAS	17.284.110	18.011.046	18.051.674	17.106.932	14.613.819	17.467.100	22.415.270
Alho	-	-	-	-	-	-	151.643
Arroz	1.387.382	2.251.184	1.600.631	1.279.757	1.374.866	1.460.042	2.127.789
Batata Inglesa	734.110	712.102	846.992	597.230	650.071	559.402	1.040.947
Cana-de-Açúcar	237.541	323.678	312.207	304.299	257.006	282.042	358.086
Cebola						606.409	621.402
Feijão	1.343.724	1.195.448	1.110.000	1.453.030	1.028.406	1.498.178	1.642.916
Fumo em Folha	1.471.804	1.828.583	1.950.750	2.812.530	3.332.716	3.940.907	2.024.014
Mandioca	1.521.815	1.354.147	2.424.334	1.905.990	1.060.705	836.052	1.697.375
Milho	7.442.470	7.603.415	7.327.080	5.995.909	4.963.734	5.672.715	9.421.658
Soja	2.517.937	2.353.906	2.001.911	2.492.193	1.747.735	2.373.231	2.976.331
Tomate	147.206	191.658	287.449	160.512	177.824	220.494	276.462
Trigo	480.121	196.925	190.320	105.482	20.756	17.628	76.665
FRUTAS	319.791	437.150	537.205	541.416	572.653	715.283	873.512
Ameixa	2.371	1.150	4.224	7.694	5.599	5.957	1.272
Banana	284.895	367.717	404.846	368.403	439.033	518.156	668.148
Maça	15.127	45.220	89.607	120.568	93.597	162.930	180.122
Nectarina	11.986	9.518	12.283	20.282	7.244	7.159	3.896
Pêssego	1.980	9.238	13.551	15.682	19.988	12.203	10.400
Uva Vinífera	3.432	4.307	12.694	8.787	7.193	8.278	9.674
PECUÁRIA	9.240.468	10.506.311	10.054.407	11.422.511	12.155.151	16.366.724	15.814.628
Aves Abatidas	1.169.241	1.996.021	2.176.897	2.647.179	3.311.872	4.497.347	4.923.915
Bovinos Abatidos	1.125.979	1.104.139	930.625	816.227	1.128.201	1.730.500	1.658.159
Leite	2.067.486	2.414.966	2.245.748	2.440.882	2.220.491	2.584.560	1.838.236
Suínos Terminados	4.820.545	4.922.593	4.660.302	5.473.711	5.453.169	7.504.522	6.881.271
Mel de Abelha	57.217	68.592	40.835	44.512	41.418	49.795	145.336
Ovos	367.711
PESCADO	824.373	782.235	700.207	791.173	932.018	1.066.374	756.795(3)
Peixes	509.186	436.016	346.870	447.762	514.356	692.765	504.134
Crustáceos	305.187	334.595	347.586	339.031	415.029	319.153	232.449
Moluscos e Outros	10.000	11.624	5.751	4.380	2.633	54.456	20.212
EXTRATIVA VEGETAL (2)	8.191.634	8.769.819	8.052.587	5.842.386	5.069.161(4)	3.761.250(4)	2.144.431(4)
Madeira em Tora	7.066.826	7.531.744	6.874.995	4.768.659	4.134.657	2.851.563	1.546.129
Carvão Vegetal	19.175	30.112	30.049	54.649	76.609	93.671	85.988
Lenha	1.105.633	1.179.931	1.126.400	1.005.059	847.122	808.560	508.501
Nó de Pinho	...	28.032	21.143	14.019	10.773	7.456	3.813
T O T A L	35.860.376	38.506.561	37.396.080	35.704.418	33.342.802	39.376.731	42.004.636

(1) Estimativa

(2) Considerado somente o VBP das matas nativas

(3) Situação até outubro

(4) Estimativa: SAA/CEPA-SC

Fonte: Dados Brutos: FIBGE, FGV, SUDEPE, PDP, SAA-EMATER/ACARESC, ACCS, ACCB e ASCAV

Dados Trabalhados: SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 39

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS NA FORMAÇÃO DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO
AGROPECUÁRIA DE SANTA CATARINA, 1974-80

PRODUTO	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
<u>Lavouras</u>	<u>48,20</u>	<u>46,78</u>	<u>48,27</u>	<u>47,91</u>	<u>43,83</u>	<u>44,36</u>	<u>53,36</u>
Alho	-	-	-	-	-	-	0,36
Arroz	3,87	5,85	4,28	3,58	4,12	3,71	5,06
Batata inglesa	2,05	1,85	2,26	1,67	1,95	1,42	2,48
Cana-de-açúcar	0,66	0,84	0,83	0,85	0,77	0,72	0,85
Cebola	-	-	-	-	-	1,54	1,48
Feijão	3,75	3,10	2,97	4,07	3,09	3,80	3,91
Fumo em folha	4,10	4,75	5,22	7,88	10,00	10,01	4,82
Mandioca	4,24	3,52	6,48	5,34	3,18	2,12	4,04
Milho	20,76	19,75	19,59	16,79	14,89	14,41	22,43
Soja	7,02	6,11	5,36	6,98	5,24	6,03	7,09
Tomate	0,41	0,50	0,77	0,45	0,53	0,56	0,66
Trigo	1,34	0,51	0,51	0,30	0,06	0,04	0,18
<u>Frutas</u>	<u>0,89</u>	<u>1,14</u>	<u>1,44</u>	<u>1,52</u>	<u>1,72</u>	<u>1,82</u>	<u>2,08</u>
Ameixa	0,01	0,01	0,01	0,02	0,02	0,02	0,01
Banana	0,79	0,96	1,09	1,03	1,32	1,32	1,59
Maçã	0,04	0,12	0,25	0,34	0,28	0,41	0,43
Nectarina	0,03	0,02	0,03	0,06	0,02	0,02	0,01
Pêssego	0,01	0,02	0,03	0,04	0,06	0,03	0,02
Uva vinífera	0,01	0,01	0,03	0,03	0,02	0,02	0,02
<u>Pecuária</u>	<u>25,77</u>	<u>27,28</u>	<u>26,89</u>	<u>31,99</u>	<u>36,46</u>	<u>41,56</u>	<u>37,65</u>
Aves abatidas	3,26	5,18	5,82	7,41	9,93	11,42	11,72
Bovinos abatidos	3,14	2,87	2,49	2,29	3,38	4,39	3,95
Leite	5,77	6,27	6,01	6,84	6,66	6,56	4,38
Suínos terminados	13,44	12,78	12,46	15,33	16,36	19,06	16,38
Mel de abelha	0,16	0,18	0,11	0,12	0,13	0,13	0,34
Ovos	-	-	-	-	-	-	0,88
<u>Pescado</u>	<u>2,30</u>	<u>2,03</u>	<u>1,87</u>	<u>2,22</u>	<u>2,79</u>	<u>2,71</u>	<u>1,80</u>
Peixes	1,42	1,13	0,93	1,26	1,54	1,76	1,20
Crustáceos	0,85	0,87	0,93	0,95	1,24	0,81	0,55
Moluscos e outros	0,03	0,03	0,01	0,01	0,01	0,14	0,05
<u>Extrativa Vegetal</u>	<u>22,84</u>	<u>22,77</u>	<u>21,53</u>	<u>16,36</u>	<u>15,20</u>	<u>9,55</u>	<u>5,11</u>
Madeira em tora	19,71	19,56	18,38	13,36	12,40	7,24	3,68
Carvão vegetal	0,06	0,08	0,08	0,15	0,23	0,24	0,21
Lenha	3,07	3,06	3,01	2,81	2,54	2,05	1,21
NÓ de pinho	-	0,07	0,06	0,04	0,03	0,02	0,01
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: dados brutos: FIBGE, SUDEPE/PDP. SAA/EMATER-ACARESC, ACCS, ACCB, ASCAV e FGV
dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 40

PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS DE SANTA CATARINA, SAFRAS 1973/74 - 1979/80

PRODUTO	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78	1978/79	1979/80
LAVOURAS (t)							
Alho					928	1.702	4.724
Arroz	231.400	298.700	318.283	332.950	279.012	259.794	428.871
Batata Inglesa	141.980	175.904	141.065	128.886	115.977	162.617	144.053
Cana-de-Açúcar	863.716	939.485	853.627	950.022	1.043.126	1.084.780	1.264.891
Cebola	42.648	38.090	42.899	49.794	47.129	94.017	103.605
Feijão	127.900	169.258	98.965	134.477	122.992	189.403	119.972
Fumo em Folha	70.600	78.775	91.304	119.846	130.299	189.103	127.401
Mandioca	2.128.200	1.429.241	1.303.973	1.239.687	1.208.459	1.071.862	1.250.000
Milho	2.218.100	2.127.124	2.453.077	2.674.175	1.587.906	1.708.649	3.016.233
Soja	431.850	467.160	434.985	476.365	354.681	433.863	718.764
Tomate	14.311	17.590	25.217	22.917	28.029	30.081	35.197
Trigo	80.820	30.484	33.572	20.328	4.279	3.791	18.864
FRUTAS (t)							
Ameixa	615	100	350	1.012	371	341	158
Banana	178.600	164.200	141.308	164.308	190.072	226.269	209.712
Maçã	1.528	5.000	8.400	12.355	10.854	21.410	28.225
Nectarina	1.147	1.000	2.190	2.083	726	655	684
Pêssego	600	1.100	2.850	1.836	2.550	1.052	1.851
Uva Vinífera	-	-	2.450	1.805	1.557	1.669	1.345
PECUÁRIA¹							
Aves abatidas (cab) ²	26.518.000	49.686.513	62.000.000	81.557.494	98.984.266	115.911.011	168.737.376(*)
Bovinos abatidos (cab)	140.400	147.600	148.800	145.200	161.200	171.600	189.617(*)
Leite (1.000 litros)	379.666	394.898	409.350	415.660	385.558	484.000	363.824(*)
Suínos terminados (cab) ³	2.050.000	2.522.400	2.751.318	2.642.754	3.001.346	3.351.505	3.881.733(*)
Mel de Abelha (t) ⁴	1.182	1.698	1.151	1.282	1.231	1.348	4.500(*)
PESCADO (t)¹							
Peixes	116.468	74.472	46.640	75.158	86.946	78.171	95.159(**)
Crustáceos	8.767	10.107	10.653	8.822	10.045	7.583	8.747(**)
Moluscos e Outros	1.583	1.475	612	433	214	5.750	2.714(**)
EXTRATIVA VEGETAL¹							
Madeira em tora (m ³) ⁵	6.229.086	7.235.505	8.010.814	7.149.779	-	-	-
Carvão Vegetal (t)	8.274	18.559	14.422	32.377	-	-	-
Lenha (m ³)	12.167.323	12.184.654	13.309.981	12.796.573	-	-	-
Nó de Pinho (m ³)	...	71.723	73.973	64.177	-	-	-

(1) Para pecuária, pescado e extrativa vegetal foi considerado o ano civil.

(2) Abate SIF (1974-79). Abate SIF não SIF e auto-consumo (1980).

(3) Abate SIF, não SIF, comércio interestadual de animais vivos e auto-consumo.

(4) Fundação IBGE (1974-79); Associação Catarinense de Apicultores (1980).

(5) Produção de matas nativas e plantadas.

(*) Estimativa

(**) Situação até outubro.

Fonte: dados brutos: FIBGE, SUDEPE/PDP, EMATER/ACARESC (PROFIT), ACCS, ACCB e ASCAV
dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 41

ÁREA PLANTADA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DE SANTA CATARINA, SAFRAS 1973/74-1979/80

PRODUTO	(em ha)							
	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78	1978/79	1979/80	
<u>Lavouras</u>								
Alho					261	528		1.299
Arroz	101.576	125.916	153.593	148.164	133.330	117.728		153.491
Batata Inglesa	18.349	24.005	17.984	15.964	16.555	19.903		20.114
Cana-de-açúcar	17.709	21.010	17.132	19.664	20.913	20.124		22.609
Cebola	5.590	5.030	5.934	6.846	5.724	10.666		12.307
Feijão	173.466	185.072	158.025	188.880	195.166	227.777		276.011
Fumo em Fôlha	43.151	49.000	75.760	80.533	90.527	110.993		76.642
Mandioca	142.174	85.846	80.846	82.962	77.528	67.419		72.675
Milho	936.320	949.580	1.005.274	1.063.584	1.005.633	969.472		1.128.441
Soja	364.985	361.475	341.103	350.642	408.704	474.985		520.401
Tomate	621	740	943	926	997	1.100		1.260
Trigo	99.100	67.776	40.851	37.522	11.620	4.587		34.749
<u>Frutas</u>								
Ameixa	427	427	450	303*	316*	316*		316*
Banana	13.056	11.690	13.842	14.998	17.134	18.366		18.643
Maçã	1.375	1.965	2.668	3.815	5.287	6.337		7.154
Nectarina	721	757	816	607	607*	607*		607*
Pêssego	429	521	533	648	733*	733		733
Uva Vinífera			377	433	517	600		615

* Redução de área devido a erradicação de alguns pomares
 Fonte: Fundação IBGE e EMATER/ACARESC (PROFIT)
 Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 42

RENDIMENTO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DE SANTA CATARINA, SAFRAS 1973/74 - 1979/80

PRODUTO	(kg/ha)							
	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78	1978/79	1979/80	
Alho					3.555	3.267	3.665	
Arroz	2.278	2.326	2.072	2.247	2.093	2.202	2.794	
Batata inglesa	7.737	7.327	7.844	8.073	7.005	8.170	7.162	
Cana de açúcar	48.772	44.716	49.826	48.567	49.975	53.905	55.946	
Cebola	7.629	7.573	7.229	7.273	8.234	8.815	8.418	
Feijão	737	915	626	712	630	832	435	
Fumo em Folha	1.635	1.608	1.205	1.488	1.439	1.700	1.662	
Mandioca	14.969	16.649	16.129	14.943	15.587	15.899	17.200	
Milho	2.369	2.240	2.440	2.514	2.579	1.762	2.673	
Soja	1.183	1.292	1.275	1.359	868	913	1.381	
Tomate	23.045	23.772	26.741	24.748	28.113	27.346	27.934	
Trigo	816	450	822	560	368	826	615	

Fonte: Fundação IBGE e EMATER/ACARESC (PROFIT)

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 43

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS DE SANTA CATARINA, SAFRAS 1973/74-1979/80

PRODUTO	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78	1978/79	1979/80
LAVOURAS							
Arroz	100	129	138	144	121	112	185
Batata Inglesa	100	124	99	91	82	115	101
Cana-de-Açúcar	100	109	99	110	121	126	146
Cebola	100	89	101	117	111	220	243
Feijão	100	132	77	105	96	148	94
Fumo em Folha	100	112	129	170	185	268	180
Mandioca	100	67	61	58	57	50	59
Milho	100	96	111	121	72	77	136
Soja	100	108	101	110	82	100	166
Tomate	100	123	176	160	196	210	246
Trigo	100	38	42	25	5	5	23
FRUTAS							
Ameixa	100	16	57	165	60	55	26
Banana	100	92	62	92	106	127	117
Maçã	100	327	550	809	710	1.401	1.847
Nectarina	100	87	191	182	63	57	60
Pêssego	100	183	475	306	425	175	309
PECUÁRIA(1)							
Aves Abatidas(2)	100	187	234	308	373	437	606(*)
Bovinos Abatidos	100	105	106	103	115	122	135
Leite	100	104	108	109	102	127	96(*)
Suínos Terminados(3)	100	123	134	129	146	163	189
Mel de Abelha (4)	100	144	97	108	104	114	381(*)
PESCADO							
Peixes	100	64	40	65	75	67	-
Crustáceos	100	115	122	101	115	86	-
Moluscos e Outros	100	93	39	27	14	363	-
EXTRATIVA VEGETAL							
Madeira em Tora (5)	100	116	129	115	-	-	-
Carvão Vegetal	100	224	174	391	-	-	-
Lenha	100	100	109	105	-	-	-

(1) Para pecuária, pescado e extrativa vegetal foi considerado o ano civil.

(2) Abate SIF (1974-79), abate SIF, não SIF e auto-consumo (1980).

(3) Abate SIF, não SIF, comércio interestadual de animais vivos e auto-consumo.

(4) Fundação IBGE (1974-79); Associação Catarinense de Apicultores (1980).

(5) Produção de matas nativas e plantadas.

(*) Estimativa.

Fonte: Dados Brutos: FIBGE, SUDEPE/PDP, ACCS, ACCB e ASCAV

Dados Trabalhados: SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 44

PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES DE SANTA CATARINA, 1974-80

(MÉDIA ARITMÉTICA)

(Preços Correntes-Cr\$/Kg)

ANO \ PRODUTO	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980 (*)
Arroz em Casca	1,09	1,75	1,65	1,80	3,20	5,62	10,34
Banana	0,29	0,52	0,94	1,05	1,50	2,29	6,64
Batata Inglesa	0,94	0,94	1,97	2,17	3,64	3,44	15,06
Cebola	-	-	-	-	-	-	12,50
Cana-de-Açúcar	0,05	0,08	0,12	0,15	0,16	0,26	0,59
Feijão	1,91	1,64	3,68	5,06	5,53	7,91	28,54
Fumo em Folha	3,79	5,39	7,01	10,99	16,61	20,84	33,11
Mandioca	0,13	0,22	0,61	0,72	0,57	0,78	2,83
Milho	0,61	0,83	0,98	1,05	2,03	3,32	6,51
Soja	1,06	1,17	1,51	2,45	3,20	5,47	8,63
Tomate	1,87	2,53	3,74	3,28	4,12	7,33	16,37
Trigo	1,08	1,50	1,86	2,43	3,15	4,65	8,47
Boi Gordo p/Corte	3,24	3,86	4,56	5,85	10,10	22,41	40,50
Suino p/Corte	4,50	4,77	5,85	10,21	12,42	23,57	38,89
Frangos de Corte	5,01	5,83	7,20	9,50	13,58	24,25	38,01
Leite (Litro)	0,99	1,42	1,80	2,75	3,74	5,34	10,53
Ovos (Dúzia)	3,48	3,96	5,60	7,36	10,16	15,21	28,40
Mel (Litro)	3,80	9,38	11,64	16,26	21,85	36,94	67,31
Uva Vinífera	-	-	-	2,28	3,00	4,96	14,99
Maçã	-	-	-	4,57	5,60	7,61	13,30
Nectarina	-	-	-	4,56	6,48	10,93	11,87
Pêssego	-	-	-	4,00	5,09	12,17	11,71
Ameixa	-	-	-	3,56	9,80	17,47	16,77

(*) Situação até Outubro

Fonte: FGV e SAA/EMATER-ACARESC (PROFIT)

Tabela 45

PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES DE SANTA CATARINA, 1974-80

(MÉDIA ARITMÉTICA - Cr\$/Kg, a preços de 1979*)

PRODUTO \ ANO	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980**
Arroz em Casca	5,99	7,53	5,03	3,84	4,93	5,62	4,97
Banana	1,59	2,24	2,86	2,24	2,31	2,29	3,19
Batata Inglesa	5,17	4,05	6,00	4,63	5,60	3,44	7,24
Cebola	-	-	-	-	-	-	6,00
Cana-de-Açúcar	0,27	0,34	0,37	0,32	0,25	0,26	0,28
Feijão	10,50	7,06	11,21	10,80	8,36	7,91	13,72
Fumo em Folha	20,84	23,20	21,36	23,46	25,57	20,84	15,91
Madioca	0,72	0,95	1,86	1,54	0,88	0,78	1,36
Milho	3,35	3,57	2,99	2,24	3,13	3,32	3,12
Soja	5,83	5,04	4,60	5,23	4,93	5,47	4,14
Tomate	10,28	10,89	11,40	7,00	6,34	7,33	7,87
Trigo	5,94	6,46	5,67	5,19	4,85	4,65	4,07
Boi Gordo	17,79	16,62	13,90	12,48	15,55	22,21	19,47
Suíno	24,74	20,54	17,83	21,80	19,12	23,57	19,17
Frango de Corte	27,54	25,10	21,94	20,28	20,91	24,25	18,27
Leite (Litro)	5,44	6,11	5,49	5,87	5,76	5,34	5,06
Ovos (Dúzia)	19,13	17,05	17,07	15,71	15,64	15,21	13,65
Mel (Litro)	48,38	40,38	35,47	34,72	33,64	36,94	32,36
Uva Vinífera	-	-	-	4,87	4,62	4,96	7,20
Maçã	-	-	-	9,76	8,62	7,61	6,39
Nectarina	-	-	-	9,74	9,98	10,93	5,70
Pêssego	-	-	-	8,54	7,84	12,17	5,62
Ameixa	-	-	-	7,60	15,09	17,47	8,06

(*) - Utilizado o Deflator da FGV - Índice Geral de Preços, Coluna 2, da Conj. Econ.

(**)- Situação até outubro

Fonte: FGV e SAA/EMATER-ACARESC (PROFIT)

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 46

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES DE SANTA CATARINA, 1974-80

ANO \ PRODUTO	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Arroz em Casca	100	126	84	64	82	94	83
Banana	100	141	180	141	145	144	201
Batata Inglesa	100	78	116	90	108	67	140
Cana-de-Açúcar	100	126	137	119	93	96	104
Feijão	100	67	107	103	80	75	131
Fumo em Folha	100	111	102	113	123	100	76
Mandioca	100	132	258	214	122	108	189
Milho	100	107	89	67	93	99	93
Soja	100	86	79	90	85	94	71
Tomate	100	106	111	68	62	71	77
Trigo	100	109	95	87	82	78	69
Boi Gordo p/Corte	100	93	78	70	87	125	109
Suino p/Corte	100	83	72	88	77	95	77
Franco de Corte	100	91	80	74	76	88	66
Leite	100	112	101	108	106	98	93
Ovos	100	89	89	82	82	80	71
Mel	100	83	73	72	70	76	67

Fonte: Dados Brutos: FGV

Dados Trabalhados: SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 47

PREÇOS PAGOS PELOS AGRICULTORES DE SANTA CATARINA, 1974 - 79

(MÉDIA ANUAL - VALOR CORRENTE EM CR\$/Kg)

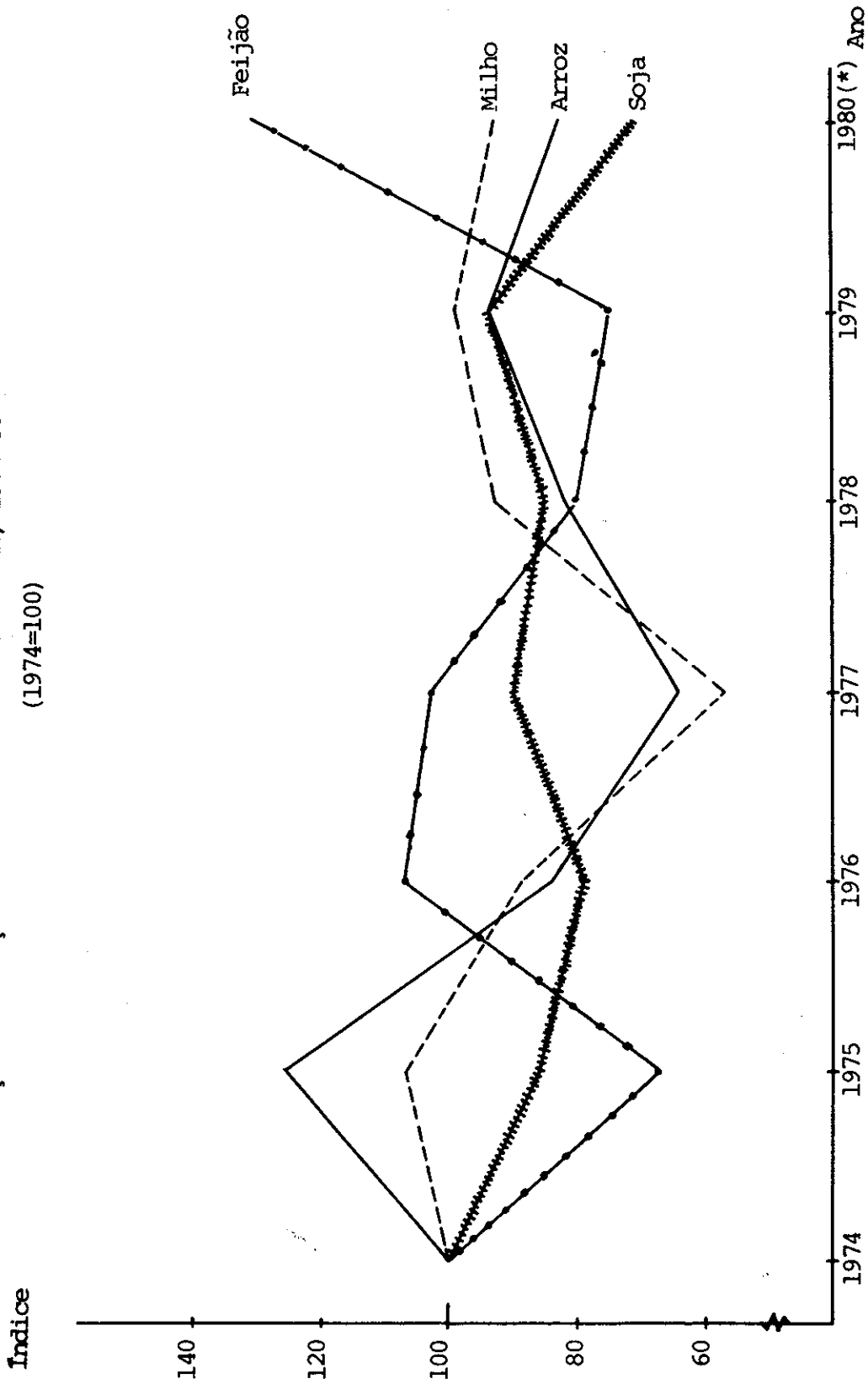
PRODUTO	ANO	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Milho Híbrido		2,46	3,62	4,49	6,20	9,24	13,46
Farelo de Trigo		0,40	0,53	0,89	1,19	1,78	2,80
Ração Balanceada/Aves		1,21	1,50	1,86	2,56	3,67	6,17
Ração Balanceada/Bovinos		1,05	1,26	1,60	2,23	3,11	5,07
Ração Balanceada/Suínos		1,21	1,49	1,84	2,64	3,54	5,54
Sal Grosso		0,57	0,72	0,91	1,33	1,66	2,42
Sal Mineral		3,59	5,07	6,77	9,42	13,58	21,83
Calcário Moído		0,12	0,16	0,21	0,30	0,36	0,51
Cloreto de Potássio		1,41	1,79	1,62	2,01	2,82	4,61
Superfosfato Simples		1,45	2,04	1,63	2,01	2,49	4,22
Superfosfato Triplo		2,91	3,60	3,22	3,89	4,94	7,33
Uréia		2,99	3,62	2,91	3,67	4,72	7,22
Aldrin 5%		4,33	5,45	6,32	8,63	13,53	20,82
Formicida em pó		5,56	5,40	7,05	9,58	14,53	22,00
Herbicida		41,00	62,00	84,00	115,00	151,00	218,00
Carrapaticida		72,00	100,00	143,00	202,00	354,00	495,00
Vacina Febre Aftosa (1)		6,62	9,21	12,65	19,67	35,76	58,87
Vacina Carbúnculo Sintomático (1)		2,15	2,68	3,28	3,53	5,36	8,51
Terramicina (2)		9,12	10,12	12,13	14,53	18,89	25,64
Vacina Peste Suína (1)		9,90	12,54	17,13	22,48	32,74	51,32
Vacina New Castle (1)		0,46	0,46	0,51	1,00	1,21	2,10
Óleo Diesel (3)		0,97	1,34	2,01	3,21	4,33	7,08
Arame Farpado (500m)		226,00	256,00	282,00	379,00	422,00	743,00
Arame Liso Galvanizado		10,20	13,65	14,47	19,33	24,47	36,61
Enxada 2,5 Libras (4)		11,36	16,62	17,48	23,50	31,13	39,86
Latão Leite (20 litros)		63,00	98,00	126,00	185,00	328,00	452,00
Lona Encerada (10 m ²)		223,00	295,00	342,00	503,00	616,00	869,00
Saco Vazio Novo (4)		2,47	5,80	6,31	7,69	9,91	14,40
Cal Virgem		0,42	0,53	0,82	0,98	1,15	1,59
Cimento Portland		0,32	0,62	0,84	1,02	1,28	1,88
Telha Barro Cozido (4)		0,78	1,08	1,27	1,79	2,58	3,49
Tijolo de Barro Cozido (4)		0,35	0,48	0,52	0,77	1,09	1,63
Micro-Trator (4)		14.591,00	19.126,00	24.025,00	37.277,00	54.597,00	82.074,00
Trator Médio (36 a 45 HP) (4)		40.577,00	66.023,00	64.174,00	90.268,00	134.170,00	215.477,00
Trator Pesado (+45 HP) (4)		-	-	83.734,00	116.630,00	180.685,00	265.859,00
Arado 2 e 3 discos 26" (4)		3.878,00	4.949,00	7.376,00	10.856,00	15.531,00	22.247,00
Grade Dupla 20 e 28 discos 28" (4)		3.354,00	4.234,00	5.982,00	8.686,00	12.364,00	17.403,00
Semeadeira 2 linhas-Trator (4)		4.151,00	5.944,00	7.634,00	10.472,00	14.633,00	21.765,00
Semead. Adubo 1 Linha-animal (4)		786,00	1.061,00	1.174,00	1.589,00	2.179,00	2.913,00
Arado Aiveca (4)		490,00	716,00	799,00	1.166,00	1.572,00	2.011,00
Cultivador "Planet-Animal" (4)		232,00	312,00	363,00	518,00	740,00	1.067,00
Grade 15 dentes Animal (4)		289,00	539,00	610,00	813,00	1.127,00	1.428,00
Moto-Bomba-1HP (4)		602,00	921,00	932,00	1.210,00	1.631,00	2.616,00
Motor Elétrico Trifásico (4)		339,00	429,00	521,00	727,00	1.028,00	1.588,00
Bomba Hidráulica (4)		506,00	648,00	681,00	1.072,00	1.441,00	2.204,00
Polvilhadeira Costal (4)		221,00	298,00	351,00	477,00	648,00	832,00
Pulverizador Costal-20 litros (4)		361,00	407,00	449,00	599,00	846,00	1.244,00
Debulhador Milho Manual (4)		139,00	238,00	283,00	371,00	375,00	475,00
Debulhador Milho Motorizado (4)		1.567,00	2.188,00	3.188,00	4.373,00	6.017,00	8.356,00

(1) 10 Doses
(2) 10 CC
(3) Litro
(4) Unidade

Fonte: FGV

Elaboração: SAA/CEPA-SC

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DE GRÃOS EM SANTA CATARINA, 1974-80
(1974=100)

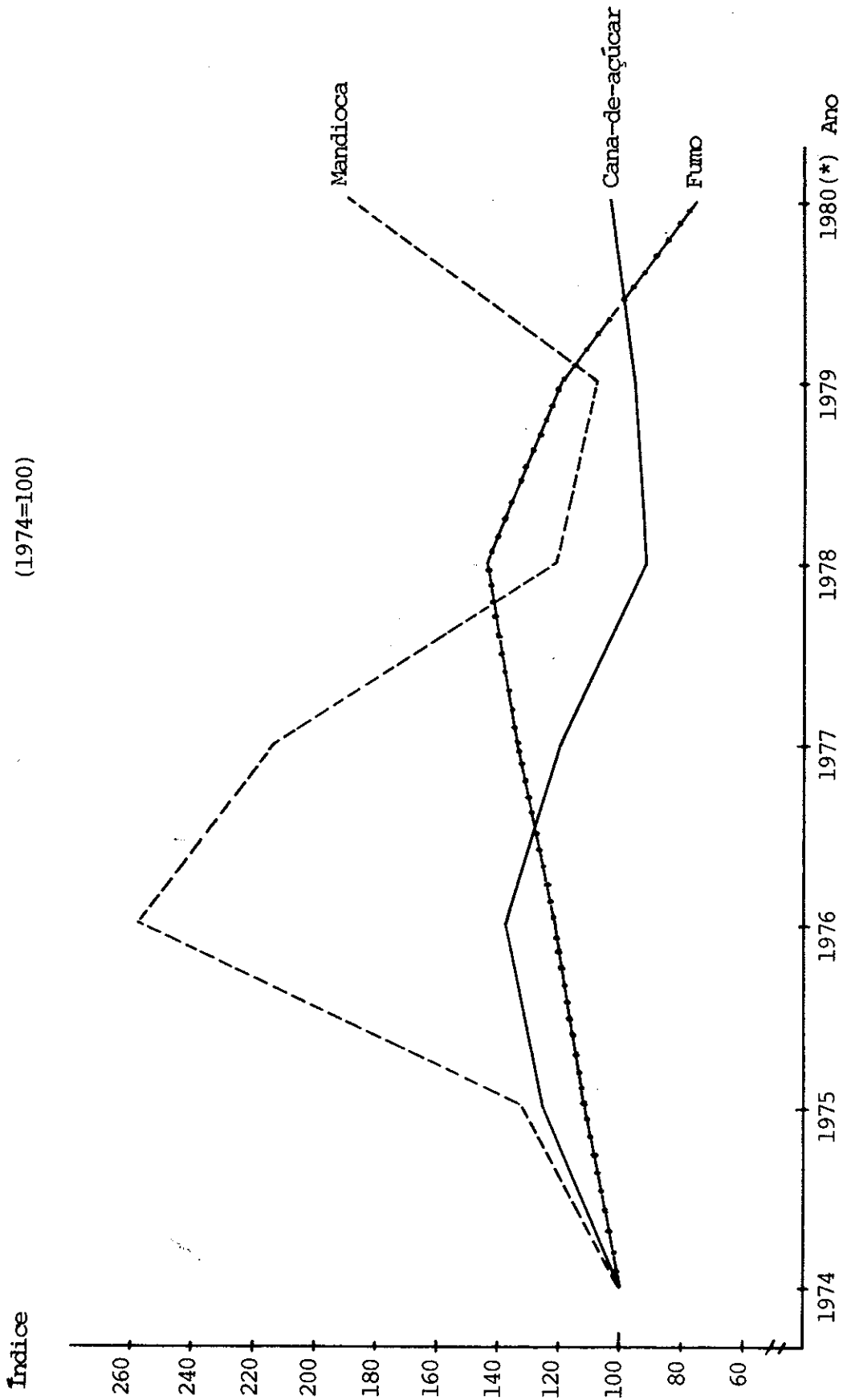


(*) Situação até outubro

Fonte: FIBGE

Elaboração: SAA/CEPA-SC

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DE ALGUMAS MATÉRIAS-PRIMAS DE ORIGEM VEGETAL EM SANTA CATARINA, 1974-80
(1974=100)

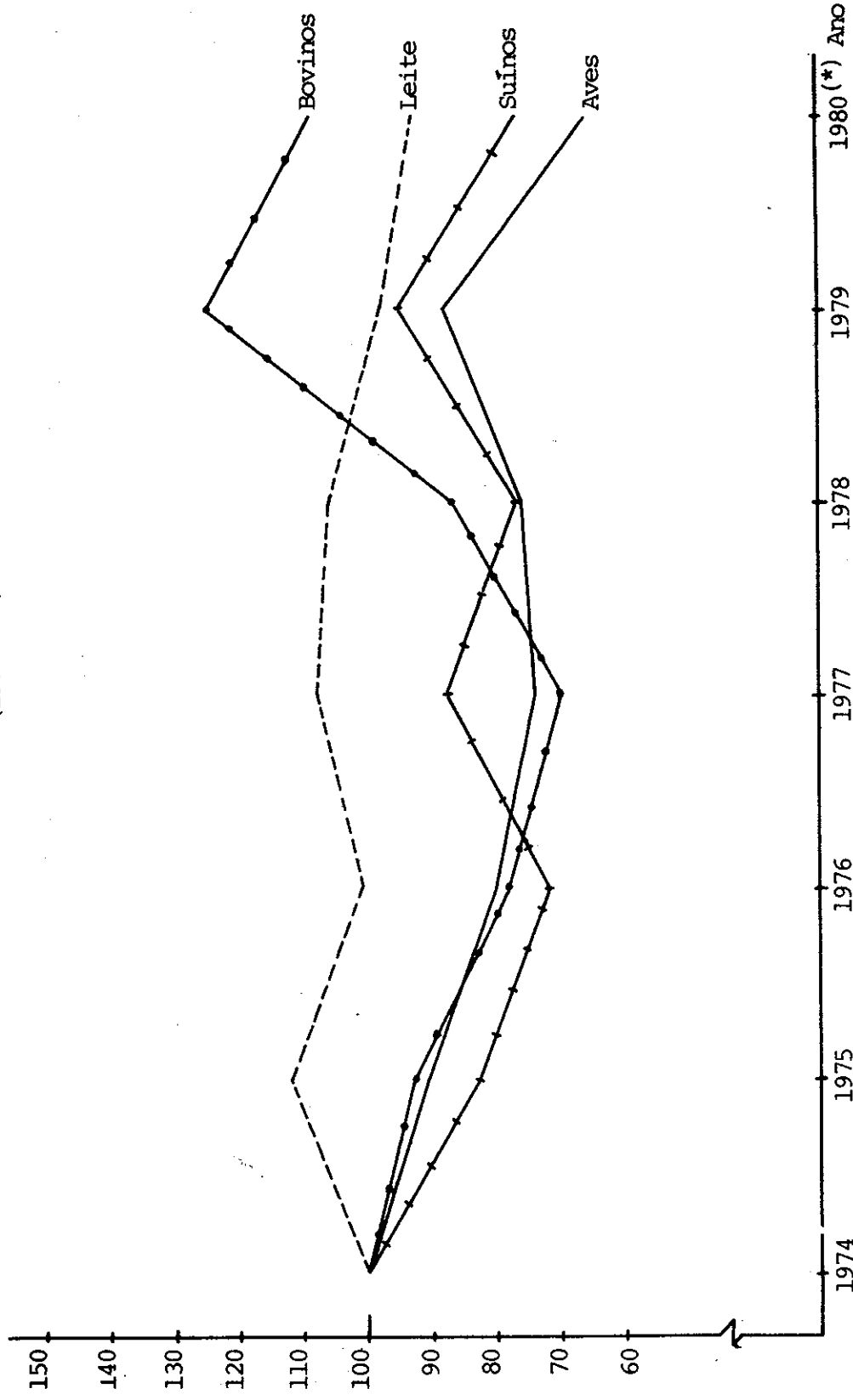


(*) Situação até outubro

Fonte: FGV

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Índice EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DA PECUÁRIA EM SANTA CATARINA, 1974-80
(1974=100)

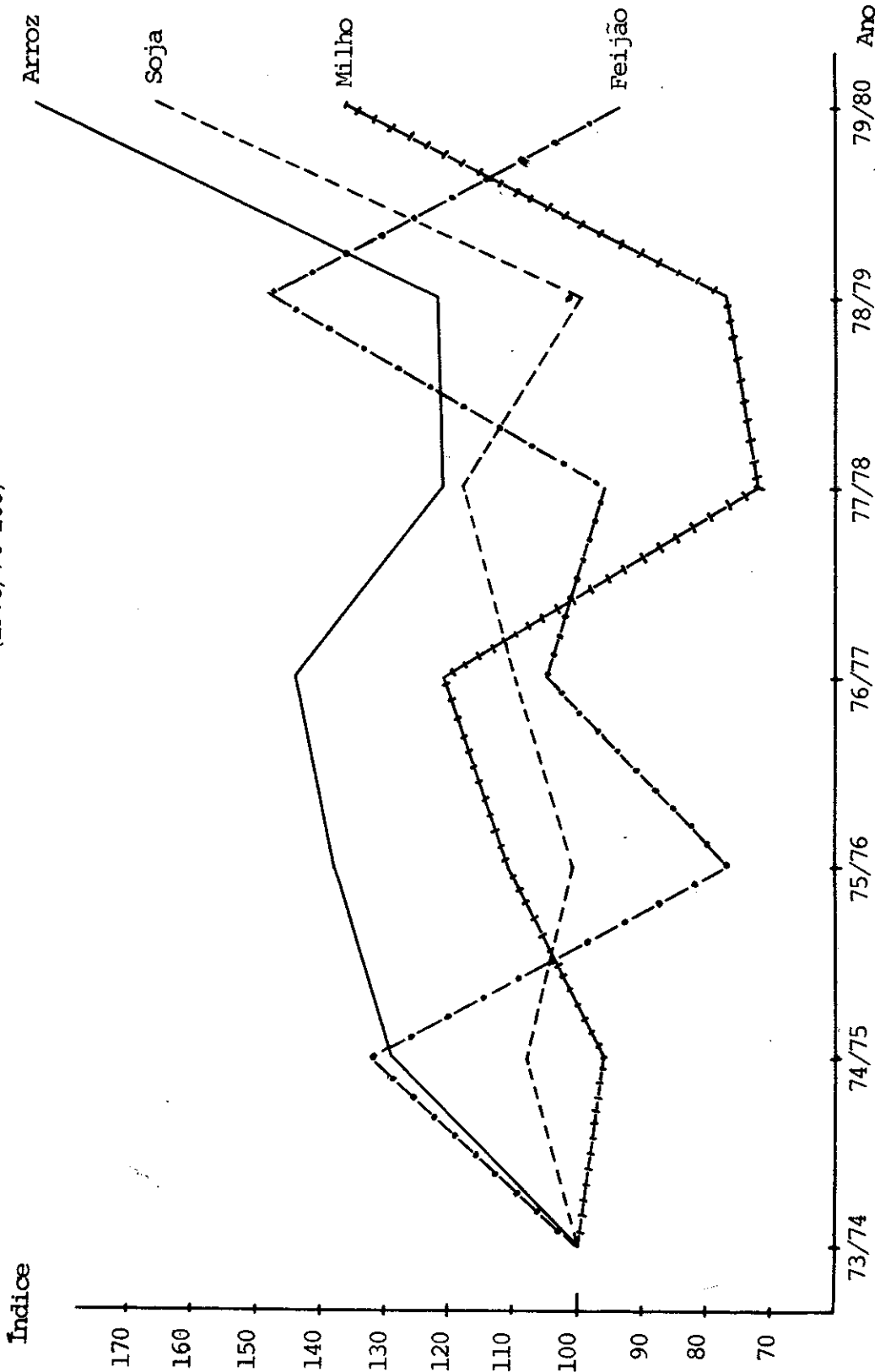


(*) Situação até outubro

Fonte: FGV

Elaboração: SAA/CEPA-SC

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE GRÃOS EM SANTA CATARINA, 1973/74-1979/80
(1973/74=100)

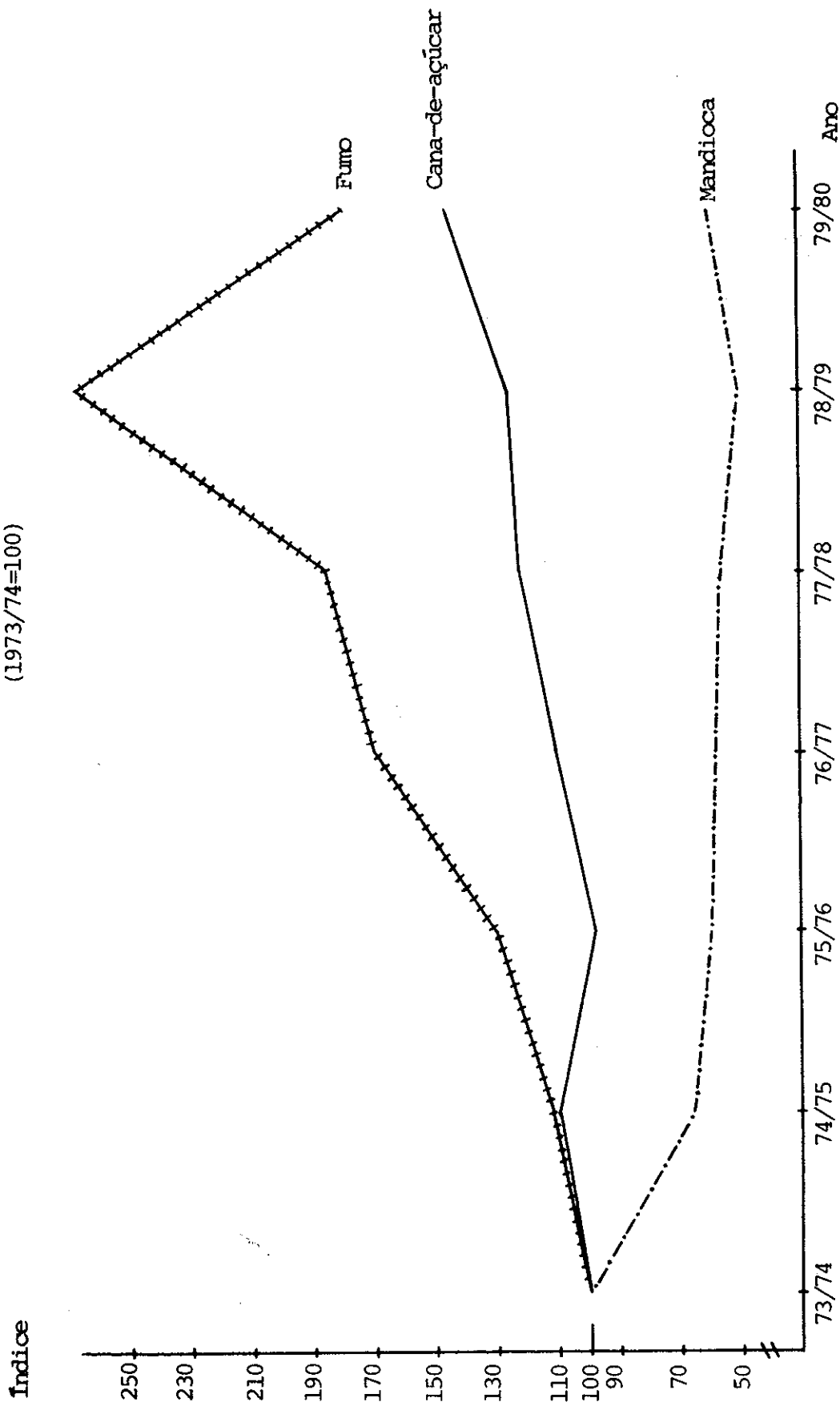


Fonte: FIBGE

Elaboração: SAA/CEPA-SC

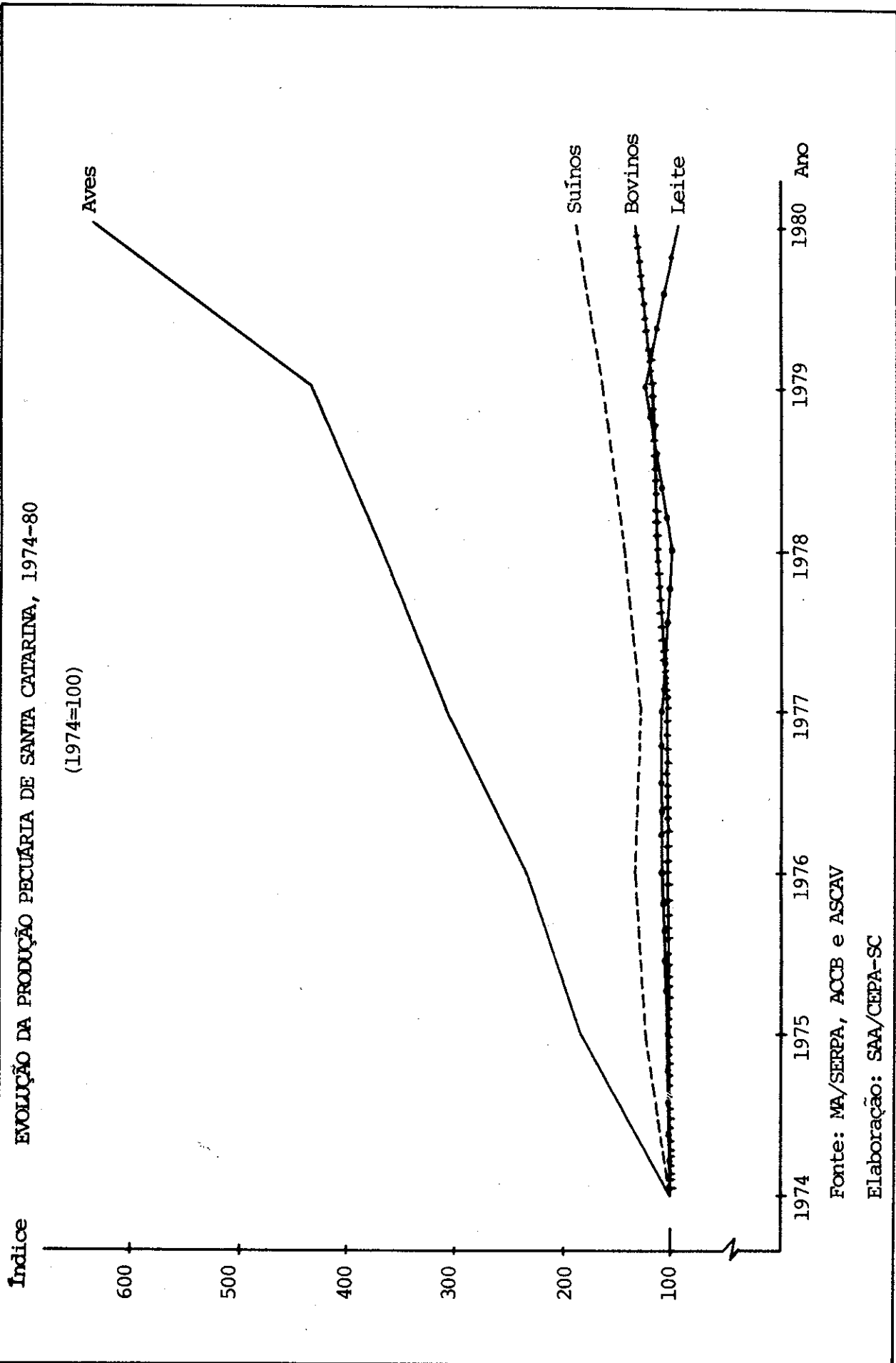
EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE ALGUMAS MATÉRIAS-PRIMAS DE ORIGEM VEGETAL EM SANTA CATARINA, 1973/74-1979/80

(1973/74=100)



Fonte: FIBGE

Elaboração: SAA/CEPA-SC



12. RENDA

O setor agropecuário de Santa Catarina vem decrescendo em participação na formação da renda interna total, de 26,19% em 1970, baixou para 23,11% em 1975, atingindo 16,70% em 1980 (tabela 49).

Isto de modo algum reduz a importância do setor agrícola estadual na geração da renda interna total, pois os demais setores crescem também devido a participação do setor agrícola, visto que, sem dúvida, o crescimento de cada setor não se dá de forma estanque.

As relações intersetoriais representam a própria dinâmica de complementação de um sistema econômico.

Em relação a região Sul, o setor agrícola catarinense contribuiu em 1970 com 25,58% na composição da renda interna do setor primário, diminuindo para 17,63% em 1975, subindo novamente para 23,31% em 1979.

Em relação ao Brasil, a participação da renda interna do setor agropecuário estadual na composição da renda agrícola reduziu-se sensivelmente: de 8,97% em 1970, baixou para 7,31% e 6,17%, respectivamente, nos anos de 1974 e 1979 (tabela 51).

O exposto nas tabelas 49 e 51, permite que se faça algumas relações:

- a) há uma tendência a melhoria relativa da participação da renda interna total de Santa Catarina na região Sul e no Brasil;
- b) caracterizando uma economia em desenvolvimento, o setor primário estadual, apesar de apresentar aumento de produção física e da produtividade das diferentes atividades que o compõem, vem registrando um sensível declínio na composição da renda interna, justificável pelo melhor desempenho dos demais setores;
- c) o setor primário contribui, ainda, indiretamente, na formação da renda interna do setor secundário, como elemento gerador de matérias-primas para agroindústrias;

- d) a importância da agricultura estadual é maior do que dá a entender sua participação relativa na renda interna do setor primário da região Sul (23,31% em 1979), tendo em vista a expressão que tem a agricultura dos estados do Paraná e Rio Grande do Sul, os dois maiores produtores agrícolas do País;
- e) a contribuição da renda interna do setor primário catarinense para a renda interna agrícola nacional vem decrescendo; isto acontece pelo expressivo desenvolvimento econômico do setor primário de outras regiões do País, principalmente a Centro-Oeste.

Por outro lado, ao analisar-se o desempenho da renda pelo ângulo das taxas anuais de crescimento, constata-se que no triênio 1970/73 o setor primário catarinense cresceu em 4,31%, enquanto a região Sul e Brasil em 22,66% e 16,81%, respectivamente. Essa relativa baixa taxa de crescimento verificada no setor primário estadual é ocasionada principalmente pelo bom desempenho físico das culturas de exportação, soja nos estados do Rio Grande do Sul e Paraná e café no Paraná, no crescimento da taxa a nível de Brasil, além das culturas de soja e café, participam o cacau na Bahia e o açúcar nos estados de São Paulo e Pernambuco, aliado aos preços, considerados satisfatórios, obtidos no mercado internacional.

No período 1973/76, o setor primário catarinense apresentou taxa anual de crescimento de 12,49%, região Sul 7,03% e Brasil 10,24%. Esse aumento da taxa de crescimento de Santa Catarina foi em decorrência do acelerado aumento da produção da soja, de suínos e principalmente da avicultura estadual.

No triênio 1976/79, verificou-se taxa negativa de crescimento na renda interna da região Sul de 4,3%, devida às estíagens ocorridas nas safras 1977/78 e 1978/79. Neste mesmo triênio, o setor primário catarinense apesar de ter sofrido igualmente com o fenômeno, apresentou taxa positiva de 4,07%, em função de sua agricultura ser bastante diversificada. Deve-se ressaltar que a suinocultura e avicultura cresceram a taxas anuais de 4,35% e 23,19%, respectivamente, nesse período (tabela 52).

Tabela 48

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS SETORES NA ECONOMIA
CATARINENSE, 1970-80

ANO	S E T O R			TOTAL
	Primário	Secundário	Terciário	
1970	26,19	27,11	46,70	100
1971	25,54	27,72	46,74	100
1972	23,59	29,54	46,87	100
1973	22,05	31,09	46,86	100
1974	23,72	29,31	46,97	100
1975	23,11	29,90	46,99	100
1976	21,00	31,27	47,73	100
1977	20,34	31,02	48,64	100
1978	17,62	32,05	50,33	100
1979	18,45	31,82	49,73	100
1980 (*)	16,70	32,67	50,63	100

(*) Estimativa: FIBGE e FGV

Fonte: FGV e Fundação ITEP

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 49

RENDA INTERNA, POR SETOR, BRASIL, REGIÃO SUL E SANTA CATARINA, 1970-79

(Preços correntes em Cr\$ 10⁶)

A N O	BRASIL					REGIÃO SUL					SANTA CATARINA				
	Setor			Total	Setor			Total	Setor			Total			
	Primário	Secundário	Terciário		Primário	Secundário	Terciário		Primário	Secundário	Terciário				
1970	17.126,7	60.638,7	89.463,1	167.228,5	6.056,0	5.576,8	14.617,2	26.250,0	998,0	1.248,0	1.967,8	4.213,8			
1971	23.973,4	81.223,9	119.225,7	224.423,0	8.932,2	7.983,7	20.070,4	36.986,3	1.319,0	1.653,1	2.604,8	5.576,9			
1972	30.560,2	109.385,5	153.420,2	293.365,9	11.436,1	11.146,7	25.998,1	48.580,9	1.756,7	2.333,7	3.598,7	7.689,1			
1973	44.270,6	153.265,3	204.908,1	402.444,0	18.126,4	16.745,8	34.380,7	69.252,9	2.698,6	3.661,9	5.626,2	11.986,8			
1974	65.657,4	233.587,4	287.510,9	586.755,7	28.073,6	25.351,9	49.827,8	103.253,3	4.916,1	5.885,0	9.578,2	20.379,4			
1975	87.820,9	328.861,9	417.302,4	833.985,2	36.424,7	35.810,2	71.074,3	143.309,2	6.423,0	8.307,7	13.056,3	27.787,0			
1976	137.703,2	492.728,0	652.968,4	1.283.399,5	9.983,7	13.577,2	21.681,7	45.242,6			
1977	236.849,5	712.149,0	990.442,9	1.939.441,8	13.948,5	20.051,6	32.405,2	66.405,2			
1978	320.670,5	1.045.261,2	1.453.418,9	2.819.350,6	17.906,2	30.739,3	49.677,4	98.322,9			
1979	520.608,6	1.754.351,3	2.344.264,2	4.619.224,1	81.394,5	51.102,5	82.203,6	164.700,6			

Fonte: Fundação Getúlio Vargas (Brasil, 1970-79; Região Sul, 1970-75 e Santa Catarina, 1970-75)
 Fundação ITEP (Santa Catarina, 1976-79)

Tabela 50

RENDA INTERNA, POR SETOR, BRASIL, REGIÃO SUL E SANTA CATARINA, 1970-79

(Preços constantes de 1975 em Cr\$ 10⁶)

ANO	B R A S I L			R E G I Ã O S U L			S A N T A C A T A R I N A					
	S e t o r			S e t o r			S e t o r					
	Primário	Secundário	Terciário	Primário	Secundário	Terciário	Primário	Secundário	Terciário			
1970	45.646,9	161.617,0	238.441,1	445.705,0	16.140,7	14.863,5	38.958,4	69.962,6	4.096,8	4.242,0	7.306,4	15.645,2
1971	53.050,2	179.738,7	263.832,0	496.620,9	19.765,9	17.667,0	44.413,0	81.846,3	4.314,4	4.683,2	7.895,1	16.892,7
1972	57.824,4	206.973,5	290.293,7	555.091,5	21.638,8	21.091,2	49.192,2	91.922,2	4.386,5	5.493,5	8.716,1	18.596,1
1973	72.753,7	251.874,0	336.743,0	661.370,7	29.788,7	27.519,8	56.500,7	113.809,2	4.649,7	6.554,8	9.879,6	21.084,1
1974	83.853,6	298.323,6	367.191,4	749.368,6	35.853,9	32.377,9	63.637,0	131.868,8	5.909,2	7.303,2	11.704,6	24.917,0
1975	87.820,9	328.861,9	417.302,4	833.985,2	36.424,7	35.810,2	71.074,3	143.309,2	6.423,0	8.307,7	13.056,3	27.787,0
1976	97.475,2	348.784,6	462.213,1	908.472,9	36.519,3	45.243,5	89.566,8	171.329,6	6.619,2	9.857,0	15.047,1	31.523,3
1977	117.467,4	353.196,0	491.218,0	961.881,4	34.634,1	50.234,0	94.275,6	179.143,7	7.071,9	10.787,8	16.915,5	34.775,2
1978	114.684,9	373.828,3	519.802,2	1.008.315,4	32.014,6	58.413,3	98.731,5	189.159,4	6.549,5	11.909,9	18.703,8	37.163,2
1979	120.931,0	407.514,8	544.544,5	1.072.990,3	32.003,6	62.886,6	101.505,6	196.395,8	7.459,9	12.862,7	20.106,6	40.429,2
1980*	-	-	-	-	-	-	-	-	7.469,0	14.616,0	22.653,0	44.738,0

OBS.: Para a transformação da renda do setor primário da Região Sul, a preços constantes, utilizou-se índices específicos de cada Estado.

* Estimativa: FIBGE e FGV

Fonte: dados brutos: FGV e Fundação IUPER
dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

Tabela 51

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS SETORES DA ECONOMIA DA REGIÃO SUL NO BRASIL, SANTA CATARINA

NA REGIÃO SUL E SANTA CATARINA NO BRASIL, 1970-79

	REGIÃO SUL NO BRASIL			SANTA CATARINA NA REGIÃO SUL			SANTA CATARINA NO BRASIL				
	Setor			Setor			Setor				
	Primário	Secundário	Terciário	Primário	Secundário	Terciário	Primário	Secundário	Terciário		
	Total		Total		Total		Total				
1970	35,36	9,20	16,34	15,70	25,38	18,75	22,36	8,97	2,62	3,06	3,51
1971	37,26	9,83	16,83	16,48	21,83	17,78	20,64	8,13	2,61	2,99	3,40
1972	37,42	10,19	16,94	16,56	20,27	17,72	20,23	7,59	2,65	3,00	3,35
1973	40,94	10,93	16,78	17,21	15,61	17,49	18,52	6,39	2,60	2,93	3,19
1974	42,76	10,85	17,33	17,60	16,48	18,39	18,90	7,05	2,45	3,19	3,32
1975	41,48	10,89	17,03	17,18	17,63	18,37	19,39	7,31	2,53	3,13	3,33
1976	37,47	12,97	19,38	18,86	18,12	16,80	18,40	6,79	2,83	3,26	3,47
1977	29,48	14,22	19,19	18,62	20,42	17,94	19,47	6,02	3,05	3,44	3,62
1978	27,92	15,63	18,99	18,76	20,45	18,94	19,65	5,71	3,19	3,60	3,69
1979	26,46	15,43	18,64	18,30	23,31	19,81	20,58	6,17	3,16	3,69	3,78

Fonte: Dados primários: FGV e Fundação ITEP

Dados Trabalhados: SAA/CEPA-SC

Tabela 52

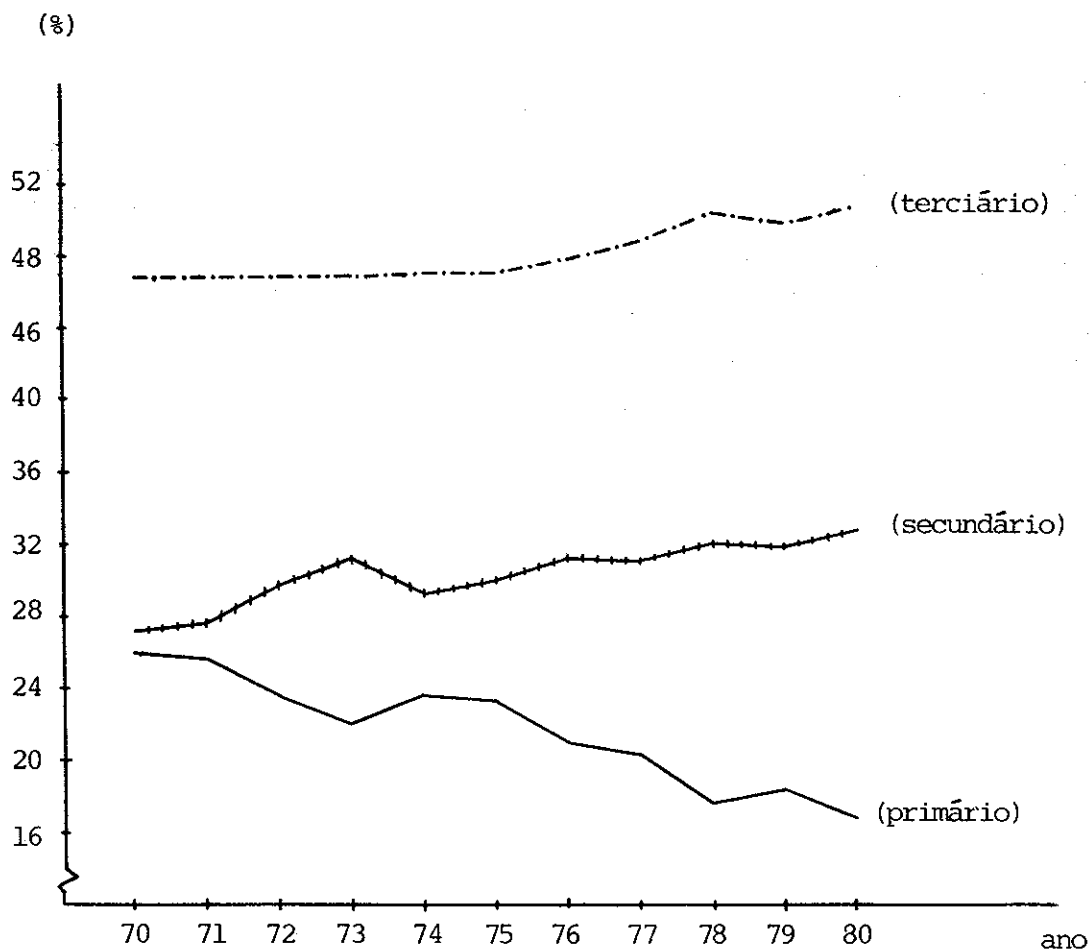
TAXA ANUAL DE CRESCIMENTO DA RENDA INTERNA, POR SETOR, BRASIL, REGIÃO SUL E SANTA CATARINA, 1970-79

PERÍODO	BRASIL				REGIÃO SUL				SANTA CATARINA			
	Setor		Total	Setor		Total	Setor		Total	Setor		Total
	Primário	Secundário		Terciário	Primário		Secundário	Terciário		Primário	Secundário	
1970/73	16,81	15,94	12,19	14,06	22,66	22,79	13,19	17,61	4,31	15,61	10,58	10,46
1973/76	10,24	11,46	11,13	11,16	7,03	18,02	16,60	14,61	12,49	14,56	15,05	14,35
1976/79	7,45	5,32	5,62	5,70	- 4,49	11,60	4,26	4,66	4,07	9,28	10,14	8,65
1970/79	11,43	10,82	9,61	10,25	7,90	17,38	11,23	12,15	6,86	13,12	11,90	11,13

Fonte: Dados Primários: FGV, Fundação ITEP e FIBGE

Dados Trabalhados: SAA/CEPA-SC

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS SETORES NA ECONOMIA CATARINENSE, 1970-80*



(*) Estimativa: FGV e FIBGE

Fonte: Dados primários: FGV e Fundação ITEP
Dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

II – PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO AGROPECUÁRIA

1. LAVOURAS

1.1- Alho

ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SAFRA 1977/78-1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1977/78	247	952	3.854
1978/79	528	1.702	3.267
1979/80	1.299	4.724	3.636
1980/81 ⁽¹⁾	3.413	14.232	4.170

(1) Previsão: FIBGE/GCEA

Fonte: FIBGE

Sem expressão econômica até o ano de 1976 quando a produção catarinense destinava-se somente ao atendimento do consumo interno do Estado, a cultura do alho em Santa Catarina vem apresentando um desenvolvimento marcante em termos de área de plantio e produção obtida.

Esse incremento experimentado pela cultura no Estado, deveu-se a campanha desenvolvida a nível nacional, visando aumentar a produção e melhorar o abastecimento através do cultivo de variedades já existentes no País e também da divulgação das características do alho Chonan.

Essa cultivar, obtida por imigrantes japoneses no município de Curitibanos através do trabalho de melhoramento, possui características de mercado altamente desejáveis, como coloração, formato do bulbo, número e uniformidade de bulbilhos e resistência a debulha. Por possuir essas qualidades, a cultivar Chonan foi enquadrada entre os alhos nobres produzidos no Brasil. Ela apresenta ainda outra especificidade, talvez a mais importante, que é a de permitir o seu cultivo em Santa Catarina, no período compreendido entre maio e janeiro, época de entre-safra nas demais regiões do País.

Cultivado em todas as regiões do Estado, o alho apresenta maior importância econômica nas regiões dos Campos de Curitiba e de Lages (Mapa de Participação das MRHs na Produção de Alho⁽¹⁾) por apresentar condições edafo-climáticas altamente favoráveis, especialmente ao cultivo do alho Chonan.

Na safra 1979/80 essas regiões foram responsáveis por quase 60% da área total de 1.299 ha cultivados em todo o Estado.

Da produção total de 4.724 t produzidas na última safra, cerca de 1.768 t foram oriundas de campos de produções de sementes e como tal, destinadas ao plantio da safra 1980/81.

Os acréscimos de área de plantio verificados nos últimos anos, bem demonstram a importância dispensada pelos agricultores catarinenses à cultura do alho. Na safra 1979/80, esse aumento foi da ordem de 146,02% sobre a área plantada na safra 1978/79. Em termos de produção obtida o aumento foi superior a 177% no mesmo período considerado.

Além dos problemas fitossanitários decorrentes das condições climáticas nem sempre favoráveis, na safra 79/80, a cultura também apresentou alterações fisiológicas (perfilhamento de bulbilhos), devido possivelmente a excessos de adubação nitrogenada e que afetaram a qualidade do produto colhido.

Os preços recebidos pelos produtores oscilaram entre Cr\$ 25,00 e Cr\$ 30,00 por quilo para o alho comum e de aproximadamente Cr\$ 85,00 por quilo para o alho Chonan, embalado em caixas de 10 kg.

Para a atual safra, a área cultivada com alho no Estado está sendo estimada em torno de 3.400 ha, esperando-se uma produção ao redor de 14.200 t e um rendimento médio de 4.170 kg/ha.

Se as previsões de produção confirmarem-se, o Estado de

(1) Para a confecção dos "Mapas de Concentração da Produção de Produtos Agrícolas", utilizaram-se os seguintes critérios:

- a) em cada mapa localizaram-se as MRHs de maior participação na produção em relação ao total estadual;
- b) a concentração da produção é o resultado da divisão do volume produzido na MRH pela área agrícola total da respectiva MRH;
- c) a taxa de ocupação da área com o produto é a relação entre a área cultivada com o respectivo produto e a área explorada total da MRH.

Santa Catarina, atualmente segundo maior produtor de alho do Brasil, estará participando com 30,04% da produção nacional prevista em 47.379 t. Nesse caso, o incremento na atual safra em relação a safra 1979/80, seria da ordem de 167,74% e 201,27% na área de plantio e produção obtida, respectivamente.

A exemplo do ocorrido em anos anteriores, também nesta safra as microrregiões dos Campos de Curitibanos e de Lages destacam-se em termos de área cultivada, sendo responsável pelo plantio de mais de 65% da área total cultivada.

Da produção estimada a ser colhida nesta safra, cerca de 1.940 t deverão ser de alho de cultivares comuns. O volume restante de 12.260 t deverá ser de alho Chonan, sendo que desse total, cerca de 3.420 t deverão ser destinadas a sementes. Aos alhicultores catarinenses serão destinadas em torno de 2.000 t, visando o plantio da próxima safra e a semente restante servirá para atender produtores de outros estados.

As cooperativas catarinenses que operam na comercialização do alho estimam o volume a ser comercializado para outros estados em 600.000 caixas de 10 kg para consumo "in natura". A produção restante deverá ser comercializada pelos próprios produtores.

Além dos problemas climáticos comuns à cultura, que ocorreram também nesta safra, a medida governamental, tributando com ICM o alho produzido no Estado, talvez tenha sido o maior dos entraves encontrados pelos alhicultores catarinenses. Como consequência, as produções catarinenses das próximas safras certamente serão prejudicadas, tendo em vista as repercussões negativas sobre o preço final a ser recebido pelos produtores.

O consumo nacional de alho no ano de 1980, segundo dados do Plano Nacional de Produção e Abastecimento de Alho, foi da ordem de 70.655 toneladas.

A produção brasileira desse produto na safra 1979/80, segundo informações da FIBGE/GCEA e CEPAs dos estados e tabuladas pela CSNPA, foi de 31.660 t, representando cerca de 44,81% do consumo nacional naquele período.

A COOPERPLAC - Cooperativa Regional Agropecuária do Planalto de Curitibanos, comercializou nessa safra apenas 130 t, a

um preço médio de Cr\$ 85,00/kg, embalado em caixas de 10 kg.

O consumo estadual de alho, segundo dados da FIBGE/ENDEF, gira em torno de 1.000 t/ano.

Nos entrepostos oficiais de comercialização a nível de atacado existentes no Estado, o volume transacionado foi de apenas 24,69 t, volume esse constituído de alhos nacionais e importados. Considerando-se somente o alho produzido no Estado, o total comercializado foi de somente 9,16 t.

A tabela 53, mostra o total de alho comercializado na CEASA/SC e Mercado do Produtor, bem como os preços efetuados nos vários estágios da comercialização, durante o ano de 1980.

Tabela 53

VOLUME DO ALHO COMERCIALIZADO E PREÇOS MÉDIOS DE COMERCIALIZAÇÃO, 1980

MÊS	VOLUME (t)		PREÇOS MÉDIOS DE COMERCIALIZAÇÃO (Cr\$/kg)			
	CEASA/SC	MEPRO	Produtor (*)	Atacado (**)		Varejo
				Nacional	Import.	
Jan	0,87	-	28,00	51,35	-	60,00
Fev	0,79	0,48	27,50	68,26	-	70,00
Mar	1,82	0,38	30,00	55,34	84,44	62,14
Abr	0,67	-	30,00	58,86	82,74	90,00
Maio	2,75	-	30,00	58,26	98,49	96,25
Jun	0,89	-	45,00	69,42	113,00	80,56
Jul	1,79	-	75,00	112,86	140,31	137,50
Ago	7,18	-	75,00	119,91	144,30	140,00
Set	3,09	-	75,00	99,58	-	105,00
Out	2,11	-	80,00	100,58	-	115,34
Nov	1,23	-	80,00	97,12	-	90,00
Dez	0,64	-	80,00	108,21	-	85,20
Total	23,83	0,86	-	-	-	-

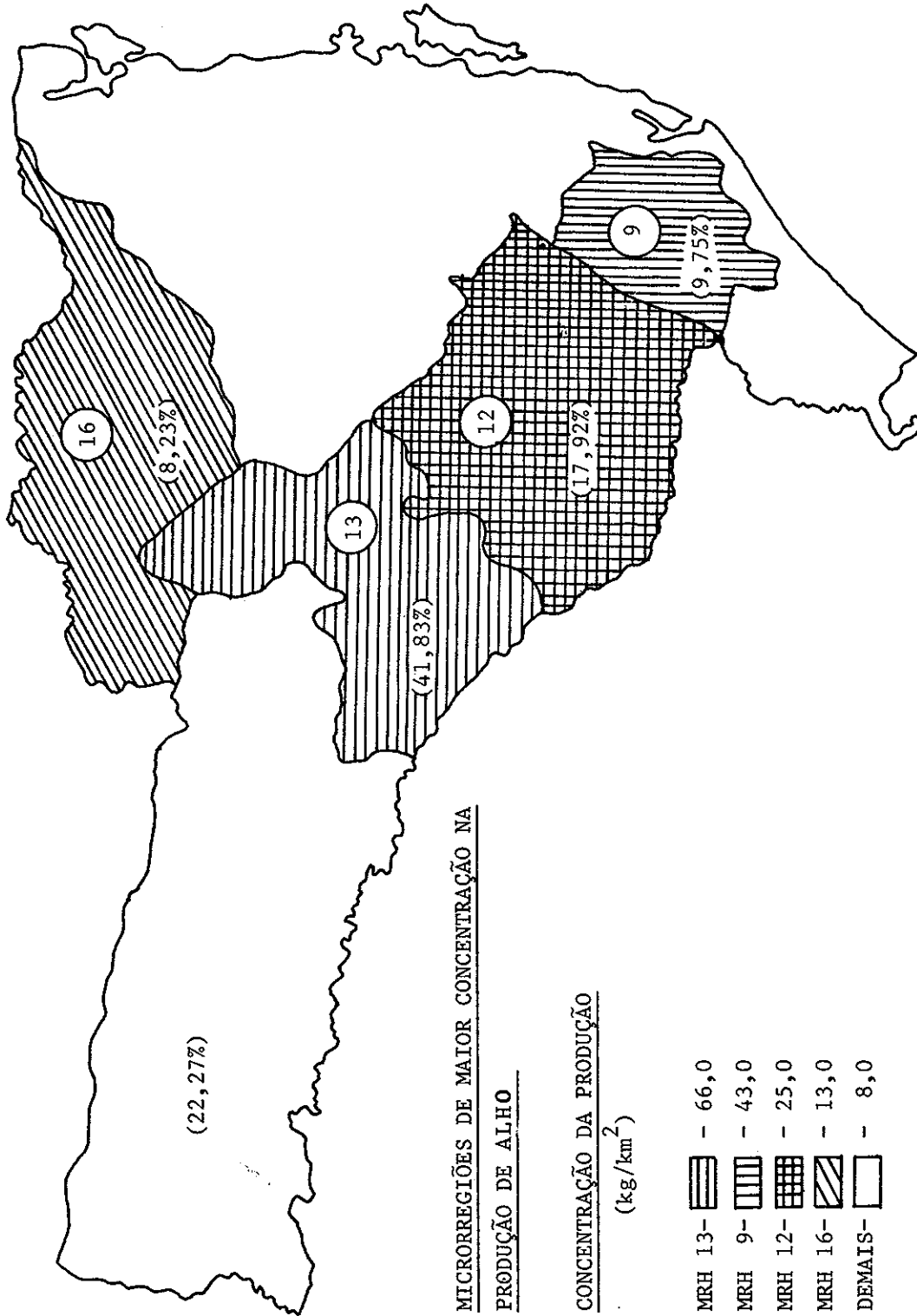
(*) Preços coletados nas várias regiões produtoras pela SAA/CEPA-SC, contemplando apenas o alho comum.

(**) Preços médios ponderados coletados no atacado e varejões da CEASA/SC

Fonte: CEASA/SC, Mercado Produtor e SAA/CEPA-SC






OBS.: Os preços menores no varejo em relação ao atacado, decorrem do preço médio entre o alho nacional e o importado e da qualidade do produto ofertado, normalmente inferior nos varejões.

PARTICIPAÇÃO DAS MRHs NA PRODUÇÃO DE ALHO



MICRORREGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO NA PRODUÇÃO DE ALHO

CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO
(kg/km²)

MRH 13-		- 66,0
MRH 9-		- 43,0
MRH 12-		- 25,0
MRH 16-		- 13,0
DEMAIS-		- 8,0

1.2- Arroz

ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SAFRA 1976/77-1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1976/77	148.164	332.950	2.247
1977/78	133.330	279.012	2.093
1978/79			
. Irrigado	80.197	239.471	2.986
. Sequeiro	75.877	20.323	268
1979/80			
. Irrigado	86.397	302.045	3.496
. Sequeiro	67.094	126.826	1.891
1980/81 ⁽¹⁾			
. Irrigado	88.340	308.800	3.496
. Sequeiro	65.300	123.500	1.891

Fonte: FIBGE/GCEA - EMATER-SC/ACARESC e SAA/CEPA-SC

(1) Estimativa: FIBGE/GCEA - SAA/CEPA-SC

Ocupando o 3º lugar em importância econômica no Valor Bruto da Produção das lavouras catarinenses, o arroz é produzido no Estado dentro de duas modalidades: sequeiro e irrigado.

Estima-se que cerca de 105.000 propriedades agrícolas se dedicam a produção de arroz, quer no sistema irrigado ou no de sequeiro.

Na safra 1979/80, Santa Catarina, com uma produção de 428,9 mil toneladas foi o 8º produtor, respondendo por aproximadamente, 4,4% da produção nacional.

O arroz irrigado, foi responsável na safra 1979/80, por aproximadamente 56% do total da área cultivada com a gramínea e representou 70,4% do volume total da produção orizícola.

A microrregião 3, maior região produtora, com 23,4% da produção, seguida na ordem de importância pelas microrregiões 1, 11, 10 e 5, conforme pode ser observado no Mapa de Participação das MRHs, na produção de Arroz Irrigado do Estado de Santa Catarina.

No cultivo sob esta modalidade, é bastante intensa a utilização de máquinas e equipamentos agrícolas, bem como, é gran

de o uso de insumos modernos.

A expansão da área cultivada com arroz irrigado, tem sido limitada, pela indisponibilidade de água ou pelas dificuldades em sua obtenção, quadro que pode ser modificado com altos investimentos.

De um modo geral, na safra 1979/80, as condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura. Contudo, alguns problemas foram verificados na região Sul, onde ocorreu período de escassez de chuvas.

Ainda na região Sul, outras ocorrências prejudicaram a cultura, tais como: alta incidência da "bicheira da raiz"; prejuízos com a má atuação dos herbicidas e grande incidência de arroz vermelho na lavoura.

No litoral Norte, por causa da concentração da colheita num curto espaço de tempo, existiram problemas na própria colheita, no recebimento, secagem e armazenagem do produto.

Para a safra 1980/81, as estimativas da FIBGE/GCEA, apontam um aumento de área da ordem de 2,2% com uma produção estimada de 308,8 mil toneladas.

Nesta safra o excesso de chuvas, nos meses de setembro e outubro, prejudicaram as operações de preparo do solo e plantio no Sul do Estado, atrasando estas operações, o que deverá causar problemas, tanto no desenvolvimento da cultura como na época da colheita.

No litoral Norte, as chuvas além de provocarem o retardamento no plantio, ocasionaram redução no "stand", fazendo com que muitos produtores se obrigassem a efetuar replantios.

A modalidade sequeiro, com 44% da área total plantada com arroz, respondeu por apenas 29,6% da produção estadual em 1979/80.

A maior região produtora é a microrregião 15 com 38,85% da produção, seguida pelas microrregiões 14, 16 e 5 na respectiva ordem de importância, conforme pode ser observado no Mapa da Participação das MRHs na Produção de Arroz de Sequeiro.

A área plantada com arroz de sequeiro tem decrescido, nos últimos anos, em decorrência principalmente dos riscos que a cultura apresenta com relação a falta de chuvas em determina -

dos períodos de seu ciclo vegetativo. Assim é que, nas safras 1977/78 e 1978/79, a ocorrência de estiagens provocou quedas bruscas no rendimento médio (268 kg/ha na safra 1978/79), provocando diminuição da área plantada nesta modalidade.

Na safra 1979/80, o arroz de sequeiro apresentou desempenho de 110% superior ao inicialmente previsto, em função das boas condições climáticas que se apresentaram para o desenvolvimento da cultura. De um rendimento médio estimado de 900 kg/ha, em outubro de 1979 (início do plantio), foram efetivamente alcançados 1.891 kg/ha.

Apesar da área de plantio ter decrescido em 13% com relação a safra 1978/79, a produção cresceu 524% com relação a essa mesma safra.

Para a safra 1980/81, a FIBGE/GCEA estima uma produção de 123,5 mil toneladas com rendimento médio previsto de 1.891 kg/ha. Até dezembro as condições climáticas não se constituíram em obstáculo ao desenvolvimento da cultura.

O volume da produção catarinense, 428,9 mil toneladas, é suficiente para atender ao consumo interno estadual de arroz, e ainda gera excedente para a exportação na forma de arroz descascado e, geralmente, macerado.

Apesar da produção estadual ser suficiente para o consumo interno, a grande capacidade de beneficiamento instalada no Estado (cerca de 650.000 t) obriga os engenhos a adquirirem o produto em casca do vizinho estado do Rio Grande do Sul, para poderem suprir suas necessidades.

Santa Catarina é tradicional fornecedor de arroz descascado e macerado para as praças de Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro.

Apesar da entrada de pequena parcela da produção estadual, já em janeiro de 1980, o volume comercializado foi insuficiente para atender a demanda do produto para o consumo interno estadual, em face da escassez que se verificava em fins de 1979. Esse fato, fez com que a CFP liberasse para ser comercializado pelos supermercados catarinenses, 850 toneladas de produto importado.

Em fevereiro, a CFP, atendendo solicitação das Coopera-

tivas, liberou um volume de recursos para Prê-EGF, da ordem de Cr\$ 24.200.000,00 assim distribuídos: Norte do Estado Cr\$..... 10.800.000,00; Vale do Itajaí Cr\$ 8.500.000,00; Oeste Cr\$ 3.250.000,00 e Planalto Central Cr\$ 1.650.000,00.

Em junho, a Portaria Ministerial que cancelou os créditos para comercialização do arroz, causou grande apreensão aos produtores, suas cooperativas e intermediários que já estavam ressentidos com a elevação dos juros para 29%. O restabelecimento, no mesmo mês dos financiamentos de Prê-EGF e EGF para cooperativas e produtores, voltou a tranquilizar parcialmente o setor produtivo.

Os preços a nível de produtor, que no início de janeiro situavam-se na faixa de Cr\$ 620,00/sc, com a entrada da safra, sofreram quedas expressivas trazendo desânimo aos produtores. O preço somente voltou a crescer, a partir de agosto/setembro, quando já era inexpressivo o volume de arroz em mãos dos produtores.

O comportamento dos preços do arroz em casca e do arroz descascado comercializado para as praças de Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro são dados pela tabela a seguir:

Tabela 54- EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO ARROZ EM CASCA A NÍVEL DE PRODUTOR CATARINENSE E DESCASCADO A NÍVEL DE MERCADO INTERESTADUAL - 1980 (Cr\$ 1,00)

MÊS	ARROZ EM CASCA A NÍVEL DE PRODUTOR (1)	ARROZ DESCASCADO MERCADO INTERESTADUAL (2)
Jan	620/650	1.600/1.700
Fev	500/450	1.600/1.800
Mar	500/450/400	1.400/1.600
Abr	450/400	1.400/1.600
Mai	500/450	1.500/1.600
Jun	550/400	1.400/1.500
Jul	550/400	1.650
Ago	600/650	1.600
Set	550/650	1.800/1.900
Out	750/800	1.800/2.000
Nov	730/750	2.200/2.300
Dez	-	2.100/2.200

(1) - Sacas de 50 kg; (2) - Sacas de 60 kg
Fonte: SAA/CEPA-SC

Tabela 55

PREÇO MENSAL DO ARROZ A NÍVEL DE PRODUTOR, ATACADO E
VAREJO, SEGUNDO VÁRIAS FONTES - SANTA CATARINA, 1980

(Cr\$/kg)

Mês	PRODUTOR		ATACADO	COMÉRCIO INTERESTADUAL	VAREJO
	CEPA/SC	FGV	SUNAB (*) (Amarelão)	CEPA/SC (Descascado Ma cerado)	SUNAB (*) (Amarelão)
Jan	12,70	10,97	...	27,50	31,65
Fev	9,50	28,30	31,19
Mar	9,00	9,23	24,00	25,00	26,81
Abr	8,50	9,07	24,00	25,00	26,69
Mai	9,50	9,04	24,00	25,80	28,28
Jun	9,50	9,02	24,80	24,10	27,16
Jul	9,50	...	25,00	27,50	26,72
Ago	12,50	10,23	28,00	26,60	30,45
Set	12,00	11,77	28,80	30,80	32,46
Out	15,50	13,42	34,30	31,60	37,55
Nov	14,80	...	39,20	37,50	44,60
Dez	40,00	35,80	43,20

(*) Preços coletados nos mercados da Grande Florianópolis

Fonte: FGV - SAA/EMATER-ACARESC, SUNAB e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

ARROZ IRRIGADO

Tração Motora - Rendimento Médio Previsto: 4.000 Kg/ha

Este custo contempla lavouras irrigadas das Regiões de Florianópolis e Sul do Estado. (Cr\$ 1,00)

MÊS/ANO	CUSTOS			VARIÁVEIS		TOTAL DOS CUSTOS		TOTAL DOS CUSTOS/ha	CUSTO POR SACO DE 50/Kg	PREÇO MÍNIMO
	INSUMOS	SERVIÇOS MECÂNICOS	SERVIÇOS MANUAIS	SERVIÇOS OUTROS CUS-TOS VARIÁV.	CUSTOS VARIÁVEIS	CUSTOS FIXOS				
							TOTAL DOS CUSTOS			
Dez/79	4.370	8.045	1.838	4.875	19.128	6.503	25.631	320	334	
Abr/80	7.632	8.477	1.838	5.529	23.476	6.503	29.979	375	334	
Ago/80	12.805	11.000	2.970	12.713	39.488	12.248	51.736	647	720	

Tração Motora - Rendimento Médio Previsto: 5.000 Kg/ha

Este custo contempla lavouras irrigadas do Vale do Itajaí e Região de Joinville (Cr\$ 1,00)

MÊS/ANO	CUSTOS		VARIÁVEIS		TOTAL DOS CUSTOS		TOTAL DOS CUSTOS/ha	CUSTO POR SACO DE 50/Kg	PREÇO MÍNIMO
	INSUMOS	SERVIÇOS MECÂNICOS	SERVIÇOS MANUAIS	SERVIÇOS OUTROS CUS-TOS VARIÁV.	CUSTOS VARIÁVEIS	CUSTOS FIXOS			
Dez/79	6.770	8.410	5.073	2.987	23.240	8.239	31.479	315	334
Abr/80	10.002	9.490	5.073	3.439	28.004	8.239	36.243	362	334
Ago/80	12.222	14.400	8.010	7.599	42.231	14.105	56.336	563	720

ARROZ SEQUEIRO

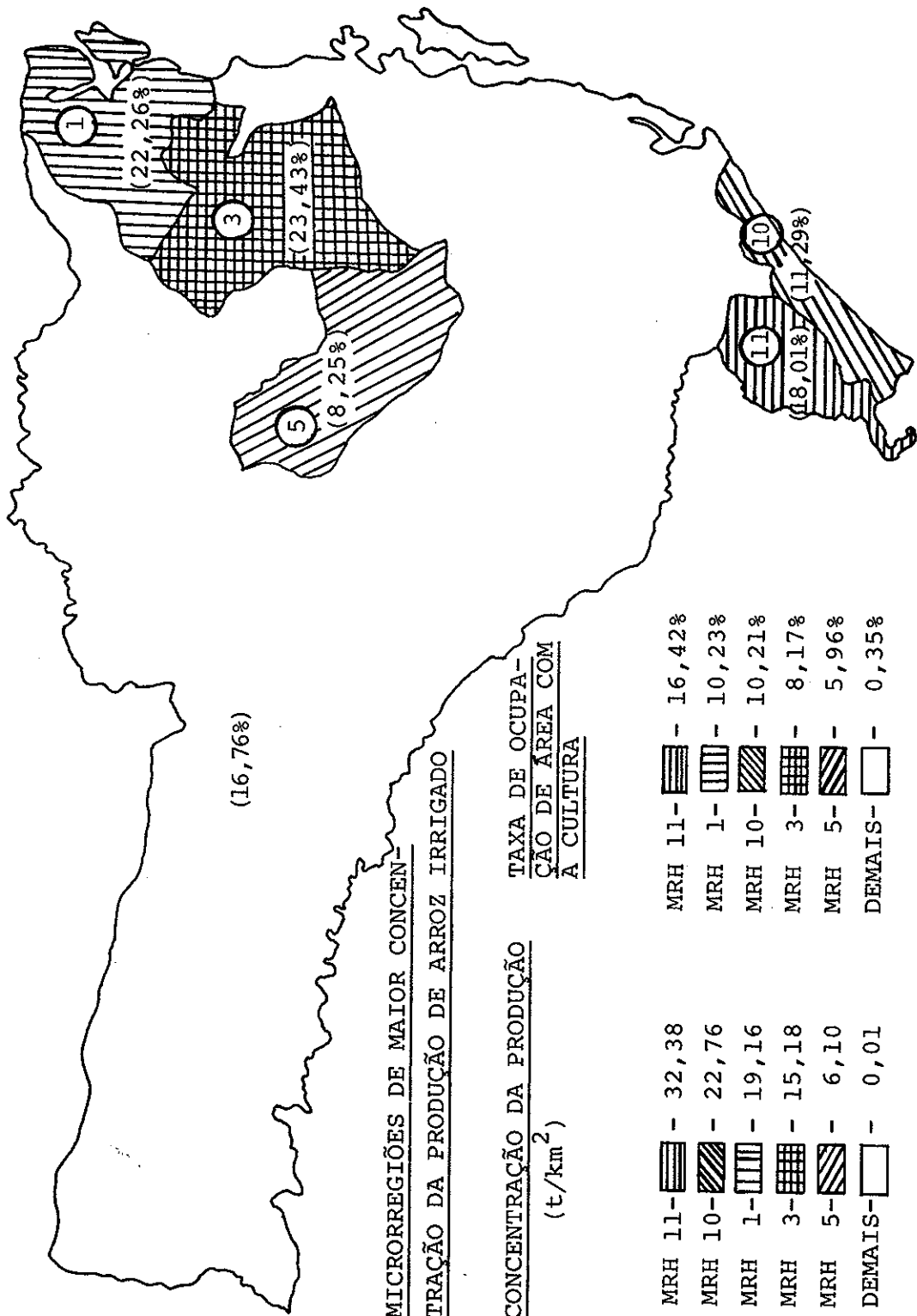
Tração Motora - Rendimento Médio Previsto: 2.000 Kg/ha

Sistema utilizado em áreas novas visando "amansar" o terreno para a implantação de culturas de soja e milho. (Cr\$ 1,00)

MÊS/ANO	CUSTOS			VARIÁVEIS		TOTAL DOS CUSTOS		TOTAL DOS CUSTOS/ha	CUSTO POR SACO DE 50/Kg	PREÇO MÍNIMO
	INSUMOS	SERVIÇOS MECÂNICOS	SERVIÇOS MANUAIS	SERVIÇOS OUTROS CUS-TOS VARIÁV.	CUSTOS VARIÁVEIS	CUSTOS FIXOS				
							TOTAL DOS CUSTOS			
Dez/79	948	4.749	275	991	6.963	3.301	10.264	257	334	
Abr/80	1.715	4.907	585	1.125	8.332	3.371	11.703	293	334	
Ago/80	4.807	6.262	513	2.678	14.260	6.240	20.500	513	720	

Nota: A elaboração dos custos foi coordenada pela CEPA/SC e contou com a participação DA EMATER-SC/ACARESC, da EMPASC e de Cooperativas estaduais.

PARTICIPAÇÃO DAS MRHs NA PRODUÇÃO DE ARROZ IRRIGADO



MICRORREGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO DE ARROZ IRRIGADO

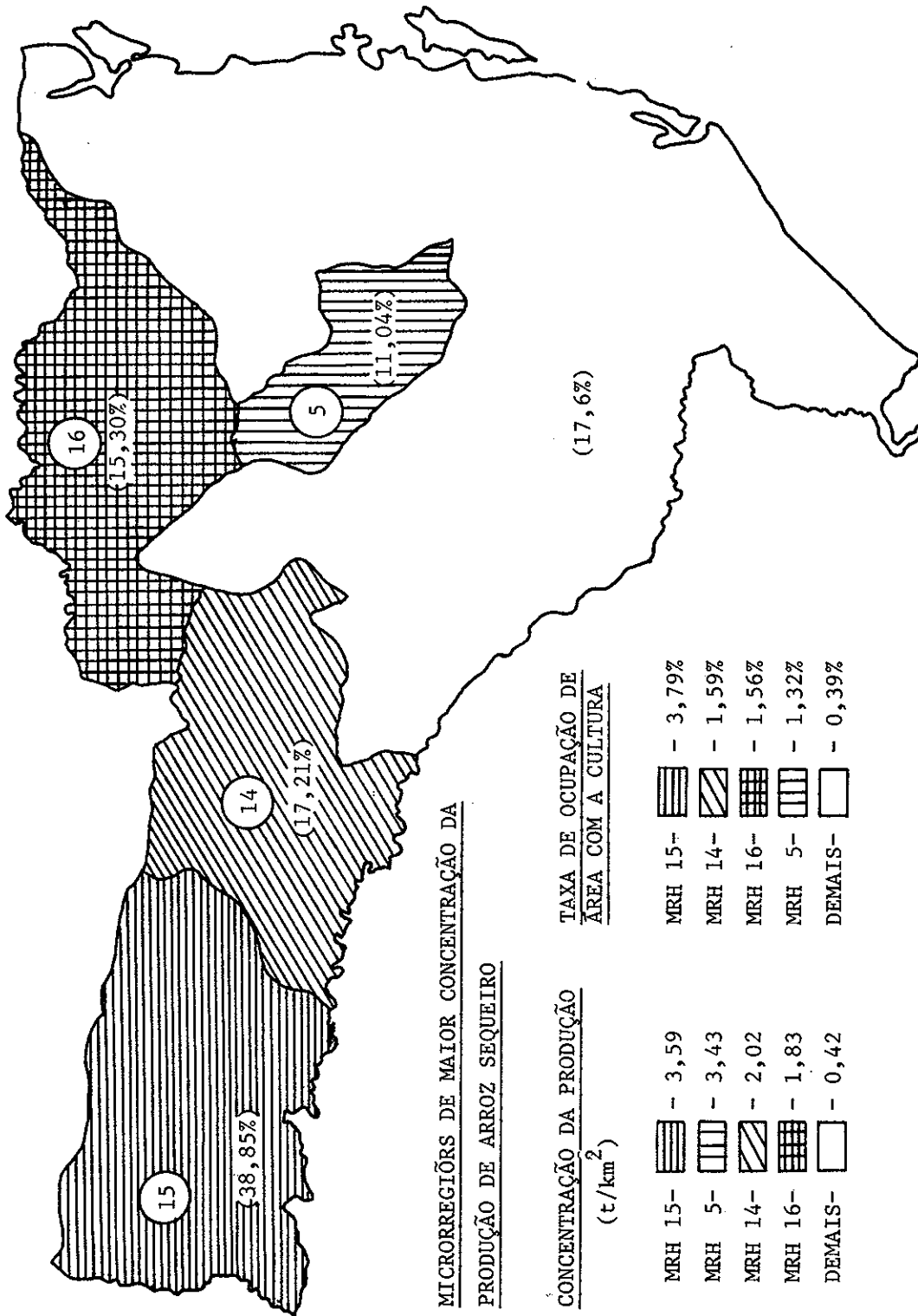
TAXA DE OCUPAÇÃO DE ÁREA COM A CULTURA

CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO

(t/km²)

MRH 11-	- 32,38	MRH 11-	- 16,42%
MRH 10-	- 22,76	MRH 1-	- 10,23%
MRH 1-	- 19,16	MRH 10-	- 10,21%
MRH 3-	- 15,18	MRH 3-	- 8,17%
MRH 5-	- 6,10	MRH 5-	- 5,96%
DEMAIS-	- 0,01	DEMAIS-	- 0,35%

PARTICIPAÇÃO DAS MRHs NA PRODUÇÃO DE ARROZ SEQUEIRO



MICRORREGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO DE ARROZ SEQUEIRO

CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO (t/km²)

MRH 15-	- 3,59
MRH 5-	- 3,43
MRH 14-	- 2,02
MRH 16-	- 1,83
DEMAIS-	- 0,42

TAXA DE OCUPAÇÃO DE ÁREA COM A CULTURA

MRH 15-	- 3,79%
MRH 14-	- 1,59%
MRH 16-	- 1,56%
MRH 5-	- 1,32%
DEMAIS-	- 0,39%

1.3- Batata Inglesa

ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SAFRA 1975/76-1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1975/76	17.984	141.065	7.844
1976/77	15.964	128.886	8.073
1977/78	16.555	115.977	7.005
1978/79	19.903	162.617	8.170
1979/80	20.114	144.053	7.162
1980/81			
. 1ª safra(1)	12.930	100.400	7.765
. 2ª safra(2)	5.000	35.000	7.000

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (nov/80)

(2) Previsão: SAA/CEPA-SC (nov/80)

Fonte: FIBGE

Privilegiado com uma diversidade de micro-climas, de certa forma propícios ao cultivo da batata, o Estado de Santa Catarina destaca-se como produtor de batata-semente. As condições de clima favoráveis permitem o cultivo dessa solanácea em praticamente todos os meses do ano.

Cultivada em todas as regiões do Estado, a batata tem como maiores produtoras as microrregiões do Planalto de Canoinhas, Campos de Lages, Carbonífera, Alto Vale do Itajaí, Campos de Curitibanos e Colonial Serrana Catarinense.

Apesar dessa situação altamente favorável em termos de clima, a cultura não tem apresentado aumentos de área significativos nos últimos dois anos e a produção total obtida na safra passada decaiu, quando comparada com a safra 1978/79. Os incrementos em termos de área de plantio não foram maiores devido principalmente a baixa remuneração recebida pelos produtores por suas produções, em anos anteriores. A pequena produtividade que se tem verificado, decorre em parte, do plantio de lavouras em áreas já infestadas, embora a ocorrência de geadas extemporâneas também tenha contribuído para essa redução.

Na safra 1979/80 o Estado produziu 144.053 t de batata

em uma área cultivada de 20.114 ha, sendo esse volume menor em 11,42% ao produzido na safra 1978/79. Contribuíram para essa redução: o excesso de chuvas nos meses de outubro e novembro; a ocorrência de geadas extemporâneas; a alta incidência de pragas e doenças em quase todas as fases da cultura; os preços não remuneradores recebidos pelos produtores na safra anterior e os altos custos dos insumos, que levaram os agricultores a não utilização dos mesmos para não onerar ainda mais os custos de produção.

Na safra atual, a área total estimada para o cultivo da batata deverá sofrer redução em 10,85% comparada com a safra anterior, devido as dificuldades encontradas na aquisição de tubérculos-sementes e dos altos custos de implantação das lavouras. Dessa forma, a área a ser cultivada, 1ª safra, deverá ser em torno de 12.930 ha e a produção a ser obtida ficará ao redor de 100.400 toneladas, para um consumo anual de cerca de 98.000 toneladas.

Em termos de produção de sementes, Santa Catarina destaca-se como o maior produtor nacional.

Na safra 1978/79 a produção catarinense foi de 1.300.000 caixas de 30 kg, enquanto na safra passada atingiu cerca de 1.000.000 de caixas.

Para a atual safra (primeiro plantio) estima-se uma área a ser plantada em torno de 1.550 ha, esperando-se uma produção de 550.000 caixas sendo que esses números deverão se repetir quando do plantio da segunda safra.

As microrregiões maiores produtoras são as do Planalto de Canoinhas e Campos de Lages.

Estima-se que cerca de 125.000 t de batata, de um total de 144.053 t produzidas no Estado na safra 1979/80, tenham sido comercializadas nos diversos níveis de atacado.

Considerando-se somente a comercialização efetuada nos entrepostos oficiais, CEASA/SC e Mercado do Produtor do Vale do Rio Canoas, esse volume foi de 5.714,35 toneladas, representando 4% do total produzido. Se for considerada somente a produção estadual de batata, essa participação diminui, pois desta foram comercializadas 4.259 toneladas.

Apesar de ser auto-suficiente em termos de produção anual, Santa Catarina efetuou importações de batata, especialmente dos estados do Paraná e São Paulo, em todos os meses do ano de 1980. Isso decorre das várias épocas de colheita do produto no Estado, fazendo com que, notadamente nos meses de junho, julho, agosto, setembro e outubro, a produção não atenda ao consumo interno (em torno de 8.150 t mensais), e, também, porque os atacadistas que se abastecem na CEASA/PR e CEAGESP, completam suas cargas com esse tubérculo.

A tabela 57 mostra a quantidade de batata inglesa comercializada mensalmente na CEASA/SC e MEPRO, bem como, as cotações do produto nesse mercado.

Tabela 57

VOLUME DE BATATA INGLESA COMERCIALIZADO E PREÇOS MÉDIOS, SANTA CATARINA - 1980

MÊS	VOLUME (t)		PREÇOS MÉDIOS - Cr\$/Kg		
	CEASA/SC	MEPRO	PRODUTOR (*)	ATACADO (**)	VAREJO (**)
Jan	519,95	113,15	3,90	4,81	5,20
Fev	364,42	117,95	4,00	5,28	5,92
Mar	506,78	101,03	4,54	7,91	9,26
Abr	526,05	85,95	5,26	8,34	9,60
Mai	498,22	50,65	8,45	12,36	13,12
Jun	286,35	12,50	8,83	13,94	15,28
Jul	382,52	-	22,00	25,55	27,88
Ago	434,19	-	22,00	29,36	28,74
Set	378,28	-	23,40	28,80	31,43
Out	379,94	-	30,00	39,39	41,67
Nov	396,75	-	24,92	33,79	37,89
Dez	559,67	-	22,00	25,87	28,13
TOTAL	5.233,12	481,23	-	-	-

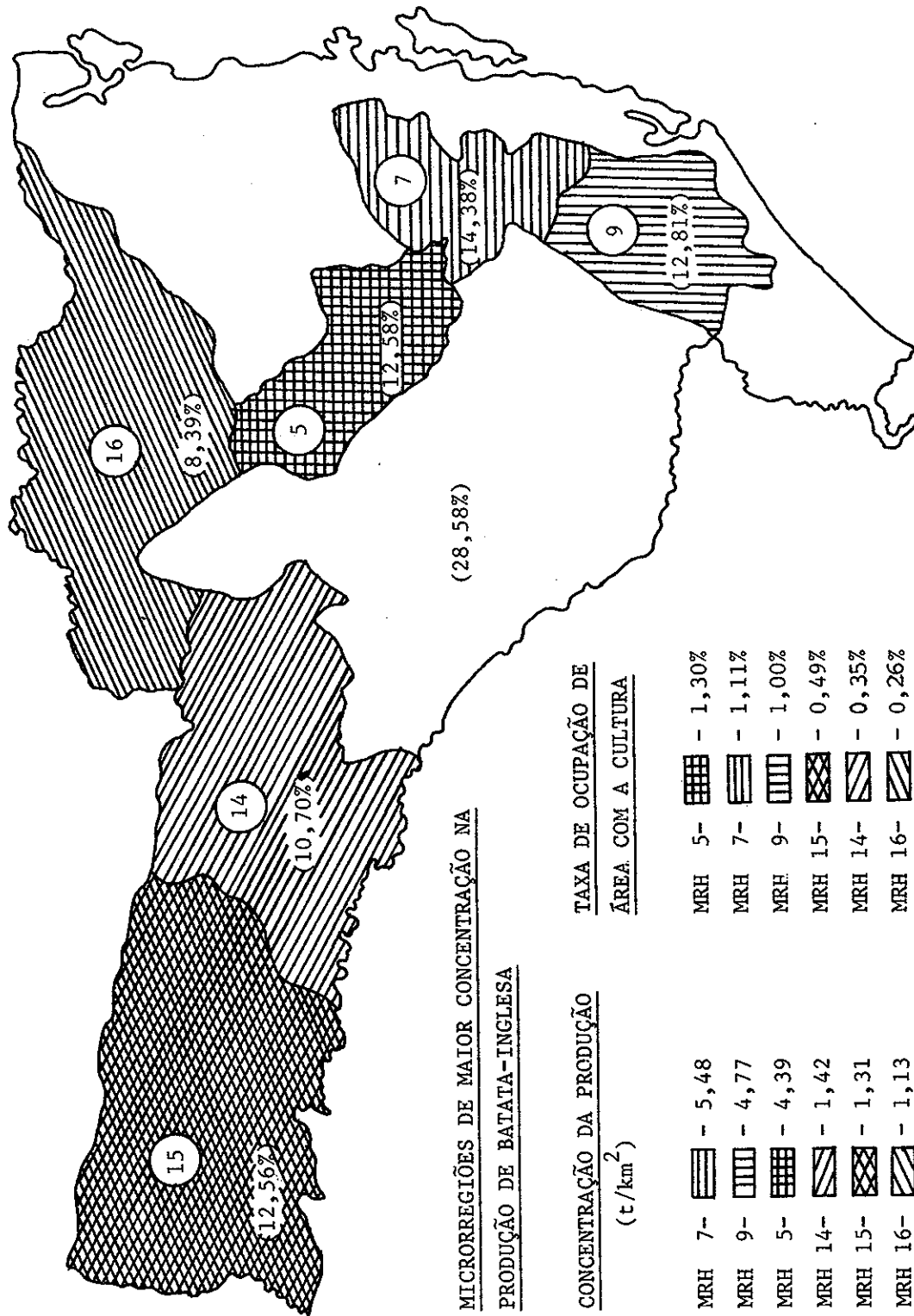
(*) Preços levantados pela SAA/CEPA-SC

(**) Preços médios ponderados no atacado e varejo da CEASA/SC.

Fonte: CEASA/SC e MEPRO

Elaboração: SAA/CEPA-SC

PARTICIPAÇÃO DAS MRHs NA PRODUÇÃO DE BATATA-INGLESA



MICRORREGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO NA PRODUÇÃO DE BATATA-INGLESA

CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO
(t/km²)

MRH 7-	▨	- 5,48
MRH 9-	▨	- 4,77
MRH 5-	▨	- 4,39
MRH 14-	▨	- 1,42
MRH 15-	▨	- 1,31
MRH 16-	▨	- 1,13
DEMAIS-	□	- 1,06

TAXA DE OCUPAÇÃO DE
ÁREA COM A CULTURA

MRH 5-	▨	- 14,38%
MRH 7-	▨	- 1,11%
MRH 9-	▨	- 1,00%
MRH 15-	▨	- 0,49%
MRH 14-	▨	- 0,35%
MRH 16-	▨	- 0,26%
DEMAIS-	□	- 0,17%

1.4- Cana-de-Açúcar

ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SAFRA 1976/77-1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1976/77	19.664	950.022	48.567
1977/78	20.913	1.043.126	49.976
1978/79	20.124	1.084.780	53.905
1979/80	22.609	1.264.891	55.946
1980/81(1)	24.736	1.395.477	56.415

(1) Previsão: FIBGE/GCEA e SAA/CEPA-SC

Fonte: FIBGE/GCEA e SAA/CEPA-SC

A cana-de-açúcar, para fins industriais, é cultivada no litoral setentrional, onde situam-se as usinas de açúcar, os destiladores de álcool e a maior parcela dos alambiques de aguardente.

Estima-se que cerca de 4.000 famílias cultivam a cana-de-açúcar, com fins econômicos.

Apesar da produção estar concentrada no litoral, a cana é cultivada em quase todo o Estado, como forrageira para o gado bovino.

Santa Catarina com uma produção de 1.084 mil toneladas na safra 1978/79, situava-se em 12º lugar com 1% da produção nacional de cana-de-açúcar.

A nível estadual, a microrregião 2 (Litoral de Itajaí) destaca-se como a maior produtora, responsável por 22,5% da produção, seguem por ordem de importância as microrregiões 1, 6, 7, 15 e 3 conforme mostra o Mapa de Participação das MRHs na Produção de Cana-de-Açúcar.

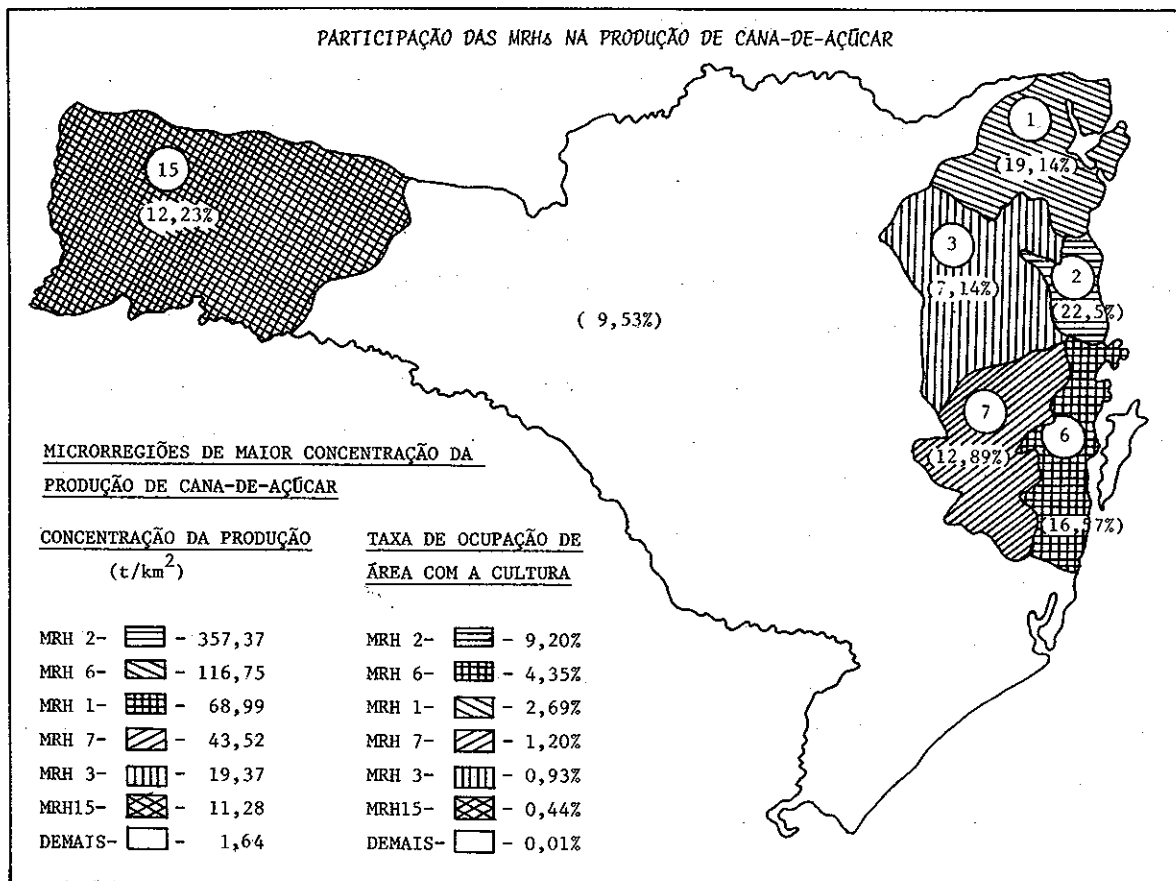
O aumento da área que se verificou nos dois últimos anos, ocorreu principalmente, em função da incorporação de novas áreas de plantio, por parte das usinas de açúcar. Ressalta-se que expressiva parcela dessas novas áreas incorporadas, eram terras até então inaproveitadas, pois necessitavam de trabalhos de drenagem.

A melhoria obtida no rendimento médio, nos últimos anos, deve-se principalmente à incorporação de variedades mais resistentes e produtivas, e pelo uso mais intensivo de outros insumos modernos.

As usinas, além de absorverem parcela da produção estadual da cana-de-açúcar, ainda importam açúcar demerara de outros estados, principalmente São Paulo, visando transformá-lo em açúcar refinado.

Toda a produção de açúcar cristal refinado e granulado do Estado é exportada para o mercado externo, enquanto o açúcar elaborado sob a forma de "granulado americano superior" é comercializado principalmente nos mercados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Segundo a CACEX, em 1979, o Estado exportou para o mercado internacional 130 mil toneladas de açúcar refinado, resultando num montante de 28 milhões de dólares. No primeiro semestre de 1980, segundo a mesma fonte, o volume exportado havia alcançado 133 mil toneladas para um valor de 76 milhões de dólares.



1.5- Cebola

ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SAFRA 1975/76-1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1975/76	5.934	42.899	7.299
1976/77	6.846	49.794	7.273
1977/78	5.724	47.129	8.234
1978/79	10.736	94.017	8.757
1979/80	12.307	103.605	8.428
1980/81 ⁽¹⁾	16.920	152.280	9.000

(1) Previsão: FIBGE/GCEA

Fonte: FIBGE

Cultivando uma área de 12.307 ha na safra 1979/80 e obtendo uma produção de 103.605 toneladas de cebola, Santa Catarina passou a ocupar o terceiro lugar entre os estados maiores produtores do Brasil, contribuindo com 13,9% do total da produção obtida no País, naquela safra.

Cultivada em áreas de pequenas propriedades, com destaque para as microrregiões do Alto Vale do Itajaí e Colonial Serana Catarinense, responsáveis por mais de 80% da área total plantada no Estado na safra 1979/80 (Mapa de Participação das MRHs), a cultura da cebola vem apresentando aumentos sucessivos da área de plantio e produção.

O aumento de área, de 14,63% sobre a área cultivada na safra 1978/79, decorreu principalmente dos preços médios recebidos pelos produtores por quilo de produto, considerados estimulantes.

As condições climáticas adversas (excesso de chuvas) ocorridas durante a fase de desenvolvimento da cultura, aliadas à péssima qualidade da semente utilizada, procedente do Rio Grande do Sul, foram os maiores problemas enfrentados pelos agricultores na safra passada e que repercutiram negativamente na qualidade do produto. Como consequência desses fatores, os bulbos produzidos apresentaram menos resistência ao armazenamento e em decorrência as perdas verificadas foram maiores.

Visando contornar os problemas relacionados com a qualidade das sementes, a CIDASC-Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina, órgão responsável pela produção de sementes fiscalizadas no Estado, incentivou o plantio de áreas para a produção de sementes de cebola e já nesta safra estão sendo cultivados 27,5 ha de bulbos, com produção prevista de 4.100 quilos de sementes. Também foram plantados 28 ha de sementes visando a produção de bulbos fiscalizados, estimando-se uma produção de 280 toneladas.

Com relação a produção de cebolas para consumo, segundo previsões da FIBGE/GCEA, a área plantada na atual safra foi de 16.920 ha, verificando-se aumentos de 37,48%, comparando-se com a safra passada. A produção a ser colhida, segundo a mesma fonte, é de 152.280 toneladas. Desse total, deduzindo-se as perdas por armazenamento, consumo estadual e reserva para semente, deverão ficar disponíveis para o mercado nacional cerca de 91.000 toneladas do produto, que deverão ser escoadas conforme o seguinte fluxo mensal:

MÊS	% DA PRODUÇÃO	EQUIVALENTE EM VOLUME DEDUZINDO-SE AS PERDAS (t)
Dezembro	15	13.650
Janeiro	20	18.200
Fevereiro	30	27.300
Março	25	22.750
Abril	10	9.100

A exemplo de anos anteriores também na safra 80/81 (em andamento), as condições climáticas não foram as melhores (excesso de chuvas). No entanto, a maior preocupação dos produtores reside atualmente na comercialização da produção, que envolverá quantidades nunca antes atingidas. Acresce-se a isso a coincidência da safra catarinense com as colheitas dos estados do Rio Grande do Sul, prevista em torno de 165.000 t, e de São Paulo, cuja safra atrasou-se, e é estimada em 113.000 toneladas, das quais 50% deverão ser comercializadas nos meses de dezembro e janeiro.

Visando minimizar essas preocupações, o Governo autorizou a exportação de 19.000 toneladas de cebolas, sendo São Paulo

e Santa Catarina os estados contemplados. Os países compradores são Alemanha, Polônia, França e Suíça e a operação deverá render aproximadamente 3 milhões e 600 mil dólares.

Embora o consumo interno do Estado, ao redor de 16.000 toneladas anuais, tenha representado apenas 15,44% do total da produção obtida na safra 79/80, Santa Catarina ainda dependeu de importações de outros estados para suprir suas necessidades internas. Isso decorreu de ser a colheita dessa olerícola concentrada nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro e ainda de ser a cebola um produto altamente perecível, não admitindo, portanto, armazenamento por períodos muito prolongados. Apesar dessa alta perecibilidade, alguns aquicultores catarinenses conseguiram armazenar e comercializar cebolas durante todos os meses do ano de 1980. Isso somente foi possível através de uma excelente cura artificial, e mesmo assim, as quebras verificadas foram significativas.

Nos entrepostos oficiais de comercialização a nível de atacado existentes no Estado, CEASA/SC, com sede no município de São José e área de influência em toda a região da Grande Florianópolis e Mercado do Produtor do Vale do Rio Canoas, com sede na cidade de Urubici e área de abrangência a todos os municípios da microrregião dos Campos de Lages, foram comercializadas no ano de 1980 um total de 2.222,39 t de cebolas. Desse total, cerca de 1.095,47 t foram oriundos do próprio Estado e os restantes procederam dos estados do Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco.

A cebola catarinense produzida na safra 1979/80, além de atender ao consumo interno do Estado contribui também para atender a demanda principalmente de São Paulo, do Rio de Janeiro, do Paraná, de Minas Gerais e do Distrito Federal.

Para a safra 1980/81, a CRAVIL - Cooperativa Regional Agrícola do Alto Vale do Itajaí Ltda, orientada por técnicos da SAA/EMATER-ACARESC e CEASA/SC, iniciará o processo de recepção, destopamento, cura, classificação, beneficiamento e comercialização de parte da cebola produzida por seus associados, visando minimizar, dessa forma, os problemas que normalmente ocorrem na comercialização da cebola catarinense.

Tabela 58- VOLUME COMERCIALIZADO E PREÇOS MÉDIOS DA CEBOLA, 1980

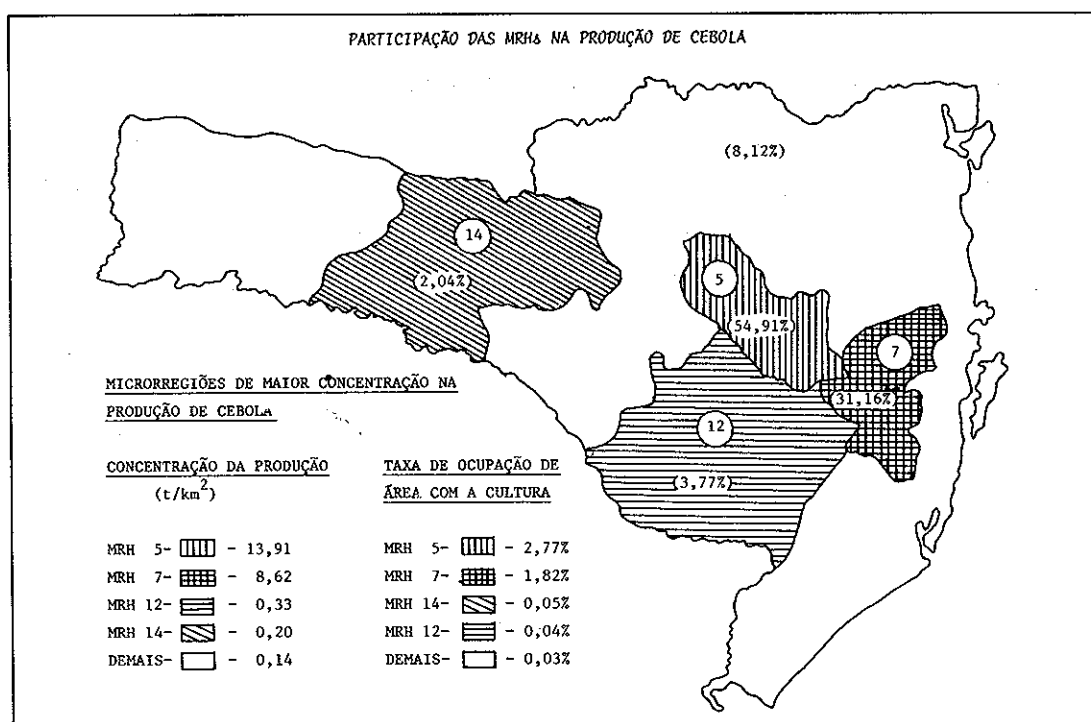
MÊS	VOLUME (t)		P R E Ç O S (Cr\$/kg)		
	CEASA/SC	MEPRO	PRODUTOR(*)	ATACADO(**)	VAREJO(**)
Jan	166,79	14,81	10,00	16,16	18,58
Fev	150,70	40,50	11,00	14,14	16,40
Mar	235,77	30,08	9,00	13,35	17,15
Abr	128,25	6,32	18,50	19,51	23,50
Mai	94,64	-	20,00	23,06	25,00
Jun	84,82	-	38,00	43,27	50,30
Jul	159,35	-	40,00	44,08	56,70
Ago	209,52	-	26,00	28,39	34,50
Set	230,66	-	21,00	24,30	26,40
Out	286,06	-	18,00	20,15	22,27
Nov	213,96	-	9,00	14,92	18,00
Dez	170,16	-	9,00	11,39	15,09
Total	2.130,68	91,71	-	-	-

(*) Preços coletados junto as regiões produtoras

(**) Preços médios ponderados

Fonte: CEASA/SC, MEPRO e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC



1.6- Feijão

ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SAFRA 1976/77-1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1976/77			
. safra	126.350	91.631	725
. safrinha	62.524	42.846	685
1977/78			
. safra	161.557	112.622	697
. safrinha	35.549	10.370	292
1978/79			
. safra	161.551	143.609	889
. safrinha	66.226	45.794	691
1979/80			
. safra	187.731	87.942	468
. safrinha	88.280	32.030	363
1980/81			
. safra (1)	195.000	157.950	810
. safrinha (2)	92.500	55.500	600

(1) Estimativa: FIBGE/GCEA

(2) Estimativa: SAA/CEPA-SC

Fonte: FIBGE

A cultura do feijão, em Santa Catarina, é explorada por aproximadamente 165.000 produtores rurais, conforme estimativas da EMATER-SC/ACARESC.

É uma cultura típica da pequena propriedade; plantada em pequenas extensões ocupando geralmente áreas declivosas. Predomina nas propriedades com área de até 25 ha, que representam 70 % dos imóveis rurais. Na região Norte, entretanto, a cultura vem utilizando áreas de relevo mais suave com extensões maiores, propiciando inclusive, a mecanização das operações de preparo do solo e plantio.

A mão-de-obra utilizada é, basicamente, familiar. Ocorre, entretanto, que nas fases de tratos culturais e colheita em que há maior concentração de trabalho na propriedade, ser comum a contratação de mão-de-obra temporária. Tal situação vem ocorrendo principalmente nas regiões Alto Vale do Itajaí, Norte e

Sul do Estado. Outro sistema utilizado, é a troca de dias de serviço.

O feijão é cultivado em duas safras. A primeira safra (das águas), é plantada de agosto a novembro, e responsável por 65% da área cultivada, ao passo que a segunda safra ou safrinha (das secas), plantada durante os meses de janeiro e fevereiro, é responsável por 35% da área cultivada.

O feijão plantado na primeira safra concentra-se principalmente nas regiões Oeste, Planalto de Canoinhas, Campos de Curitiba e Alto Vale do Itajaí. Já o feijão plantado na safra -
nha concentra-se principalmente na região Oeste do Estado, sendo cultivado, também após a colheita do fumo, nas regiões do Alto Vale do Itajaí e Sul do Estado (Mapa de Participação das MRHs).

Na safra 1979/80 (1ª safra e safrinha) a área plantada no Estado foi de 276.011 ha com uma produção de 119 972 toneladas e um rendimento médio de 435 kg/ha.

A primeira safra 1979/80 comparada com a mesma safra do ano anterior apresentou um acréscimo de 16% na área plantada e uma redução de 39% e 47% na produção e no rendimento médio, respectivamente.

A ocorrência de geadas durante o mês de setembro, o excesso de chuvas nos meses de setembro e outubro de 1979, provocaram o retardamento no crescimento; o aparecimento de doenças fúngicas (ferrugem e antracnose); a ocorrência de ventos frios durante o mesmo período, prejudicando a floração, frutificação e o desenvolvimento da cultura, foram, entre outros, os principais fatores responsáveis pela frustração da safra 1979/80.

Na 2ª safra ou safrinha, em função da frustração da 1ª safra, o Governo Federal resolveu incentivar o plantio. Entre as medidas adotadas para este fim, constam os seguintes incentivos: o reajuste de 50% no preço mínimo, passando de Cr\$ 600,00 para Cr\$ 900,00; a manutenção de juros baixos (13 a 15% ao ano); reajuste em 45% do Valor Básico de Custeio (VBC); a disponibilidade de financiamento; o acesso fácil ao crédito rural, inclusive para os pequenos produtores; garantia de 100% de cobertura pelo PROAGRO.

Resultante de tais estímulos e dos bons preços do produto

to no mercado, a área plantada atingiu 88.280 ha sendo que a produção inicialmente prevista de 66.000 toneladas, ficou em 32.030 toneladas, com um rendimento médio obtido de 363 kg/ha.

Comparada com a mesma safra do ano anterior houve um acréscimo de 33% na área plantada e uma redução de 30% e 47%, respectivamente na produção e rendimento obtido.

A região Oeste, responsável por 73% da área plantada com feijão da safrinha apresentou uma quebra superior a 60% em relação a produção inicialmente prevista de 66.000 toneladas.

A ocorrência de ventos frios causando o abortamento das flores e a paralização do crescimento; pequena estiagem no final de março/início de abril de 1980; a ocorrência de geadas fracas, e o plantio fora da época recomendada pela pesquisa, devido aos estímulos governamentais, constituíram-se entre outros, nos principais fatores responsáveis pela frustração da safra 1979/80 (safrinha)

No decorrer dessa safra, em função da frustração e das medidas adotadas, a EMATER-ACARESC elaborou aproximadamente 5.500 laudos periciais de comprovação de perdas visando a cobertura dos prejuízos pelo PROAGRO.

Com relação a safra 1980/81, plantio da primeira safra, conforme estimativas da FIBGE/GCEA-SC, a área plantada é de 195.000 ha e a produção esperada é de 157.950 toneladas.

Comparando-se com a mesma safra do ano anterior a área plantada apresenta um acréscimo de 4%.

Nas regiões Norte, Planalto e Alto Vale do Itajaí, em consequência do preço mínimo estimulante (Cr\$ 1.800,00 o saco de 60 kg para o feijão tipo 3), dos preços elevados para o produto a nível de mercado, do Valor Básico de Custeio (VBC) ser satisfatório, a área apresentou expansão significativa.

Já na região Oeste do Estado, apesar dos fatores estimulantes (preços e VBC) devido aos problemas ocorridos com a cultura nas últimas safras e da falta de semente fiscalizada, a cultura sofreu redução na área plantada.

Estima-se que aproximadamente 12% da produção permanece nas propriedades para consumo familiar, sendo o restante comer -

cializado.

Da produção retida na propriedade, a metade se destina a alimentação humana e o restante serve como semente para o plantio da safra.

Para o plantio da safrinha de 1980/81, visando ampliar a área plantada, o Conselho Monetário Nacional aprovou as seguintes medidas: a) preço mínimo de Cr\$ 2.520,00 ao saco de 60 kg; b) liberação de crédito de custeio aos produtores de feijão, independente do pagamento do custeio da safra (das águas), desde que o contrato não esteja vencido; c) financiamento de semente própria destinada ao plantio; d) cobertura pelo PROAGRO de 80% dos valores financiados; e) estabelecimento do preço mínimo de Cr\$ 55,00 e 66,00 o kg, para semente fiscalizada e certificada, respectivamente; f) reajuste, dependendo da faixa de produtividade, de 33 a 67% nos Valores Básicos de Custeio (VBC) em relação ao plantio das águas desta safra (1980/81).

A insuficiência da produção para atender o mercado interno; as perspectivas que os preços continuem vantajosos; a possibilidade de um melhor aproveitamento das áreas já plantadas com milho no Oeste e das áreas em que o fumo é colhido em janeiro no Sul do Estado e Alto Vale do Itajaí; as medidas de incentivo adotadas pelo Governo Federal, são aspectos que deverão influir favoravelmente para ampliação da área a ser plantada na próxima safrinha de feijão.

O consumo estadual de feijão em 1981, conforme tabela 33, ítem Balanço de Oferta e Demanda de Produtos Agropecuários será de 83.000 toneladas.

Com a escassez do produto a nível nacional na safra 1979/80, os preços se elevaram de forma considerável, principalmente nos mercados do Rio de Janeiro e São Paulo, sendo que aproximadamente 48% da safra foram comercializados fora do Estado.

Nesta safra (1979/80), principalmente na safrinha, em que o preço mínimo foi reajustado para Cr\$ 900,00/sc de 60 kg, o tabelamento do preço de venda a nível de atacado em Cr\$ 1.255,20 sc de 60 kg para os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Distrito Federal e a Cr\$ 1.207,20/sc de 60 kg para Santa Catarina, e do preço a nível de consumidor a Cr\$ 21,73 o kg

para o produto a granel e a Cr\$ 22,73 para o produto empacotado, constituiu-se numa das medidas que mais dificultaram a comercialização.

O fato do tabelamento do produto a níveis irreais no atacado, considerando-se as despesas de beneficiamento, empacotamento e transporte, provocou desvios na tributação do ICM, uma vez que as notas fiscais eram emitidas nos valores da tabela e a diferença cobrada por fora. Outra consequência do tabelamento foi o desaparecimento do produto dos supermercados, principalmente no período de junho a setembro de 1981.

A liberação do tabelamento a nível de atacado ocorreu no mês de junho, enquanto a liberação dos preços a nível de varejo só ocorreu nos últimos dias do mês de agosto de 1980.

Com a elevação dos preços no mercado interestadual, grande parte do produto foi comercializado para os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pará e Rio Grande do Sul.

Mesmo com a retirada dos tabelamentos o abastecimento não se normalizou, devido ao pequeno estoque existente na mão de cooperativas, comerciantes e produtores. Esta situação perdurou até o mês de dezembro quando entrou no mercado o produto da nova safra estadual e oriundo do vizinho estado do Paraná.

Os produtores comercializam o produto com caminhoneiros vindos de outros Estados, que compram a produção diretamente na propriedade rural; pequenos comerciantes localizados junto as áreas produtoras; cerealistas de maior expressão que adquirem a produção dos pequenos comerciantes ou enviam compradores (caminhoneiros) as áreas produtoras; redes de supermercados que compram diretamente do produtor, na região litorânea, e com as cooperativas.

Além dos problemas de intermediação, citados anteriormente, vale mencionar, entre outros, os seguintes aspectos que vem interferindo no processo de comercialização:

- a) pouco conhecimento por parte dos agricultores da política de preços mínimos e demais informações sobre comportamento do mercado, estoques, etc.;
- b) a produção pulverizada por ser proveniente de um grande número de pequenos produtores;

- c) a reduzida participação do pequeno produtor nas cooperativas, que, por sua vez, participam com apenas 25% do feijão comercializado;
- d) a falta de uma organização efetiva dos produtores;
- e) o tabelamento do produto, e;
- f) o baixo poder aquisitivo dos consumidores.

Tabela 59

PREÇO MENSAL DO FEIJÃO A NÍVEL DE PRODUTOR, ATACADO E VAREJO,
SEGUNDO VÁRIAS FONTES - SANTA CATARINA, 1980

Mês	PRODUTOR		ATACADO		VAREJO	
	CEPA/SC	FGV	CEPA/SC	SUNAB (*)	CEPA/SC	SUNAB (*)
Jan	20,00	15,67	20,10	19,10	22,73	24,24
Fev	14,10	15,30	20,10	20,10	22,73	22,75
Mar	...	18,30	20,10	20,10	22,73	22,73
Abr	...	18,61	20,10	...	22,73	22,73
Mai	22,05	19,57	25,80	...	22,73	22,73
Jun	24,10	23,47	33,30	30,80	22,73	22,73
Jul	33,30	27,60	41,60	33,80	42,50	22,73
Ago	33,30	31,95	50,00	41,90	52,60	22,73
Set	36,60	40,14	83,30	62,00	80,00	72,04
Out	83,30	60,60	101,60	...	122,50	114,89
Nov	104,20	...	122,50	136,66
Dez	58,30	...	83,30	95,00	122,50	120,93

(*) Preços coletados na Grande Florianópolis

Fonte: FGV-SAA/EMATER-ACARESC, SUNAB e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 60

EVOLUÇÃO DO PREÇO MÉDIO DA CULTURA DO FEIJÃO,
SANTA CATARINA, 1980

MÊS	PRODUTOR (Cr\$/sc 60 kg)	ATACADO (Cr\$/sc 60 kg)	VAREJO (Cr\$/kg)
Jan	1.200,00	1.207,20	22,73
Fev	850,00	1.207,20	22,73
Mar	-	1.207,20	22,73
Abr	-	1.207,20	22,73
Mai	1.200,00/1.450,00	1.500,00/1.600,00	22,73
Jun	1.300,00/1.600,00	2.000,00	22,73
Jul	2.000,00	2.500,00	40,00/45,00
Ago	2.000,00	3.000,00	45,00/60,00
Set	2.200,00	5.000,00	60,00/100,00
Out	5.000,00	6.000,00/6.200,00	95,00/150,00
Nov	-	6.000,00/6.500,00	95,00/150,00
Dez	3.500,00	5.000,00	110,00/130,00

Fonte: SUNAB e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

FEIJÃO

Tração Animal - Rendimento médio previsto: 800 kg/ha
Sistema utilizado por pequenos proprietários que cultivam o feijão s/adubação

MÊS/ANO	C U S T O S			V A R I Á V E I S			TOTAL DOS CUSTOS VA- RIÁVEIS	CUSTOS FIXOS	TOTAL DOS CUSTOS/ ha	CUSTO POR SC DE 60 kg	PREÇO MÍNIMO
	Insumos	Serviços Mecânicos	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis					
Dez/79	640	3.016	1.224	690	1.224	690	5.570	4.766	10.336	771	612
Abr/80	1.120	3.062	1.350	775	1.350	775	6.307	4.909	11.216	837	900
Ago/80	2.240	3.397	1.710	1.579	1.710	1.579	8.926	7.331	16.257	1.213	1.800

(Cr\$ 1,00)

FEIJÃO

Tração Animal - Rendimento médio previsto: 1.200 kg/ha
Sistema utilizado por pequenos e médios proprietários que cultivam o feijão solteiro c/adubação

MÊS/ANO	C U S T O S			V A R I Á V E I S			TOTAL DOS CUSTOS VA- RIÁVEIS	CUSTOS FIXOS	TOTAL DOS CUSTOS/ha	CUSTO POR SC DE 60 kg	PREÇO MÍNIMO
	Insumos	Serviços Mecânicos	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis					
Dez/79	2.914	4.088	1.255	1.086	1.255	1.086	9.343	4.237	13.580	679	612
Abr/80	4.785	4.451	2.175	1.766	2.175	1.766	13.177	6.404	19.581	979	900
Ago/80	6.560	4.865	2.755	3.017	2.755	3.017	17.197	8.519	25.716	1.286	1.800

(Cr\$ 1,00)

FEIJÃO

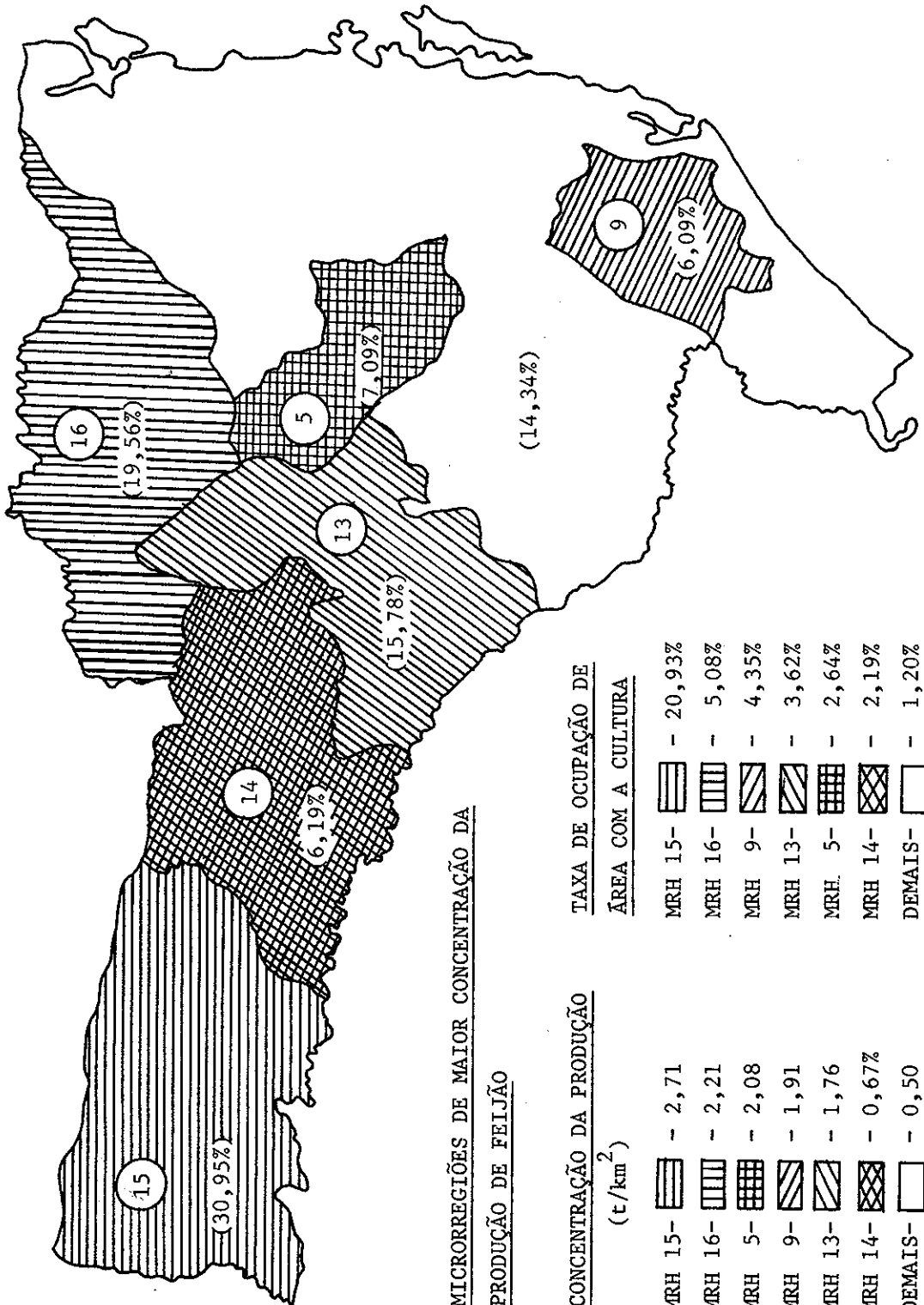
Tração Motora - Rendimento médio previsto: 1.800 kg/ha
Sistema utilizado por agricultores cujas áreas permitem mecanização e é grande a utilização de insumos

MÊS/ANO	C U S T O S			V A R I Á V E I S			TOTAL DOS CUSTOS VA- RIÁVEIS	CUSTOS FIXOS	TOTAL DOS CUSTOS/ha	CUSTO POR SC DE 60 kg	PREÇO MÍNIMO
	Insumos	Serviços Mecânicos	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis					
Dez/79	4.404	4.768	1.377	1.435	1.377	1.435	11.984	4.237	16.221	541	612
Abr/80	6.923	4.731	2.025	1.954	2.025	1.954	15.633	5.342	20.975	699	900
Ago/80	8.519	6.010	2.565	3.875	2.565	3.875	20.969	9.484	30.453	1.015	1.800

(Cr\$ 1,00)

Nota: A elaboração dos custos, foi coordenada pela CEPA/SC e contou com a participação da EMATER/SC-ACARESC, da EMPASC e de diversas Cooperativas estaduais.

PARTICIPAÇÃO DAS MRHS NA PRODUÇÃO DE FEIJÃO



MICRORREGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO DE FEIJÃO

CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO (t/km²)

MRH 15-	~ 2,71
MRH 16-	~ 2,21
MRH 5-	~ 2,08
MRH 9-	~ 1,91
MRH 13-	~ 1,76
MRH 14-	~ 0,67%
DEMAIS-	~ 0,50

TAXA DE OCUPAÇÃO DE ÁREA COM A CULTURA

MRH 15-	- 20,93%
MRH 16-	- 5,08%
MRH 9-	- 4,35%
MRH 13-	- 3,62%
MRH 5-	- 2,64%
MRH 14-	- 2,19%
DEMAIS-	- 1,20%

1.7- Fumo em Fôlha

ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SAFRA 1976/77-1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1976/77	80.533	119.846	1.488
1977/78	90.527	130.299	1.439
1978/79	112.326	178.175	1.584
1979/80	76.642	127.401	1.662
1980/81 ⁽¹⁾	74.500	119.200	1.600

(1) Estimativa: FIBGE/GCEA

Fonte: FIBGE

A cultura do fumo tem significativa importância econômica no contexto estadual ocupando a quarta colocação no Valor Bruto da Produção das lavouras catarinenses.

É uma cultura típica de pequenas propriedades e utiliza intensivamente a mão-de-obra familiar. A produção, na maior parte, decorre de contratos entre os produtores e as companhias manufatureiras, com estas últimas prestando assistência técnica, fornecendo insumos, repassando créditos e assegurando a compra da produção. Estima-se que cerca de 35.000 famílias se dedicam ao cultivo dessa solanácea no Estado.

Santa Catarina é o segundo Estado produtor de fumo em fôlha, tendo participado em 1978 com cerca de 32,1% da produção nacional.

O cultivo do fumo, por ordem de importância, concentra-se nas microrregiões 5, 9, 11, 16, 10, 3 e 7, sendo que a maior produtora, microrregião 5 (Colonial do Alto Itajaí), responde por 21,3% da produção estadual. O Mapa de Participação das MRHs na produção de fumo, evidencia a participação percentual das microrregiões na produção estadual.

Na região Sul do Estado, a secagem do fumo é feita exclusivamente em estufas com calor controlado, o que permite a obtenção de um produto de melhor qualidade. No Vale do Itajaí e Planalto de Canoinhas, ocorre a secagem nas duas modalidades, es

tufa e galpão. Na região Oeste predomina a secagem à temperatura ambiente (galpão).

Analisando-se a evolução da área plantada, observa-se que a cultura do fumo, nos dois últimos anos decresceu em relação a safra 1978/79. Assim é que, de uma área plantada de 112.326 ha na safra 1978/79, caiu para 76.642 ha na safra 1979/80 e para 74.500 ha na safra 1980/81, apresentando no período considerado taxa anual negativa de 20,39%.

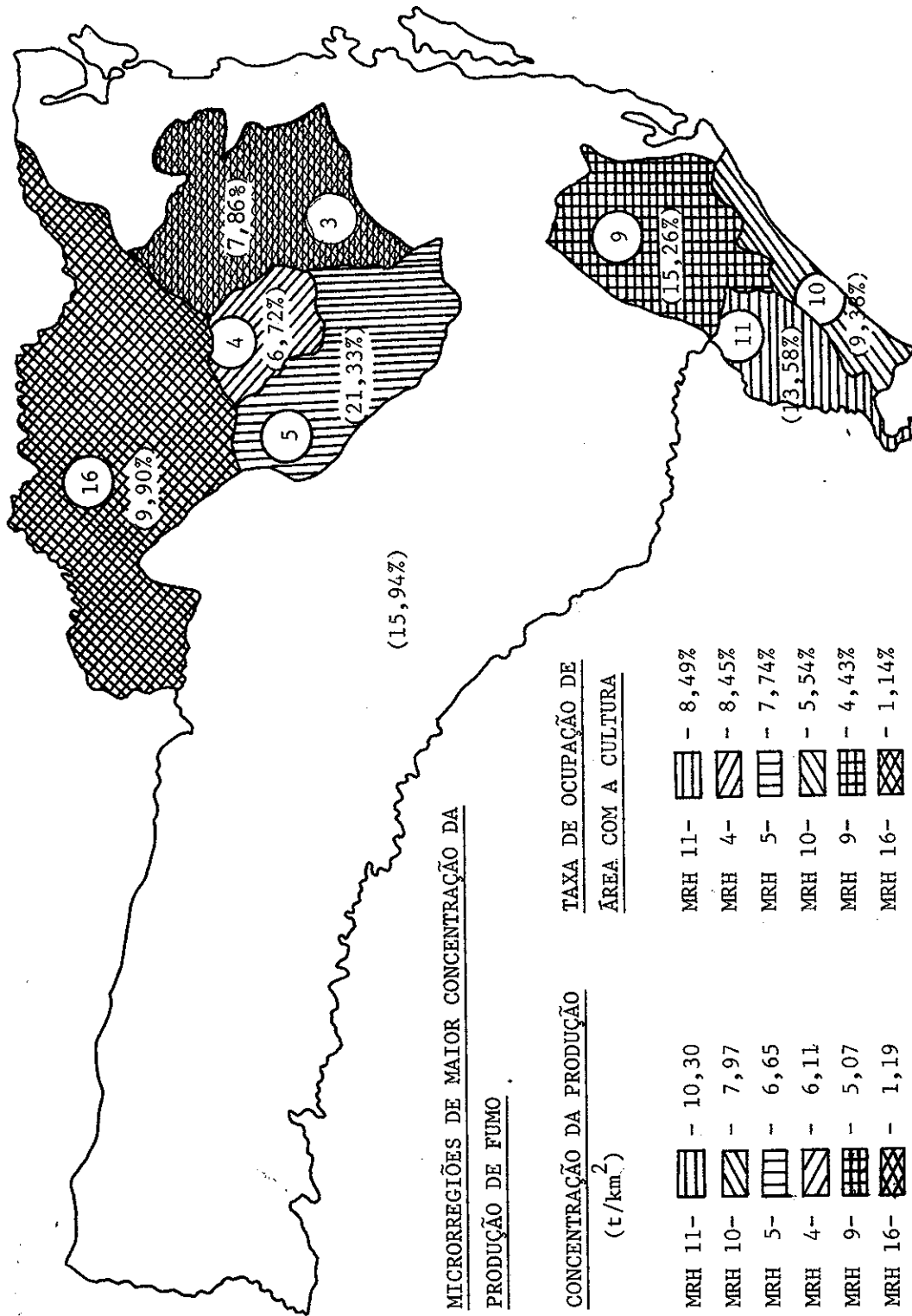
Essa redução ocorreu pelo maior rigor imposto na classificação pelas indústrias, face a baixa qualidade apresentada pelo produto na safra 1979/80 (excesso de umidade na colheita); pela falta de mercado para a produção dos fumicultores não integrados e, também, pelas dificuldades na expansão das vendas no mercado externo.

A comercialização do fumo, ocorre de dezembro a junho, época em que as companhias recebem o produto.

Na mesorregião 7, formada pelas microrregiões 1, 2, 3, 4 e 5, encontra-se a maior concentração de depósitos e unidades de beneficiamento do fumo no Estado. Nessas unidades beneficiadoras é procedida a classificação, seleção, destala, ressecagem, enfação e expurgo do produto. O fumo é, então, remetido às fábricas de cigarros, sendo parte destinada à exportação internacional.

Segundo a CACEX, Santa Catarina, em 1979, exportou para o mercado internacional, 34.191 toneladas de fumo em folha no valor de US\$ 78.462.300,00. Conforme a mesma fonte, de janeiro a julho de 1980, haviam sido exportados 20.580 toneladas no valor de US\$ 50.958.300,00.

PARTICIPAÇÃO DAS MRHs NA PRODUÇÃO DE FUMO



MICROREGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO DE FUMO

CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO
(t/km²)

MRH 11-	10,30
MRH 10-	7,97
MRH 5-	6,65
MRH 4-	6,11
MRH 9-	5,07
MRH 16-	1,19
DEMAIS-	0,49

TAXA DE OCUPAÇÃO DE
ÁREA COM A CULTURA

MRH 11-	8,49%
MRH 4-	8,45%
MRH 5-	7,74%
MRH 10-	5,54%
MRH 9-	4,43%
MRH 16-	1,14%
DEMAIS-	0,48%

1.8- Mandioca

ÁREA COLHIDA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SAFRA 1976/77-1980/81

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1976/77	82.962	1.239.687	14.943
1977/78	77.528	1.208.159	15.584
1978/79	67.419	1.071.862	15.898
1979/80	72.675	1.250.000	17.200
1980/81 ⁽¹⁾	76.725	1.272.000	16.579

OBS.: A área e a produção consideradas referem-se àquelas realmente colhidas em cada safra (desconsideradas a área e a produção remanescentes).

(1) Previsão: FIBGE/GCEA

Fonte: FIBGE

A cultura da mandioca é desenvolvida no Estado por aproximadamente 85.000 produtores. Assume maior importância econômica no Alto Vale do Itajaí e Sul do Estado onde se concentram 48,4% da produção catarinense. A microrregião Colonial do Alto Itajaí é a maior produtora com 24% da produção estadual, segue a Litoral Sul Catarinense com 12,6%, a Carbonífera com 11,8%. Verifique-se, também, conforme mapa anexo, que a microrregião Litoral Sul Catarinense ocupa com a cultura da mandioca, 10,97% de sua área, enquanto a microrregião Colonial do Alto Itajaí, 10,47%.

Segundo dados do Censo Agrícola de 1960, a área cultivada com esse produto representava 6,7% da área cultivada com mandioca no país. Em 1970, essa participação aumentou para 8,87% colocando o Estado em 4º lugar em área cultivada. Já em 1980, segundo relatório da Coordenação do Sistema Nacional de Planejamento Agrícola - CSNPA, o Estado participa com 3,7% da área cultivada no Brasil, passando para a 9ª posição em área plantada.

Quanto ao volume de produção, a participação catarinense foi de 11,6% em 1960, 12,8% em 1970 e 5,2% em 1980, situando-se como o 6º produtor nacional de mandioca.

A cultura enfrentou um período de decadência, desde 1975 até fins de 1978, reagindo a partir de 1979, face as boas perspectivas de mercado.

Assim sendo, na safra 1979/80, foram plantados cerca de 65.300 hectares, que somados aos 31.600 hectares remanescentes da safra anterior, totalizaram 96.900 hectares, representando 38% de acréscimo, em relação a área cultivada em 1978/79. Esse aumento não foi mais expressivo, devido a pouca disponibilidade de manivas, já que não houve preocupação por parte dos produtores em guardar as ramas, face ao período de desestímulo verificado na safra anterior.

Na mesma safra, foram colhidas cerca de 630.000 toneladas em 31.600 ha de mandioca de dois anos e aproximadamente 620.000 toneladas em 41.075 ha de mandioca de um ano, totalizando uma produção de 1.250.000 toneladas, ficando para ser colhida na próxima safra, uma área de 24.225 ha.

Para a safra 1980/81, além da área remanescente, foram plantados cerca de 75.000 hectares, totalizando uma área aproximada de 99.225 ha, da qual estima-se uma produção potencial de 1.610.000 toneladas. Espera-se colher efetivamente, na safra 1980/81 cerca de 1.272.000 toneladas, sendo 485.000 toneladas provenientes de 24.225 ha de mandioca de dois anos e 787.000 toneladas de 52.500 ha de mandioca de um ano.

Apesar do pequeno aumento previsto, 2% em relação a produção da safra 1979/80, observou-se um maior dinamismo da cultura, haja vista a diminuição da área remanescente em 30% e o aumento de 28% da área a ser colhida com mandioca de um ano.

Nos últimos dois anos, o principal entrave para um maior incremento da área plantada foi a pouca disponibilidade de manivas no Estado e a dificuldade de aquisição em outras unidades da Federação, principalmente de manivas livres de bacteriose. Nesse sentido, a Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária- EMPASC, no seu programa de melhoramento da cultura, visando a reprodução de manivas-semente produziu e distribuiu cerca de 70 m³ de manivas de boa adaptabilidade e livres de bacteriose. Pretende aquela empresa, no próximo ano, distribuir aos produtores, manivas das cultivares Mico, Mandim, Branca, Aipim Gigante, Amarela (Gau chinha) e Içara.

Apesar de no mês de julho ter sido divulgado o Preço Mínimo da raiz em Cr\$ 1.800,00/t para a safra 1980/81, os produtos derivados permaneceram com seus Preços Mínimos da safra 1979/80.

O acréscimo nominal de 145%, no preço mínimo da raiz, em

relação a safra anterior, foi considerado bom pelos produtores, no entanto, os preços de mercado mantiveram-se bem superiores ao estabelecido pela CFP, variando entre Cr\$ 2.000,00 e Cr\$..... 4.000,00/t, perfazendo um preço médio final de Cr\$ 2.830,00/t.

O Valor Básico de Custeio - VBC, para a safra 1980/81, que contempla com Cr\$ 15.300,00/ha as lavouras com produtividade de 25 toneladas /ha foi considerado insuficiente para fazer frente aos custos da lavoura, visto que, para a mandioca de 2 anos, os custos variáveis atingiram, no mês de agosto de 1980, Cr\$ 37.462,00/ha e Cr\$ 30.588,00/ha, para lavouras efetuadas em solos argilosos e arenosos, respectivamente.

Conforme já mencionado, a cultura assume maior significado econômico nas regiões do Alto Vale do Itajaí e Sul do Estado, sendo que, na primeira, concentram-se as agroindústrias feculeiras, que extraem o amido e o transformam em fécula, sub-produto utilizado em indústrias de alimentação, têxteis, celulose e outras, com boa aceitação no mercado internacional.

No Litoral, principalmente no Sul do Estado, a raiz é transformada, essencialmente, em farinha industrial, que posteriormente é transformada em farinha comestível. Esporadicamente, a farinha industrial é exportada para os países da Comunidade Econômica Européia. Além do abastecimento do mercado estadual, a farinha comestível é comercializada para os estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás e Paraná.

Nas demais microrregiões, quase que a totalidade da produção é utilizada "in natura" na alimentação humana e animal.

No final da safra 1978/79, os preços da raiz começaram a se elevar. Os engenhos, visando assegurar produção, firmaram contratos para recebimento de raiz na safra seguinte, a preços considerados altos. No início da safra 1979/80, quando era esperada uma retração, os preços continuaram em ascensão, atingindo valores de Cr\$ 3.500,00/tonelada, e, em alguns casos, até Cr\$... 4.000,00/tonelada.

Os preços considerados satisfatórios, ofertados em fins de 1979, em torno de Cr\$ 2.000,00/tonelada para recebimento da raiz em abril/maio de 1980, enquanto o da farinha, atingiu a Cr\$ 800,00/sc, posto no Rio de Janeiro, contribuíram para a antecipação

ção do início da safra 1979/80. Alguns engenhos do Sul do Estado, iniciaram suas atividades já em fevereiro.

Em fins de março e abril, a raiz já estava sendo cotada entre Cr\$ 2.500,00 e Cr\$ 2.800,00/tonelada e os produtores de farinha começaram a reter o produto, aguardando melhores preços; apesar da existência de pequeno volume excedente de farinha, que foi comercializado para os mercados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná.

Em maio, quando deveria iniciar a safra efetivamente, o preço da raiz situou-se em aproximadamente Cr\$ 3.500,00/tonelada. Os engenhos e fecularias retraíram-se tendo em vista a inviabilidade econômica da industrialização, pois a farinha industrial (grossa), estava cotada a Cr\$ 600,00, a farinha moída a Cr\$ 800,00/sc e a fécula a Cr\$ 23,00/kg.

No mês de junho, já existiam alguns estoques de farinha e de fécula e o preço da farinha moída encontrava-se na faixa de Cr\$ 700,00 a Cr\$ 800,00/sc de 50 kg e a fécula atingiu a Cr\$.... 30,00/kg no mercado atacadista.

Em julho, a formação de maiores estoques, o baixo rendimento da mandioca de 1º ano em amido e os altos preços da raiz inviabilizaram ainda mais a industrialização, provocando maior retração no recebimento, por parte dos engenhos.

Em setembro, os preços da raiz giraram entre Cr\$ 2.600,00 e Cr\$ 3.000,00/tonelada, e praticamente a oferta daquela matéria-prima encerrou-se naquele mês.

A comercialização dos derivados de mandioca produzidos na safra 1979/80, realizou-se principalmente junto aos mercados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo, atendendo em menor escala, aos mercados do Paraná, Minas Gerais, Distrito Federal, Espírito Santo e Bahia.

A produção dos derivados, atendem plenamente a demanda interna estadual, embora, já no mês de outubro os estoques tenham começado a diminuir, tornando-se pouco significativos nos últimos meses do ano.

Para a safra 1980/81, devido a existência de pequena área com mandioca de 2º ano, a transformação de raízes de 1º ano deverá ser maior que no ano anterior, resultando em menor rendi-

to de amido, podendo contribuir para uma diminuição da oferta total de matéria-prima.

Um fato significativo para a cultura da mandioca em Santa Catarina, foi a aprovação, pelo BNDE, no mês de dezembro de 1980, do Projeto de Implantação da Companhia Catarinense de Alcool, a ser localizada no município de Laguna, com investimento da ordem de 570 milhões de cruzeiros. A referida companhia deverá produzir cerca de 60 mil litros de álcool por dia e sua implantação deverá ocorrer em 18 meses.

Por outro lado, outras duas usinas, previstas em 1979, para Rio do Sul (Alcool Vale) e Içara (Alcool Sul) encontram-se em processo de reformulação e deverão ter suas implantações retardadas.

Tabela 62

PREÇO MENSAL DA MANDIOCA A NÍVEL DE PRODUTOR E DA FARINHA DE MANDIOCA NO ATACADO E VAREJO, SEGUNDO VÁRIAS FONTES - SANTA CATARINA, 1980

Mês	(Cr\$/kg)			
	MANDIOCA	FARINHA DE MANDIOCA		
	Produtor (*)	Atacado		Varejo
	FGV	CEPA/SC	SUNAB (**)	SUNAB (**)
Jan	1.910,00	12,50	19,70	24,23
Fev	...	13,00	22,20	30,13
Mar	2.250,00	16,00	26,40	34,66
Abr	2.323,00	16,00	27,50	27,66
Mai	2.793,00	16,00	29,50	31,91
Jun	3.362,00	16,00	22,60	33,25
Jul	...	15,00	22,50	30,53
Ago	3.224,00	18,00	26,30	29,05
Set	3.428,00	20,00	26,50	34,02
Out	3.360,00	42,00	26,00	37,16
Nov	...	48,00	28,40	45,96
Dez	28,60	44,79

(*) Cr\$/t de raiz

(**) Preços coletados no mercado da Grande Florianópolis

Fonte: FGV-SAA/EMATER-ACARESC, SUNAB e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 63

MANDIOCA (2 ciclos)

Tração Animal - Rendimento médio previsto: 20.000 kg/ha
Cultivo em solo arenoso

(Cr\$ 1,00)

MÊS/ANO	C U S T O S V A R I Á V E I S			TOTAL DOS CUSTOS VA-RIÁVEIS	CUSTOS FIXOS	TOTAL DOS CUSTOS/ha	CUSTO POR t DE RAÍZ	PREÇO MÍNIMO
	Insumos	Serviços Mecânicos	Serviços Manuais					
Dez/79	4.422	2.400	10.089	4.685	3.965	25.561	1.278	733
Abr/80	5.885	2.400	10.089	5.057	4.865	28.296	1.415	733
Ago/80	7.247	3.600	11.400	9.032	7.655	38.934	1.947	1.800

MANDIOCA (2 ciclos)

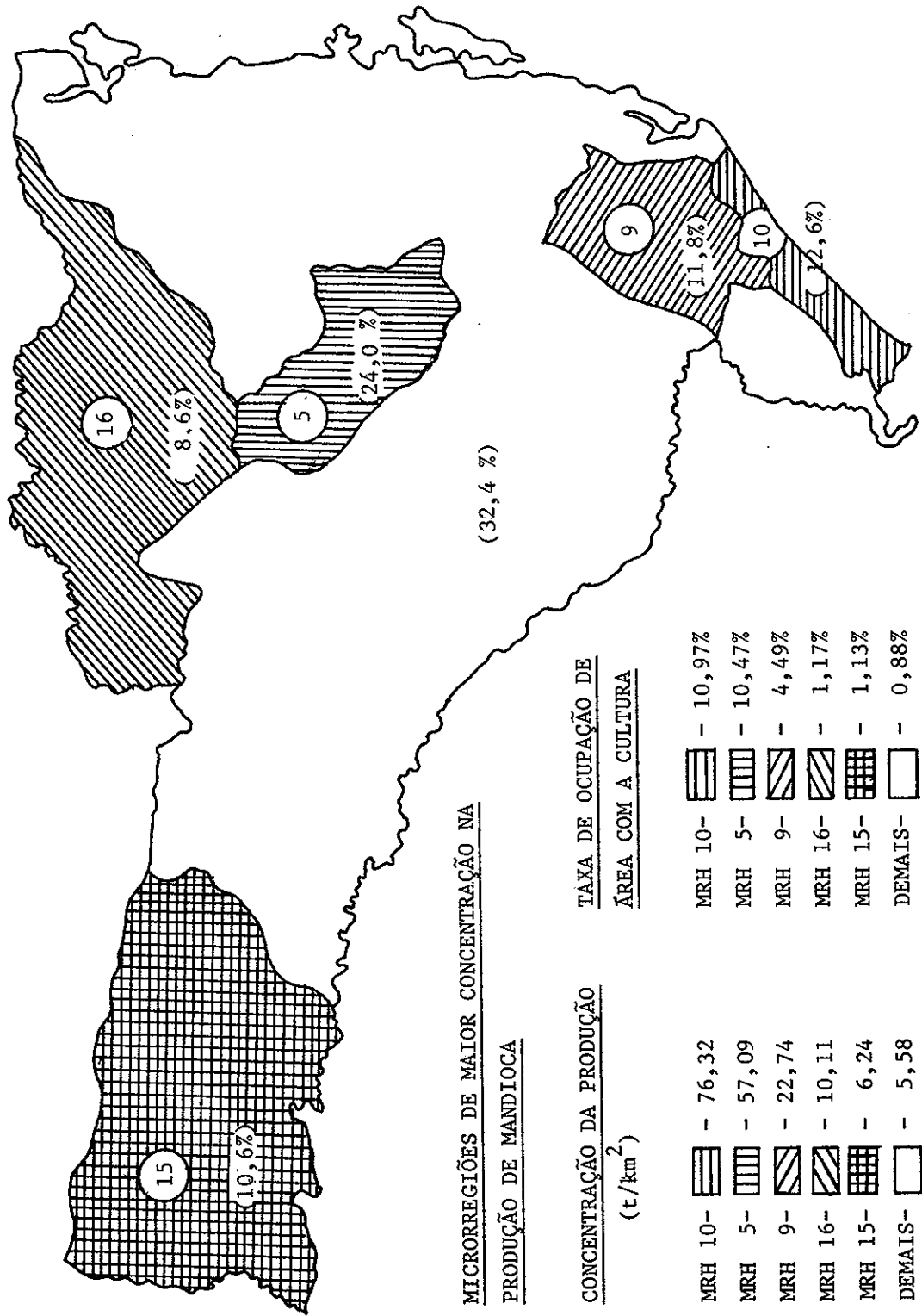
Tração Animal - Rendimento médio previsto: 30.000 kg/ha
Cultivo em solo argiloso

(Cr\$ 1,00)

MÊS/ANO	C U S T O S V A R I Á V E I S			TOTAL DOS CUSTOS VA-RIÁVEIS	CUSTOS FIXOS	TOTAL DOS CUSTOS /ha	CUSTO POR t DE RAÍZ	PREÇO MÍNIMO
	Insumos	Serviços Mecânicos	Serviços Manuais					
Dez/79	3.003	4.500	11.685	5.475	5.827	30.490	1.016	733
Abr/80	4.205	4.500	11.685	5.790	5.827	32.007	1.067	733
Ago/80	4.970	6.750	15.375	11.257	11.103	49.455	1.649	1.800

Nota: A elaboração dos custos foi coordenada pela CEPA/SC, e contou com a participação da EMATER/SC-ACARESC, da EMPASC e de diversas Cooperativas estaduais.

PARTICIPAÇÃO DAS MRHs NA PRODUÇÃO DE MANDIOCA



MICRORREGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO NA PRODUÇÃO DE MANDIOCA

CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO (t/km ²)		TAXA DE OCUPAÇÃO DE ÁREA COM A CULTURA	
MRH 10-	- 76,32	MRH 10-	- 10,97%
MRH 5-	- 57,09	MRH 5-	- 10,47%
MRH 9-	- 22,74	MRH 9-	- 4,49%
MRH 16-	- 10,11	MRH 16-	- 1,17%
MRH 15-	- 6,24	MRH 15-	- 1,13%
DEMAIS-	- 5,58	DEMAIS-	- 0,88%

1.9- Milho

ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SAFRA 1976/77-1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1976/77	1.063.584	2.674.175	2.514
1977/78	1.005.633	1.587.902	1.579
1978/79	1.078.025	1.708.649	1.585
1979/80	1.128.441	3.016.233	2.673
1980/81 ⁽¹⁾	1.223.000	3.180.000	2.600

(1) Previsão: FIBG/GCEA e SAA/CEPA-SC

Fonte: FIBGE

O milho é a cultura de maior importância para a economia estadual, pois constitui-se em elemento básico ao desenvolvimento da suinocultura e avicultura. Estima-se que cerca de 170.000 produtores cultivam economicamente este cereal em Santa Catarina.

Na safra 1979/80, Santa Catarina, com uma produção de 3.016,2 mil toneladas foi o quarto produtor nacional, respondendo por aproximadamente 15% da produção brasileira de milho.

No Estado, a microrregião Colonial do Oeste Catarinense, destaca-se como a maior produtora, tendo respondido na safra 1979/80, por cerca de 54% do volume da produção.

Seguem-se em ordem de importância, as microrregiões Colonial do Rio do Peixe com 23%, a microrregião Planalto de Canoinhas com 6% e a microrregião Colonial do Alto Itajaí com 4% da produção. Os restantes 13% são cultivados nas demais microrregiões do Estado.

A maior parcela do milho produzido em Santa Catarina, provem de pequenas propriedades, onde é cultivado visando principalmente o arraçamento de suínos e aves. Em levantamentos de campo efetuados pela EMATER/ACARESC, CIDASC e CEPA/SC, em julho de 1980, ficou constatado que aproximadamente 75% da produção de milho é retido na própria propriedade, principalmente nas microrregiões Colonial do Oeste Catarinense e Colonial do Rio do Peixe.

Parcela significativa do milho é cultivada em consorciação com soja e feijão.

Ao contrário das duas safras anteriores, quando a cultura sofreu prejuízos expressivos com as estiagens que assolaram o Estado, a safra 1979/80 apresentou bom desempenho alcançando a produção recorde de 3.016.233 toneladas e o maior rendimento médio já obtido (2.673 kg/ha), superando inclusive as previsões iniciais que em novembro de 1979 indicavam uma produção de 2.862.000 toneladas para um rendimento médio previsto de 2.500 kg/ha.

As condições climáticas favoráveis que imperaram durante o desenvolvimento da cultura, principalmente na fase inicial, proporcionaram às lavouras crescimento vegetativo normal, gerando bons rendimentos.

Para a safra 1980/81, as estimativas da FIBGE/GCEA indicam uma área total a ser plantada de 1.223.000 ha, para uma produção prevista de 3.180.000 toneladas e rendimento médio de 2.600 kg/ha. Comparando-se com a safra anterior, verifica-se um aumento de área de 8,37%. Este aumento está em função principalmente dos preços considerados estimulantes e o acréscimo verificado no consumo do produto pela suinocultura e avicultura.

O excesso de chuvas e as baixas temperaturas ocorridas nos meses de setembro e outubro últimos, contribuíram para o atraso no preparo do solo. Entretanto, o clima favorável durante os meses de novembro e dezembro favoreceram o desenvolvimento normal da cultura.

A utilização de sementes híbridas atinge cerca de 65% da área plantada. No entanto, na atual safra, as dificuldades enfrentadas pelos agricultores em adquirirem, no momento oportuno, as variedades recomendadas pela pesquisa e o alto custo das sementes, entre Cr\$ 32,00 e Cr\$ 48,00/kg, constituíram-se em sérios entraves para a utilização desse insumo, o que poderá repercutir negativamente no rendimento da cultura.

O uso de fertilizantes atinge em torno de 50% da área plantada. Deve-se no entanto ressaltar que o emprego de fertilizantes está sendo feito em dosagens inferiores às recomendadas em função de seus altos custos. Da safra 1979/80, para a safra 1980/81, ocorreu um aumento de 108,7% no preço dos fertilizantes, tendo a fórmula 9-33-12 passado de Cr\$ 12.415,00/t em 31/12/79 para

Cr\$ 25.912,00/t em 31/12/80.

Apesar da safra 1979/80 ter sido a maior do Estado, no que concerne a produção de milho, a inexistência de estoques da safra passada, acarretou o consumo antecipado, que aliado ao aumento do rebanho de suínos e aves provocou escassez da oferta, já mesmo na época de colheita.

Aos fatos mencionados, somaram-se a necessidade das indústrias de integração em refazerem seus estoques, que no início do ano estavam praticamente a "zero", e a constatação através de levantamentos de campo procedidos pela EMATER/ACARESC, CIDASC e CEPA/SC, que concluiu ter havido neste ano uma elevação do percentual de milho retido na propriedade (74,4%)

No trabalho "Fluxos e Margens de Comercialização de Milho e Soja no Estado de Santa Catarina", elaborado pela CEPA/SC para a safra 1975/76, ficou evidenciado que o percentual médio de milho retido na propriedade produtora era de 62,7% da produção.

Comparando-se estes percentuais (74,4% e 62,7%), verifica-se um aumento em 1980 de 11,7% na quantidade de milho retido na propriedade, ou seja, um volume de aproximadamente 300.000 toneladas que deixou de ser colocadas no mercado.

Na microrregião Colonial do Oeste Catarinense, maior produtora estadual, o pequeno volume vendido pelos produtores circulou rapidamente pelos armazéns das cooperativas e comerciantes, face a demanda pelas demais regiões do Estado.

As regiões Meio Oeste e Litorânea, são tradicionais compradoras de milho, pois a produção regional não atende à demanda.

As regiões do Planalto de Canoinhas, Campos de Curitiba nos e Campos de Lages, além da própria produção, abastecem-se em outras regiões do Estado e também no Paraná, porém em quantidades menos expressivas, tendo em vista que os rebanhos de suínos e aves são relativamente pequenos.

Como é tradicional, existe compra, por parte dos comerciantes e caminhoneiros do estado do Rio Grande do Sul, de parcela da produção da região Oeste, como também é tradição a compra de milho no vizinho estado do Paraná, por parte de consumidores catarinenses.

Em face de duas frustrações consecutivas de safras (1977/78 e 1978/79), os consumidores catarinenses viram-se obrigados a comprar milho importado pela CFP e comercializado através da Bolsa de Cereais de São Paulo. Este fato ocorreu até fevereiro de 1980, época em que encerram-se os pregões naquela Bolsa, para o produto destinado ao Estado.

Em face das reivindicações efetuadas em julho/80, por parte principalmente de consumidores de milho dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, a CFP voltou a importar milho em agosto/80, para atender àquelas solicitações. Ao Estado catarinense coube um volume de importação de aproximadamente 110 mil toneladas que foram e estão sendo comercializadas através da Bolsa de Cereais de São Paulo. No entanto, os compradores catarinenses, já no mês de novembro, estavam adquirindo o milho nos leilões do produto destinado ao consumo do estado do Rio Grande do Sul, na Bolsa de Valores do Extremo Sul bem como nos leilões do produto destinado ao consumo do estado do Paraná, na Bolsa de Cereais de São Paulo.

Os preços tiveram comportamento ascendente desde os meses de janeiro e fevereiro até o final do ano, tanto a nível de produtor como a nível de atacado, chegando inclusive, a partir de julho, a provocar problemas quanto à viabilização da criação de suínos e aves, face aos aumentos consideráveis que provocou nos custos de produção.

Tabela 64

PREÇO MENSAL DO MILHO A NÍVEL DE PRODUTOR, ATACADO E IMPORTADO, SEGUNDO VÁRIAS FONTES - SANTA CATARINA, 1980

(Cr\$/saco de 60 kg)

Mês	PRODUTOR		ATACADO		IMPORTADO
	CEPA/SC	FGV	CEPA/SC	SUNAB (*)	CEPA/SC
Jan	250,00	313,00	290,00	...	252,00
Fev	240,00	...	290,00	...	234,00
Mar	270,00	310,00	320,00
Abr	275,00	310,00	315,00	284,00	...
Mai	295,00	315,00	305,00	281,00	...
Jun	335,00	329,00	375,00	305,00	...
Jul	450,00	...	520,00	393,00	...
Ago	445,00	454,00	490,00	446,00	...
Set	515,00	508,00	550,00	469,00	527,00
Out	575,00	586,00	680,00	526,00	598,00
Nov	750,00	...	631,00
Dez	750,00	805,00	665,00

(*) Mercado Atacadista da Grande Florianópolis

Fonte: FGV-SAA/EMATER-ACARESC, SUNAB e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 65

PREÇO MENSAL DO MILHO A NÍVEL DE PRODUTOR, DE ATACADO E IMPORTADO, SANTA CATARINA, 1980

(Cr\$ 1,00/sc de 60 kg)

MÊS	PRODUTOR (*)	ATACADO	IMPORTADO
Jan	250	280/300	252
Fev	230/250	280/300	234
Mar	260/280	320	-
Abr	270/280	310/320	-
Mai	290/300	300/310	-
Jun	320/350	350/400	-
Jul	460/440	540/500	-
Ago	445	490	-
Set	515	550	511/543
Out	550/600	680	576/620
Nov	-	750	590/672
Dez	-	700/800	620/710

(*) Preços coletados junto as regiões produtoras

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, FGV, SUNAB e SAA/CEPA-SC

Tabela 66

MILHO

Tração Animal - Rendimento médio previsto: 3.000 kg/ha
 Colonial Rotineiro (C/ fertilização de base)

MÊS/ANO	C U S T O S V A R I Á V E I S					TOTAL DOS CUSTOS VA-RIÁVEIS	CUSTOS FIXOS	TOTAL DOS CUSTOS/ha	CUSTO POR sc DE 60 kg	PREÇO MÍNIMO
	C U S T O S V A R I Á V E I S		C U S T O S V A R I Á V E I S							
	Insumos	Serviços Mecânicos	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis	Outros Custos Variáveis					
Dez/79	2.117	2.738	2.346	927	8.128	3.683	11.811	236	189,6	
Abr/80	3.320	3.244	2.210	1.139	9.913	3.774	13.687	274	189,6	
Agô/80	4.081	4.990	3.230	2.907	15.208	7.289	22.497	450	474,0	

Tração Animal - Rendimento médio previsto: 4.800 kg/ha
 (NO sistema são utilizados insumos modernos)

MÊS/ANO	C U S T O S V A R I Á V E I S					TOTAL DOS CUSTOS VA-RIÁVEIS	CUSTOS FIXOS	TOTAL DOS CUSTOS/ha	CUSTO POR sc DE 60 kg	PREÇO MÍNIMO
	C U S T O S V A R I Á V E I S		C U S T O S V A R I Á V E I S							
	Insumos	Serviços Mecânicos	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis	Outros Custos Variáveis					
Dez/79	4.503	5.826	1.520	1.535	13.384	3.880	17.264	216	189,6	
Abr/80	7.165	6.198	1.937	1.938	17.238	4.015	21.253	266	189,6	
Agô/80	8.787	9.604	2.831	4.902	26.124	7.817	33.941	424	474,0	

Tração Motora - Rendimento médio previsto: 4.800 kg/ha

MÊS/ANO	C U S T O S V A R I Á V E I S					TOTAL DOS CUSTOS VA-RIÁVEIS	CUSTOS FIXOS	TOTAL DOS CUSTOS/ha	CUSTO POR sc DE 60 kg	PREÇO MÍNIMO
	C U S T O S V A R I Á V E I S		C U S T O S V A R I Á V E I S							
	Insumos	Serviços Mecânicos	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis	Outros Custos Variáveis					
Dez/79	5.420	6.670	1.020	1.679	14.789	3.676	18.465	231	189,6	
Abr/80	8.517	6.786	1.300	2.085	18.688	3.768	22.456	281	189,6	
Agô/80	10.327	9.035	1.900	4.909	26.171	7.495	33.666	421	474,0	

MILHO/SOJA (Consortiada)

Tração Animal - Rendimento médio previsto: Milho 3.000 kg/ha e Soja 900 kg/ha

MÊS/ANO	C U S T O S V A R I Á V E I S					TOTAL DOS CUSTOS VA-RIÁVEIS	CUSTOS FIXOS	TOTAL DOS CUSTOS/ha	CUSTO POR sc DE 60 kg	
	C U S T O S V A R I Á V E I S		C U S T O S V A R I Á V E I S						Milho	Soja
	Insumos	Serviços Mecânicos	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis	Outros Custos Variáveis					
Dez/79	3.929	4.247	2.652	1.376	12.204	3.784	15.988	209	368	
Abr/80	5.948	4.637	3.380	1.749	15.714	4.245	19.959	267	431	
Agô/80	7.444	7.075	4.940	4.044	23.503	8.279	31.782	421	715	

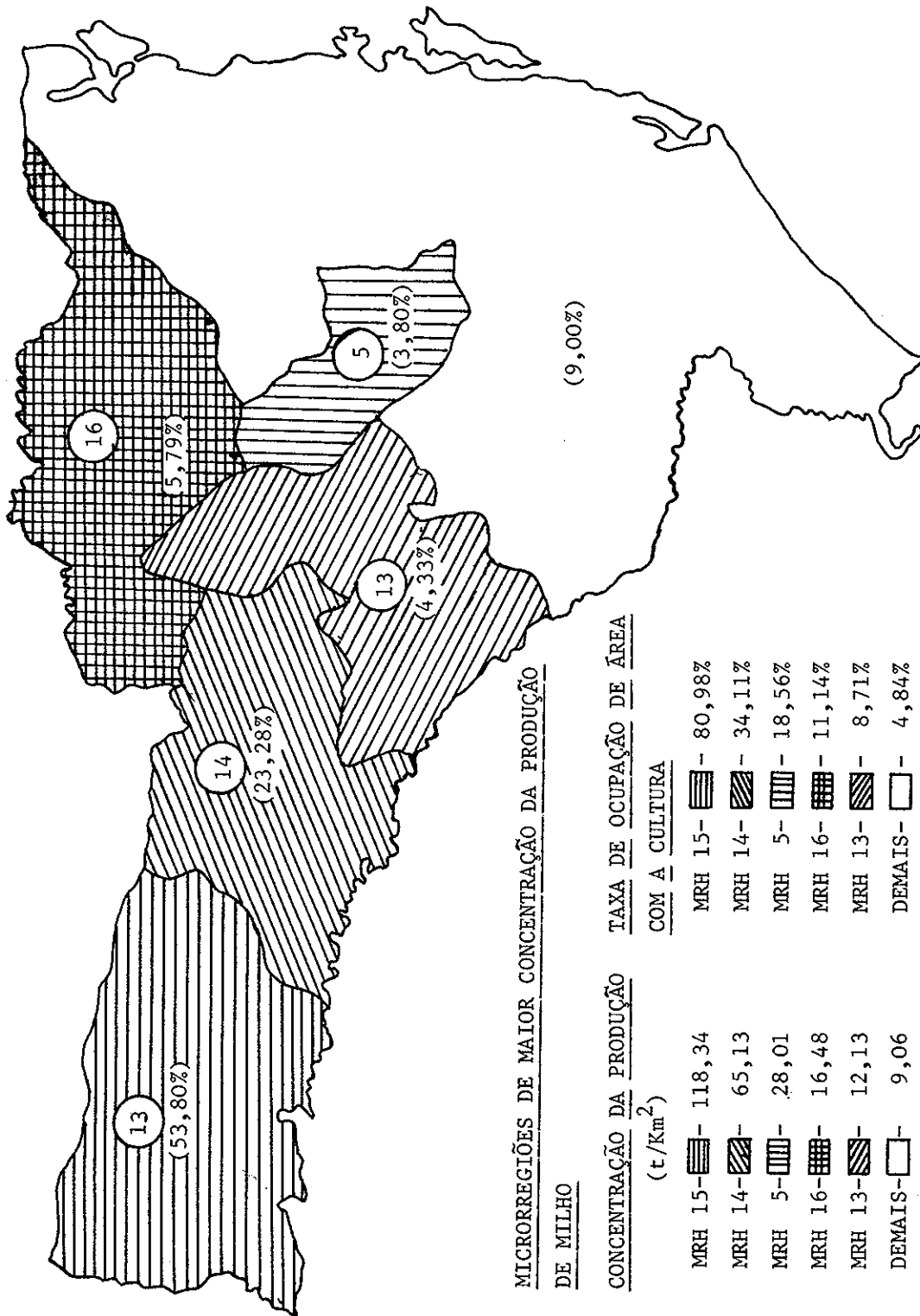
MILHO/FEIJÃO (Consortiada)

Tração Animal - Rendimento médio previsto: Milho 3.000 kg/ha e Feijão: 800 kg/ha

MÊS/ANO	C U S T O S V A R I Á V E I S					TOTAL DOS CUSTOS VA-RIÁVEIS	CUSTOS FIXOS	TOTAL DOS CUSTOS/ha	CUSTO POR sc DE 60 kg	
	C U S T O S V A R I Á V E I S		C U S T O S V A R I Á V E I S						Milho	Feijão
	Insumos	Serviços Mecânicos	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis	Outros Custos Variáveis					
Dez/79	5.302	4.217	2.295	1.601	13.415	4.229	17.644	221	441	
Abr/80	8.607	4.414	2.925	2.079	18.025	4.664	22.689	280	724	
Agô/80	11.071	6.551	4.275	4.668	26.565	9.683	36.248	441	1.066	

Nota: A elaboração dos custos foi contada pela CEPA/SC e contou com a participação da EMATER/SC-ACRESC, da EMRASC e de diversas Cooperativas estaduais.

PARTICIPAÇÃO DAS MRHS NA PRODUÇÃO DE MILHO



1.10- Soja

ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SAFRA 1976/77-1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1976/77	350.642	476.365	1.359
1977/78	408.785	354.681	868
1978/79	504.570	433.863	860
1979/80	520.401	718.764	1.381
1980/81 ⁽¹⁾	510.000	703.800	1.380

(1) Previsão: FIBGE/GCEA

Fonte: FIBGE, EMATER/ACARESC e SAA/CEPA-SC

Dentre as culturas desenvolvidas no Estado, a soja ocupa a segunda posição na formação do Valor Bruto da Produção do subsetor lavouras.

A exemplo do que ocorreu nos demais estados produtores, a soja apresentou uma contínua expansão da área plantada até 1980. Estima-se que cerca de 65.000 produtores rurais se dedicam ao cultivo da soja, sendo explorada tanto em pequenas como em grandes propriedades.

A soja cultivada inicialmente com a finalidade de se constituir em componente das rações para suínos e aves, aos poucos foi ganhando importância, em função da demanda crescente do produto para as indústrias de esmagamento que foram se instalando no Estado e principalmente face a conjuntura favorável do mercado internacional.

O desenvolvimento da cultura propiciou condições e abriu mercado para a indústria de máquinas e equipamentos agrícolas, bem como, ampliou sensivelmente a utilização de insumos.

Na safra 1979/80, com uma produção de 718,8 mil toneladas, Santa Catarina ocupou a 5ª posição entre os estados produtores de soja, tendo participado com 4,7% da produção nacional.

A nível de Estado, a microrregião 15 (Colonial do Oeste Catarinense), desponta como a maior produtora, tendo participação em 1980, com cerca de 67% da produção estadual. A microrre-

gião 14 (Colonial do Rio do Peixe) posiciona-se em 29 lugar, com aproximadamente 13% da produção catarinense. Em seguida, aparecem as microrregiões 13 (Campos de Curitibanos) e 16 (Planalto de Canoinhas) com 10% e 8,6%, respectivamente. Em conjunto, estas quatro microrregiões respondem por aproximadamente 98,6% da produção estadual de soja, conforme mapa anexo.

É expressiva a utilização da mecanização na cultura de soja, apesar de bastante significativa a participação do cultivo consorciado com milho, principalmente nas microrregiões 14 e 15.

Na safra 1979/80 a cultura apresentou excelente performance, tendo alcançado a produção de 718,8 mil toneladas numa área plantada de 520,4 mil hectares, o que proporcionou um rendimento médio de 1.381 kg/ha. Apesar da área plantada ter crescido em 3,1%, comparando-se com a safra 1978/79, a produção foi superior em 65,7% a daquele ano. Cabe salientar que, nas safras 1977/78 e 1978/79, a cultura sofreu frustrações, em função das estias que assolaram o Estado.

Para a safra 1980/81, as estimativas da FIBGE/GCEA, indicam redução de 2% na área de plantio (510.000 ha), estando a produção estimada em 703,8 mil toneladas e rendimento médio previsto em 1.380 kg/ha.

Essa redução na área é decorrente, entre outros, pelos seguintes fatores: financiamento de apenas 80% do valores estipulados para o VBC, considerado baixo pelos produtores; preço mínimo (Cr\$ 660,00/sc) já defasado; inexistência de crédito para investimento; a substituição da cultura pelo milho, cujos preços de mercado foram estimulantes. Por outro lado, em alguns municípios, apesar de a cultura ter sido substituída por milho, houve incorporação de novas áreas.

Na safra 1979/80, as condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura. De um modo geral a colheita se processou normalmente, sobrevivendo pequenos atrasos em algumas regiões, motivados pelos períodos de chuvas. Durante todo o ciclo da cultura foi pequena a incidência de pragas e doenças.

Apesar do excesso de chuvas nos meses de setembro e outubro ter atrasado o plantio, a normalização nos meses de novembro e dezembro propiciou condições favoráveis ao plantio e ao de

envolvimento da cultura.

A utilização de sementes selecionadas, poderá atingir cerca de 70% da área em plantio, tendo os preços variado de Cr\$. 900,00 a Cr\$ 1.100,00 por saca de 50 kg.

Estima-se que a utilização de fertilizantes atinja a aproximadamente 50% da área plantada. Contudo, o alto custo dos fertilizantes é um dos fatores que vem dificultando a sua utilização por parte dos produtores. Os fertilizantes, de dezembro de 1979 a dezembro de 1980, sofreram reajustes médios de 108,7%, as sim sendo, uma tonelada de adubo da fórmula 4-30-10 que em 31/12/79 custava Cr\$ 10.216,00, passou a custar Cr\$ 21.341,00 em 31/12/80.

A produção catarinense (718,7 mil toneladas) é insuficiente para atender a demanda estadual de esmagamento. As indústrias instaladas no Estado, possuem capacidade nominal de esmagamento, da ordem de 1.350.000 toneladas, o que força-as a abastecerem-se em outros estados.

Paralelamente às importações de soja em grão, são levadas a efeito exportações do produto para o Paraná e inclusive para o exterior.

A produção da microrregião 16 destina-se em grande parte aos mercados do Paraná e às indústrias de Gaspar e Videira.

A produção das microrregiões 14 e 15 destinam-se às indústrias instaladas na região, ao município de Gaspar e parcela é comercializada para o mercado do Paraná e exterior.

A produção da microrregião 13, destina-se principalmente às indústrias de Chapecó, Joaçaba, Videira e Gaspar, havendo também, parcelas de exportação para o Paraná e exterior.

No início do ano, a tendência baixista que se verificava no mercado internacional da leguminosa, estava provocando reflexos negativos no mercado interno. O Governo Federal, atendendo solicitação dos produtores, anunciou em 13/02/80 o reajuste do Preço Mínimo da soja de Cr\$ 315,00 para Cr\$ 440,00/sc. Contudo, esta medida foi tomada visando apenas o produto passível de aquisição pelo Governo Federal (AGF), o que não veio efetivamente a ocorrer, face o mercado ter-se comportado acima desse patamar.

Em março, o Governo Federal instituiu o Imposto de Exportação sobre a soja. Essa medida causou descontentamento entre os produtores, levando às cooperativas gaúchas e catarinenses, juntamente com os sindicatos, a promoverem no dia 23/03/80 uma reunião conjunta onde tomaram diversas decisões, dentre as quais destacou-se a suspensão das vendas do produto no mercado interno e externo até que fosse suspensa aquela medida governamental, o que veio a ocorrer no início de abril.

Os preços do produto, que a nível de mercado internacional (Bolsa de Chicago) vinham caindo desde o início do ano, alcançaram as mais baixas cotações em abril, em função da existência de excedentes comercializáveis de soja no mercado americano, e também graças ao embargo na venda de cereais a URSS decorrente da invasão do Afeganistão por este último país. Os preços começaram a reagir a partir de julho, em decorrência das vendas efetuadas pelos Estados Unidos a diversos países, e também pelas notícias da ocorrência de problemas no plantio da safra americana. A tendência altista persistiu até o final do ano.

No mercado interno, o comportamento dos preços praticamente acompanha as oscilações do mercado internacional.

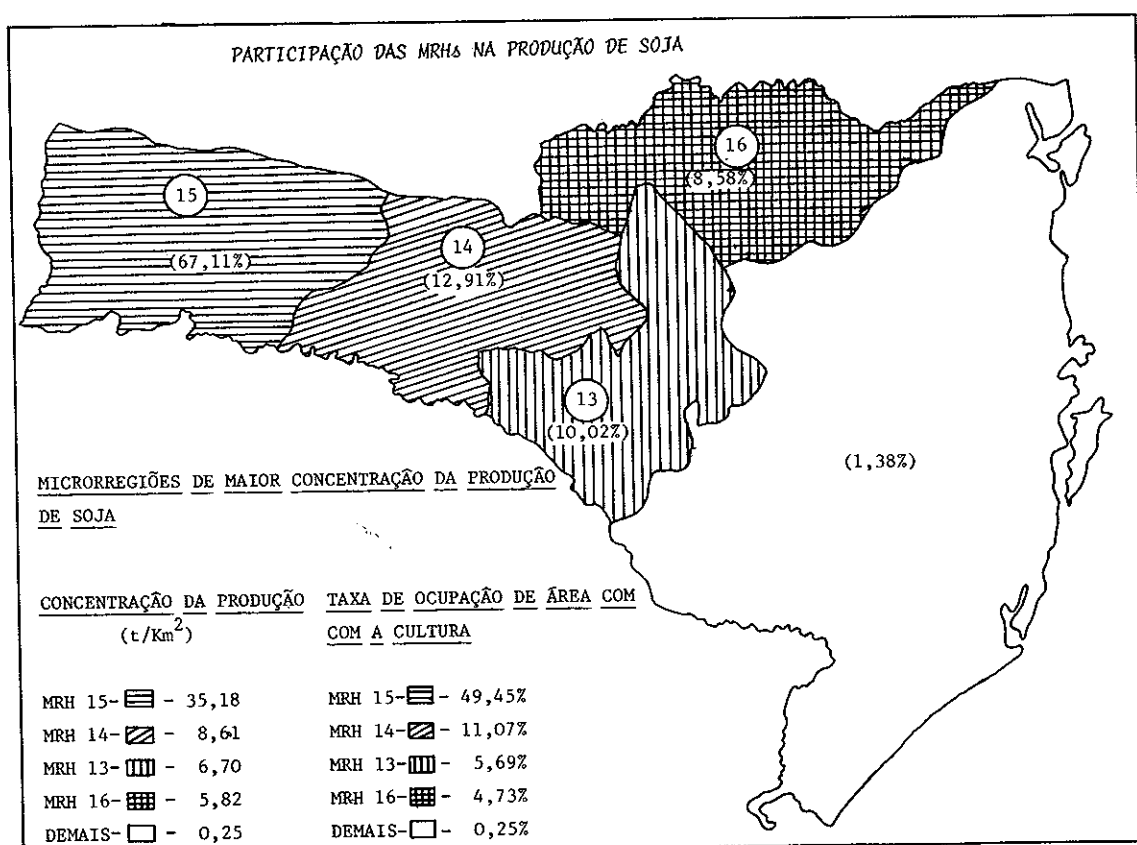


Tabela 67

PREÇO MENSAL DA SOJA A NÍVEL DE PRODUTOR, ATACADO E MERCADO EXTERNO, 1980

(Cr\$ 1,00/sc de 60 kg)

MÊS	PRODUTOR	ATACADO	MERCADO EXTERNO (US\$/t)
Jan	470	530 (1)	261
Fev	490	580 (1)	253
Mar	490	590 (1)	227
Abr	530	600	216
Maio	500/525	520/550	232
Jun	520	535/560	240
Jul	600/620	640/690	281
Ago	585	667	281
Set	-	700/790	318
Out	-	700/790	332
Nov	-	870/940	333 (2)
Dez	-	800/840	316 (2)

(1) Preço para entrega futura, geralmente 90 a 120 dias após a efetivação do negócio.

(2) Preço para entrega em julho de 1981

Fonte: INTERBRÁS e SAA/CEPA-SC

Tabela 68

PREÇO MENSAL DA SOJA, A NÍVEL DE PRODUTOR, ATACADO
E MERCADO EXTERNO, SEGUNDO VÁRIAS FONTES - SANTA
CATARINA, 1980

Mês	(Cr\$/saco de 60 kg)			
	PRODUTOR		ATACADO	MERCADO EXTERNO (US\$)
	CEPA/SC	FGV	CEPA/SC	
Jan	470,00	425,00	530,00 (1)	261,00
Fev	490,00	...	580,00 (1)	253,00
Mar	490,00	427,00	590,00 (1)	227,00
Abr	530,00	453,00	600,00	216,00
Mai	512,00	505,00	535,00	232,00
Jun	520,00	511,00	548,00	240,00
Jul	610,00	...	665,00	281,00
Ago	585,00	588,00	667,00	281,00
Set	...	600,00	745,00	318,00
Out	...	634,00	745,00	332,00
Nov	905,00	333,00 (2)
Dez	820,00	316,00 (2)

(1) Preços para entrega futura, geralmente 90 a 120 dias após a
efetivação do negócio

(2) Preços para entrega do produto em jul/81

Fonte: FGV-SAA/EMATER-ACARESC e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 69

SOJA

Tração Animal - Rendimento médio previsto: 1.800 kg/ha

(Cr\$ 1,00)

MÊS/ANO	C U S T O S V A R I Á V E I S				TOTAL DOS CUSTOS VA- RIÁVEIS	CUSTOS FIXOS	TOTAL DOS CUSTOS/ha	CUSTO POR SC DE 60 kg	PREÇO MÍNIMO
	Insumos	Serviços Mecânicos	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis					
Dez/79	3.324	3.791	1.693	1.168	9.976	3.497	13.473	449	315
Abr/80	4.760	4.688	1.638	1.490	12.576	3.671	16.247	542	315
Ago/80	5.939	6.765	3.325	3.171	19.200	6.303	25.503	850	660

Tração Motora - Rendimento médio previsto: 1.800 kg/ha

(Cr\$ 1,00)

MÊS/ANO	C U S T O S V A R I Á V E I S				TOTAL DOS CUSTOS VA- RIÁVEIS	CUSTOS FIXOS	TOTAL DOS CUSTOS /ha	CUSTO POR SC DE 60 kg	PREÇO MÍNIMO
	Insumos	Serviços Mecânicos	Serviços Manuais	Outros Custos Variáveis					
Dez/79	5.271	5.228	71	1.345	11.915	2.802	14.717	491	315
Abr/80	6.331	4.983	91	1.522	12.927	3.206	16.133	538	315
Ago/80	9.229	6.984	133	4.202	20.548	5.206	25.754	858	660

Nota: A elaboração dos custos foi coordenada pela CEPA/SC e contou com a participação da EMATER/SC-ACARESC, da EMPASC e de diversas Cooperativas estaduais.

1.11- Tomate

ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SAFRA 1975/76-1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1975/76	943	25.217	26.741
1976/77	926	22.917	24.748
1977/78	997	28.029	28.113
1978/79	1.100	30.081	27.346
1979/80	1.260	35.197	27.934
1980/81 ⁽¹⁾	1.280	35.840	28.000

(1) Previsão: FIBGE/GCEA

Fonte: FIBGE

Cultivado durante todo o ano e em praticamente todas as regiões do Estado, o tomate, dado a sua alta perecibilidade, é uma cultura cujo sucesso do empreendimento econômico é muito inseguro. Por ser sobremaneira perecível necessita de comercialização imediata, ficando dessa forma os produtores a mercê dos intermediários.

Por não ter uma política de garantia de preços e dado às constantes oscilações que sofrem as cotações do produto, o incremento apresentado anualmente pela cultura tem sido insignificante e Santa Catarina ainda é dependente da produção de outros estados, em certas épocas do ano. Essa dependência torna-se mais acentuada nos meses de agosto, setembro e outubro, época em que a produção catarinense é praticamente nula. Nos demais meses do ano, há um superávit em termos de produção, considerando-se um consumo mensal de cerca de 2.000 toneladas.

Da área total de 1.280 ha prevista a ser plantada nesta safra, estima-se que até o final do mês de novembro já haviam sido efetivamente implantados cerca de 700 ha. A produção esperada é em torno de 35.840 toneladas.

Embora cultivado em todo o Estado, existem certas regiões em que a cultura do tomate apresenta importância mais significativa, dada as características de clima propício à cultura ou a proximidade de maiores centros consumidores. É o caso das

microrregiões dos Campos de Lages e de Curitibanos, Carbonífera, Colonial Serrana Catarinense, Florianópolis, Colonial de Joinville, Colonial do Rio do Peixe e Alto Vale do Itajaí, que juntas plantam mais de 70% da área total a ser cultivada no Estado nesta safra, conforme mapa anexo.

Em virtude do excesso de precipitação pluviométrica ocorrido no mês de outubro, houve atraso nas operações de plantio da safra de verão em praticamente todas as regiões do Estado.

Também as áreas já implantadas foram prejudicadas, pois, além das chuvas, houve freqüentes variações de temperatura (excesso de frio), tendo em consequência havido um retardamento no desenvolvimento normal das plantas.

Na safra 1979/80 foram cultivados no Estado 1.260 ha de tomate, obtendo-se uma produção de 35.197 toneladas e um rendimento médio de 27.934 kg/ha.

O maior problema enfrentado pelos produtores nessa safra foi o excesso de chuvas, ocorrido em praticamente todas as fases da cultura, prejudicando não só as práticas culturais, como também, trazendo problemas à comercialização do produto. Somente no município de Urubici, sede do Mercado do Produtor do Vale do Rio Canoas, cerca de 80.000 cx. de tomate foram perdidas, em decorrência dos problemas climáticos e da precariedade das vias de escoamento que tornam impraticável o trânsito de veículos pesados em épocas chuvosas.

O preço médio recebido pelos produtores na safra passada ficou em torno de Cr\$ 8,00/kg de produto.

De acordo com estimativas da CEPA/SC, cerca de 20.000 toneladas de tomate devem ter sido comercializadas no Estado, no ano de 1980. Nesse volume estão incluídos, além do tomate produzido no próprio Estado, as importações efetuadas de outros estados, notadamente do Paraná e São Paulo.

O consumo interno de tomate em Santa Catarina é ao redor de 24.000 t/ano.

Apesar das importações efetuadas - somente através do atacado da CEASA/SC foram ofertadas 820 toneladas - Santa Catarina também efetuou exportações do produto, destacando-se nesse particular o município de Urubici, onde através do Mercado do Pro

dutor instalado naquela localidade, foram exportadas 3.944 toneladas, a preços médios de Cr\$ 7,31/kg. Os estados importadores foram, por ordem de volume adquirido, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Distrito Federal, Pará e Rondônia.

Considerando-se somente as transações a nível de atacado efetuadas na CEASA/SC e MEPRO, o volume comercializado foi de 7.599 toneladas, sendo 6.778 toneladas procedentes do próprio Estado.

Tabela 70

VOLUME DE TOMATE COMERCIALIZADO E PREÇOS MÉDIOS MENSAIS,
SANTA CATARINA, 1980

MÊS	VOLUME (t)		PREÇOS MÉDIOS - Cr\$/kg		
	CEASA/SC	MEPRO	PRODUTOR(*)	ATACADO (**)	VAREJO(**)
Jan	373,49	50,43	6,40	7,70	9,55
Fev	388,70	1.431,48	4,83	5,63	8,10
Mar	412,97	2.357,99	2,67	5,60	8,01
Abr	301,53	101,28	9,15	12,10	19,16
Mai	283,12	2,32	6,48	11,68	14,80
Jun	240,63	-	8,40	8,62	10,65
Jul	311,27	-	10,00	11,27	14,52
Ago	289,28	-	10,00	12,90	19,39
Set	210,24	-	13,50	18,67	25,41
Out	314,87	-	17,50	19,14	28,63
Nov	267,30	-	22,50	28,00	39,12
Dez	262,40	-	17,10	20,81	36,60
Total	3.655,80	3.943,50	-	-	-

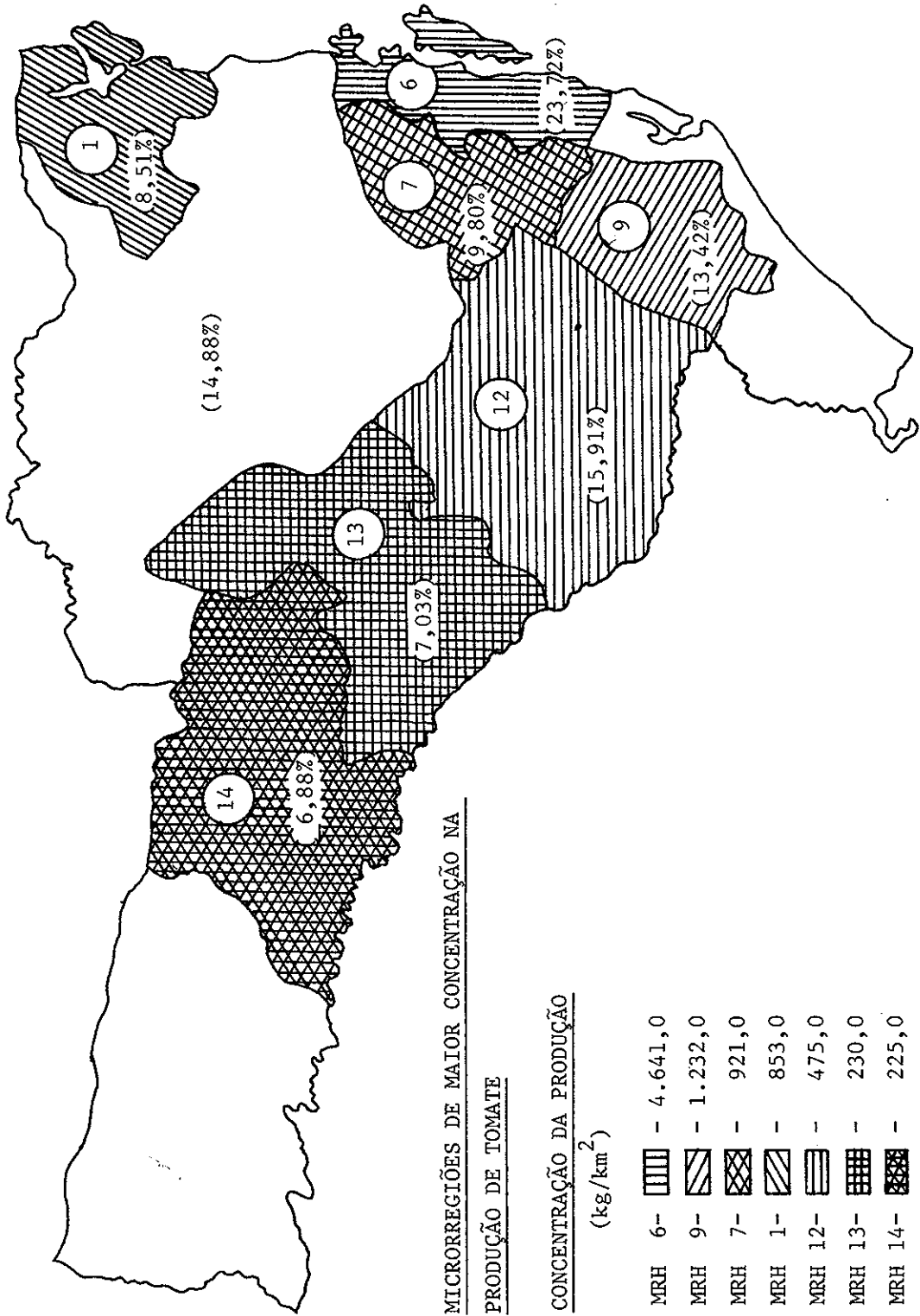
(*) Preços coletados nas várias regiões produtoras

(**) Preços médios ponderados

Fonte: CEASA/SC, Mercado Produtor e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

PARTICIPAÇÃO DAS MRHs NA PRODUÇÃO DE TOMATE



MICROREGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO NA

PRODUÇÃO DE TOMATE

CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO

(kg/km²)

MRH 6-	[Vertical lines]	- 4.641,0
MRH 9-	[Diagonal lines /]	- 1.232,0
MRH 7-	[Cross-hatch]	- 921,0
MRH 1-	[Diagonal lines \]	- 853,0
MRH 12-	[Horizontal lines]	- 475,0
MRH 13-	[Grid]	- 230,0
MRH 14-	[Dense cross-hatch]	- 225,0
DEMAIS-	[White box]	- 209,0

1.12- Trigo

ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SAFRA 1976/77-1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1976/77	37.522	20.328	542
1977/78	11.620	4.279	368
1978/79	4.587	3.791	826
1979/80	34.749	18.864	615
1980/81 ⁽¹⁾	15.044	8.800	585

(1) Previsão: FIBGE/GCEA

Fonte: FIBGE e SAA/CEPA-SC

Apesar de constituir-se numa das poucas lavouras de inverno, o desinteresse pelo cultivo do trigo no Estado vem aumentando gradativamente, em função das constantes frustrações que a cultura tem sofrido. A falta de variedades e de tecnologia melhores adaptadas às condições climáticas e a ocorrência de geadas em épocas desfavoráveis são os principais empecilhos enfrentados pela cultura.

Estima-se que cerca de 6.000 propriedades cultivam o nobre cereal, quer para fins econômicos quer para consumo familiar.

Na safra 1979/80, Santa Catarina com uma produção de 18,9 mil toneladas, situou-se como o 5º produtor de trigo. Para a safra 1980/81, as previsões indicam que o Estado deve cair para a 6ª colocação.

A produção catarinense concentra-se nas microrregiões Colonial do Oeste Catarinense, Colonial do Rio do Peixe, Campos de Curitibanos, Campos de Lages e Planalto de Canoinhas. A participação percentual de cada microrregião pode ser observada no Mapa da Participação das MRHs na Produção de Trigo.

Na safra 1979/80, dos 34.750 ha plantados apenas 30.840 foram efetivamente colhidos. Além da perda total de 3.910 ha, motivada pela ocorrência de geadas, a cultura do trigo foi atingida por adversidades climáticas até o final da colheita. A produ

ção que inicialmente era prevista em 39.674 toneladas, reduziu - se a 18,9 mil toneladas, apresentando uma quebra de 52,5%.

Com relação a anterior, a safra 1980/81 apresentou uma redução de 57% na área de plantio. Dos 15.044 ha plantados nessa safra, estimava-se inicialmente uma produção ao redor de 13.500 toneladas. Porém em dezembro, antes mesmo do final da colheita, as previsões indicavam uma produção de 8,8 mil toneladas, ou seja, 35% inferior ao inicialmente esperado.

A redução na área plantada foi ocasionada principalmente pela frustração da safra anterior, pela insatisfação com os baixos níveis de VBC ofertados para a cultura e também pelo limite de cobertura do PROAGRO em 80% do valor financiado. Além desses motivos, o grande risco da cultura e os altos custos dos insumos contribuíram para o desestímulo no plantio.

As geadas, granizo e oscilações bruscas de temperatura foram fatores determinantes para a frustração da última safra.

A produção catarinense é pouco expressiva, ficando bem abaixo das necessidades internas. O déficit estimado de 163.000 toneladas é eliminado pela entrada do produto oriundo de outros estados da Federação e mesmo de outros países.

A comercialização da produção é feita sob controle oficial, através do Departamento de Comercialização do Trigo Nacional - CTRIN, por intermédio do Banco do Brasil S/A.

O preço fixado para o trigo nacional, safra 1980/81, foi de Cr\$ 710,40/60 kg, para o produto com peso hectolítrico básico de 78.

O trigo para consumo que até agosto era altamente subsidiado, passou a partir daquele mês a sofrer gradual retirada dos subsídios (tabela 71).

A retirada dos subsídios poderá trazer como conseqüências o estímulo ao plantio nas pequenas propriedades com a finalidade de autoconsumo. Este fato é importante para Santa Catarina, onde esse tipo de imóvel predomina e, ao mesmo tempo, trará consigo a necessidade de que seja permitido, novamente, o funcionamento dos moinhos coloniais.

O aumento do preço da farinha de trigo a nível de consu

midor possivelmente dirigirá o consumo para outras farinhas, tais como farinha de milho, de mandioca e de centeio.

Tabela 71

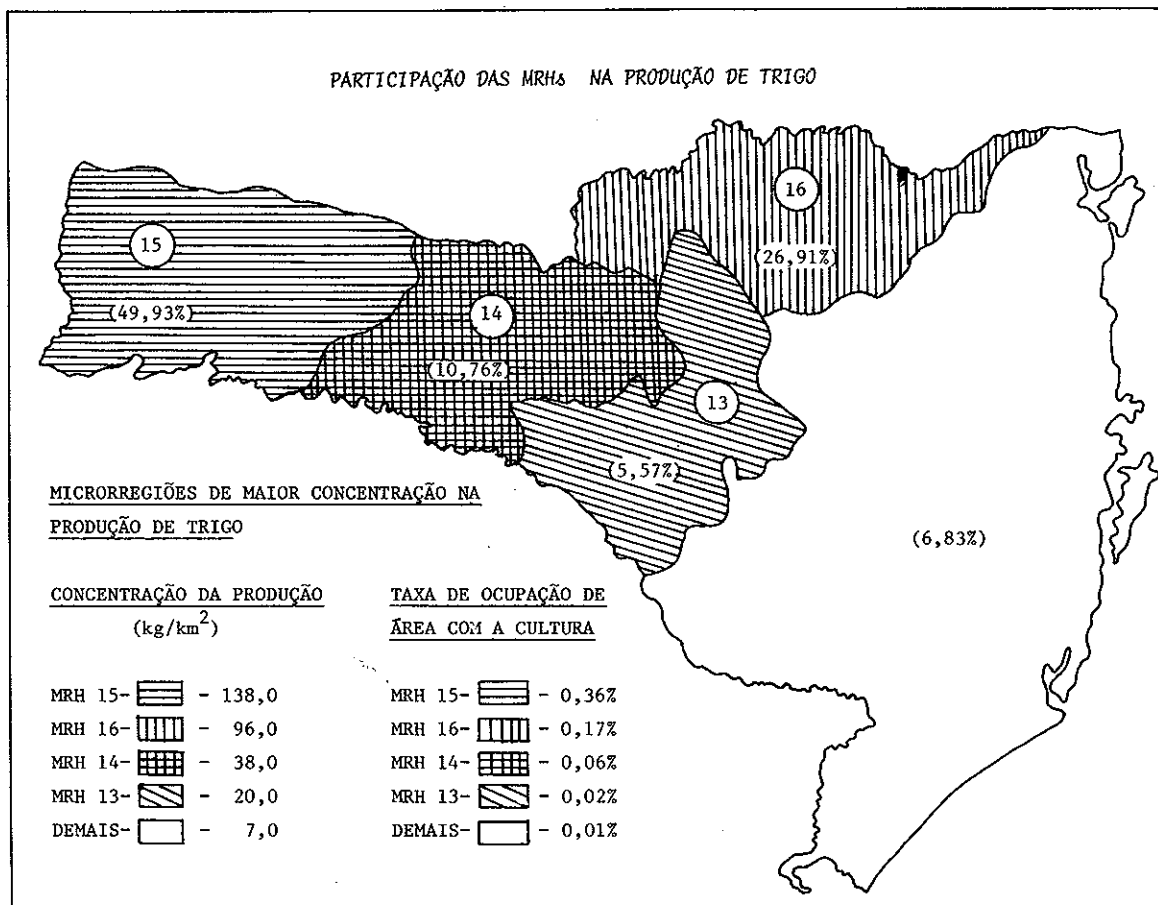
PREÇO PAGO AOS PRODUTORES E PELOS MOINHOS DE TRIGO, DE AGOSTO A DEZEMBRO DE 1980

PRODU- TOR(*)	PELOS MOINHOS						
	De 18/08 a 19/10/80	Subsídio (%)	De 20/10 a 14/12/80	Subsídio (%)	A partir de 15/12/80	Subsídio (%)	
	710,40	118,63	83,37	225,00	68,13	340,38	52,09

(*) É Considerado o preço mínimo estabelecido para o peso hectolítrico básico de 78.

Fonte: CTRIN

Elaboração: SAA/CEPA-SC



2. FRUTAS

2.1- Banana

ÁREA PLANTADA E PRODUÇÃO, SAFRA 1976/77-1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)
1976/77	14.998	164.308
1977/78	17.134	190.072
1978/79	18.366	226.269
1979/80	18.643	209.712
1980/81 ⁽¹⁾	22.174	255.928

(1) Previsão: FIBGE/GCEA

Fonte: FIBGE

Dentre as frutíferas é a cultura que tem maior expressão na economia catarinense. A participação da cultura da banana na formação do Valor Bruto da Produção Agropecuária de Santa Catarina em 1980, foi de 1,59%.

Estima-se que cerca de 26.000 agricultores cultivam-na com fins econômicos.

Santa Catarina, com uma produção de 226 mil toneladas em 1979, foi o 7º produtor nacional, tendo respondido por 5,7% da produção brasileira de bananas.

No Estado, o cultivo concentra-se na faixa litorânea, principalmente nas microrregiões Colonial de Joinville (maior produtor), Litoral de Itajaí, Florianópolis, Colonial de Blumenau, Carbonífera, Litoral Sul Catarinense e Colonial do Sul Catarinense.

O Mapa de Participação das MRHs na Produção de Banana mostra a participação percentual das microrregiões na produção catarinense.

Nos últimos anos a cultura vem apresentando incrementos na área plantada, tendo aumentado de 17.134 ha na safra 1977/78, para 18.643 ha na safra 1979/80, evidenciando crescimento anual nas safras consideradas de 4,31%. As estimativas da FIBGE/GCEA, para a safra 1980/81, indicam uma área plantada da ordem de

22,2 mil ha, o que representa uma evolução de 18,9% em relação a safra anterior. Essa significativa evolução foi motivada pela melhoria nos preços recebidos pelos produtores; pela introdução de variedades mais produtivas e resistentes às doenças e pela maior utilização de assistência técnica.

A produção catarinense atende a própria demanda estadual, abastece parcela dos mercados de S.Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul e gera pequenas vendas aos mercados da Argentina e Uruguai.

Apesar de o Estado de Santa Catarina ser auto-suficiente em termos de volume produzido, em determinadas épocas do ano torna-se, simultaneamente, exportador e importador de bananas.

Durante o ano de 1980 a Central de Abastecimento de Santa Catarina - CEASA/SC movimentou em seu mercado um volume total de 1.875 toneladas, sendo 55% de produção do Estado, 15% do Paraná e 30% de São Paulo.

É importante salientar que a maior parte da banana consumida na região da Grande Florianópolis é comercializada fora do recinto da CEASA, através de feirantes, quitandas e outras modalidades de comércio.

Tabela 72

PREÇO MENSAL DA BANANA, A NÍVEL DE PRODUTOR, ATACADO
E VAREJO, SEGUNDO VÁRIAS FONTES- SANTA CATARINA, 1980
(Cr\$/kg)

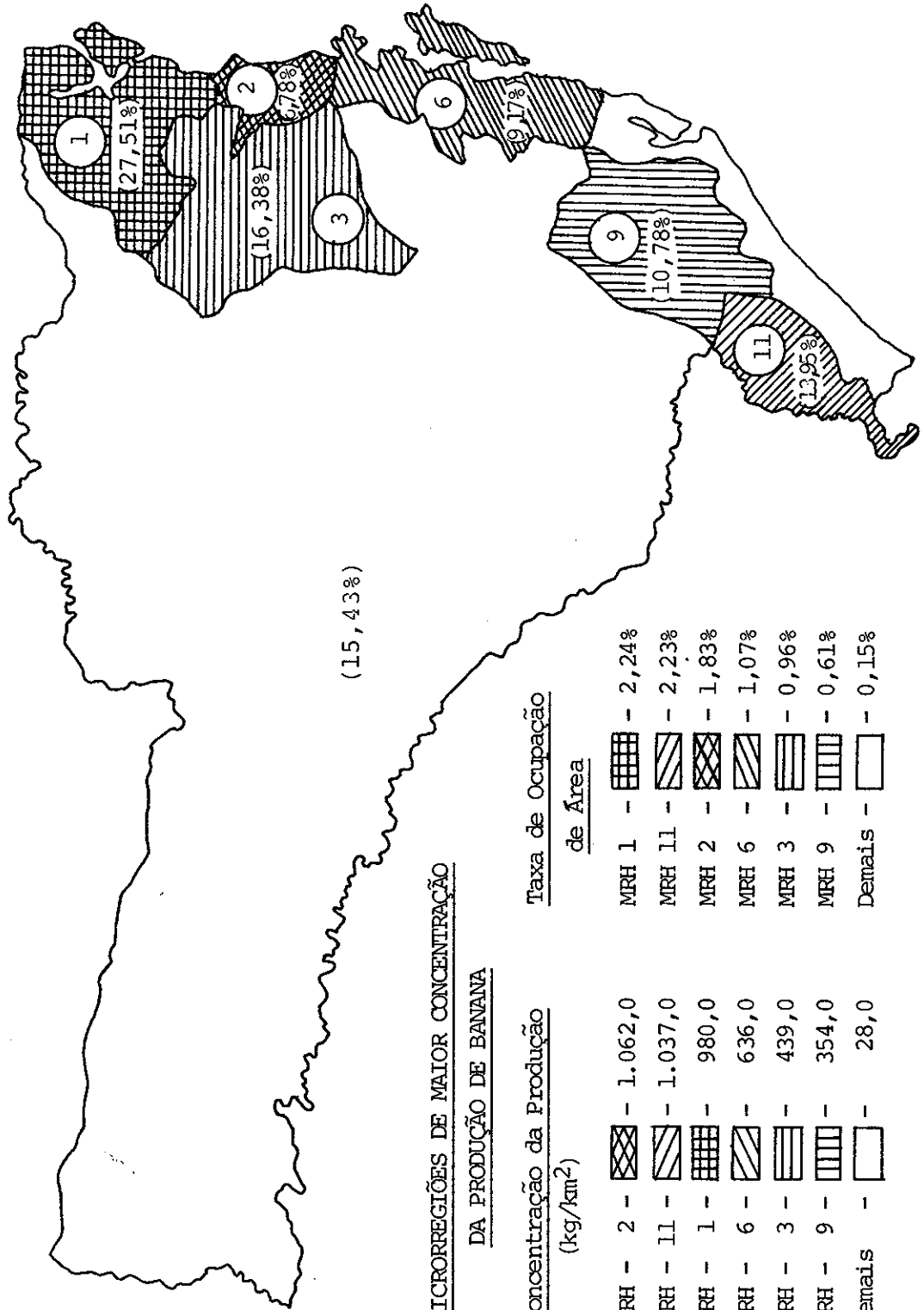
Mês	PRODUTOR	ATACADO	VAREJO
	FGV	SUNAB (*)	SUNAB (*)
Jan	4,78	6,90	15,66
Fev	...	7,00	16,00
Mar	5,60	7,45	18,75
Abr	6,21	7,65	19,79
Mai	6,57	8,00	17,61
Jun	6,75	8,00	20,00
Jul	...	8,30	18,83
Ago	7,37	8,45	20,00
Set	7,68	9,15	19,06
Out	8,13	13,21	22,50
Nov	...	15,90	29,00
Dez	...	18,06	24,00

(*) Preços coletados nos mercados da Grande Florianópolis

Fonte: FGV-SAA/EMATER-ACARESC E SUNAB

Elaboração: SAA/CEPA-SC

PARTICIPAÇÃO DAS MRHs NA PRODUÇÃO DE BANANA



MICROREGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO

DA PRODUÇÃO DE BANANA

<u>Concentração da Produção</u> (kg/km ²)		<u>Taxa de Ocupação</u> <u>de Área</u>	
MRH - 2 -	1.062,0	MRH 1 -	2,24%
MRH - 11 -	1.037,0	MRH 11 -	2,23%
MRH - 1 -	980,0	MRH 2 -	1,83%
MRH - 6 -	636,0	MRH 6 -	1,07%
MRH - 3 -	439,0	MRH 3 -	0,96%
MRH - 9 -	354,0	MRH 9 -	0,61%
Demais -	28,0	Demais -	0,15%

2.2- Maçã

A cultura da macieira, considerada de importância secundária no ano de 1970, quando o Brasil possuía somente 2.000 ha plantados, passou a ter significado no contexto da produção agrícola do país, pois já em 1979 alcançou a expressiva área de 15.400 ha cultivados.

Participando com mais de 7.100 ha na safra 1979/80, ou seja, cerca de 46% da área total cultivada no país, o Estado de Santa Catarina é o maior produtor nacional de maçãs. Essa situação de destaque é decorrente de um clima privilegiado que possui o Estado, propício ao cultivo da macieira e, também, por ter sido implantado, no ano de 1968 o PROFIT - Projeto de Fruticultura de Clima Temperado, que abrange cerca de um terço da área do Estado e que é desenvolvido nas regiões fisiográficas do Vale do Rio do Peixe, Campos de Lages e Campos de Curitibanos.

Em termos de produção, na última safra a participação catarinense foi de 60,20% sobre o total de 41.558 toneladas de maçãs que foram produzidas no país.

Os percentuais restantes couberam aos estados de São Paulo (19,2%), Rio Grande do Sul (15,9%), Paraná (3,4%) e Minas Gerais (1,3%).

Apesar de problemas ocorridos, como a queda de granizo na região de Fraiburgo e a ocorrência de geadas na floração na região de São Joaquim, bem como o ataque de sarna e podridão amarga que afetaram os pomares de maçãs, o Estado de Santa Catarina produziu na safra 1979/80 nos 3.815 ha já em produção, 27.800 toneladas de maçãs, quantidade 32,38% superior ao volume produzido na safra 1978/79.

Do total produzido, 23.470 toneladas foram comercializadas para consumo "in natura" e 4.330 toneladas destinaram-se às indústrias.

Os preços médios recebidos pelos produtores por quilo de maçã foram de Cr\$ 13,30 e Cr\$ 4,29 para o produto destinado ao consumo "in natura" e para a industrialização, respectivamente.

A maçã catarinense produzida na última safra foi comercializada para os estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Pau-

lo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso, Rondônia e Pará.

Com os plantios efetivados na safra atual de 877 ha, Santa Catarina possui 8.031 ha cultivados com macieiras (tabela 73).

Não fossem a inexistência de recursos para investimentos e a escassez de crédito para custeio a área plantada nesta safra teria sido superior a efetivamente implantada. Contribuíram, também, para essa situação, afetando principalmente o pequeno produtor, o alto custo do crédito agrícola e dos insumos, o reduzido volume de recursos que possuem os pequenos agricultores para custear o período não produtivo (3 a 4 anos) e a falta de garantias para conseguir o crédito.

A expansão da cultura da macieira no Estado é um fato patente e irreversível e as somas já investidas nessa atividade fazem-na merecedora de uma maior atenção por parte das autoridades governamentais.

Desde a implantação do PROFIT, em 1968, já foram investidos cerca de seis bilhões de cruzeiros (tabela 74).

Da área total de 8.031 ha, nos quais são cultivadas em torno de sete milhões de plantas, aproximadamente 78,31% acham-se concentradas em sete municípios catarinenses, área essa que é conduzida por 57,52% do total de 1.242 produtores de maçãs do Estado (tabela 75).

Na atual safra, estima-se em 4.550 o mínimo de hectares cujas plantas já estarão produzindo. A previsão atual de produção é de 41.000 toneladas, 47% superior ao volume produzido na safra anterior.

Em termos de Brasil, Santa Catarina deverá participar em 60% do total de 68.000 toneladas a serem colhidas.

Quanto a capacidade de armazenagem a frio para a maçã, no Estado, está muito aquém das necessidades reais, sendo de 12.580 toneladas (tabela 76).

Não fosse o excesso de chuvas ocorrido no mês de outubro, que além de dificultar o bom andamento das práticas culturais que estavam sendo efetuadas, influenciou também na polinização das flores pelos insetos e provocou a queda de flores antes da

polinização, poder-se-ia dizer que na presente safra as condições climáticas foram altamente favoráveis a cultura.

Tabela 73

EVOLUÇÃO DA ÁREA DE PLANTIO DA MAÇÃ, 1970/71 - 1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA - ha		UNIDADES PRODUTORAS (nº)
	No período	Acumulado	
1970/71	265	265	-
1971/72	290	555	-
1972/73	242	797	-
1973/74	578	1.375	-
1974/75	590	1.965	-
1975/76	703	2.668	-
1976/77	1.147	3.815	579
1977/78	1.472	5.287	910
1978/79	1.050	6.337	1.058
1979/80	817	7.154	1.186
1980/81	877	8.031	1.242

Fonte: SAA/EMATER-ACARESC (PROFIT)

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 74

INVESTIMENTOS DIRETOS NA CULTURA DA MACIEIRA-SC, 1968-80

(a preços de 1980)

DISCRIMINAÇÃO	VALOR (Cr\$ 1.000,00)
Produção de mudas	90.000,00
Área de produção	4.760.000,00
Infra-estrutura de processamento estocagem e comercialização	900.000,00
Infra-estrutura industrial	150.000,00
Apoio tecnológico	130.000,00
Total dos Investimentos	6.030.000,00

Fonte: SAA/EMATER-ACARESC (PROFIT)

Elaboração: SAA/EMATER-ACARESC e SAA/CEPA-SC

Tabela 75

ÁREAS CONCENTRADORAS DO CULTIVO DA MACIEIRA, POR MUNICÍPIO,
SANTA CATARINA, 1980

MUNICÍPIO	ÁREA (ha)	PRODUTORES (nº)	PLANTAS (nº)
Fraiburgo	2.555,9	48	2.697.744
São Joaquim	1.502,7	242	1.133.015
Campos Novos	609,8	62	500.770
Lages	459,0	65	486.794
Água Doce	435,1	68	309.764
Bom Jardim da Serra	417,8	118	288.065
Curitibanos	309,1	116	256.763
Outros	1.741,6	523	1.327.085
Total	8.031,0	1.242	7.000.000

Fonte: SAA/EMATER-ACARESC (PROFIT)

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 76

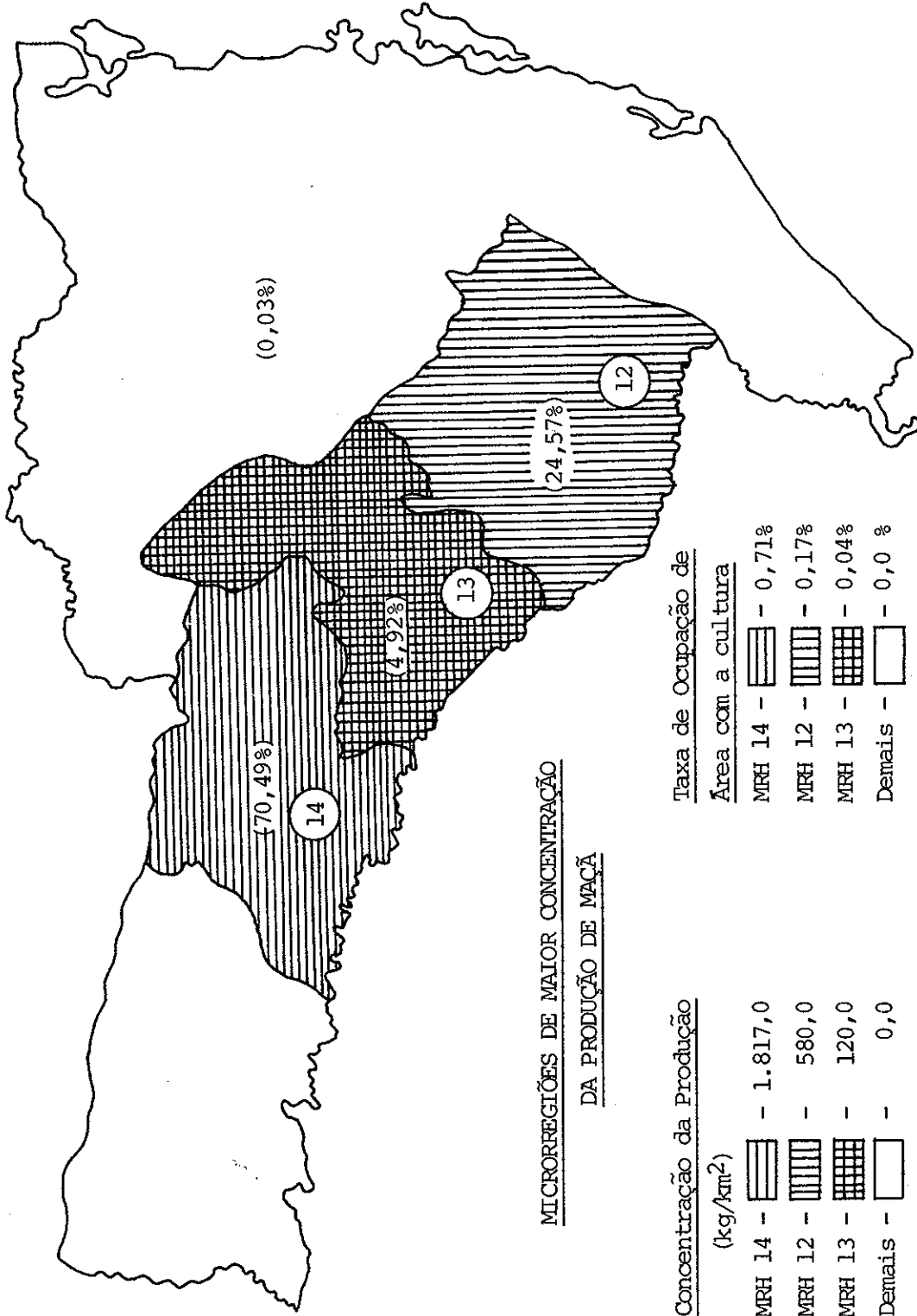
CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM A FRIO PARA A MAÇÃ, POR MUNICÍ-
PIO, SANTA CATARINA, 1980

MUNICÍPIO	CAPACIDADE (t)
São Joaquim	630
Bom Jardim da Serra	100
Fraiburgo	10.000
Videira	1.850
Total	12.580

Fonte: SAA/EMATER-ACARESC (PROFIT)

Elaboração: SAA/CEPA-SC

PARTICIPAÇÃO DAS MRHS NA PRODUÇÃO DE MAÇÃ



MICRORREGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO DE MAÇÃ

Concentração da Produção (kg/km ²)	
MRH 14	- 1.817,0
MRH 12	- 580,0
MRH 13	- 120,0
Demais	- 0,0

Taxa de Ocupação de Área com a cultura	
MRH 14	- 0,71%
MRH 12	- 0,17%
MRH 13	- 0,04%
Demais	- 0,0%

2.3- Frutas de Caroco (Pêssego, Ameixa e Nectarina)

Cultivadas nas regiões fisiográficas dos Campos de Lages, Campos de Curitiba e Vale do Rio do Peixe, com destaque para a última, a área plantada com essas culturas não vem apresentando desenvolvimento marcante, dadas as sucessivas frustrações de safra, ocasionadas por adversidades climáticas (geadas na floração) que reduziram drasticamente as produções esperadas.

Com os plantios efetivados na atual safra, a área plantada com essas culturas no Estado é de 1.710 ha, sendo de 650.000 o número de plantas cultivadas. Esses números, no entanto, poderão sofrer alterações, face a substituição e erradicação de alguns pomares dessas espécies, tendo em vista os problemas citados.

A previsão atual de produção dessas frutas para a safra 1980/81 é de 2.000 toneladas sendo que a previsão inicial era de 6.000 toneladas.

O número de produtores, com repetição, que cultivam pêssego, ameixa e/ou nectarina no Estado é de 988.

2.4- Uva Vinífera

ÁREA PLANTADA E PRODUÇÃO COMERCIALIZADA, SAFRA 1976/77- 1980/81

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO COMERCIALIZADA (t)
1975/76	377	2.450
1976/77	433	1.805
1977/78	517	1.557
1978/79	600	1.669
1979/80	615	1.345
1980/81 ⁽¹⁾	639	4.000

(1) Previsão

Fonte: SAA/EMATER-ACARESC (PROFIT)

Em Santa Catarina o cultivo da videira, considerando-se somente as viníferas acha-se concentrado na microrregião Colonial do Rio do Peixe, responsável por cerca de 90% da área total cultivada no Estado.

Considerando-se somente a área abrangida pelo PROFIT, a área plantada na safra 1979/80, foi de 615 ha e foram produzidas 1.345 toneladas de uva vinífera.

Estimada preliminarmente em torno de 3.000 toneladas, a produção da safra passada foi seriamente prejudicada pelas geadas ocorridas na segunda quinzena de setembro, limitando, em sequência, a efetiva ocupação da indústria vinícola. Por outro lado, os preços recebidos pelos produtores foram altamente valorizados, atingindo Cr\$ 14,49 por quilo do produto.

Com os plantios efetivados nesta safra, em torno de 25 ha, a área total cultivada com vinífera na região de abrangência do PROFIT é de 639 ha.

O número de produtores envolvidos com essa cultura é de 251, que cultivam em torno de 1.260.000 plantas.

A estimativa de produção para a presente safra é de 4.000 toneladas do produto.

3. PECUÁRIA

3.1- Aves

O mercado de carne bovina a partir de 1978 entrou em fase de alta de preços, abrindo um expressivo espaço para o aumento do consumo da carne de aves. Essa abertura facilitou a entrada da carne avícola na dieta dos consumidores, detectável no aumento do consumo "per capita", passando de 10,5 kg em 1975 para 19,2 kg/hab./ano em 1980, nível bem acima do da carne bovina que permaneceu no período 1975-80 em torno de 14 kg.

Como consequência das perspectivas de lucratividade, pelo aumento da procura das carnes avícolas, e, mais, as tendências de expansão e das conquistas de novos mercados internacionais, pelas grandes empresas do ramo, nos anos de 1978 e 1979 efetuaram-se consideráveis investimentos na atividade. Fato que pode ser verificado, em primeiro lugar, pelo aumento do número de matrizes alojadas, que passaram de 1.050 mil em 1977 para 1.500 mil em 1980; e, em segundo lugar, pelo aumento de 59,9% nos abates sob Inspeção Federal, que de 81,6 milhões de cabeças, em 1977, atingiram 136,2 milhões de cabeças abatidas, em 1980.

Somados todos os abates, destinados ao comércio e auto-consumo, em 1980, totalizaram 171,7 milhões de cabeças abatidas, ofertando 211,6 mil toneladas, das quais 69,8 mil toneladas foram destinadas ao mercado estadual, 61,4 mil toneladas ao mercado nacional, 74,4 mil toneladas ao mercado internacional e aproximadamente 6,0 mil toneladas estão em estoques e/ou foram industrializadas.

Os aumentos consideráveis da oferta de carne de aves, bem como, o crescimento da demanda estadual nos últimos 3 anos de verão, nos próximos, crescer a taxas menores. Pois, de um lado as restrições creditícias impostas durante 1980 e os altos juros cobrados notadamente para os investimentos, inviabilizaram economicamente novos projetos. Ocorrendo apenas inversões por parte dos grandes industriais, por força de contratos de vendas externas. Por outro, o processo inflacionário tende a restringir o consumo.

Os aumentos não esperados dos custos variáveis de produ

ção, tendo como principal responsável a escassez do milho e seus altos preços, bem como, as dificuldades dos produtores independentes dos sistemas de integração de adquirirem o milho importado, foram também fatos que desestimularam a entrada de novos produtores no ramo e o abandono da atividade por outros.

A constatação de que a atividade avícola, no que concerne aos produtores de frangos, não manteve o nível de lucratividade durante 1980 se evidencia pelos preços recebidos pelos produtores (tabela 81), que foram inferiores no segundo semestre de 1980 aos de igual período de 1979, enquanto os custos de produção cresceram significativamente.

Agrava-se a situação na medida que os índices de correção utilizados pela FGV são médias nacionais, não refletindo a realidade dos custos variáveis de produção, uma vez que alguns itens da alimentação (milho, farelo de soja, etc), tiveram aumentos acima do Índice Geral de Preços, agravando os problemas enfrentados pelos avicultores catarinenses em 1980.

O segmento avícola de postura foi bem menos favorecido que o de corte, não só pelos problemas afins (crédito difícil, custos de produção elevados, etc), mas, também, pela constante vigilância dos preços do produto a nível de consumo, exercida pelo Governo Federal, através das intenções de tabelamento e contingenciamento.

De qualquer forma, face a ampliação verificada na capacidade produtiva de ovos e apesar do elevado custo de alojamento de cada poedeira, que contribuiu para a desativação de algumas granjas, a avicultura de postura, segundo a Associação dos Produtores, apresentou uma certa expansão, pois com os aumentos dos custos dos transportes, o produto importado tende a ser menos competitivo.

As estimativas de produção de ovos para Santa Catarina, em 1980, indicam uma produção de 322,7 milhões de ovos. As importações totalizaram 171,7 milhões de ovos. A demanda foi da ordem de 494,2 milhões de ovos, acusando um consumo de 136,2 ovos/hab/ano.

Características inerentes ao processo produtivo de postura comercial fazem com que os preços enfrentem oscilações sa-

zonais, com um período de baixa durante o segundo semestre do ano, justamente quando ocorrem aumentos na produtividade das poedeiras (primavera , verão) acarretando a colocação de maiores quantidades do produto no mercado. Nesse contexto, os avicultores sofreram as conseqüências do ajuste da evolução do mercado, a gravadas pelas dificuldades dos elevados custos de produção.

Do quadro apresentado pela avicultura catarinense durante o ano de 1980, considerando-se o aumento do número de matrizes, estando agregada à fração do plantel destinada a reposição, normalmente descartada, o sacrifício de pintos na metade do ano, o destino de uma parcela dos ovos produzidos para o consumo humano e que as taxas de mortalidade foram normais, conclui-se que a avicultura teve um crescimento satisfatório.

Embora os preços da carne bovina tenham apresentado uma certa estabilidade, permaneceu a atratividade do consumo alternativo da carne avícola, pois a relação dos preços carne bovina/carne suína/carne de frango no mercado varejista continuou acima dos níveis médios dos anos anteriores, estimulando o consumo desta última.

Finalmente, é sabido que, ao longo de 1980, as restrições creditícias para investimentos, causaram uma freada no crescimento. Porém, resta analisar que o crescimento da avicultura nos últimos três anos ocasionou dificuldades no suprimento de rações devido, particularmente, a escassez do milho, ocasionando uma forte pressão nos custos operacionais, o que poderá também restringir as taxas de crescimento da avicultura.

Tabela 77

ABATE DE AVES EM SANTA CATARINA, 1979-80

(cabeças)

ANO MÊS	1979		1980		TOTAL
	SIF	SIF	SEM SIF (*)	AUTO-CON- SUMO (*)	
Jan	10.154.003	11 254.488	1.016.000	1.600.000	13.870.488
Fev	8.996.466	10.085.768	1.190.000	1.600.000	12.875.768
Mar	10.068.305	10.498.780	1.119.000	1.600.000	13.217.780
Abr	8.635.986	10.076.179	1.161.000	1.600.000	12.837.179
Mai	10.039.416	10.951.099	1.246.000	1.600.000	13.797.099
Jun	9.444.104	10.344.872	1.450.000	1.600.000	13.394.872
Jul	9.138.288	11.692.000	1.450.000	1.600.000	14.742.000
Ago	9.550.857	11.126.106	1.480.000	1.600.000	14.206.106
Set	9.046.944	11.808.215	1.480.000	1.600.000	14.888.215
Out	10.715.498	12.805.390	1.520.000	1.600.000	15.925.390
Nov	9.960.707	12.882.479	1.580.000	1.600.000	16.062.479
Dez	10.160.417	12.500.000	1.620.000	1.800.000	15.920.000
T O T A L	115.911.011	136.025.376	16.312.000	19.400.000	171.737.376

(*) Estimativa: SAA/CEPA-SC

Fonte: MA/SERPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 78

ABATE DE AVES SOB INSPEÇÃO FEDERAL EM
SANTA CATARINA, 1975-80

ANO	TOTAL ABATIDO (Nº Cabeças)	PRODUÇÃO (t)	ÍNDICE
1975	49.686.513	69.561	100
1976	62.000.000	84.150	121
1977	81.557.494	111.733	161
1978	98.984.266	139.047	200
1979	115.911.011	162.275	233
1980	136.025.376	163.231	234
1981 ⁽¹⁾	150.000.000	180.000	302

(1) Previsão: SAA/CEPA-SC

Fonte: DFA-SC/SERPA

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 79

VOLUME E VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE AVES PARA O
MERCADO INTERNACIONAL, SANTA CATARINA, 1975-80

ANO	VOLUME (t)	VALOR (US\$ FOB)
1975	2.845,8	2.696.275
1976	14.949,9	14.761.576
1977	19.606,0	18.732.733
1978	31.975,3	29.457.050
1979	52.305,0	52.338.475
1980	74.075,1	92.593.825

Fonte: Dados Brutos: ABEF

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 80

COMERCIALIZAÇÃO DE CARNE DE AVES EM SANTA CATARINA, 1977-80
(em toneladas)

ANO	ESTADUAL	INTERESTADUAL	INTERNACIONAL	TOTAL
1977	49.617,70	76.569,90	19.606,00	145.793,60
1978	54.605,90	89.645,90	31.975,30	176.227,10
1979	19.473,00(*)	94.119,50	52.305,00	165.897,50
1980(1)	69.873,30	61.647,60	74.075,10	205.596,00

(*) Considerado na comercialização estadual o consumo SIF

(1) Estimativa: SAA/CEPA-SC

Fonte: ABEP e SAA/CEPA-SC

Tabela 81

PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE FRANGO DE
SANTA CATARINA(*) 1979-80

(Cr\$/kg vivo)

ANO MÊS	1979 (a)	1 9 8 0		VARIAÇÃO %
		A PREÇOS CORRENTES	A PREÇOS DE 1979 (**)	(b)
Jan	17,00	29,00	15,97	-6,05
Fev	17,60	32,50	17,81	1,20
Mar	16,60	31,00	16,86	1,56
Abr	17,50	31,00	16,55	-5,42
Mai	17,60	33,00	16,95	-3,69
Jun	18,20	33,90	17,02	-6,48
Jul	18,60	34,00	16,43	-11,66
Ago	19,10	37,00	17,69	-7,38
Set	22,30	42,30	20,69	-7,21
Out	24,20	44,00	21,04	-13,05
NOv	27,60	52,00	24,50	-11,23
Dez	29,00	54,60	25,75	-11,20
Média	20,44	38,01	18,94	-7,34

(*) Considerados apenas os produtores não integrados.

(**) Utilizado o Deflator Mensal da FGV - Índice Geral de Preços, coluna 2, da Conjuntura Econômica

Fonte: FGV e SAA/CEPA-Sc

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 82

PREÇOS PRATICADOS NO ATACADO PARA CARNE DE
FRANGOS EM SANTA CATARINA, 1979-80

		(Cr\$/kg/carcaças)		
ANO MÊS	1979 (a)	1 9 8 0		VARIÇÃO % $\frac{(b-a)}{a} \times 100$
		A PREÇOS CORRENTES	A PREÇOS DE 1979 (* (b)	
Jan	25,67	46,67	25,70	0,11
Fev	23,51	48,26	26,45	12,50
Mar	23,20	49,24	26,78	15,43
Abr	24,03	48,44	25,86	7,61
Mai	24,51	48,28	24,80	1,20
Jun	29,50	53,00	26,61	-9,79
Jul	29,60	59,20	28,60	-3,37
Ago	30,57	57,80	27,64	-9,58
Set	32,10	59,60	29,16	-9,15
Out	36,40	62,67	29,97	-17,66
Nov	41,00	67,50	31,81	-22,41
Dez	44,00	89,00	41,98	-4,59
MÉDIA	30,34	57,47	28,78	-5,14

(* Utilizado o deflator mensal da FGV - Índice Geral de Preços, coluna 2, da Conjuntura Econômica

Fonte: SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

ESTIMATIVA DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE CARNE DE AVES EM SANTA CATARINA, 1980

TRIMESTRE	OFERTA (*) (a)	D E M A N D A			ESTOQUE E/OU COMERCIALIZAÇÃO (c=a-b)	
		CONSUMO	E X P O R T A Ç Ã O			
			INTERESTADUAL	INTERNACIONAL		TOTAL (b)
1º	49.249,3	16.029,5	14.129,5	17.090,3	47.249,3	2.000
2º	49.380,7	16.850,4	14.495,2	17.035,1	48.380,7	1.000
3º	54.007,6	17.946,7	15.914,7	19.143,2	53.004,6	1.000
4º	58.961,4	19.046,7	17.108,2	20.806,5	56.961,4	2.000
Total Acumulado	211.596,0	69.873,3	61.647,6	74.075,1	205.596,0	6.000

(*) Oferta proveniente da produção estadual, não sendo possível quantificar as importações

Fonte: MA/SERPA-SC e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 7/84

ESTIMATIVA DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE OVOS DE GRANJA EM SANTA CATARINA, 1980

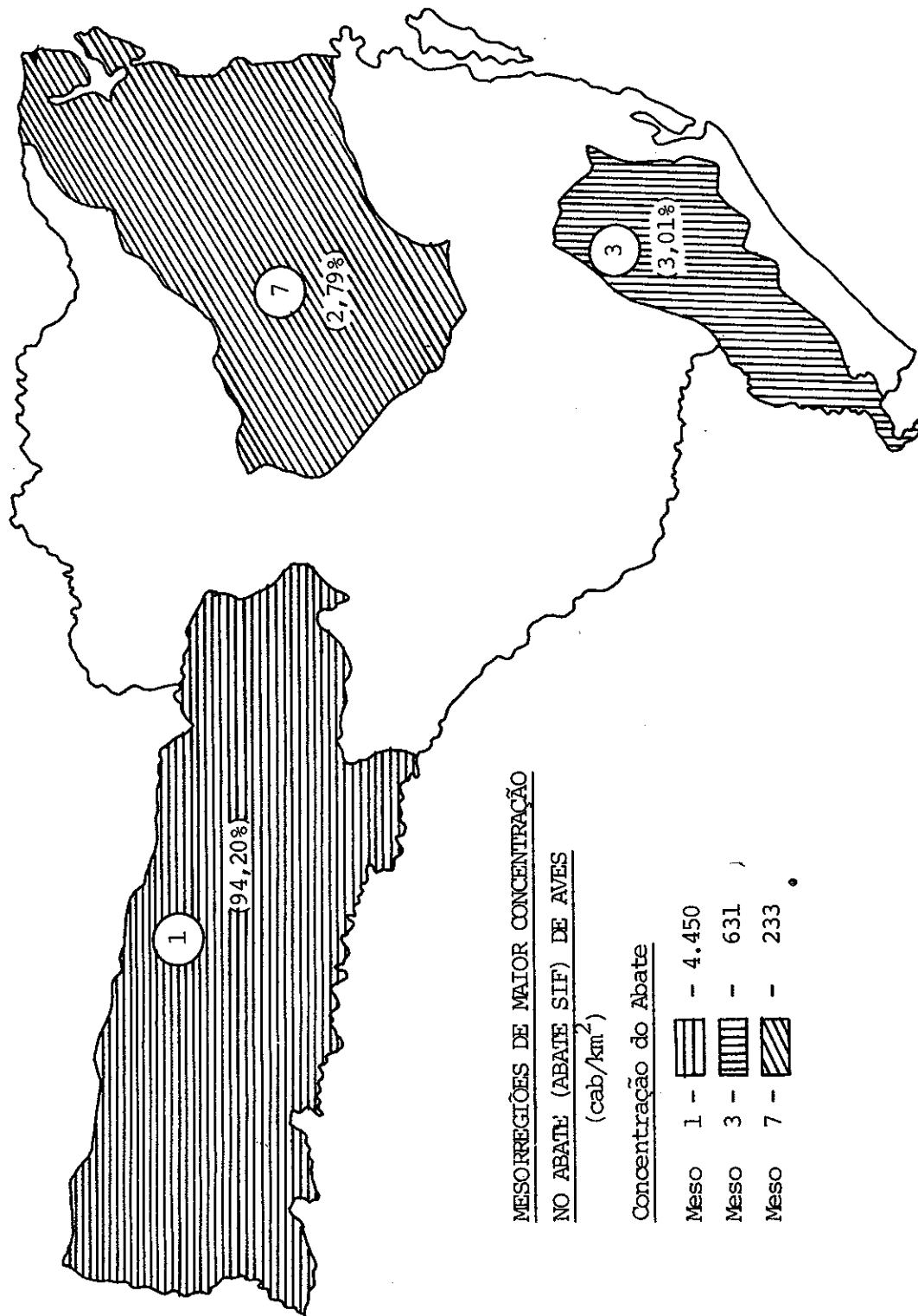
(1.000 dúzias)

TRIMESTRE	O F E R T A		D E M A N D A			ESTOQUE E/OU INDUSTRIALIZAÇÃO
	Produção	Importação	Total	Consumo	Exportação	
1º	6.846,0	3.570,0	10.416,0	10.411,0	5,0	10.416,0
2º	6.486,0	3.390,0	9.876,0	9.871,0	5,0	9.876,0
3º	6.536,0	3.510,0	10.046,0	10.041,0	5,0	10.046,0
4º	7.026,0	3.840,0	10.866,0	10.861,0	5,0	10.866,0
TOTAL ACUMU- LADO	26.894,0	14.310,0	41.204,0	41.184,0	20,0	41.204,0

Fonte: ASCAV/SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

PARTICIPAÇÃO DAS MESORREGIÕES NO ABATE DE AVES INSPECIONADAS



MESORREGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO

NO ABATE (ABATE SIF) DE AVES

(cab/km²)

Concentração do Abate

Meso 1 -		- 4.450
Meso 3 -		- 631
Meso 7 -		- 233

3.2- Bovinos de Corte e Leite

As estimativas não separam o rebanho de corte e leite. Embora existam microrregiões com predominância do gado de corte (Campos de Lages, Curitibanos e Canoinhas) e outras de criatórios de leite (Colonial de Joinville, de Blumenau, do Alto Itajaí e Itajaí do Norte), predominam, no entanto, as microrregiões nas quais a pecuária não é considerada como atividade principal.

Aproximadamente 196.000 propriedades criam bovinos, inferindo-se que há 11,6 cabeças em média por propriedade. Estimativas indicam que 80% das propriedades detêm 60% do rebanho, denominado "colonial", cuja finalidade econômica é a subsistência da família e eventualmente o fornecimento de carne, leite e derivados aos pequenos centros urbanos.

As criações especializadas em gado de corte estão presentes em 3% das propriedades, abrangendo 26% do rebanho estadual.

As propriedades que objetivam a venda de leite (17%), criam o gado com alguma aptidão leiteira e detêm 14% do rebanho estadual.

Na bacia leiteira, conhecida como Vale do Itajaí, concentram-se o parque industrial de laticínios do Estado, 93% dos produtores rurais que fornecem leite às indústrias e 84% do leite comercializado em Santa Catarina.

Em torno da Grande Florianópolis existem explorações leiteiras que fornecem o produto às indústrias do Vale do Itajaí, já que a usina local foi fechada. A instalação de uma indústria em Lages, propõe a formação de uma bacia leiteira no Planalto, que começa a despontar como uma região produtora.

No Oeste Catarinense existem áreas de produção leiteira incentivadas por pequenas indústrias localizadas nos municípios de Treze Tílias, Chapecó e Itapiranga, que possuem tradição leiteira, resultante da colonização austríaca e alemã.

No Sul do Estado, nas proximidades dos centros urbanos maiores, a produção está sendo adquirida por indústrias gaúchas e pela Cooperativa Central de Leite do Vale do Itajaí.

A área total utilizada com pecuária de acordo com os dados cadastrais do INCRA, em 1978, era de 2.852.902,8 ha, com

1,3 UA/ha.

As regiões típicas de pecuária bovina (Campos de Lages, Campos de Curitiba, Campos de Canoinhas), com uma área destinada à pecuária de 1.459.715,3 ha, apresenta a menor população animal por ha, 0,5 UA/ha, enquanto que as regiões Colonial do Rio do Peixe e Colonial Oeste Catarinense, essencialmente agrícolas e minifundiárias, com uma área de 524.250,8 ha utilizada com pecuária, apresenta a maior, com 1,34 UA/ha.

Na composição do rebanho, não há um padrão racial definido. Os chamados mestiços enquadram 80% do rebanho (1,8 milhões de cabeças), sendo animais resultantes de sucessivos cruzamentos entre os exemplares das mais variadas raças. Os demais 20% (0,5 milhões de cabeças), formam a parcela de animais com características raciais mais definidas, puros por cruzamento e puros de origem.

Os índices técnicos médios são baixos, se comparados com outros estados da federação onde a atividade é mais desenvolvida, podendo ser resumidos nos seguintes itens:

Idade de abate:	42 a 48 meses
Desfrute :	11%
Taxa de abate :	8,3%
Índice de mortalidade:	48%
Rendimento de carcaça:	48%
Idade de cobertura :	30 a 36 meses
Produção de leite vaca/ano :	1.095 litros

Estes baixos índices de produtividade devem-se à deficiência alimentar, principalmente, no final do outono, inverno e início da primavera; à alta incidência de endo e ectoparasitas, doenças infecto-contagiosas e da reprodução de modo especial, de terminando perda de peso nos períodos críticos das pastagens e mortalidade elevada de bezerras.

A dificuldade da pequena propriedade em manter um touro de boa qualidade; a ação limitada da inseminação artificial; o manejo deficiente e as instalações inadequadas, também contribuem nos baixos índices, determinando custos elevados.

Existem alguns criadores com nível tecnológico mais elevado, obtendo desfrutes de 25 a 30%, com abate aos 24 e 30 me -

ses de idade e produção leiteira bem acima de 1.095 litros/vaca/ano.

O rebanho catarinense, no período de 1975 a 1979, apresentou um declínio de 0,8%, com as previsões para 1980 indicando um efetivo aproximado de 2.240 mil cabeças, configurando uma lenta recomposição.

Supondo-se entre 3 a 4 anos o tempo em que um boi atinge o peso de abate, o elevado sacrifício de matrizes ocorridos em 1976 e 1977, resultou em retração da oferta de animais para abate em 1980 e, possivelmente em 1981. Fato, que pode ser evidenciado pela redução de 12,13% nos abates sob Inspeção Federal. Na verdade, a diminuição dos abates verificou-se, não só pela redução do número de animais jovens nos plantéis, mas, também, pela expectativa de preços elevados em futuro próximo.

O mercado catarinense não pode ser isolado da situação dos dois estados vizinhos sofrendo, portanto, a influência da produção brasileira e suas implicações no abastecimento.

Baseando-se em que o retorno aos níveis de produção e de consumo normais no País está previsto para os próximos dois anos, permanecem as condições básicas para a prática de preços crescentes. É possível, no entanto, que a retração do consumo já verificada a partir de 1979, induza a uma relativa estabilização, nos preços reais do produto final, sendo que para os pecuaristas, os efeitos da retração do consumo serão mais fortes na safra 1980/81, frustrando as expectativas de preços reais crescentes a até 1982.

O alto nível dos preços praticados e a resultante retração do consumo, em 1980, nivelaram as cotações num patamar de preços reais, praticamente iguais aos de 1979, o que comprova uma tendência de achatamento dos preços, devido a uma demanda reprimida.

As estimativas do balanço da oferta e demanda de carne bovina, para 1980, indicam uma produção de 41,7 mil toneladas. Foram importadas 14,2 mil toneladas para satisfazer um consumo de 51,9 mil toneladas e uma industrialização aproximada de 4 mil toneladas, configurando uma demanda de 55,9 mil toneladas, inferior a verificada em anos anteriores (tabela 89).

Do mesmo modo que a bovinocultura de corte, a exploração leiteira, não pode desvincular-se do contexto do setor leiteiro nacional, onde as medidas tomadas visam atender as exigências da comercialização dos grandes centros produtores e consumidores.

A conjuntura tem sido desfavorável para quem é produtor, uma vez que os problemas econômicos vividos pela atividade devem-se, em primeiro lugar, ao fato de que se produz um produto tabelado e adquire-se os insumos necessários à sua produção com preços não tabelados. O segundo problema refere-se ao intermediário, pois em média os preços do leite são acrescidos de 79% desde que deixa a propriedade até chegar ao consumidor. Em terceiro lugar, o volume de leite recebido pelas indústrias é o resultado da coleta do excedente de elevado número de produtores. Esta pulverização da produção torna trabalhosa a coleta do leite, prejudica a qualidade do produto, dificulta a assistência técnica e onera os custos de comercialização.

Condições relacionadas com clima adverso, solo pobre, manejo deficiente, alimentação insuficiente devido a baixa qualidade das pastagens, sanidade precária e as baixas características genéticas do rebanho atuam como entraves à produção leiteira, determinando uma baixa produtividade vaca/ano (1.095 litros). Esses fatores somados à falta de uma política de longo prazo para esta atividade vital desenvolver-se, tem contribuído para as sucessivas crises do setor.

† No rebanho leiteiro destacam-se, em quantidade, os mestiços holandeses, seguidos de mestiços jersey. Outras raças leiteiras ou mestiças dessas são, eventualmente, criadas.

As importações de matrizes de raças européias, visando o melhoramento genético do rebanho, não surtiram os efeitos desejados, pois os machos descendentes dos importados foram abatidos e o rebanho continua praticamente sendo multiplicado com produtos mestiços de baixa qualidade.

A produção catarinense de leite, no período 1975-80, apresentou anos com produções consideradas recordes, atingindo, em 1976, 409,3 milhões de litros e, em 1977, 415,6 milhões de litros, porém começou a decrescer substancialmente, chegando, em 1980, com uma produção aproximada de 363,8 milhões de litros (ta

bela 91). Esta inconstância da produção, é um reflexo não só de anos de clima favorável aos aumentos da produtividade do rebanho leiteiro, mas de modo especial está associada a períodos de baixa rentabilidade, quando a relação preço do leite/carne bovina é mais compensadora para esta última, culminando com o fornecimento de maior quantidade de leite aos bezerros e o envio de vacas leiteiras para o abate.

Do mesmo modo, o leite recebido e industrializado pelas usinas tem apresentado flutuações no volume adquirido, conforme os anos de maior ou menor produção.

A política de preços do leite, implantada nos últimos anos, vem sendo considerada pelos criadores como altamente desestimulante. Verifica-se que, de um modo geral, os reajustes concedidos não têm proporcionado uma remuneração justa ao produtor, mantendo-se sempre defasados em relação a escalada inflacionária. Além do preço nada atrativo pago pelo leite, o produtor ainda tem que arcar com os custos do transporte, em alta constante, face a crise energética.

Tanto a bovinocultura de corte como a de leite, sofreram, em 1980, as influências de falta de crédito para investimento e custeio. Porém a oferta de crédito pode ser questionada se não forem criados mecanismos que estabilizem o mercado. Investimentos que garantam um aumento do potencial de produção só serão realmente efetivados se o mercado for atrativo. Embora, o crédito possa levar o pecuarista a adquirir melhores animais; melhorar o manejo, a alimentação e as instalações, não garante o total aproveitamento desse rebanho, que só se dará em função de uma garantia de lucratividade da exploração.

Dessa maneira, os desacertos porque passa a política para a pecuária de corte e leite, fazem adiar a concretização de um desempenho capaz de fixar a produtividade num nível que satisfaça os interesses dos produtores e que ofereça um produto final menos oneroso aos consumidores urbanos.

A pecuária bovina catarinense tem enfrentado graves problemas estruturais que dificultam o eficiente abastecimento da população, havendo a necessidade da importação de carne bovina e leite em pó.

Tecnologicamente atrasada, de modo geral, a pecuária não deixa, no entanto, de apresentar em alguns segmentos do seu rebanho, índices de performance considerados razoáveis. Na verdade, antes de mais nada, a produtividade do rebanho pode ser aumentada graças a utilização de alimentação complementar na entressafragem; melhoria genética do rebanho e redução nas taxas de mortalidade e de incidência de doenças infecto-contagiosas, parasitárias e da reprodução. Essa elevação da produtividade parece indispensável para que se possa alcançar a estabilização dos preços em relação ao poder de compra do consumidor.

Tabela 85

COMPOSIÇÃO DO REBANHO BOVINO CATARINENSE POR CLASSE ANIMAL, 1971-79

ANO	(em cabeças)												
	TOUROS	%	VACAS	%	NOVILHOS	%	NOVILHAS	%	BOIS	%	TERNEIROS	%	TOTAL
1971	56.166	3,04	596.415	32,37	269.147	14,56	369.802	24,91	260.437	14,09	296.429	16,04	1.848.378
1972	64.355	3,06	678.710	32,24	312.971	14,87	426.696	20,27	279.349	13,27	343.133	16,30	2.105.214
1973	64.846	3,09	683.397	32,54	317.774	15,13	416.730	19,84	277.892	13,23	399.600	16,17	2.100.239
1974	66.857	3,09	708.248	32,74	315.739	14,60	425.113	19,65	286.230	13,23	360.996	16,69	2.163.183
1975	74.586	3,34	721.274	32,26	395.288	17,68	454.406	20,32	241.511	10,80	348.782	15,60	2.235.847
1976	75.533	3,29	738.420	32,16	387.926	16,89	451.085	19,64	242.991	10,58	400.262	17,43	2.296.220
1977	67.878	3,08	709.183	32,17	387.828	17,60	450.772	20,45	223.118	10,12	365.435	16,58	2.204.213
1978	66.678	3,04	704.216	32,13	383.978	17,52	451.717	20,61	217.927	9,94	366.912	16,74	2.191.457
1979	67.498	3,04	714.370	32,23	386.432	17,43	408.759	20,23	214.890	9,69	385.510	17,38	2.217.459

Fonte: SAA/CIDASC

Tabela 86

ABATE MENSAL DE BOVINOS - SANTA CATARINA, 1979-80

MÊS	(cabeças)				
	1979	1 9 8 0			Total
	SIF	SIF	Sem SIF (*)	Auto-Consumo (*)	
Jan	13.161	10.491	13.636	1.130	25.251
Fev	11.543	8.951	11.160	1.120	21.231
Mar	14.662	9.810	11.546	1.120	22.476
Abr	12.631	11.417	13.781	1.130	26.328
Mai	11.299	12.666	13.695	1.130	27.491
Jun	9.128	8.425	10.084	1.130	19.589
Jul	7.348	8.188	10.900	1.130	20.218
Ago	6.556	5.680	9.750	1.130	16.560
Set	6.742	5.765	9.500	1.130	16.395
Out	8.563	7.555	9.600	1.130	18.285
Nov	7.898	7.814	10.737	1.130	19.681
Dez	9.165	7.500(*)	11.736	1.430	20.666
Total	118.656	104.262	136.069	13.840	254.171

(*) Estimativa: SAA/CEPA-SC

Fonte: MA/SERPA-SC e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 87

PRODUÇÃO DE CARNE BOVINA-SANTA CATARINA, 1974-80

ANO	PRODUÇÃO EM CARÇAÇAS (t)
1974	51.578
1975	54.107
1976	54.497
1977	53.341
1978	54.480
1979	58.520
1980	41.716

Fonte: MA/SERPA-SC e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 88

X

REBANHO, PRODUÇÃO TOTAL E LEITE INDUSTRIALIZADO,
SANTA CATARINA, 1974-80

A N O	Nº DE VACAS	PRODUÇÃO DE LEITE (1000 litros)	LEITE INDUSTRIALIZADO (1000 litros)	
1974	693.455	379.666	53.972	14,2
1975	721.274	394.898	40.529	10,3
1976	747.673	409.350	73.245	17,9
1977	759.197	415.660	88.150	21,2
1978	704.216	385.558	93.219	24,2
1979	714.370	391.118	71.699	18,3
1980 (1)	710.000	363.824	84.022	23,1

(1) Estimativa

Fonte: SAA/CEPA-SC, SAA/EMATER-SC/ACARESC, SAA/CIDASC e
MA/SERPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 89

ESTIMATIVA DO BALANÇO DA OFERTA E DEMANDA DE CARNE BOVINA EM SANTA CATARINA, 1980

(toneladas)

TRIMESTRE	O F E R T A			D E M A N D A	E S T O Q U E I N D U S T R I A L I Z A Ç Ã O
	P R O D U Ç Ã O	I M P O R T A Ç Ã O	T O T A L		
1º	11.378,1	3.792,7	15.170,8	14.180,8	990,0
2º	11.304,9	4.844,9	16.149,8	14.719,8	1.430,0
3º	9.358,4	2.339,6	11.698,0	11.118,0	580,0
4º	9.674,3	3.224,7	12.899,0	11.899,0	1.000,0
T O T A L	41.715,7	14.201,9	55.917,6	51.917,6	4.000,0

Fonte: MA/SERPA-SC e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 90

LEITE RECEBIDO E PROCESSADO PELAS INDÚSTRIAS CATARINENSES, 1980

(Litros)

MÊS	"IN NATURA"	PROCESSADO				Aproveit ^o Condicional	Leite Recons- tituído
		Past.c/3,2% de Gordura	Past.c/2% de Gordura	Industriali- zado			
Jan	8.310.896	4.260.470	1.836.719	2.141.807	70.900	-	
Fev	6.758.912	3.953.145	1.836.000	2.142.807	131.050	-	
Mar	6.832.465	3.584.116	1.493.167	1.244.861	510.320	-	
Abr	6.155.204	2.183.228	2.065.542	1.188.644	206.578	-	
Mai	6.028.638	2.690.927	1.298.289	1.482.762	217.846	556.660	
Jun	6.081.091	3.183.911	881.858	1.556.550	50.356	655.203	
Jul	6.313.609	4.419.778	176.228	1.360.809	125.306	330.697	
Ago	6.675.191	5.131.399	125.350	1.394.859	139.540	242.269	
Set	7.148.296	5.689.713	-	1.209.604	196.612	252.367	
Out	7.454.503	5.268.238	10.000	1.544.941	257.954	255.022	
Nov	7.963.675	5.251.710	22.655	2.329.727	228.986	142.596	
Dez (1)	8.300.000	5.300.000	10.000.	2.400.000	200.000	100.000	
Total	84.022.480	55.216.635	9.755.808	18.997.371	2.215.448	2.534.814	

(1) Estimativa

Fonte: MA/SERPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

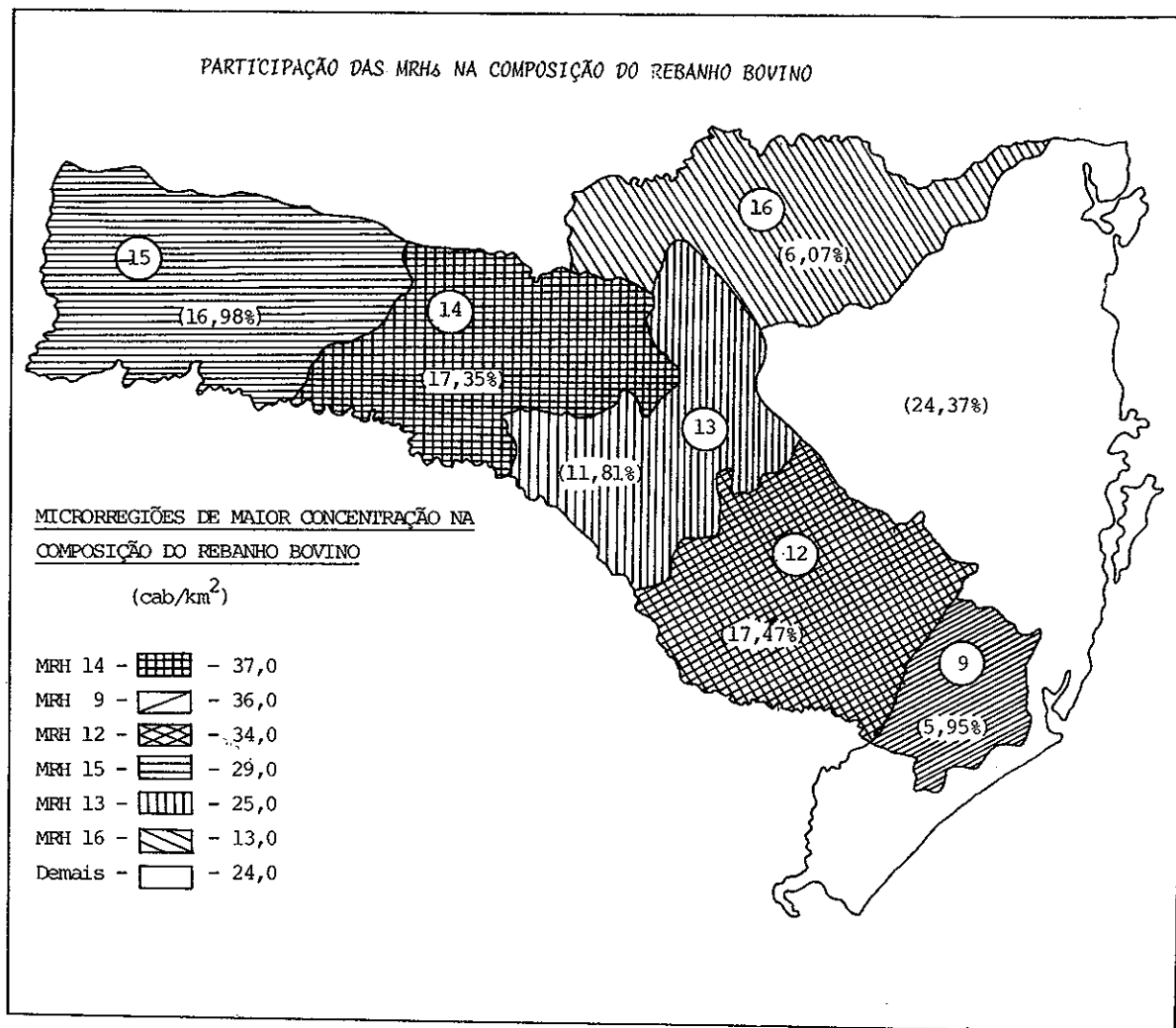
Tabela 91

ESTIMATIVA DO BALANÇO DA OFERTA E DEMANDA DE
LEITE EM SANTA CATARINA, 1980

TRIMESTRE	OFERTA	DEMANDA	ESTOQUE E/OU INDUSTRIALIZAÇÃO
1º	96.538,8	91.009,3	5.529,5
2º	90.217,0	85.989,1	4.227,9
3º	84.697,0	80.731,7	3.965,3
4º	92.371,0	87.842,7	5.285,9
TOTAL	363.823,8	345.572,8	19.008,6

Fonte: MA/SERPA e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC



3.3- Suínos

A participação dos suínos terminados no Valor Bruto da Produção Agropecuária de Santa Catarina a preços de 1979, passou de 4,8 bilhões de cruzeiros (13,44%) em 1974, para 6,8 bilhões de cruzeiros em 1980 (16,38%). Mas, tendo atingido, em 1979, 7,5 bilhões de cruzeiros (19,06%), verifica-se um menor desempenho econômico da atividade em 1980 em relação ao ano anterior (tabela 38).

Os preços a nível de produtor, em 1980, se comparados com os praticados no ano anterior, foram 16,8% menores (a preços de 1979). A rentabilidade para o suinocultor ficou mais comprometida na medida que estes índices utilizados para analisar o comportamento dos preços são médias nacionais, subestimando as influências dos acentuados aumentos dos custos variáveis de produção, de modo especial, o item alimentação e, dentro deste, as elevações dos preços do milho.

Cabe ressaltar o pouco acesso dos suinocultores ao milho importado, que foi comercializado pela Bolsa de Cereais de São Paulo, acrescidos dos custos também crescentes dos transportes.

A oferta de suínos cevados no período 1975-80, segundo a produção registrada e estimada cresceu 54%, passando de 2,5 milhões de cabeças para 3,9 milhões de cabeças abatidas e/ou comercializadas para outros estados da Federação. A partir de agosto de 1978 até abril de 1980, a atividade apresentou as melhores taxas de crescimento, visto terem sido os preços remuneradores, bem como, até 1979, terem ocorrido significativos investimentos (tabela 94).

Do mesmo modo, o rebanho apresentou uma evolução que passou de 3.242 mil cabeças, em 1977, para 3.600 mil cabeças, em 1980, com taxa de abate no mesmo período aumentando de 81,5% para 107,8%. O rebanho também obteve consideráveis ganhos de produtividade, pois enquanto o seu desfrute em 1978 era de 92,5%, esteve em 1980 em 113,4% (tabela 93).

Somados os abates destinados ao comércio, auto-consumo e a comercialização interestadual de suínos vivos, em 1980, totalizaram 3,9 milhões de cabeças, acusando um crescimento de 15,8% em relação ao ano passado. A produção estimada de carne e seus deri

vados, configurou uma oferta de 225,4 mil toneladas, das quais, 45,7 mil toneladas foram consumidas pelo mercado estadual; 73,5 mil toneladas foram destinadas ao mercado nacional e 107,3 mil toneladas estão em estoque e/ou foram industrializadas (tabela 96).

A atividade suinícola, após ter-se recuperado, em parte, dos efeitos do contravertido surto de Peste Suína Africana, passou em 1980 por uma crise econômica mais séria do que as sequelas deixadas pela doença e que envolveu todos os segmentos da atividade.

O mercado interno apresentou-se retraído, perturbado por um processo inflacionário ascendente, baixo poder aquisitivo da população e preços da carne suína e seus derivados que desestimularam o consumo.

O mercado externo, que vinha sendo conquistado desde 1974, cresceu até maio de 1978, caindo depois em virtude da PSA. Embora apresentando-se, em 1980, de certa forma comprador, impôs barreiras sanitárias (Febre Aftosa, Peste Suína Clássica, Peste Suína Africana), que somente a um prazo mais dilatado poderão ser vencidas.

As inadequadas relações entre preço do suíno vivo e custo de produção, foram apontadas como principal entrave a um maior desenvolvimento da suinocultura, diminuindo as taxas de adoção de tecnologia.

Embora não existissem recursos nos agentes financeiros para investimento, a procura de crédito praticamente inexistiu, em virtude de serem as inversões pouco atrativas, pois a atividade não apresentou um nível aceitável de rentabilidade.

Por outro lado, qualquer investimento que o produtor pretendesse fazer para ampliação ou, principalmente, para um novo projeto, o enquadrava como médio produtor (pela renda bruta e não pela líquida). As taxas de juros administrados inviabilizavam economicamente os projetos, visto ser a suinocultura uma atividade pecuária de alto risco, não só pelas implicações do processo produtivo, mas também pelo mercado oligopolizado na compra final do produto.

O crédito para custeio, apesar de restringido e inexis-

tente em alguns agentes financeiros, teve um certo aumento de procura após o valor de referência para aquisição do milho ter sido reajustado para o preço mínimo da safra 1980/81. Porém, para os outros insumos necessários à produção, a procura foi reduzida em virtude dos juros praticados.

A inclusão do suíno na pauta dos preços mínimos para os produtos agrícolas não atendeu as reivindicações, pois o valor estabelecido não remunera os custos variáveis de produção. Embora esta incorporação possa estimular a atividade e dar maior segurança no período de crise, segundo as solicitações dos produtores, deve ter valores justos, na medida que assegurem rentabilidade, e ser real acompanhando as tendências dos preços de mercado, caso contrário, poderá tornar-se o preço máximo. Como o mercado é oligopolizado na compra do produto final, não significa que o suinocultor venha ser necessariamente beneficiado.

A produção de reprodutores não foi absorvida pelo mercado regional (região Sul), pois, principalmente no segundo semestre, não houve crédito para investimento, sendo esta, em parte, absorvida pelos estados do Sudeste e Nordeste. Estando o mercado de reprodutores restringido, os granjeiros foram forçados a enviá-los para abate. Da mesma forma, houve abate de matrizes do rebanho em quantidades acima dos índices normais de descarte.

Esta "refugagem" de reprodutores passíveis de comércio, bem como, de matrizes do rebanho geral, foi executada nos animais de menos potencial genético, o que a médio prazo trará benefícios no melhoramento do rebanho, visto acelerar os processos de seleção para os ganhos em produtividade, além de enxugar o mercado, forçando o aumento dos preços pagos.

Por outro lado, o número de coberturas foi reduzido, podendo ter reflexos nos abates dos próximos dez meses.

Mesmo com a performance apresentada pelo rebanho catariense, levando-se em consideração que existem produtores que adotam alta, média e baixa tecnologia nos processos produtivos empregados, sentiu-se que é necessário um programa específico para a solução dos problemas sanitários, que atingem, praticamente, a totalidade do rebanho.

Do exposto, pode-se concluir que embora a suinocultura

tenha apresentado um bom desempenho nos últimos três anos, notadamente em 1980, as dificuldades enfrentadas no último ano não foram fruto de uma oferta abundante de suínos terminados e nem de uma retração acentuada no consumo de "congelados" (pernil, paleta, lombo, carne); mas sim, de uma crise no abastecimento de milho, com aumentos nos custos de produção, em especial, no item "alimentação" (70 a 75% do custo total) e das baixas vendas de "salgados" (pês, orelha, rabo, língua, etc) devido à escassez e alto preço do feijão, além do "encalhe" da banha como consequência dos preços reprimidos dos óleos vegetais no varejo.

A excessiva intermediação da carne suína e seus derivados, chegando ao consumo a preços muito elevados, contribuiu para as retrações de consumo.

Por outro lado, como os frigoríficos não possuem ascendência sobre as grandes cadeias de supermercados, que controlam o grande mercado de carne suína e seus derivados, inclusive determinando os preços a serem praticados no atacado, verificou-se um achatamento dos preços pagos aos produtores, que dentro dos canais de comercialização possuem o menor poder de barganha.

Os preços não remuneradores, recebidos pelos suinocultores; a escassez de cereais básicos na alimentação dos animais; custos de produção com elevação crescente; o não recebimento por parte dos criadores do milho importado ao preço mínimo estipulado para o produto, como ocorreu em anos anteriores; a inconstância das políticas adotadas (crédito, preço mínimo, defesa sanitária, etc), configuraram um quadro crítico, que deixou um saldo positivo de exemplo para a organização dos produtores. Pois, de acordo com as perspectivas da política econômica para os próximos anos, somente a organização dos produtores poderá fazer com que consigam atingir seus objetivos.

Tabela 92

ABATE MENSAL DE SUÍNOS, SANTA CATARINA, 1979-80
(cabeças)

MÊS	1979	1 9 8 0			TOTAL
	SIF	SIF	Sem SIF (*)	Auto-Consumo (*)	
Jan	135.374	208.267	8.885	26.000	243.152
Fev	125.302	186.110	12.277	25.344	223.731
Mar	179.498	216.338	12.803	25.930	255.071
Abr	162.696	216.903	12.920	25.608	255.431
Maio	213.721	213.306	12.100	21.016	246.422
Jun	200.630	251.924	16.126	26.965	295.016
Jul	218.564	275.703	13.915	24.918	314.536
Ago	231.965	281.135	15.105	25.426	321.666
Set	212.260	293.928	15.345	25.778	335.051
Out	226.635	261.471	15.204	25.833	302.508
Nov	206.108	256.941	15.000	25.636	297.577
Dez	184.752	250.000 (*)	15.600	25.972	296.572
TOTAL	2.297.505	2.912.027	165.280	304.426	3.381.733

(*) Estimativa: SAA/CEPA-SC

Fonte: MA/SERPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 93

ABATE SUÍNO, PRODUÇÃO, TAXA DE ABATE E DESFRUTE,
SANTA CATARINA, 1977-81
(1000 cabeças)

ANO	REBANHO	PRODUÇÃO (*)	TAXA DE ABATE (%)	DESFRITE (%)
1977	3.242	2.643	81,5	-
1978	3.200	3.001	93,8	92,5
1979	3.400	3.352	98,6	104,5
1980	3.600	3.882	107,8	113,4
1981(**)	3.500	3.800	108,6	105,7

(*) Abate SIF e não SIF, auto-consumo e comercialização de suínos vivos para o mercado interestadual.

(**) Previsão: SAA/CEPA-SC

Fonte: MA/SERPA-SC, SAA/CIDASC e SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 94

SUÍNOS ABATIDOS E COMERCIALIZADOS PARA OUTROS ESTADOS DA FEDERAÇÃO,
SANTA CATARINA, 1975-80

A N O	PRODUÇÃO REGISTRADA		PRODUÇÃO ESTIMADA		T O T A L
	ABATE (SIF)	COMERCIO INTERES- TADUAL DE SUÍNO VIVO	AUTO-CONSUMO	ABATE NÃO SIF	
1975	1.335.400	700.000	369.000	118.000	2.522.400
1976	1.552.318	700.000	375.000	124.000	2.751.318
1977	1.499.592	633.162	380.000	130.000	2.642.754
1978	1.999.346	480.000	386.000	136.000	3.001.346
1979	2.297.505	520.000	392.000	142.000	3.351.505
1980	2.912.027	500.000	304.426	165.280	3.881.733
1981(*)	2.800.000	550.000	300.000	150.000	3.800.000

(*) Previsão: SAA/CEPA-SC

Fonte: MA/SERPA-SC, SAA/CEPA-SC e SECRETARIA DA FAZENDA

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 95

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS SUINOCULTORES DE
SANTA CATARINA, 1979-80

(Cr\$/kg/suíno vivo)

ANO MÊS	1979 (a)	1 9 8 0		VARIACÃO % $\frac{(b-a)}{a} \times 100$
		A PREÇOS CORRENTES	A PREÇOS DE 1979 (*) (b)	
Jan	16,64	37,52	20,66	24,16
Fev	19,19	37,25	20,41	6,36
Mar	21,23	38,10	20,72	-2,40
Abr	20,21	36,30	19,38	-4,1
Mai	20,05	37,33	19,18	-4,34
Jun	20,45	36,70	18,43	-9,88
Jul	21,83	37,85	18,29	-16,22
Ago	23,76	38,00	18,17	-23,53
Set	23,68	38,85	19,00	-19,76
Out	29,38	39,35	18,82	-35,94
Nov	30,54	40,85	19,25	-34,68
Dez	32,88	48,80	23,02	-29,99
MÉDIA	23,57	38,90	19,61	-16,80

(*) Utilizou-se o Índice Geral de Preços da Conjuntura
Econômica, coluna 2, da FGV.

Fonte: SAA/CEPA-SC e FGV

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 96

ESTIMATIVA DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE CARNE SUÍNA E SEUS DERIVADOS,
SANTA CATARINA - 1980

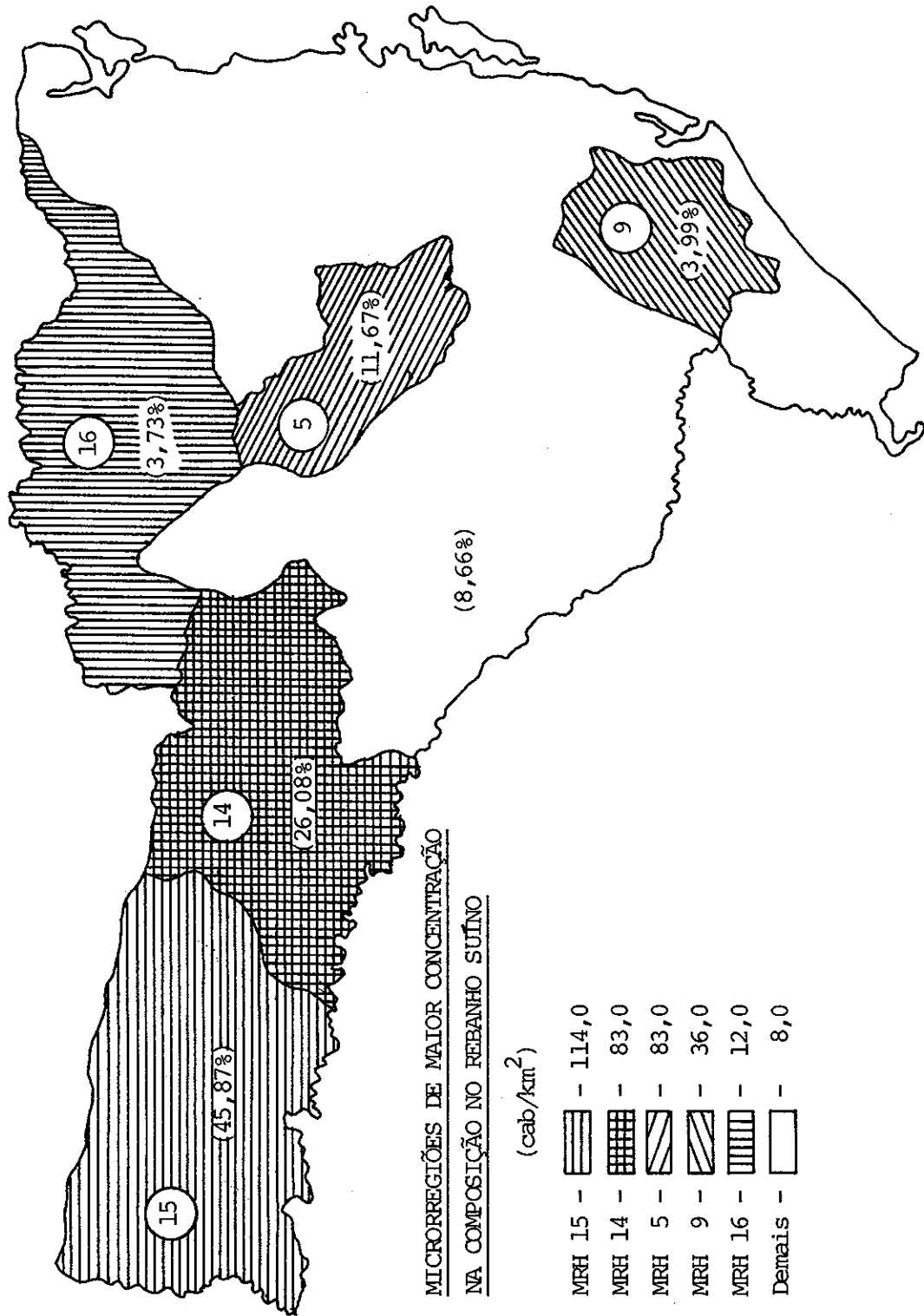
(toneladas)

TRIMESTRE	OFERTA	DEMANDA		DE CARNE		ESTOQUE E/OU INDUSTRIALIZAÇÃO
		CONSUMO	EXPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	TOTAL	
1º	49.375,9	10.977,5	15.359,4	26.336,9	23.039,0	
2º	54.395,2	10.504,0	17.556,5	28.060,5	25.334,7	
3º	66.072,9	11.927,7	21.658,1	33.585,8	31.467,1	
4º	59.632,4	12.265,7	18.946,7	31.212,4	27.420,0	
TOTAL	225.456,4	45.674,9	73.520,7	119.195,6	107.260,8	

Fonte: MA/SERPA, CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

PARTICIPAÇÃO DAS MRHS NA COMPOSIÇÃO DO REBANHO SUÍNO



3.4- Mel de Abelha

Santa Catarina é o primeiro produtor nacional de mel de abelha, participando com cerca de 21% da produção nacional.

É explorado nas microrregiões do Planalto de Canoinhas, Litoral Sul Catarinense, Carbonífera e Colonial Serrana Catarinense por aproximadamente 2.500 apicultores, sendo que 50% da produção está concentrada nas microrregiões do Planalto de Canoinhas e Litoral Sul Catarinense.

Segundo a Associação Catarinense de Apicultores, em 1979, foram produzidas 3.800 toneladas de mel. As estimativas para 1980 oscilam entre 4.000 e 4.500 toneladas.

Dentre os problemas ocorridos em 1980 destacam-se: excesso de chuvas, falta de crédito e falta de mapeamento apícola para indicar as regiões disponíveis para implantação de novos apiários.

As perspectivas para 1981 são de produzir em torno de 5.000 toneladas de mel (tabela 97), haja vista que os preços a nível de produtor em 1980 foram considerados estimulantes, conciliados à boa aceitação do produto no mercado.

Da produção obtida em 1980, aproximadamente 40% foram comercializados nos mercados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, 30% foram consumidos através dos mercados da Alemanha Ocidental, Estados Unidos e Inglaterra, os restantes 30% foram consumidos no mercado interno, demonstrando que o consumo do povo catarinense ainda é pouco expressivo (utilizado mais para fins medicinais).

Existem no Estado cinco entrepostos para venda de mel, distribuídos nos municípios de Florianópolis, Lages, Itajaí, Brusque e Braço do Norte.

Quanto aos preços do mel de mesa, em 1980, a nível de produtor, oscilaram entre Cr\$ 100,00 e Cr\$ 150,00 o quilo. Segundo a FGV, o preço médio recebido pelo produtor (média aritmética) foi de Cr\$ 68,00 o quilo.

No mercado consumidor, principalmente nos supermercados, o produto está sendo vendido entre Cr\$ 200,00 e Cr\$ 250,00 o quilo embalado em frascos de vidro.

As metas a serem desenvolvidas na área apícola em 1981, segundo o Projeto de Apicultura da SAA: implantar o Laboratório Geral de Pesquisa para Estudos de Tecnologia do Mel, Patologia Apícola e Biologia da Abelha e ministrar cursos de especialização em Polinização e Criação de Rainhas.

Tabela 97

PRODUÇÃO CATARINENSE DE MEL, 1974-81

ANO	(t)	
	SEGUNDO A FIBGE	SEGUNDO A ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE APICULTORES
1974	1.182	2.000
1975	1.698	2.980
1976	2.151	3.045
1977	1.282	2.980
1978	1.231	3.200
1979	1.348	3.800
1980 (1)	-	4.500
1981 (2)	-	5.000

(1) Estimativa

(2) Previsão

Elaboração: SAA/CEPA-SC

4. PESCADO

Santa Catarina possui 531 km de extensão de águas propícias para a exploração e desenvolvimento da pesca, além de uma infraestrutura que está sendo implantada gradativamente, visando a intensificação da piscicultura, através da utilização mais racional dos rios, lagos, açúdes, etc, disponíveis no Estado.

Dentre as espécies existentes que tem importância econômica e que se prestam à comercialização destacam-se: sardinha, anchova, camarão, cação, tainha, pescadinha e corvina.

No Estado, como em outras regiões produtoras do país, a pesca é explorada artesanal e industrialmente.

A atividade pesqueira estadual dirigia-se, até recentemente, mais à extração; sem preocupar-se em preservar as espécies que não se prestam à comercialização, contribuindo, assim, para o decréscimo gradativo do volume capturado em algumas regiões concentradoras da produção.

O subsetor pesqueiro defronta-se, também, com a falta de recursos humanos especializados, com conhecimentos mais detalhados sobre as espécies existentes e, ainda, com a não conscientização sobre a necessidade de uma educação mais específica e aprofundada, através de treinamentos do pessoal das diferentes funções, no sentido da preservação.

Preocupada com tal situação, a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, através da Associação de Crédito e Assistência Pesqueira de Santa Catarina - ACARPESC, vem desenvolvendo um trabalho de conscientização junto ao pescador artesanal, realizando cursos de aperfeiçoamento, especialização e de capacitação de pessoal, valorizando o pescador e a importância de seu trabalho junto a comunidade.

Por outro lado, visando a preservação e exploração mais racional das espécies, a Coordenadoria Regional da SUDEPE em Santa Catarina instituiu, através de Portaria, o DEFESO para a captura da sardinha, produto mais representativo economicamente no setor industrial, durante os meses de dezembro a janeiro de cada ano, procurando, portanto, garantir a desova dessa espécie.

Ao analisar-se a produção pesqueira estadual, levantada

através do "Controle de Desembarque", realizado pela Base de Operações do PDP em Florianópolis, mediante formulários próprios nos quais se registra o movimento diário de todos os desembarques ocorridos nos diversos locais ou portos de descargas existentes no Estado, verifica-se que os maiores volumes capturados são, pela ordem de importância, das espécies de sardinha verdadeira, seguido pelos camarões sete barbas e rosa, vieiras e mariscos.

Em 1979, o subsetor pesqueiro catarinense apresentou uma produção "in natura" de 91.505 toneladas, na qual os peixes participaram com 85,42%, os crustáceos com 8,24% e moluscos com 6,28%, resultando num montante de 1.066,4 milhões de cruzeiros.

Em 1980, situação até outubro, foram capturadas um total de 106.620 toneladas, distribuídas entre peixes com 95.159 toneladas, crustáceos com 8.747 toneladas e moluscos com 2.714 toneladas, representando em seu conjunto um valor total de 854,3 milhões de cruzeiros (a preços de 1979) (tabela 98).

Quanto a evolução da pesca no período de 1974 a 1979, tomando-se por base o ano de 1975 (tabela 99) observam-se índices de crescimento positivo no total capturado de 147, 112 e 106, respectivamente nos anos de 1974, 1978 e 1979, enquanto que os índices foram decrescentes, 67 e 98, relativos a 1976 e 1977, tendo como fator responsável, a queda na captura da sardinha verdadeira, espécie de maior representatividade quantitativa no subsetor.

Com relação ao Valor Bruto da Produção Pesqueira Estadual, no mesmo período, os índices de crescimento foram positivo nos anos de 1974, 1976, 1978 e 1979, e negativo em 1977.

Quanto a participação relativa da pesca industrial e artesanal no total de pescado capturado no Estado, no período de 1977 a 1980 (tabela 100) observa-se que a pesca industrial é responsável por aproximadamente 75% da captura do grupo dos peixes, tendo na sardinha verdadeira sua principal fonte de renda, enquanto na pesca artesanal, o grupo dos crustáceos, constituídos pelo camarão sete barbas, rosa e legítimo, representa cerca de 82%.

Na formação do Valor Bruto da Produção Pesqueira, as espécies oriundas da pesca industrial no grupo dos peixes representa em torno de 55%. No grupo de crustáceos, a pesca artesanal participa com 63%.

No que tange aos recursos humanos envolvidos nas atividades de captura, a pesca industrial possui um contingente de aproximadamente 1.600 pescadores.

Quanto aos recursos materiais, a pesca industrial caracteriza-se por barcos que operam com redes de "traineiras", "arrastos de portas" e "combinados".

A pesca artesanal, por sua vez, segundo a Federação dos Pescadores de Santa Catarina possui cerca de 28 mil pescadores profissionais, considerados os associados e não associados. Entretanto esse número pode-se elevar, já que não estão considerados os familiares do pescador que exerce indiretamente suas atividades também na pesca.

Na pesca industrial, o processo de distribuição do produto capturado é feito através das próprias indústrias produtoras ao mercado comprador e deste às cadeias e redes de distribuição. Começando um novo processo distributivo, que são os entrepostos de revenda, tais como os mercados públicos, peixarias, supermercados, restaurantes, etc, atingindo assim, o consumidor final.

Na pesca artesanal, a comercialização do produto é feita na maioria "in natura", saindo da praia através do intermediário, sendo levado até as redes de distribuição, que são os entrepostos e as peixarias, e destes até os vendedores ambulantes.

Quanto ao papel do intermediário, sua presença é pouco significativa na pesca industrial, na qual as indústrias atuam diretamente através de barcos próprios e de terceiros na captura das espécies.

Na pesca artesanal, a intermediação exerce forte influência no processo produtivo, truncando o sistema de comercialização, na qual o pescador percebe, por sua produção, importâncias irrisórias em dinheiro, ocorrendo disparidades de preços de comunidade para comunidade, uma vez que o pescador, na maioria dos casos, assume o compromisso de entregar todo o produto capturado para seu comprador, recebendo em troca suprimentos para a manutenção e conservação dos instrumentos de pesca, bem como, alimentação, remédios para sua família, ficando na dependência total do intermediário.

Segundo o Serviço de Inspeção de Produto Animal-SERPA/SC,

Órgão do Ministério da Agricultura, em 1979 o setor pesqueiro es-
tadual comercializou através das indústrias sob a forma de pro-
dutos resfriados, congelados, salgados, enlatados e outros, um
total de 93.345 toneladas. Em 1980 (até outubro), para os mesmos
produtos foram comercializados 99.324 toneladas.

Segundo a mesma fonte, foram exportados para o mercado
de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Ge-
rais, Pará, Bahia e Ceará, 77.230 toneladas em 1979 e 85.192
toneladas em 1980, sendo os produtos resfriados e congelados os
mais representativos (tabela 103).

No mercado internacional, o subsetor pesqueiro vem se
firmando ano após ano, com destaque para os produtos congelados e
enlatados, principalmente as espécies de camarão e sardinha.

Em 1978 foram vendidos 1.991,2 toneladas subindo em 1979
para 2.697 toneladas, atingindo em 1980 (até outubro) 3.620,3 to-
neladas, representando taxa anual de crescimento no período 1978-
79 de 35,44 %.

Os principais compradores são Estados Unidos, Argentina,
Japão e França (tabela 104).

Tabela 98

QUANTIDADE E VALOR DA PRODUÇÃO PESQUEIRA "IN NATURA" DE SANTA CATARINA, 1974-80

GRUPO	1 9 7 4		1 9 7 5		1 9 7 6		1 9 7 7		1 9 7 8		1 9 7 9		1 9 8 0 (*)	
	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)
Peixes	116.468	508.906	74.472	435.829	46.640	346.764	75.158	447.667	86.946	514.277	78.172	692.764	95.159	567.685
Crustáceos	8.767	305.019	10.107	334.451	10.653	347.480	8.822	338.958	10.045	414.965	7.583	319.153	8.747	264.736
Moluscos e Outros	1.583	9.995	1.475	11.619	612	5.750	433	4.379	214	2.633	5.750	54.555	2.714	21.892
Total	126.818	823.920	86.054	781.899	57.905	699.994	84.413	791.413	97.205	931.875	91.504	1.066.475	106.620	854.313

(*) Situação até outubro

Fonte: dados brutos: SUDEPE/PDP
dados trabalhados: SAA/CEPA-SC
Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 99

EVOLUÇÃO DA QUANTIDADE E VALOR DA PRODUÇÃO PESQUEIRA "IN NATURA" DE SANTA CATARINA, 1974-79

GRUPO	1 9 7 4		1 9 7 5		1 9 7 6		1 9 7 7		1 9 7 8		1 9 7 9	
	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor Constante de 1979 (Cr\$ 1.000)
Peixes	156	116	100	100	63	79	101	103	117	118	105	159
Crustáceos	87	91	100	100	105	103	87	101	99	124	75	95
Moluscos e Outros	107	86	100	100	41	49	29	38	15	23	390	470
Total	147	105	100	100	67	90	98	101	112	119	106	136

Fonte: dados brutos: SUDEPE/PDP
dados trabalhados: SAA/CEPA-SC
Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 100
PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA CAPTURA E VALOR DAS ATIVIDADES DA PESCA INDUSTRIAL E ARTESANAL, SC, 1977-80

(3)

GRUPO	1 9 7 7		1 9 7 8		1 9 7 9		1 9 8 0							
	CAPTURA		CAPTURA		CAPTURA		CAPTURA							
	Industrial	Artesanal	Industrial	Artesanal	Industrial	Artesanal	Industrial	Artesanal						
Peixes	71	29	41	59	70	30	82	18	68	32	87	13	70	30
Crustáceos	16	84	40	60	12	88	24	76	23	77	48	52	83	35
Moluscos e Outros	9	91	16	84	11	89	28	72	95	5	93	7	9	95

Fonte: dados brutos: SUDEPE/RDP
Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 101

PRODUÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO, SEGUNDO AS INDÚSTRIAS DE PESCADO
INSPECIONADAS NO ESTADO DE SANTA CATARINA, 1979

(em toneladas)

						TOTAL
	RESFRIADO	CONGELADO	SALGADO	ENLATADO	OUTROS	
Produção	114.143	18.130	4.425	3.395	13.012	153.108
Transformação Industrial	27.408	203	18	-	2.937	30.566
Comercialização	63.619	15.711	6.265	3.151	4.599	93.345

Fonte: dados brutos DFA/SERPA-SC
dados trabalhados: SAA/CEPA-SC
Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 102

PRODUÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO, SEGUNDO AS INDÚSTRIAS DE PESCADO
INSPECIONADAS NO ESTADO DE SANTA CATARINA, 1980 (*)

(em toneladas)

	RESFRIADO	CONGELADO	SALGADO	ENLATADO	OUTROS	TOTAL
Produção	114.092	17.879	5.652	3.220	10.260	151.103
Transformação Industrial	35.456	561	-	-	2.202	38.219
Comercialização	67.351	17.341	5.178	2.431	7.423	99.724

(*) Situação até outubro

Fonte: dados brutos: DFA/SERPA-SC

dados trabalhados: SAA/CEPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 103

EXPORTAÇÃO CATARINENSE DE PESCADO PARA O MERCADO INTERESTADUAL, 1974-80

(em toneladas)

ANO	RESFRIADO	CONGELADO	SALGADO	ENLATADO	OUTROS	TOTAL
1974	40.039,8	8.209,3	10.084,1	1.467,3	6.172,0	65.972,5
1975	24.042,7	6.134,3	6.755,4	1.518,7	2.706,2	41.157,3
1976	18.324,2	7.054,1	4.084,7	2.330,6	657,1	32.450,6
1977	28.072,8	8.171,2	6.718,5	1.761,6	1.560,5	46.284,6
1978	41.701,5	12.807,7	234,3	1.667,3	5.825,4	62.236,2
1979	52.659,4	12.936,9	5.625,4	3.002,0	3.006,7	77.230,4
1980 (*)	60.383,8	13.681,8	4.790,8	2.258,5	4.076,7	85.191,7

(*) Até outubro

Fonte: DFA/SERPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 104

EXPORTAÇÃO CATARINENSE DE PRODUTOS PESQUEIROS PARA O MERCADO INTERNACIONAL

(volume em kg)

- 1 9 7 8 -

PRODUTO	PAÍSES IMPORTADORES			Total
	Argentina	Japão	Outros	
Congelado	1.428.910	15.964	40.000	1.484.874
Enlatado	2.100	-	504.250	506.350
Total	1.431.010	15.964	544.250	1.991.224

- 1 9 7 9 -

PRODUTO	PAÍSES IMPORTADORES					Total
	EUA	Argentina	Japão	França	Outros	
Congelado	1.239.392	621.657	625.196	191.108	19.615	2.696.968
Enlatado	9	-	6	5	17	37
Total	1.239.401	621.657	625.202	191.113	19.632	2.697.005

- 1 9 8 0(*) -

PRODUTO	PAÍSES IMPORTADORES					Total
	EUA	Argentina	Japão	França	Outros	
Congelado	2.587.697	622.866	40.174	299.037	70.510	3.620.284
Enlatado	9	-	-	3	3	15
Total	2.587.706	622.866	40.174	299.040	70.513	3.620.299

(*) Situação até outubro

Fonte: DFA/SERPA-SC

Elaboração: SAA/CEPA-SC

Tabela 105

PREÇOS MÍNIMOS, PREÇOS NO ATACADO(*) E PREÇOS NO VAREJO(*) DOS PRINCIPAIS PRODUTOS
PESQUEIROS DE SANTA CATARINA, 1980

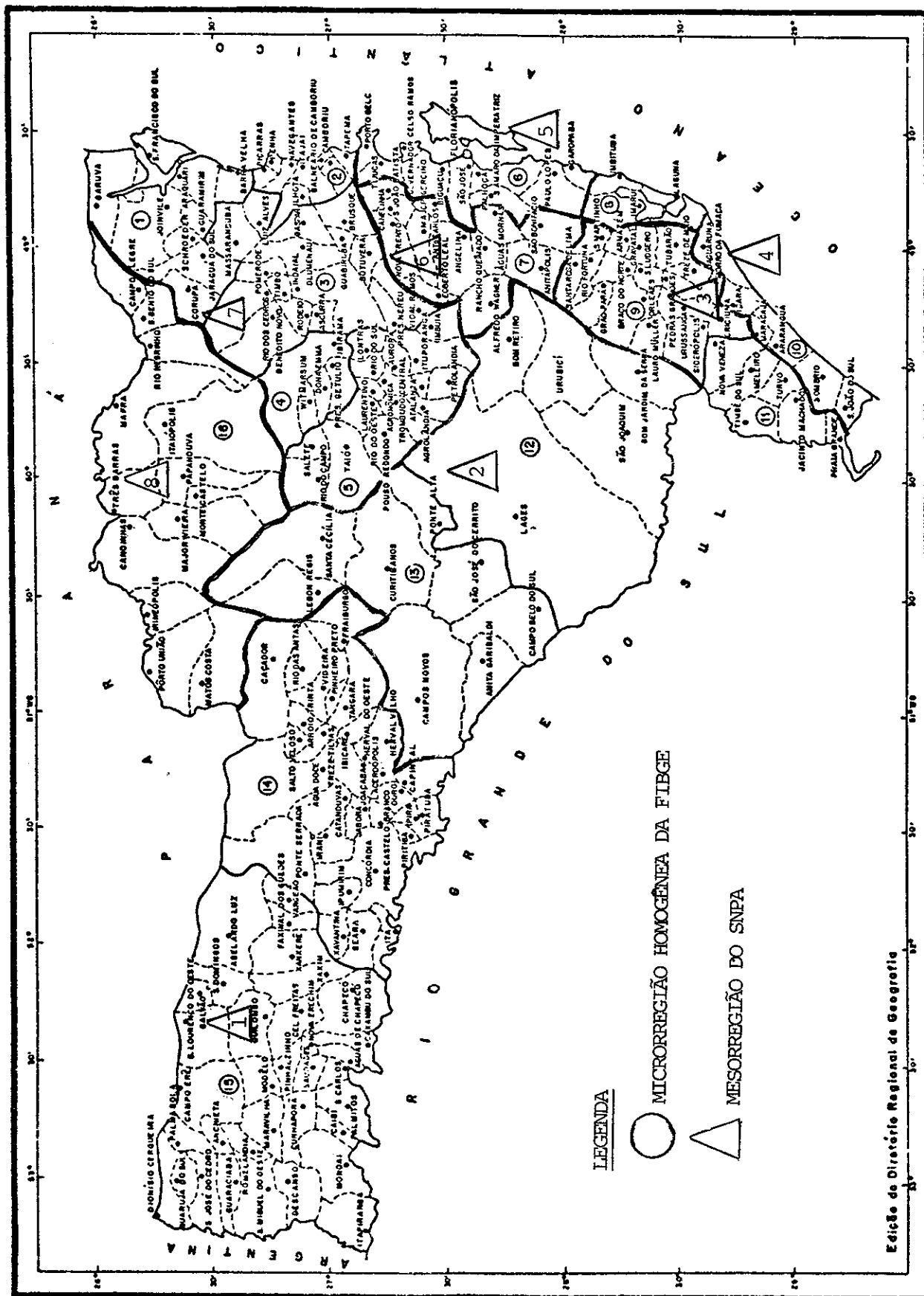
MÊS	(Cr\$/kg)								
	ANCHOVA	CORVINA	TAINHA	TAINHOJA	PESCADINHA	SARDINHA	CAMARÃO LAGUNA	CAMARÃO ARMADO	
	Preços Mínimos								
	Peixe Fresco	14,75	9,90	18,25	-	15,35	5,25	-	-
Jan	Peixe Congelado	19,20	14,40	22,70	-	19,80	9,70	-	-
	Atacado	56,00	26,50	58,25	-	85,83	22,00	131,70	-
	Varejo	60,00	40,00	70,00	42,50	80,00	-	160,00	195,00
	Preços Mínimos								
	Peixe Fresco	14,75	9,90	18,25	-	15,35	5,25	-	-
Fev	Peixe Congelado	19,20	14,40	22,70	-	19,80	9,70	-	-
	Atacado	63,75	35,00	66,67	-	-	22,50	144,50	-
	Varejo	60,00	50,00	100,00	55,00	-	-	200,00	-
	Preços Mínimos								
	Peixe Fresco	14,75	9,90	18,25	-	15,35	5,25	-	-
Mar	Peixe Congelado	19,20	14,40	22,70	-	19,80	9,70	-	-
	Atacado	-	34,12	70,00	-	105,00	18,66	114,58	-
	Varejo	75,00	50,00	95,00	53,75	150,00	-	167,50	293,75
	Preços Mínimos								
	Peixe Fresco	14,75	9,90	18,25	-	15,35	5,25	-	-
Abr	Peixe Congelado	19,20	14,40	22,70	-	19,80	9,70	-	-
	Atacado	55,00	35,55	58,88	-	110,00	21,50	118,75	-
	Varejo	80,00	50,00	97,50	50,00	150,00	-	152,50	155,00
	Preços Mínimos								
	Peixe Fresco	14,75	9,90	18,25	-	15,35	5,25	-	-
Mai	Peixe Congelado	19,20	14,40	22,70	-	19,80	9,70	-	-
	Atacado	54,16	38,75	60,93	-	109,37	19,06	115,62	-
	Varejo	77,50	50,00	107,50	50,00	150,00	-	145,00	156,25
	Preços Mínimos								
	Peixe Fresco	14,75	9,90	18,25	-	15,35	5,25	-	-
Jun	Peixe Congelado	24,20	22,20	32,20	-	25,20	15,20	-	-
	Atacado	65,00	37,81	47,49	-	105,00	20,50	123,75	-
	Varejo	72,50	50,00	75,00	42,50	150,00	-	172,50	-
	Preços Mínimos								
	Peixe Fresco	17,00	15,00	25,00	-	18,00	8,00	-	-
Jul	Peixe Congelado	24,20	22,20	32,20	-	25,20	15,20	-	-
	Atacado	45,25	36,00	66,00	-	-	18,32	156,66	-
	Varejo	57,50	50,00	95,00	50,00	150,00	-	240,00	350,00
	Preços Mínimos								
	Peixe Fresco	17,00	15,00	25,00	-	18,00	8,00	-	-
Ago	Peixe Congelado	24,20	22,20	32,20	-	25,20	15,20	-	-
	Atacado	38,75	36,25	85,00	-	-	12,50	192,50	-
	Varejo	62,50	47,50	102,50	53,33	132,50	-	216,25	183,33
	Preços Mínimos								
	Peixe Fresco	17,00	15,00	25,00	-	18,00	8,00	-	-
Set	Peixe Congelado	24,20	22,20	32,20	-	25,20	15,20	-	-
	Atacado	49,25	37,93	93,75	-	-	16,12	186,56	-
	Varejo	72,50	55,00	120,00	63,33	160,00	-	217,50	250,00
	Preços Mínimos								
	Peixe Fresco	17,00	15,00	25,00	-	18,00	8,00	-	-
Out	Peixe Congelado	24,20	22,20	32,20	-	25,20	15,20	-	-
	Atacado	70,35	35,76	125,00	-	135,00	19,76	229,80	-
	Varejo	78,75	51,25	97,50	63,75	151,66	-	246,25	343,75
	Preços Mínimos								
	Peixe Fresco	17,00	15,00	25,00	-	18,00	8,00	-	-
Nov	Peixe Congelado	24,20	22,20	32,20	-	25,20	15,20	-	-
	Atacado	75,37	33,12	-	-	165,00	18,00	252,37	-
	Varejo	95,00	51,25	140,00	58,75	200,00	-	300,00	300,00
Dez	Atacado	74,33	37,33	-	-	90,00	-	254,00	-
	Varejo	122,50	68,75	165,00	67,50	250,00	-	400,00	400,00

(*) Preços coletados no Mercado da Grande Florianópolis

Fonte: CFP e SUNAB

Elaboração: SAA/CEPA-SC

III - ANEXOS



COMPOSIÇÃO MICRORREGIONAL DAS MESORREGIÕES
DE SANTA CATARINA

MESORREGIÃO	MICRORREGIÃO	DENOMINAÇÃO	GRANDES REGIÕES HISTÓRICAS	
1	14	305	Col.do Rio do Peixe	Meio e Extremo Oeste
	15	306	Col.Oeste Catarinense	
2	12	303	Campos de Lages	Planalto
	13	304	Campos de Curitibanos	
3	9	300	Carbonífera	Litoral
	11	302	Col.Sul Catarinense	
4	8	299	Lit.de Laguna	Litoral
	10	301	Lit.Sul Catarinense	
5	6	297	Florianópolis	Litoral
6	7	298	Col.Serrana Cat.	Litoral
7	1	292	Col.de Joinville	Litoral
	2	293	Lit. de Itajaí	
	3	294	Col.de Blumenau	
	4	295	Col. de Itajaí Norte	
	5	296	Col. do Alto Itajaí	
8	16	307	Planalto de Canoinhas	Planalto

IV -- BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL DA AGRICULTURA CATARINENSE. Florianópolis, CEPA/SC, v. 2, n. 10-12, out.-dez. 1980.
2. ANÁLISE CONJUNTURAL. Florianópolis, CEASA/SC, set.-dez. 1980.
3. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro, IBGE, v. 35, 1974.
4. --. Rio de Janeiro, IBGE, v. 37, 1976.
5. --. Rio de Janeiro, IBGE, v. 38, 1977.
6. --. Rio de Janeiro, IBGE, v. 40, 1979.
7. ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL DE SANTA CATARINA. Projeto de Fruticultura de Clima Temperado. Frutas de clima temperado; produções da safra 1976/77. Videira, 1977.
8. --. Frutas de clima temperado; produções da safra 1977/78. Videira, 1978
9. --. Frutas de clima temperado; produções da safra 1978/79. Videira, 1979.
10. --. Frutas de clima temperado; produções da safra 1979/80. Florianópolis, 1980.
11. COMISSÃO ESTADUAL DE ENERGIA. PROENERGIA - Programa catarinense de energia; fundamentos - metas. Florianópolis, 1979. 129 p.
12. COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA, Florianópolis, SC. Estudos básicos para o planejamento do desenvolvimento agrícola e rural. Florianópolis, 1978-79. v. 1,4,5
13. --. Plano estadual da pesca 1980-85. Florianópolis, 1979. 129 p.
14. --. Síntese informativa sobre a agricultura catarinense - 1976. Florianópolis, 1976. 125 p.
15. --. Síntese informativa sobre a agricultura catarinense - 1977. Florianópolis, 1977. 132 p.
16. --. Síntese informativa da agricultura catarinense 1978/79. Florianópolis, 1979. 149 p.

17. COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA, Florianópolis, SC. Síntese informativa da agricultura catarinense 1980/81. Florianópolis, 1980. 204 p.
18. CONJUNTURA ECONÔMICA. Rio de Janeiro, FGV, v. 30, n. 2, fev. 1976.
19. --. Rio de Janeiro, FGV, v. 34, n. 1, jan. 1980.
20. --. Rio de Janeiro, FGV, v. 34, n. 10, out. 1980.
21. --. Rio de Janeiro, FGV, v. 34, n. 12, dez. 1980.
22. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estudo nacional da despesa familiar; despesas das famílias - região III - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 1978. 99 p.
23. INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Estatísticas cadastrais. Brasília, 1974. 4 v.
24. LEVANTAMENTO do reconhecimento dos solos do estado de Santa Catarina. Rev. do Centro de Ciências Rurais, Santa Maria, 2 (1/2, 3/4): 11-494, jan./jun.-jul./dez. 1972.
25. PREÇOS PAGOS PELOS AGRICULTORES; médias anuais 1974/79 - médias mensais 1979. Rio de Janeiro, FGV, 1980.
26. PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES; médias anuais 1974/79 - médias mensais 1979. Rio de Janeiro, FGV, 1980.
27. PRODUÇÃO PESQUEIRA. Florianópolis, SUDEPE/PDP, 1974.
28. --. Florianópolis, SUDEPE/PDP, 1975.
29. --. Florianópolis, SUDEPE/PDP, 1976.
30. --. Florianópolis, SUDEPE/PDP, 1977.